

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO – UFMT
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROCESSO SELETIVO PROF-FILO

EDSON CLEBES NEGRI

**Outras visões sobre a Modernidade: a crítica de Enrique
Dussel e suas implicações para o Ensino de Filosofia**

Projeto de Pesquisa apresentado ao Programa de Mestrado Profissional em Filosofia do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Mato Grosso para o processo seletivo do PROF-FILO.

Linha de pesquisa: Filosofia e Ensino

CUIABÁ
2020



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO

PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA – PROFILO
Avenida Fernando Corrêa da Costa, 2367 - Boa Esperança - Cep: 78060900 - Cuiabá/MT
Tel : - Email : rdefreire@uol.com.br

FOLHA DE APROVAÇÃO

TÍTULO: "OUTRAS VISÕES SOBRE A MODERNIDADE: A CRÍTICA DE ENRIQUE DUSSEL E SUAS IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO DE FILOSOFIA"

AUTOR: Edson Clebes Negri

defendida e aprovada em 09/07/2020.

Composição da Banca Examinadora:

Presidente Banca / Doutor(a) José Carlos Leite
Instituição: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO

Examinador Interno Doutor(a) HILDA REGINA PEREIRA MENEZES OLEA
Instituição: Instituto Federal de Mato Grosso

Examinador Externo Doutor Luiz Augusto Passos
Instituição: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO

CUIABÁ,09/07/2020.

“Yo no soy dueña de mi vida, he decidido ofrecerla a una causa. Me pueden matar. en cualquier momento pero que sea en una tarea donde yo se que mi sangre no sera algo vano, sino que sera un ejemplo más para los compaiñeros. El mundo en que vivo es tan criminal, tan sanguinario, que de un momento al otro me la quita. Por eso, como unica alternativa, que me queda es la lucha. Y yo sé y tengo confianza que el pueblo es el único capaz, las masas son las unicas capaces de transformar la sociedad. Y no es una teoria nada más” (Rigoberta Menchú, Y así me nació la conciencia).

“Desperto um belo dia no mundo e me atribuo um único direito: exigir do outro um comportamento humano. Um único dever: o de nunca, através de minhas opções, renegar minha liberdade” (Franz Fanon).

“Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (Paulo Freire).

“Quando dou comida aos pobres, me chamam de santo. Quando pergunto porque eles são pobres, chamam-me de comunista” (Dom Hélder Câmara).

“A Pessoa humana nasce em outra e é recebida em seus braços: nasce em alguém, e não em algo; alimenta-se de alguém, e não de algo. Esta proximidade originária é a primeira experiência humana, que é anterior ao próprio mundo” (Enrique Dussel).

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas estão incluídas nos agradecimentos. Agradeço desde aquelas pessoas que me apresentaram o autor Enrique Dussel com toda a sua maestria de um mestre, que fundamentou a sua vida intelectual da realidade do povo ou povos Latino-americanos. Agradecer pela teoria de Dussel que me foi apresentada com simplicidade e humildade no frescor da esperança que está na suavidade da vida.

Agradeço ao professor Rodrigo Marcos de Jesus, que no PIBID, tivemos a oportunidade de conhecer melhor o pensamento de Enrique Dussel e a Filosofia da Libertação da América Latina. Agradeço ao professor Luiz Augusto Passos pelos estudos de Merleau-Ponty e que contribuiu numa compreensão da carne, espírito, alma num sentido semítico da da pessoa humana e da filosofia. Estes estudos contribuíram na minha vida e trabalho ao assumir a realidade como minha responsabilidade na comunidade-sociedade no processo de transformação e humanização.

Agradeço ao professor orientador José Carlos Leite e ao professor coorientador Alecio Donizete pela orientação, acompanhamento, fortalecimento, preocupação, companheirismo e motivação. Expressaram humanidade e preocupação nos momentos mais delicados da minha vida quando senti na minha carne a fragilidade humana e precisei de esperança mais profunda para transformar a minha própria realidade.

Agradeço a professora Regina Menezes Olea, mesmo que até o momento a conheço somente por fazer parte da Banca de Defesa, faço à ela os meus agradecimentos, pois, na filosofia da libertação cada pessoa que encontramos na vida, soma com o nosso saber, conhecimento, humanidade e libertação.

Agradeço a Nilza Bento de Oliveira, minha esposa. Acredito que nesses dois anos de mestrado, ela foi o ombro que suportou os momentos turbulentos da vida. Várias foram as situações que tivemos que enfrentar. A ausência de aula e da bolsa pelo CAPES, o câncer do meu pai, o tempo junto dele, o reinventar da vida, do trabalho e não parar de lutar. A minha esposa foi o meu suporte.

Agradeço ao meu pai e mãe pela torcida e carinho. Finalizo agradecendo aos meus amigos e amigas que me motivaram, me animaram e me ajudaram a sonhar tornando-o realidade.

RESUMO

Buscou-se pela Filosofia da Libertação da América Latina, a partir do livro 1492 - O Encobrimento do Outro: a Origem do Mito da Modernidade do filósofo Enrique Dussel (1993), analisar três Livros Didáticos do PNLD. Estes são os três Livros Didáticos pesquisados: Iniciação à Filosofia da filósofa Marilena Chaui, de 2010; Filosofando - Introdução à Filosofia das filósofas Maria Lúcia de Arruda e Maria Helena Pires Martins, 2013 e Filosofia: Experiência do Pensamento do filósofo Sílvio Gallo 2016. O objetivo da análise foi elaborar uma crítica construtiva do conteúdo dos Livros Didáticos nas unidades que refletiram o aspecto da política. Há no conteúdo analisado um encobrimento de outras visões da Modernidade. O livro utilizado para conhecermos e compreendermos a inexistência destas outras visões da Modernidade foi o 1492 o Encobrimento do outro. Pretendeu-se com a dissertação elaborar um material para o ensino de Filosofia no Ensino Médio através de alternativas a serem pensadas e refletidas com outros pensadores e pensadoras. Nela, pesquisou-se e refletiu-se as filosofias de outros continentes a partir da realidade da América Latina. Pois, na Filosofia da Libertação encontramos outras possibilidades para pensar a Modernidade hegemônica nos Livros Didáticos que trazem um pensamento verticalizado desde o eurocentrismo. Na Filosofia da Libertação atingiu-se numa sensibilidade encoberta na consciência dos que foram e são colonizados num despertar analético. A Filosofia de Dussel dialética-analética transformou-se num método de descolonização do mito da superioridade imposto pelo eurocentrismo. O outro, o índio e o negro que tiveram seus corpos-vidas encobertos ideologicamente pela escravidão e exploração, agora são sujeitos do descobrimento e protagonista de sua filosofia. Os seus corpos, outrora, tão maltratados e desprezados pelo encobertamento, mas, enquanto humanos, assumiram a luta pela libertação. A injustiça praticada pela violência imensurável do homem eurocêntrico fraturou a humanidade e a dignidade do índio e do negro pela ideia de não-humanos. O ato de alteridade que a Filosofia da Libertação descobriu tornou-se num processo de recuperação da dignidade a partir do método 'Analético' que Dussel pensou, refletiu e escreveu. O método analético não dialoga somente sobre a escravidão, a exploração, a injustiça, a pobreza, a miséria, a fome e a morte do outro. A analética surgiu daqueles que estão com fome, são explorados, vivem na pobreza, na injustiça e são transformados pelo sistema imposto em mão de obra barata, análogo ao trabalho escravo ou escravo. Neste sistema inventado pelos países colonizadores não se viu e não se vê o ser humano explorado. E nem sentiu e sente a morte do outro. O outro colonizado, explorado e subsumido ontem e hoje habita num submundo, o mundo do não humano. A colonização de ontem e de hoje os coisifica com o não-gente. Por isso, a Analética é uma possibilidade de repensar e pensar a partir da Filosofia da Libertação o homem periférico do Hemisfério Sul. A geopolítica e geoeconomia objetivaram a pessoa do indígena e do africano pelo poder hegemônico do Hemisfério Norte. A Filosofia da Libertação procurou libertar-se da visão unívoca, causa da dependência (o Presente-Eterno segundo Dussel) do pensamento eurocêntrico, enquanto o pensar latino-americano fora encoberto. Esta dependência foi imposta pelo colonizador na colonização da América Latina. Ela permanece mesmo depois das independências dos países da América Latina. Outra visão do mundo da vida é um processo de libertação que está encoberto nos nossos Livros Didáticos. O nosso desafio foi sendo orientado pela curiosidade do filósofo e da filósofa que é possível

sair do pensamento encoberto e mostrar o descoberto. É possível termos um pensamento latino-americano, libertar-se do eurocentrismo e pensar além dele. Na dissertação duvidou-se, questionou-se, criticou-se e pensou-se daquilo que os eurocêntricos impuseram nos colonizados como falacioso e abriu-se uma visão horizontal pelos saberes e conhecimentos que todas as Etnias e Povos da América Latina criaram a sua própria maneira de ver, compreender, conceber, representar e expressar o seu mundo da vida para além do eurocentrismo.

Palavras-chaves: Filosofia da Libertação. Modernidade. Colonização. Encobrimento do Outro. Analética.

RESUMEN

Buscamos la filosofía de la liberación latinoamericana en el libro 1492 - La cobertura del otro: el origen del mito de la modernidad del filósofo Enrique Dussel (1993) para analizar tres libros didácticos del PNLD. Estos son los tres libros didácticos investigados: Introducción a la filosofía de la filósofa Marilena Chaui, 2010; Filosofar - Introducción a la filosofía de los filósofos Maria Lúcia de Arruda y Maria Helena Pires Martins, 2013 y Filosofía: Experiencia de pensamiento del filósofo Sílvio Gallo 2016. El objetivo del análisis fue elaborar una crítica constructiva del contenido de los libros didácticos en las unidades que reflejaban el aspecto de la política. En el contenido analizado hay un encubrimiento de otros puntos de vista de la modernidad. El libro que solía conocer y comprender la inexistencia de estos otros puntos de vista de la Modernidad era 1492, La cobertura del otro. Con la disertación se pretendía elaborar un material para la enseñanza de la filosofía en la escuela secundaria a través de alternativas para ser pensadas y reflejadas con otros pensadores. En él, las filosofías de otros continentes fueron investigadas y reflejadas desde la realidad de América

Latina. Pues, en la Filosofía de la Liberación encontramos otras posibilidades para pensar sobre la Modernidad hegemónica en los Libros Didácticos que traen un pensamiento verticalizado desde el Eurocentrismo. En la Filosofía de la Liberación se ocultó una sensibilidad en la conciencia de quienes fueron y son colonizados en un despertar analítico. La filosofía dialéctico-analítica de Dussel se convirtió en un método para descolonizar el mito de superioridad impuesto por el eurocentrismo. El otro, el indio y el negro que tenían sus cuerpos vitales cubiertos ideológicamente por la esclavitud y la explotación, ahora son sujetos de descubrimiento y protagonistas de su filosofía. Sus cuerpos, otrora, tan maltratados y despreciados por el encubrimiento mientras los humanos emprendieron la lucha por la liberación. La injusticia practicada por la violencia inconmensurable del hombre eurocéntrico ha fracturado la humanidad y la dignidad de los indios y los negros por la idea de los no humanos. El acto de alteridad que descubrió la Filosofía de la Liberación se convirtió en un proceso de recuperación de la dignidad utilizando el método "Analetic" que Dussel pensó, reflexionó y escribió. El método analítico no solo dialoga sobre la esclavitud, la explotación, la injusticia, la pobreza, la miseria, el hambre y la muerte del otro. El análisis provino de aquellos que tienen hambre, son explotados, viven en la pobreza, en la injusticia y se transforman por el sistema impuesto a la mano de obra barata, análogo al trabajo esclavo o esclavo. En este sistema inventado por los países colonizadores, los seres humanos explotados no fueron vistos ni vistos. Tampoco sintió y sintió la muerte del otro. El otro colonizado, explorado y subsumido ayer y hoy habita en un inframundo, el mundo de lo no humano. La colonización de ayer y de hoy los convierte en algo con las personas que no son personas. Por lo tanto, Analética es una posibilidad de repensar y pensar desde la Filosofía de la Liberación el hombre periférico del hemisferio sur: geopolítica y geoeconomía dirigida a la persona indígena y africana por el poder hegemónico del hemisferio norte. La filosofía de la liberación buscó liberarse de la visión unívoca de la dependencia (el presente eterno según Dussel) del pensamiento eurocéntrico, mientras que el pensamiento latinoamericano estaba encubierto. Esta dependencia fue impuesta por el colonizador en la colonización de América Latina. Permanece incluso después de la independencia de los países latinoamericanos. Otra visión del mundo de la vida es un proceso de liberación que está cubierto en nuestros libros de texto. Nuestro desafío estaba siendo guiado por la curiosidad del filósofo y el filósofo de que es posible dejar lo cubierto y mostrar lo descubierta. Es posible tener un pensamiento latinoamericano, liberarse del

eurocentrismo y pensar más allá. En la disertación, dudaron, cuestionaron, criticaron y pensaron sobre lo que los Eurocentros imponían a los colonizados como falaz y se abrió una mirada horizontal por el saber y saber que todas las Etnias y Pueblos de América Latina crearon su forma de ver, comprender, concebir, representar y expresar el mundo de su vida más allá del eurocentrismo.

Palabras claves: Filosofía de la liberación. Modernidad. Colonización. Cubriendo al Otro. Analética.

RESUME

We look for the Latin American liberation philosophy in book 1492 - The Covering of the Other: the Origin of the Myth of Modernity by the philosopher Enrique Dussel (1993) to analyze three didactic books of PNLD. These are the three didactic books investigated: Introduction to the philosophy of the philosopher Marilena Chaui, 2010; Philosophizing - Introduction to Philosophy by Philosophers Maria Lúcia de Arruda and Maria Helena Pires Martins, 2013 and Philosophy: Thinking Experience by philosopher Sílvio Gallo 2016. The objective of the analysis was to elaborate a constructive critique of the content of Didactic Books in the units that reflected the aspect of politics. In the content analyzed there is a cover-up of other views of Modernity. The book used to know and understand the inexistence of these other views of Modernity was 1492, the Covering of the Other. It was intended with the dissertation to elaborate a material for the teaching of Philosophy in High School through alternatives to be thought and reflected with other thinkers. In it, the philosophies of other continents were researched and reflected from the reality of Latin America. For, in the Philosophy of Liberation we find other possibilities to think about the hegemonic Modernity in the Didactic Books that bring a verticalized thought since Eurocentrism. In the Philosophy of Liberation a sensitivity was concealed in the conscience of those who were and are colonized in an analytical awakening. Dialectic-analytical Dussel's Philosophy became a method of decolonizing the myth of superiority imposed by Eurocentrism. The other, the Indian and the black who had their life-bodies ideologically covered by slavery and exploitation, are now subjects of discovery and the protagonist of their philosophy. Their bodies, ortrora, so mistreated and despised by cover-up while humans took on

the struggle for liberation. The injustice practiced by the immeasurable violence of the Eurocentric man has fractured humanity and the dignity of the Indian and the black by the idea of non-humans. The act of otherness that the Philosophy of Liberation discovered became a process of regaining dignity using the 'Analetic' method that Dussel thought, reflected and wrote. The analytical method does not just dialogue about slavery, exploitation, injustice, poverty, misery, hunger and the death of the other. The analytics came from those who are hungry, are exploited, live in poverty, in injustice and are transformed by the system imposed on cheap labor, analogous to slave or slave labor. In this system invented by the colonizing countries, exploited human beings were not seen and seen. Nor did he feel and feel the death of the other. The other colonized, explored and subsumed yesterday and today inhabits an underworld, the world of the non-human. The colonization of yesterday and today makes them something with the non-people. Therefore, Analética is a possibility to rethink and think from the Philosophy of Liberation the peripheral man of the Southern Hemisphere. Geopolitics and geoeconomics aimed at the indigenous and African person by the hegemonic power of the Northern Hemisphere. The Philosophy of Liberation sought to free itself from the univocal view of the dependence (the Eternal Present according to Dussel) of Eurocentric thought, while Latin American thinking was covered up. This dependence was imposed by the colonizer in the colonization of Latin America. It remains even after the independence of Latin American countries. Another view of the world of life is a process of liberation that is covered in our Textbooks. Our challenge was being guided by the curiosity of the philosopher and the philosopher that it is possible to leave the covered and show the discovered. It is possible to have Latin American thinking, break free from Eurocentrism and think beyond it. In the dissertation, they doubted, questioned, criticized and thought about what the Eurocenters imposed on the colonized as fallacious and a horizontal view was opened by the knowledge and knowledge that all the Ethnic Groups and Peoples of Latin America created their own way of seeing, understanding, conceiving, representing and expressing your life world beyond Eurocentrism.

Keywords: Philosophy of Liberation. Modernity. Colonization. Covering the Other. Analéticos.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I - 1492 – O ENCOBRIMENTO DO OUTRO: A ORIGEM DO MITO DA MODERNIDADE	25
1.1 O conceito de eurocentrismo	26
1.2 A questão da conquista e da colonização do mundo da vida	37
1.2.1 Uma fenomenologia do ego conquiro (eu conquisto)	38
1.2.2 A colonização do mundo da vida	40
1.3 Crítica do Mito da Modernidade	43
1.3.1 A modernidade como emancipação (Ginés de Sepúlveda)	45
1.3.2 A Modernidade como utopia	48
1.3.3 A crítica do mito da Modernidade, ainda do ponto de vista europeu (Bartolomé de las Casas)	49
1.4 Uma visão não-eurocêntrica da história: a Ameríndia	52
1.4.1 Do Oeste para o Leste: a Ameríndia na História Mundial	54
1.4.2 O Oceano Pacífico e o Cemanáhuac, Abia Yala, Tahuantisuyo	56
1.4.3 O tekoha ou mundo de um povo autóctone americano	58
CAPÍTULO II - REPENSAR O ENSINO DE FILOSOFIA PROPOSTO NOS LIVROS DIDÁTICOS	62
2.1 O primeiro Livro Didático	63
2.1.1 Os gregos e os romanos inventaram o poder político rompendo com o poder despótico	65
2.1.2 O significado da invenção da política	66
2.1.3 A sociedade contra o Estado	67
2.1.4 Finalidade da vida política	68
2.1.5 O poder teológico-político: o cristianismo	69
2.1.6 O poder da Igreja Católica, os dogmas e a política	74
2.1.7 Jesus de Nazaré, um filósofo da Palestina	78
2.1.8 Jesus de Nazaré critica as lideranças elitistas e defende as minorias	79
2.2 O segundo Livro Didático	81
2.2.1 Nicolau Maquiavel (1469-1527)	82
2.2.2 Ética e política	87
2.2.3 A autonomia da política	88
2.2.4 Estado Moderno e Soberania	89
2.2.5 Thomas Hobbes e o poder absoluto do Estado	90

2.2.6 John Locke e a teoria política	95
2.2.7 Jean-Jacques Rousseau e a democracia direta	97
2.2.8 Montesquieu e a autonomia dos poderes	100
2.3 O terceiro Livro Didático.....	108
2.3.1 A Filosofia na História – Poder e Autoridade.....	110
2.3.2 Macrofísica do poder: a teoria da soma zero	111
2.3.3 Microfísica do poder: transmissão em rede	113
2.3.4 O pensamento político grego.....	115
2.3.5 Platão: o governo dos filósofos.....	116
2.3.6 Aristóteles: o bem comum	116
2.3.7 As transformações no pensamento político	119
2.3.8 Um discurso contra a opressão.....	121
2.3.9 Sugestão de outros sujeitos, outras visões e outros protagonismos nos nossos Livros Didáticos	123
CAPÍTULO III - FILOSOFIA LATINO-AMERICANA: MÉTODO ANALÉTICO NA PRÁTICA DO ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO A PARTIR DE OUTRAS VISÕES FILOSÓFICOS.....	125
3.1 1ª Aula: Filosofia da Libertação da América Latina: o descobrimento do encobrimento do outro (Analético - Alteridade)	126
3.2 2ª Aula: Filosofia da Libertação e a crítica ao pensamento dos filósofos eurocêntricos	132
3.3 3ª Aula: Filosofia da Libertação e Africana: o Pensamento, a Reflexão, os Escritos e o Ensino para além o eurocentrismo segundo Dussel e Omoregbe	138
3.4 4ª Aula: A filosofia de Frantz Fanon aos condenados da terra e o pensamento filosófico crítico no contexto de exploração humana na atualidade	143
3.5 5ª Aula: O pensamento crítico reflexivo e construtivo de um ensino libertador de Paulo Freire que se fundamente na Práxis	147
3.6 6ª Aula: Ausência de outra visão Filosófica na teoria e prática do Ensino de Filosofia nos Livros Didáticos e a Filosofia da Libertação da América Latina	159
3.7 7ª Aula: A modernidade eurocêntrica e a visão vertical universal e a outra visão da Filosofia da Libertação da América Latina	166
3.8 8ª Aula: A ética da alteridade e da libertação no pensamento de Lévinas e Dussel como práticas educacionais	172
3.9 9ª Aula: O Buen Viver e El Bien Vivir como Filosofia Latino-americana e uma outra visão da Modernidade eurocêntrica.....	177
3.10 10ª Aula: Filosofia Ubuntu, experiência da africanidade e a Filosofia Latino – americana no ensino de filosofia.....	184
CONCLUSÃO	189

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	192
APÊNDICE A - BIOGRAFIA DE ENRIQUE DUSSEL.....	201
ANEXO A - FILOSOFIA DA LIBERTAÇÃO.....	206
ANEXO B - BANDEIRA WIPALA.....	207

INTRODUÇÃO

O objetivo da dissertação fundamentou-se na Filosofia da Libertação da América Latina para conhecermos e entendermos outras visões sobre a modernidade. Nesta pesquisa, o pensamento latino-americano, questionou o ensino de filosofia eurocêntrico, nos Livros Didáticos. Buscou-se na inconformação e indignação ler, reler e interpretar o contexto da realidade da pessoa humana colonizada na América Latina e qual a contribuição da filosofia nesta luta de descolonização. O objetivo foi compreender a insuficiência da filosofia presente nos Livros Didáticos do Ensino Médio quando estes apresentam uma única proposta de educação, a eurocêntrica.

A ausência de referências de pensadores latino-americanos nos três Livros Didáticos pesquisados que são: Iniciação à Filosofia da filósofa Marilena Chaui, 2010; Filosofando - Introdução à Filosofia das filósofas Maria Lúcia de Arruda e Maria Helena Pires Martins, 2013 e Filosofia: Experiência do Pensamento do filósofo Sílvio Gallo 2016 são utilizados no Ensino Médio. As categorias filosóficas apresentadas pela filosofia da libertação e elaboradas na dissertação mostraram outras visões sobre a modernidade que a eurocêntrica não fez e não faz.

O pensamento latino-americano esta na temática desta pesquisa: *‘Outras visões sobre a Modernidade: a crítica de Enrique Dussel e suas implicações para o Ensino de Filosofia’*.

O autor e texto de referência são Enrique Dussel e sua obra, 1492 – O Encobrimento do Outro (1993). O livro é composto de oito tópicos, na verdade, são oito conferências proferidas em 1992, em Frankfurt, por ocasião das comemorações dos 500 anos da chegada dos espanhóis em terras americanas.

Das oito conferências da obra 1492 – O Encobrimento do Outro (1993) de Dussel foram escolhidas quatro para a pesquisa, reflexão e escrita da dissertação. Todas elas são relevantes e somam com o pensamento latino-americano, mas as quatro conferências escolhidas trazem no seu tema questões propostas para a pesquisa e estudo que questionam a modernidade. As conferências utilizadas são: 1, 3, 5, e 6.

Parte I – Encobrimento

O ego Cartesiano, o eu penso, vem como primeiro momento da modernidade segundo a filosofia eurocêntrica. O ego cógito, é uma forma de dominar impondo o seu poder enquanto ser e conhecer. A Espanha e Portugal deram um passo do mundo feudal para o renascentismo sendo a primeira região da Europa a dominar o outro como conquistado e sob o controle do conquistador. Inventaram o seu Mito centralizando-se o mundo ao seu domínio até a periferia. A Europa constituiu-se, assim, como centro planetário.

No século XVI. Espanha era a única potência da Europa com poder de conquistar territórios externos. A América Latina foi a primeira periferia a sofrer com a modernização, o mito da modernidade.

Conferência 1: O eurocentrismo

Na primeira conferência Enrique Dussel apresentou o que é o eurocentrismo e a Filosofia da História Universal de Hegel como conceito da Modernidade.

Dussel contrapôs a resposta de Kant na pergunta sobre a Ilustração, onde disse que a causa da imaturidade e minoridade são a preguiça e a covardia. Esta ideia participou da construção do início e o fim da história universal e deixou os povos conquistados sem história e valorizando demasiadamente o Espírito - inteligência do conquistador.

Conferência 3: Da conquista à colonização do mundo da vida

Na terceira conferência encontrou-se a reflexão e o pensamento crítico de Dussel sobre a conquista do mundo da vida dos povos, habitantes da América Latina.

Na conquista se impôs a ideia de que a América Latina havia sido descoberta e recebeu o conceito de descobrimento. Este conceito foi e é utilizado em várias publicações, incluindo a história que ainda não se librou-se da estrutura e organização eurocêntrica. No descobrimento, a conquista e a colonização transformou-se em encobrimento do outro. Usou-se da tática da força militar como prática de violência pelo homem europeu vindo da Espanha.

A presença de Fernando Cortês e Bartolomeu de Las Casas e as suas posições e oposições contrárias, pois enquanto o primeiro defendeu a conquista e a violência, o outro escolheu os indígenas e a sua ênfase fundamentou-se na liberdade e harmonia com os índios e a vida destes povos. Posicionou-se contra a força das armas e a imposição da cultura colonialista.

Parte II – Hermenêutica

Conferência 5: Crítica do Mito da Modernidade

Na quinta conferência Dussel (1993) iniciou a sua reflexão por meio de um parágrafo do livro *A Justa Causa da Guerra Contra os Índios* de Ginés de Sepúlveda. O texto de Sepúlveda colabou com o entendimento do escrito por centralizar-se no benefício da conquista e a submissão do conquistado. Dussel criticou e na crítica-reflexiva chamou-o de mito da modernidade.

O mito da modernidade é a cultura eurocêntrica como superior a cultura dos habitantes indígenas e única. Transformou-se os índios em culpados para e justificar a violência sobre o conquistado transformando-os em coisa, escravo.

Conferência 6: Ameríndia numa visão não-eurocêntrica da história mundial

Na sexta conferência, Dussel fez uma reflexão destrutiva ao eurocentrismo e do seu domínio sobre o povo latino-americano. Ele causou uma mudança, transformando a América Latina em sujeito de sua própria história a partir da visão do conquistado.

Recuperou-se as metáforas da serpente emplumada e mesclando-a com aquela ensinada na Mesopotâmia, que é o conto de Adão. Metáforas que questionaram, refletiram a situação contextual do conquistado e do empobrecido levando-o a compreender o seu estado de oprimido. Este pensar-se através de si mesmo, libertar-se-á das mãos, ideias, mitos da opressão e exploração do conquistador.

No segundo capítulo, analisou-se os filósofos e escritos filosóficos do ensino de Filosofia dos três Livros Didáticos escolhidos. A Filosofia no Ensino Médio

ausentou-se de outras visões filosóficas da modernidade, neste caso, não há um pensador latino-americano e menção da Filosofia da Libertação da América Latina.

A reflexão filosófica de Enrique Dussel desenvolveu-se na perspectiva da realidade da pessoa humana que habitou este continente muito antes dos europeus chegarem. O ser humano organizou-se numa sociedade, vive numa situação histórica e condição humana onde criou-se as relações sociais, políticas, éticas, econômicas, culturais e religiosas como alternativas para suprir as suas necessidades. Neste meio, surgiu a filosofia da ética dusseliana como libertação. É este pensamento que nos faltou nos Livros Didáticos utilizados nas escolas do Brasil. A didática e a prática filosóficas partem universalmente duma visão eurocêntrica e é esta a reação crítica da filosofia latino-americana, libertar seu povo deste enraizamento colonial de pensar e querer ser alguém que repete o eurocentrismo a se descobrir, sair do encobrimento.

O que se tem ainda é um conteúdo que continua no processo de encobrimento do outro e na universalização do ensino filosófico vertical. A filosofia latino-americana, apresenta outra reflexão para a tradição da filosofia ensinada, pois repensa o que o colonizador e a colonização impuseram. Na atualidade, os Livros Didáticos impõem como pensamento único, o eurocêntrico. O livro Reflexões: Filosofia e Cotidiano do professor José Antonio Vasconcelos, 2016, acende uma outra mirada para o estudo de filosofia, mas ainda não abordou a filosofia da libertação Latino-americana.

No primeiro Livro Didático: Iniciação à Filosofia de Marilena Chaui (2010) abordou-se a unidade XII – A Política, no capítulo 32, com a temática A Vida Política.

Chaui, fez uma viagem ao mundo grego e buscou-se na Grécia Antiga e nos Romanos a questão do poder, política, autoridade e os cidadãos. Relatou-se como que a sociedade se organizou e exerceu o poder e a autoridade.

Marilena Chaui escreveu a geografia política na Grécia como lugar da invenção da política, destacando a cidade de Atenas e o governo democrático.

Para Dussel, a tradição eurocêntrica nos alienou a considerar que as sociedades na América do Sul são atrasadas, primitivas e inferiores. Esta visão surgiu com a civilização do processo de colonização a partir do século XVI. Para os conquistadores, os latinos- americanos eram inferiores e os europeus superiores.

No Livro Didático, enfatizou-se nos ensinamentos dos Sofistas, Platão, Aristóteles e a ética a partir do contexto grego, helenocêntrico. Logo após os gregos, o Império Romano surgiu no cenário político. O aspecto lendário da política patriarcal

viu no imperador um semideus ou divino e contribuiu na transformação da república aristocrática.

No mundo romano, a hierarquia da fé cristã pelo poder-teológico amalgamou-se ao poder-político do Imperador. Nesta mesclagem, formou-se o cristianismo que ocupou um papel determinante na política imperial. O cristianismo elevou-se ao status de religião, recebeu espaço físico, a Igreja - Instituição e tudo isso a partir do século IV, especificamente, depois de 313 d. C. com o Edito de Milão, pelo Imperador Constantino.

Neste desenvolvimento, o que pertencia a cultura semítica hebraica, agora é monopólio do eurocentrismo. O helenismo grego, também havia sido saqueado pelos Romanos. O poder eclesiástico e as teorias teológico-políticas da Igreja foram transformando-se em eclesiocêntrico¹ que se entrelaçaram com o Império Romano.

O segundo Livro Didático: Filosofando - Introdução à Filosofia de Maria Lúcia de Arruda e Maria Helena Pires Martins (2013). Neste material abordou-se uma reflexão a partir da Filosofia Política e de maneira específica, A Autonomia da Política.

A política encontrou-se na travessia da Idade Média para a Idade Moderna e enfatizou-se no autor renascentista Nicolau Maquiavel e sua famosa obra: O Príncipe (1973). Na visão eurocêntrica, nesta obra estão os fundamentos do Estado Moderno de todo Ocidente.

De Maquiavel, abordou-se a maneira como que no O Príncipe se aprofundou os dois conceitos que são a virtù e a fortuna. E Comentários sobre a primeira década de Tito Lívio onde citou a liberdade de Atenas e a grandeza do Estado.

Os filósofos contratualistas são os destaques. Na ordem, apresentou-se Thomas Hobbes. Ele discutiu o Jusnaturalismo e a De Cive (2002) e o Leviatã (1974), nos livros que mostraram a relação do ser humano na sociedade. Na concepção hobessiana, o poder político do soberano é absoluto e '*o homem é o lobo do homem*'.

O contratualista John Locke no seu livro Dois Tratados sobre o Governo Civil (1998), elaborou a concepção dos fundamentos do liberalismo. Para Locke, os indivíduos se reuniam num contrato para legalizar o poder do Estado. Locke, defendeu

¹ Eclesiocêntrico, conceito elaborado para explicar poder religioso, político, jurídico, econômico e cosmológico da Igreja Católica Romana aliada com o Império Romana na Idade Média. No processo de colonização da América Latina, a Igreja Católica participou da conquista pela força da Cristandade. Ela também foi cúmplice em oficializar a barbárie do Estado Moderno Leviatânico contra os indígenas provocando vários Etnocídios e Epistemicídios em nome do seu conhecimento.

os direitos naturais humanos como acima de tudo, o problema é que são os direitos dos que controlam o Estado, os ricos. Na Inglaterra, terra de Lock, no contexto que ele viveu, o poder estava nas mãos dos poderosos. Segundo Lock, se precisar, o povo pode insurgir contra o Estado, mas não tinha força suficiente, o próprio exército estava para proteger o governo. Nós não encontramos nenhum relato escrito onde o exército contra o Estado e a favor do povo. Mas Dussel o criticará. Locke, é eurocêntrico porque centrou-se no homem europeu da elite. Ele não se preocupou com os seus conterrâneos explorados e nem criticou a escravidão pelas conquistas de vários países da Europa na América Latina e na África. A sua política e defesa é somente para os ricos que exploravam os pobres.

Na compreensão de Lock, a pobreza na Inglaterra é prova que o pobre não tem disciplina e nem virtude para serem membros ativos e perfeitos do estado civil. Não vê e com isso não questiona a injustiça como uma das causas. Nas suas obras não se abordou que a propriedade se concentra nas mãos de poucos e com isso, faz com que muitos precisem vender seus próprios corpos para o trabalho, sendo escravizados e explorados. Ele não fez nenhuma menção e crítica a este sistema escravista da elite dominante.

O contratualista Jean-Jacques Rousseau, viveu na França a maior parte de sua vida. Ele criticou o absolutismo, e a sua teoria fundamentou-se no pacto social que legitima o governo. Ele defendeu um contrato onde todo o povo possa reunir-se por meio de uma só vontade. Para que o contrato social seja legítimo, a aprovação foi o consenso da unanimidade da comunidade.

Montesquieu, pensador com formação iluminista, crítico e irônico da monarquia absoluta e do clero. A teoria de Montesquieu, expressou-se na sua obra O Espírito das Leis (1789) os fundamentos do poder democrático separando-se pelos três poderes: Legislativo, Executivo e Judiciário. O seu pensamento gerou a ideia de constitucionalismo. Na sua concepção, somente o poder pode impedir o abuso de poder.

O Livro Didático abordou o assassinato de Robespierre, pelo governo francês, mas o personagem Zumbi dos Palmares, um dos ícones da libertação dos escravos do Brasil, não foi refletido pela Filosofia. Este fato pode ser uma sugestão de alargarmos do nosso pensamento a partir duma reflexão que está encoberto e contribuir para uma discussão filosófica de encobrimento na sala de aula, na escola pela interdisciplinaridade e a comunidade escolar. Encobrir as atrocidades dos

conquistadores e a história de seu povo é um ato de opressão, não libertação e não educação.

O Livro *Lidático: Filosofia - Experiência do Pensamento*, de Sílvio Gallo (2016), ao abordou como nos relacionamos? E refletiu o Poder e Política.

Sílvio Gallo começou a sua reflexão a partir da destruição das Torres Gêmeas nos EUA e Pentágono por aviões tripulados em 2001, pelos islâmicos fundamentalistas. Em 2001, os Estados Unidos invadiram Afeganistão e 2003, invadiram o Iraque, governado por Saddam Hussein. A invasão no Iraque foi uma suspeita de que este país estava fabricando armas químicas para financiar atos terroristas. Neste ataque, os EUA não foram apresentados como terroristas. O ataque norte-americano foi bárbaro, mas foi normalizado e naturalizado.

Na filosofia, o poder e a política poderiam ser compreendidos pela convivência. O problema está na ausência de problematização, pois quando o poder e a política são transformados em instrumentos de barbárie, violência, desigualdade e desumanização é porque os povos menores são eliminados e explorados. A origem do poder e da política não fundamentou na lei, na disciplina e na ameaça, mas na corresponsabilidade. Os escritos de Dussel ao apresentar a política, a economia e a política mostraram como que são possíveis tornar o poder e a política em convivência desde que sejam inseridas na superação das injustiças. O filósofo Sílvio Gallo fez a pergunta: o que é o poder? No Livro *Didático*, o poder apareceu como vontade impositivo de um ao outro. Ilustrou-se na reflexão sobre a autoridade com uma imagem do filme *A revolução dos bichos*, do livro de mesmo nome do autor George Orwell. Orwell, mostrou as contradições do poder e da autoridade de quem assumiu a função. A obra enfatizou a contradição do ser humano que luta pela violência, mas quando o assume, não faz outra coisa senão violentar os direitos daqueles que o protestam.

Na microfísica do poder, a teoria da soma zero é quando governantes e governados equilibram o poder. A noção de poder na teoria política classificou os lugares que ocupou na sociedade. O governante, sendo um único corpo e representando no seu, retratou a figura do governo do *Leviatã* (2006). O *Leviatã* é o símbolo e nome da obra de Thomas Hobbes.

Na microfísica do poder, Gallo partiu do pensamento de Michel Foucault que teve uma compreensão diferente da soma zero. Para Foucault, o poder está nas micro relações e teias relacionais. É a atenção que está nas pequenas relações. O pensador

francês foi um crítico do uso do poder e autoridade pelo Estado. Ele resumiu o poder em cinco pontos para o seu exercício: 1. O poder se exerce; 2. As relações de poder são imanentes; 3. O poder vem de baixo; 4. As relações de poder são intencionais e 5. Se há poder, há resistência.

Sílvia Gallo refletiu a política a partir da Grécia Antiga. Ela organizou-se em estruturas das cidades independentes que inventou a democracia. Apresentou a ideia de Platão que apoiava um governo de filósofos. E dividiu a sociedade em três classes. As pessoas com caráter racional, as de caráter irascível e as de caráter concupiscível.

Para Aristóteles, o governo não é bom por ser constituído de uma ou várias pessoas, e nem a formação e a capacidade daqueles que exercem o poder. Ele, falou que o bom governo era aquele que promovia o bem comum.

No Livro Didático, Gallo escreveu sobre Agostinho e as suas obras Cidade dos Homens e a Cidade de Deus e os seus desdobramentos. Citou Nicolau Maquiavel, filósofo renascentista e a obra O Príncipe (1973).

Contra a opressão, enfatizou o pensador francês Étienne de La Boétie e a obra Discurso da Sevidão Voluntária que questionou a escravidão, a guerra e a violência. Ele questionou como que uma multidão se submetia a um soberano.

Nos capítulos dos três Livros Didáticos não se viu uma outra perspectiva filosófica à não ser a eurocêntrica. Os pensadores citados são da Grécia Antiga, Império Romano, Inglaterra, França, Itália, Suíça, mas nenhum do Hemisfério Sul. A Filosofia da Libertação da América Latina é a abertura de uma nova visão ou uma outra maneira de pensar o eurocentrismo desde a colonização.

No terceiro capítulo da pesquisa dissertativa, apresentou-se o conteúdo prático refletido na sala de aula com os alunos. A reflexão realizou-se a partir do método analético de Dussel, que abordou e analisou a modernidade e outras visões sobre a modernidade, a colonização, a descolonização, a transmodernidade, a política, a economia, a cultura, a sociedade, a religião e a ecologia. O encobrimento do outro, a alteridade e o cosmo são todos os aspectos abordados e refletidos pela filosofia da libertação. É a interrogação e a contraposição ao eurocentrismo como pensamento dominante nos Livros Didáticos. O material pesquisado e escrito oferece ao professor de filosofia e ao aluno uma outra possibilidade de conhecerem como que o processo de colonização foi construído e apresenta uma proposta de descolonização a partir das aulas que refletem outras visões.

É uma reflexão provocante de Enrique Dussel a partir da filosofia da libertação. A filosofia da libertação latino-americana impele uma releitura e interpretação da História e Filosofia da América Latina pela perspectiva não eurocêntrica. Os Pensadores como Paulo Freire, Emmanuel Lévinas e Frantz Fanon foram a inspiração do pensamento Latino-americano de Enrique Dussel juntamente com a Conferência de Medellín, Colômbia. Estes autores são imprescindíveis para conhecermos e compreendermos a colonização, a realidade dos condenados e oprimidos pela escravidão e exploração na América Latina. Mas Dussel, fez e faz a teoria restituir-se num corpo e encarnar-se na prática teórica, pela práxis. Com isso, o colonizado age, se descobre, se liberta, se descoloniza.

As dez aulas elaboradas a partir de outras visões da modernidade e da filosofia:

1ª Aula na Sala: A Filosofia da Libertação da América Latina: 1492 o encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade - (Alteridade - Dialética - Analética) é a visão dialética do outro eurocêntrico e a contravenção do outro pela alteridade analética latino-americana.

2ª Aula: Filosofia da Libertação e a crítica ao pensamento dos filósofos eurocêntricos. Filósofos eurocêntricos refletiram parcial ou singularmente quando a questão discutida foi a etnia, raça, direito, espírito, inteligência, trabalho, natureza, mundo, filosofia, etc. Os equívocos estão na universalização do conhecimento e da compreensão sem uma busca mais rigorosa e profunda do que estavam dizendo e escrevendo.

3ª Aula: Filosofia da Libertação: o Pensamento, a Reflexão, os Escritos e o Ensino para além o eurocentrismo segundo Enrique Dussel. Pela literatura filosófica da Filosofia da Libertação, temos outras propostas para pensarmos e refletirmos além do eurocentrismo. É relevante, conhecermos o filósofo africano Joseph Omoregbe e sua reflexão.

4ª Aula: A releitura reflexiva de Frantz Fanon e a ausência do pensamento crítico filosófico no contexto da América Latina possibilitaram o repensar. Olhando, analisando e refletindo a partir da filosofia de Fanon, com os condenados da terra e Freire, com a Pedagogia do Oprimido (2005), o professor de filosofia latino-americana contribui e enriquece as reflexões mostrando e refletindo a nossa história e nossa maneira de pensar.

A ausência da filosofia latino-americana nos Livros Didáticos entrelaça numa reflexão continental que penetra a partir de outra visão sobre modernidade. A

Modernidade que não se abordou e nem pensou na colonização e nos seus desdobramentos na alteridade e o outro encoberto também na atualidade.

5ª Aula: O pensamento crítico reflexivo e construtivo de um ensino libertador de Paulo Freire. Os povos conquistados eram desnudados de seus saberes e substituídos pelo conhecimento Europeu. Cabe à nós latino-americanos questionar estas teorias, reperguntar, refletir para não perdurar no desconhecimento daquilo que pode ser conhecido, des-encoberto e libertado.

Freire, utilizou a palavra oprimido para conhecer e compreender o processo de libertação. Ele começou pelo conhecimento de sua condição, o inseriu no seu contexto, o revelou o oprimido pelo sistema. Questionou ao ler o texto eurocêntrico que o determinou a sua exploração e começou a alfabetização libertadora. Alfabetização, educação, libertação e humanização.

6ª Aula: Outra visão Filosófica na teoria prática do Ensino de Filosofia. Uma reflexão filosófica analítica das unidades dos Livros Didáticos a Vida Política (2010) para refletir com a Filosofia da Libertação da América Latina (1977) de Dussel.

No processo de libertação, proposta reflexiva pelo pensador Dussel na Filosofia da Libertação da América Latina, aproximou-se da visão de educação de Paulo Freire no sentido da formação do educador a partir da consciência dos oprimidos. A Consciência que se realizou na práxis libertadora do educador que se educou e se descobriu um eurocêntrico, mas reviu os seus conceitos e formação que o levou a assumir um protagonismo de mudança transformadora no educando e na sociedade.

7ª Aula: O método analético de Dussel superou a dialética utilizada como um dos meios do pensamento eurocêntrico. Parte da racionalidade ética da pessoa humana que se encontra numa situação de vulnerabilidade, vivendo e convivendo na pobreza e miséria, não estão na mesma equidade de quem governa um país, Estado, município, empresa, instituição. Isso vale ao mesmo tempo aos que fazem parte da elite oligárquica, aristocrática e de quem escreve e ensina pelo aspecto ético. Neste contexto, aquelas pessoas humanas que tiveram os seus direitos tirados pelo poder dominante são encobertas e excluídas da economia. A analética se fundamentou na realidade da pessoa e o seu objetivo é uma prática libertadora e não um estudo de caso dos explorados e estabelecido muitas vezes pela dialética e depois produzido teoria, gráfico e índice.

8ª Aula: A ética da alteridade e da libertação de Lévinas e Dusselianos apresentaram desde a periferia qual foi o papel da modernidade e da Europa que criou

uma infinidade de coisas, mas que poucos duvidaram e duvidam, questionaram e questionam de maneira a compreender a modernização. É relevante parar e pensar porque a teoria que temos é uma literatura dum mundo imposto eurocentricamente pela colonização. A modernidade, segundo Dussel, também é um mito. Se tornou um conceito e uma prática agressiva e violenta a partir da colonização que a filosofia da libertação apresenta a superação.

9ª Aula: Fernando Mamani é professor boliviano, defensor e educador do buen vivir e del vivir bien. Para os povos andinos, o viver bem supera o bem-estar moderno. O buen vivir ou o bom viver se dá ou acontece na comunidade. Em cada comunidade há uma identidade cultural que se origina numa profunda relação com tudo aquilo que está no ambiente, na convivência com a “Madre Tierra”, que é o lugar que se habita. Nela nasce uma forma de vida, um idioma, a linguagem, as danças, a música, a vestimenta, a política, a cultura, a economia, a religião, a ética, etc. Também existe a identidade natural, que nasce da complementação com a comunidade da vida, o mundo da vida.

10ª Aula: Filosofia Ubuntu, experiência da africanidade e a Filosofia Latino – americana no ensino de filosofia. A ideia é possibilitar outras visões de pensamentos, reflexões e práticas diante da crise civilizacional que vivemos. O eurocentrismo contribuiu e contribui com esta crise. O capitalismo, o egoísmo, o consumismo, a destruição ecológica e o individualismo transformaram a pessoa humana deslocando-a da comunidade. A filosofia africana, a partir do Ubuntu, aproximou e aproxima as pessoas no todo já que não existe o ser humano enquanto ser solitário. Somos juntos. Somos na comunidade e nela há uma corresponsabilidade.

As dez aulas apresentadas nesta dissertação são as possibilidades que podemos ousar pensar, refletir e praticar na escola para o estudo transformar-se numa práxis de descobrimento. Estes autores, autoras, pensamentos e livros não estão nos nossos livros didáticos. Nós, podemos iniciar uma ideia-prática que nos descolonize culturalmente, mentalmente, intelectualmente e educacionalmente. Temos muitas outras alternativas para pensar a realidade. Este também é o papel da educação escolar e da filosofia da libertação da América Latina de Enrique Dussel. Estudar, pesquisar, pensar, refletir, escrever, aprender, ensinar e reaprender são conceitos que contribuem na transformação da pessoa humana, da comunidade e da sociedade. Todo conceito, fazendo uma analogia com o pensamento dusseliano ao pensar com a filosofia semítica, se encarna na vida da pessoa marginalizada e explorada pelo

sistema vigente e dominante como resistência, Insistência e luta pela transformação. Todos os conceitos sugeridos nesta dissertação e nas aulas elaboradas são questionamentos e críticas para nos libertar do que nos oprime, vencer o opressor pelo conhecimento, debate e a invenção duma sociedade habitável para todos. Todas estas questões e aspectos servem para alimentar a esperança da utopia do Bem Viver e da Dignidade Humana na construção de um Mundo da Vida Humano e ecológico. Um lugar onde ninguém é mais que o outro, nem está acima do outro, sendo assim, ninguém é menos que o outro, mas responsável pelo outro, sem distinção. É no diferente e na diferença que a estética da libertação vence a indiferença.

Projeto para Escolas e outros Lugares Públicos: O Lugar de fala do Filósofo do aluno

O mestrado foi realizado sem a bolsa do CAPES e somente com três aulas em 2018. Em 2019, fiquei sem aulas. Dentro desta situação surgiu a ideia de elaborar um projeto a partir de um olhar latino-americano e indiano que trouxesse uma aproximação ao pensamento de Enrique Dussel e de Mahatama Gandhi aos grupos na escola, igreja e outras instituições. Na escola, o objetivo buscou organizar grupos de estudos e de práticas que pudessem contribuir na diminuição da violência.

O projeto foi elaborado a partir do Princípio da Não-Violência na filosofia da libertação de Dussel e os ensinamentos de Gandhi. Do filósofo Dussel, utilizamos a a filosofia libertadora pela analética, a alteridade, a ética da libertação, o altruísmo, a economia e a política como compromisso do cidadão ao povo. Do Líder Gandhi, estão os aspectos humanos que aprofundamos em Dussel, mas o princípio da não-violência é próprio da práxis do indiano.

O projeto foi apresentado e refletido aos alunos, professores e demais funcionários da Escola Estadual Nilo Póvoas, Cuiabá, MT, 2019. Duas apresentações foram realizadas aos grupos de Pastorais, coordenadores, coordenadoras, lideranças de comunidades na Paróquia Nossa Senhora do Carmo, Várzea Grande, MT, 2019 e 2020.

Estrutura do Projeto

Título: Projeto Princípio da Não-Violência

- Objetivo Geral: Princípio da Não-Violência;

- O princípio da Não-Violência buscou e busca contribuir na transformação humana da pessoa, propondo o conhecer e o saber de seus direitos e de suas responsabilidades na sociedade na mudança social. Entender a “Pessoalidade-Coletividade” nas questões psicossociais e sair do encobrimento imposto muitas vezes pela mídia, preconceito e discriminação pela ausência de criticidade da realidade.

- Objetivos Específicos:

a) Fenomenologia da Pessoa Humana: Inteligência Física, Inteligência Racional, Inteligência Emocional e Inteligência Espiritual;

b) Todas as Dimensões da Pessoa Humana em Sintonia com os Aspectos Sociais que engloba a Existência Humana na Vivência, na Convivência, na Cooperação, na Relação Pessoal e Interpessoal, na Sociedade e no Mundo;

c) Descobrir juntos que a Pessoa Humana para Viver na Sociedade Necessita de Princípios que Fundamentem a Relação. A Educação, a Política, a Cultura, a Economia, a Religião, a Ecologia e a Saúde, visam na Promoção Humana, a dignidade. A Vida e o Viver se constituem o ‘Autocuidado e o Sócio cuidado;

Todas estas questões estão distribuídas no Projeto Princípio da Não-Violência visando a Vida e Dignidade da Pessoa Humana.

CAPÍTULO I - 1492 – O ENCOBRIMENTO DO OUTRO: A ORIGEM DO MITO DA MODERNIDADE

Na Parte I, do livro 1492 o Encobrimento do Outro: a origem do mito da modernidade (1993), Dussel, pela Filosofia da Libertação, criticou o que podemos chamar de banalidade da barbárie humana que foi a colonização. Dussel criticou a barbárie na América Latina que teve início no dia 12/10/1492. Questionou e repensou a concepção de descoberta que foi inventada pelo eurocentrismo. Ele a viu como uma invenção eurocêntrica. Dussel, que também é historiador, escreveu sobre História e defende que os primeiros seres humanos chegaram na América entre 40.000 a 10.000 mil anos a.C. Provavelmente vindos da Ásia.

A América é, antes de mais nada, e principalmente, uma realidade social e cultural complexa. Há um continente, mas não existem uma sociedade e uma cultura americanas. Entre 40.000 e 10.000 a. C, época da chegada dos primeiros povoadores, até hoje, o processo diversificado de formação social e cultural do continente americano continua vivo, transformando-se por força das influências extremas e de suas próprias contradições internas (ZIMMERMANN, 1986, p. 75).

A obra orientadora localizará e situará a modernidade numa crítica à perspectiva europeia para a qual toda esta teoria foi desenvolvida. A obra foi elaborada a partir de oito conferências proferidas pelo filósofo Enrique Dussel em Frankfurt, na Alemanha. Nela, Dussel tratou várias temáticas tendo consciência de que são inesgotáveis as reflexões. São figuras que representam o processo de constituição da subjetividade moderna, do ego que, de 1492 a 1636, quando Descartes citou no eu penso na sua obra Discurso do Método. Neste período, o filósofo Descartes expressou o seu pensamento no seu livro Discurso do Método (1996) em que se enfatizou o *'penso, logo existo'*. Passa a ser convencionalmente considerado como primeiro momento da modernidade.

Espanha e Portugal do final do século XV, já não são mais um momento do mundo propriamente feudal. São mais nações renascentistas: são os primeiros passos rumo à modernidade propriamente dito. Foi a primeira região da Europa a ter a experiência originária de constituir o outro como dominado e sob o controle do conquistador, do domínio do centro sobre a periferia. A Europa se constitui como

centro do mundo (em seu sentido planetário. É o nascimento da Modernidade e a origem de seu “Mito”! Para nós latinos americanos é relevante incluir a Espanha no processo originário da Modernidade, já que no final do século XV era a única potência europeia com capacidade de conquista territorial externa.

O encobrimento do outro é uma crítica ao conceito de descobrimento. O livro é uma obra de resistência do povo latino-americano contra o desfecho de uma celebração para comemorar os 500 anos do descobrimento da América. A Espanha havia, junto ao governo mexicano, idealizado a festa solene. Dussel viu pelo olhar do conquistado que o conquistador quer celebrar a barbárie. A banalização da barbarização do ser. É nesse meio que aparece Dussel (que depois se transformaria na obra 1492: o encobrimento do outro) como a provocar uma reflexão que repensasse e questionasse a modernidade, o descobrimento, a conquista, a colonização, a escravidão e o festejo. Foi uma reação reflexiva que mostrou o papel do filósofo e da filosofia, nesse caso, a Filosofia da Libertação na sociedade e realidade do explorado, o homem latino-americano. Esta festa celebrativa estava programada para o dia 12/10/1992, mas foi frustrada pela resistência de um povo que não aceitou mais as justificativas de que europeu, eurocentrista é raça superior e quem descobriu as Américas.

O ano de 1492, segundo nossa tese central, é a data do ‘nascimento’ da Modernidade; embora sua gestação – como o feto – leve um tempo de crescimento intrauterino. A modernidade originou-se nas cidades europeias medievais, livres, centros de enorme criatividade. Mas ‘nasceu’ quando a Europa pôde se confrontar com o seu ‘Outro’ e controla-lo, vencê-lo, violenta-lo: quando pôde se definir como um ‘ego’ descobridor, conquistador, colonizador da Alteridade constitutiva da própria Modernidade. De qualquer maneira, esse Outro não foi ‘descoberto’ como Outro, mas foi ‘encoberto’ como o ‘si mesmo’ que a Europa já era desde sempre. De maneira que 1492 será o momento do ‘nascimento’ da Modernidade como conceito, o momento concreto particular da ‘origem’ de um ‘mito’ de violência sacrificial muito particular, e, ao mesmo tempo, um processo de ‘encobrimento’ do não-europeu (DUSSEL, 1993, p. 8).

1.1 O conceito de eurocentrismo

As primeiras palavras que abriu a análise desta pesquisa filosófica da Filosofia Ocidental foi o pensamento reflexivo-crítico do filósofo, historiador e teólogo Enrique Dussel. Ele foi um dos idealizadores da Filosofia da Libertação da América Latina.

Nunca disse que a Filosofia Ocidental fosse menos importante, mas pensou, repensou, refletiu, escreveu, ensinou e defendeu que é possível desenvolver um pensamento autônomo a partir de outra visão filosófica fora da totalidade eurocêntrica.

A sua reflexão e defesa da Filosofia Latino-americana parte do homem situado, concreto, oprimido: tem como pressuposto básico, portando, a realidade histórica na qual ele está inserido; desta forma, orienta a libertação para uma liberdade criadora, visando a realizar as possibilidades concretas de presente-futuro. A filosofia da libertação tem na formação do homem, um novo humanismo. O seu centro de preocupação foi voltar-se para a sociedade marginalizada em todos os sentidos. A filosofia da libertação defende a causa dos que não são considerados pessoas humanas, na prática, sujeitos que são usados como objetos, instrumentalizados, reificados.

A filosofia estudada no Ensino Médio se utiliza mais dos aspectos históricos, locais, pensadores e teorias elaboradas que abordam o filosofar do texto filosófico a partir dos fatos e eventos europeus. A Idade Antiga, Idade Média, o Renascimento, a Idade Moderna e a Idade Contemporânea são ahistóricas pela perspectiva da América Latina. Um fato da proporção da colonização e suas barbáries permaneceram encobertas nos Livros Didáticos. Se para os gregos, romanos e outros povos europeus as dimensões humanas como corpo, alma e Espírito e os aspectos sociais como política, economia, cultura, justiça, ética, religião, ecologia e cosmologias não são relevantes na América Latina, pois são impostas pela colonização e anulam a sua própria história e filosofia.

Os próprios Livros Didáticos do Programa Nacional do Livro Didático - PNLD escolhidos nesta pesquisa buscaram nos fundamentos e justificativas para a reflexão política a visão greco-romana-europeia. Com esta reflexão fora da realidade latino-americana, manteve-se na ausência dos aspectos filosóficos dos pensamentos e do filosofar o texto didático. O texto filosófico nem sempre está inserindo na realidade da micro e macroestrutura do aluno a partir da comunidade escolar. Pertence a uma realidade colonialista que não dá voz e protagonismo nem ao professor e nem ao aluno. Ambos repetem e impõe um ao outro a sua visão, mas que não é visão dele e sim do conquistador que fora introjetada e agora projeta na escola.

A visão da microestrutura pode ser o texto em si, que busca saber e conhecer somente onde o filósofo nasceu, o que pensou, escreveu e ensinou para a época. A visão da macroestrutura é a ampliação do texto filosófico e como que ele ganha esta

dimensão universalista e muitas vezes contribuindo no encobrimento do outro. Se o texto de filosofia europeu não for adaptado, discutido e refletido na conjuntura social e cultural do aluno, transforma-se em eurocentrismo. O texto europeu não substitui o pensamento-reflexivo da filosofia latino-americana, mas pode ser somado, estudado.

Pensar textos filosóficos com pensadores e pensadoras latino-americanos é uma propedêutica pedagógica filosófica da filosofia da libertação da América Latina. Possibilitar o pensamento da realidade dos habitantes do continente acentuou uma crítica ao pensamento dominante que foi totalizado, eurocentrado nos diversos povos do ocidente.

A reflexão sobre a própria realidade, parte do que já é, de seu próprio mundo, de seu sistema, de sua espacialidade. O certo é que a filosofia parece ter surgido sempre na periferia, como necessidade de se repensar a si mesma perante o centro e perante a exterioridade total, ou simplesmente diante do futuro da libertação.

A pesquisa e reflexão de Dussel inseriu o olhar na realidade política, econômica, social, religiosa, educacional, cultural e ambiental cumprindo o seu papel de filósofo no mundo real, concreto, visível, corpóreo e vital. A Filosofia da Libertação tem como papel descolonizar nossa mente e o pensamento do conquistado que se liberta do mundo e visão do conquistador. Ela repensa a colonização que se expressa pela colonialidade.

Dussel, ao escrever a obra 1492 o encobrimento do outro, trouxe um questionamento para mostrar que o processo de colonização está presente atualmente. A colonização na contemporaneidade não é uma ação política e econômica de conquista do passado. O encobrimento do outro continua pela colonialidade e se expressa na universalidade dos Livros Didáticos do PNL, na estrutura, na organização e no sistema das instituições. Por exemplo: A colonialidade contribui para a continuidade do processo de encobrimento do outro e os Livros Didáticos não oferecem um outro pensamento que se opõe a este ensino de filosofia vigente e dominante.

Esta visão vertical do pensamento eurocêntrico paira sobre a mente e imaginário dos povos que foram conquistados e colonizados. No mapa-múndi, o eurocentrismo impôs a Europa no centro do planeta e sob os demais países do Sul como se estivesse irradiando o iluminismo, o racionalismo e o cientificismo. Os outros povos, pela conquista e colonização, perderam a visão de mundo, sua percepção, sua

concepção e seus conhecimentos, pois foram destruídos pelo eurocentrismo que o impôs as suas epistemologias.

Os Livros Didáticos de filosofia continuam nesse processo de encobrimento do outro e a filosofia latino-americana dusseliana apresenta outra visão, outra possibilidade de reflexão, talvez, como escreveu o pensador Miguel León-Portilla que inverteu a visão da história na sua obra *A Conquista da América Latina* (1993) vista pelos índios.

Olhar e conhecer a história da conquista não mais pelos conquistadores, mas pelos conquistados, pelos índios, subverte o eurocentrismo. Nesta visão, incluímos a filosofia latino-americana, sua realidade, sua reflexão, seu pensamento e sua interpretação. A ideia mítica europeizada está nos Livros Didáticos. As abordagens e as reflexões são periodizadas nos eventos europeus e os alunos conhecem mais a Europa e seus pensadores do que seu próprio continente, seus autores, seus pensamentos e seus livros-escritos. É o que afirma Aníbal Quijano (2005) ao refletir o que é colonialidade:

A globalização em curso é, em primeiro lugar, a culminação de um processo que começou com a constituição da América e do capitalismo colonial/moderno e eurocentrado como um novo padrão de poder mundial. Um dos eixos fundamentais desse padrão de poder é a classificação social da população mundial de acordo com a ideia de raça, uma construção mental que expressa a experiência básica da dominação colonial e que desde então permeia as dimensões mais importantes do poder mundial, incluindo sua racionalidade específica, o eurocentrismo. Esse eixo tem, portanto, origem e caráter colonial, mas provou ser mais duradouro e estável que o colonialismo em cuja matriz foi estabelecido. Implica, conseqüentemente, num elemento de colonialidade no padrão de poder hoje hegemônico (LANDER, apud QUIJANO, 2005, p. 107).

Há um costume que se transformou em hábito de tanto ver, ler, pesquisar, estudar, escrever, pensar, refletir, repetir, citar e ensinar eurocentricamente como modelo padrão nacional e universal. A essa continuidade podemos chamar de colonialidade como bem refletiu o sociólogo peruano Aníbal Quijano num artigo escrito no livro organizado Santos e Meneses:

A colonialidade é um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial do poder capitalista. Sustenta-se na imposição de uma classificação racial, étnica da população do mundo como pedra angular do referido padrão de poder opera em cada um dos planos, meios e dimensões, materiais e subjetivos, da existência social cotidiana e da escala societal (SANTOS, apud QUIJANO, 2009, p. 73).

O conceito de colonialidade se encontra nas obras e artigos de Quijano. Dussel sendo um pensador latino-americano, contribuiu ao mostrar outros pensadores latinos americanos que também fazem parte do grupo que questionam a colonialidade. Não há possibilidade de pensar fora do eurocentrismo se os Livros Didáticos continuam com a mesma concepção de pensamento e se não houver uma disposição de pensar ao contrário, diferente ou a partir de outra visão, interpretação de mundo. Não se amplia a visão e não se pensa por uma perspectiva latino-americana num processo de descobrimento daquele pensamento eurocêntrico que permanece no ensino do encobrimento pela cultura que não é a dele. O problema, que Dussel, Quijano, Lander e Santos problematizam é como que o eurocentrismo eliminou muitas culturas e outras foram acobertadas e até hoje temos dificuldade de perceber a reprodução do eurocentrismo

Dussel nos faz um apelo carregado de sentido e de significado sugerindo repensar a história. O repensamento dusseliano traz em si uma enorme busca de rever, reler, reescrever nossa história e pensamento filosófico. Uma História que valorize na sua composição os fatos cronológicos, metafóricos e míticos do povos latino-americanos. Para Dussel, os mitos não são ingênuos e irracionais, pelo contrário, faz o povo pensar e refletir a sua realidade. Os mitos, são racionais, pois fazem o povo pensar o seu mundo e a sua existência.

Dussel expressou na sua reflexão, na sua escrita e no seu filosofar o mundo de seu continente esquecido, encoberto. Ele questionou a estrutura do pensamento eurocêntrico dominante e ofereceu meios para reconstruir uma filosofia latino-americana que possa refletir a realidade da América Latina desde dentro e não somente com as teorias de fora. Esta visão de Dussel é a exterioridade que apresenta uma outra possibilidade para repensar a totalidade da filosofia eurocêntrica. A reconstrução começa pela libertação do povo latino-americano que muitas vezes está subserviente a hegemonia da política, da economia e da cultura que não são o nosso jeito de ser, nosso sistema de sentir-se gente, de viver no nosso ethos e de conviver no mundo. Dussel escreveu sobre a exterioridade no seu livro *Filosofia da Libertação da América Latina*:

O rosto do homem se revela como outro quando se apresenta em nosso sistema de instrumentos como exterior, como alguém, como uma liberdade que interpela, que provoca, que aparece como aquele que resiste à totalização instrumental. Não é algo; é alguém. A lógica

da totalidade estabelece seu discurso desde a identidade ou fundamento para a diferença. É a lógica da natureza ou do totalitarismo. É a lógica da alienação da exterioridade ou da coisificação da alteridade, do outro homem. A lógica da exterioridade e da alteridade, pelo contrário, estabelece seu discurso a partir do abismo da liberdade do outro. Esta lógica tem outra origem, outros princípios: é histórica e não evolutiva; é analética, e não meramente dialética ou científico-fáctica (DUSSEL, 1977, p. 47-48).

O pensamento Dusseliano recuperou a liberdade tirada e substituída pelo eurocentrismo como única forma de pensar. Ao impor o encobrimento do outro criou a ideia de inferioridade em vista dos europeus. No primeiro momento esta reflexão questiona, abala, pois este pensar é um repensar o que foi estabelecido há cinco séculos. O hábito de repetir sem questionar ou duvidar daquilo que nos disseram começou a ganhar um novo sentido na filosofia da libertação da América Latina. Dussel, na filosofia latino-americana não rejeita o pensamento e as reflexões europeias, o que não se aceita é o eurocentrismo, que é centralizar e verticalizar o pensamento europeu.

O pensador europeu Boaventura de Sousa Santos, é na atualidade um dos pensadores europeus que vem enfaizando uma atividade de descolonização e desconstrução do eurocentrismo. Na América Latina e em outros países do Hemisfério Sul, Dussel, Lander e outros pensaram e pensam criticando a visão distorcida do mito da civilização. Muitos intelectuais de países colonizados nem preocupam-se em desfazer esta ideia implantada na mente dos colonizados. Desfazer o mito da civilização e mostrar a quantidade de vítimas encobertas por este sistema é uma exigência e dever do filósofo latino-americano:

Apenas quando se nega o mito civilizatório e da inocência da violência moderna se reconhece a injustiça da práxis sacrificial fora da Europa (e mesmo na própria Europa) e, então, pode-se igualmente superar a limitação essencial da razão emancipadora. Supera-se a razão emancipadora como razão libertadora quando se descobre o eurocentrismo da razão ilustrada, quando se define a falácia desenvolvimentista do processo de modernização hegemônico. Isto é possível, mesmo para a razão da Ilustração, quando eticamente se descobre a dignidade do Outro (da outra cultura, do outro sexo e gênero, etc.; quando se declara inocente a vítima pela afirmação de sua Alteridade como Identidade na Exterioridade como pessoas que foram negadas pela Modernidade. Desta maneira, a razão moderna é transcendida (mas não como negação da razão enquanto tal, e sim da razão eurocêntrica, violenta, desenvolvimentista, hegemônica (LANDER, apud DUSSEL, 2005, p. 29).

A realidade da pessoa humana é percebida e conhecida pela alteridade no pensamento crítico da história encobertas pela modernidade eurocêntrica. Na ética descobriu-se a identidade do outro que a irracionalidade omitiu e ocultou para impôr o mito da civilização e produzir vítimas pela colonização eurocêntrica.

É uma realidade que precisa ser contestada, repensada. Um exemplo, o ensino de filosofia no Brasil e não existe nenhum pensador brasileiro ou do continente da América Latina nos Livros Dáticos. Os questionamentos, as necessidades dos porques não se provocam nenhuma reflexão latino-americana com pensadores fora da determinação eurocêntrica. Estuda filosofia clássica, medieval, renascentista, moderna e contemporânea, mas a América Latina continua à não existir assim como não existiu na concepção hegelina no livro Filosofia da História Universal (HEGEL, apud DUSSEL, 1993). A filosofia latino-americana não gira ao redor do eixo como foi feito pela filosofia de muitos filósofos eurocêntricos que sustentaram o racismo, o préjuízo, o preconceito e a maioria ou superioridade. A filosofia latino-americana é um repensar-se e um descobrir-se. O parágrafo de Hegel idealiza isso:

A histórica universal vai do Oriente para o Ocidente. A Europa é absolutamente o fim da história universal... A história universal é a disciplina da indômita vontade natural dirigida para a universalidade e a liberdade subjetiva (Hegel, Filosofia da História Universal), (HEGEL, apud Dussel, 1993, p. 17).

Na primeira conferência em Frankfurt, Enrique Dussel buscou para a reflexão o conceito emancipador de Modernidade que está encoberto num 'mito'. Em primeiro lugar ele revelou o componente mascarado que está sob a reflexão filosófica e de muitas outras posições teóricas do pensamento europeu e norte-americano. Esta foi a prática que tratou o 'eurocentrismo' e seu componente que inventou a "falácia desenvolvimentista". Dussel escreveu a resposta de Kant a pergunta: o que significa a Ilustração? No ano de 1784 Kant escreveu:

Ilustração é a saída por si mesma da humanidade de um estado da imutabilidade culpável... A preguiça e a covardia são as causas pelas quais grande parte da humanidade permanece prazerosamente nesse estado de imaturidade (KANT, apud Dussel, 1993, p. 17).

Na concepção Kantiana a imaturidade ou a minoridade é culpada. A preguiça e a covardia constituem o ethos desta posição existencial. Hoje devemos fazer a Kant esta pergunta: um africano na África ou como escravo nos Estados Unidos no século XVIII, um indígena no México ou mestiço latino-americano depois, devem ser

considerados nesse estado de imaturidade culpável? Na imaturidade e na minoridade pode-se abrir um precedente para a tutoria. Nessa questão surge a justificativa que diminuirá o outro inventando e a teoria da superioridade.

Kant, que é um dos autores do iluminismo também se equivocou na sua ética. Ele constituiu esta ideia no mundo eurocêntrico. Sua ética falha quando defendeu que o negro precisava ser afastado à pauladas. O negro africano, o não europeu. Entende-se que o conquistador e civilizador precisavam influenciar os povos para alcançar a maturidade e a maioridade. O desconhecimento de Kant e Hegel sobre os povos africanos e latino-americanos é saliente nas teorias que escreveram. Os dois pensadores eurocêntricos não conheceram as diversas tradições culturais dos povos que viviam nestes continentes. A tradição oral foi encoberta pela tradição da escrita do eurocentrismo de Hegel e Kant, que não tiveram contato com nenhum dos povos para conhecer a visão de mundo e a maneira em que viviam. Neste caso, utilizou dois conceitos que enfatizam os prejuízos e preconceitos que foram concebidos e refletidos dentro da totalidade eurocêntrica e não pela exterioridade da filosofia da libertação na concepção de Dussel

Dussel escreveu a resposta de Hegel à pergunta. Nas Lições sobre a Filosofia da História Universal mostrou como a História Mundial foi a auto realização de Deus (uma Teodiceia), da Razão, da Liberdade. Na realidade fo um processo rumo à Ilustração:

A história universal representa... o desenvolvimento da consciência que o Espírito tem de sua liberdade e também a evolução da realização que esta obtém por meio de tal consciência. O desenvolvimento implica uma série de fases, uma série de determinação da liberdade, que nascem do conceito da coisa, ou seja, aqui, da natureza da liberdade ao se tornar consciente de si. Esta necessidade e a série necessária das puras determinações abstratas do conceito são estudadas na Lógica (HEGEL, apud Dussel, 1993, p. 18).

Na teoria hegeliana o conceito de desenvolvimento é o centro. Ele determinou o movimento do próprio conceito até atingir a ideia desde o ser indeterminado até o saber absoluto. O desenvolvimento é dialeticamente linear; é uma categoria primeiramente ontológica, mais ainda na história mundial. Dussel questiona a direção no espaço dada por Hegel que vê a história universal do Oriente para o Ocidente. A Europa é absolutamente o fim da história universal. A Ásia é o começo. Para Dussel (1993) este desenvolvimento da história do Leste para o Ocidente é puramente

ideológico; é o momento constitutivo do eurocentrismo, que se impôs em todos os programas de história, não só na Europa ou Estados Unidos, mas também na América Latina, África e Ásia, que o próprio Hegel não incluiu na sua concepção de história universal.

Dussel questiona o movimento da história mundial hegeliana Leste-Oeste que elimina a América Latina, a África e a Ásia justificando o estado de imaturidade que se encontravam. E continua, divide o mundo em duas partes uma é o Velho Mundo e a outra é o Novo Mundo. É claro que somente era Novo Mundo pelo simples fato da América não ser conhecida pelos europeus. O Novo não é só relativamente, mas absolutamente, o é com respeito a todos os seus caracteres próprios, físicos e políticos. Dussel mostra que os europeus, e o próprio Hegel, pensavam que até a geologia com as pedras, a fauna e a flora nas Índias eram mais brutais, primitivas, selvagens.

Dussel criticou esta ideia geográfica de Hegel, pois limitou a história mundial num espaço intencional e falacioso onde deixou a América Latina de fora e o mesmo aconteceu com a África. Há na classificação dos continentes uma espécie de trindade composta pela Europa, Ásia e África, mas a África será descartada:

As três partes do mundo mantêm, pois, uma relação essencial entre si e constituem uma totalidade... o Mar Mediterrâneo é o elemento de união destas três partes do mundo, e isso o transforma no centro de toda história universal... O Mediterrâneo é o eixo da história universal (HEGEL apud Dussel, 1993, p. 19).

No conceito de centro da história mundial veremos que as três partes que constituem a totalidade histórica da humanidade, descartaram a América Latina e duas delas foram desclassificadas no caso da África e a Ásia. Sobre a África Dussel disse que Hegel escreveu algumas páginas e que precisavam ser lidas com senso de humor por ser a culminação fantástica da ideologia racista eurocentrica, com muita superficialidade, com sentido imenso de superioridade falaciosa, mostrou bem o estado de Espírito da Europa no começo do século XIX:

A África é em geral uma terra fechada, e conserva este seu carácter fundamental. Entre os negros é realmente característico o fato de que sua consciência não chegou ainda a intuição de nenhuma objetividade, como, por exemplo, Deus, a lei, na qual o homem está em relação com a vontade e tem a intuição de sua essência... É um homem em estado bruto (HEGEL apud Dussel, 1993, p. 19).

Dussel disse que Hegel insulta a África ao deixá-la de fora da história da filosofia mundial por não reconhecer que a tradição oral é história. As etnias africanas não são ahistóricas. Então, são constituídas de histórias. Para Hegel, os africanos facilmente se tornam fanáticos. E o reino do Espírito é tão pobre e o Espírito tão intenso que não respeitam nada e destroçam tudo. A África não tem propriamente história. Por isso, Hegel rejeita a África para não a mencionar mais. A África, a América Latina e Ásia são tão partes do mundo humano-histórico, quanto a Europa. Não dá para falar da história de um povo sem conhecê-la. Nesse caso, a ausência de história é a história de Hegel, pois ele desconhece a realidade dos povos que falou. Não há povo sem história e história sem povo. O povo escreveu a história e a história o representa:

A soberba europeia (o orgulho hegeliano que Kierkegaard tanto ironizava) mostra-se no texto citado de maneira paradigmática. Mas, no final das contas, também a Ásia desempenha um papel puramente introdutório, preparatório, infantil no desenvolvimento da História Mundial (DUSSEL, 1993, p. 20).

A Ásia desempenhou um papel introdutório e infantil no desenvolvimento da história mundial. Como a história mundial se moveu do Oriente para Ocidente, era preciso também descartar América Latina e a África que estão no sul bárbaro, imaturo, antropófago, bestial. Esta maneira de ver o mundo dilatou a concepção que os Europeus tinham dos países do Hemisfério Sul. O enxergar o outro como animal é o encobri-lo e dar continuidade desta ideia nos Livros Didáticos foi a continuação neste processo de encobrimento:

A Ásia é a parte do mundo onde se verifica o começo enquanto tal... Mas a Europa é absolutamente o Centro e o Fim do mundo antigo e o Ocidente enquanto tal, a Ásia o Oriente absoluto (HEGEL apud Dussel, 1993, p. 20).

Para Hegel, o Espírito germânico é o Espírito do Novo Mundo, cujo fim é a realização da verdade absoluta como autodeterminação infinita da liberdade, que tem por conteúdo sua própria forma absolutista. O princípio do Império germânico deve ser ajustado ao modelo cristão. O destino dos povos germânicos é fornecer portadores do princípio cristão. A reflexão de Hegel aos princípios ditos cristãos são mais eurocêntricos e menos semíticos. Um exemplo é o que Dussel escreveu no livro *Humanismo Semítica* (1969). Dussel faz um processo diferente dos princípios cristãos de que Hegel espiritualizou no espírito abstrato. Absoluto, totalizante e que encobriu

outras expressões religiosas. Dussel exteriorizou o abstrato e dialético transformando os princípios cristãos numa analética a partir das necessidades que a injustiça social da época causaram. Os princípios que antes eram somente preceitos religiosos, agora se encarnam na vida do povo tornando a justiça, a política e a cultura como aspectos que libertam e não aceitam mais a escravidão e a diminuição de seus corpos. É relevante frisar que o cristianismo segue o eurocentrismo, que iniciou-se na Europa no século IV, em pleno Império Romano. O cristianismo, pelo olhar de Hegel, representou a força da colonização de um Cristo inventado para colonizar pela manipulação dos princípios cristãos e a oficialização da violência. Os palestinos que viviam na Palestina no início do primeiro século da Era Cristã, estavam sob a dominação colonial do Império Romano e sendo Colônia, na periferia do mundo no período, eram submetidos no sistema de escravidão e exploração. Situamos o cristianismo como uma invenção do eurocentrismo que não deixa de ser a manipulação da fé cristã e a religião construída pelo Império Romano na utilização da conquista e expansão do mesmo.

A inversão dos princípios cristãos em poderes de conquistas, políticos, econômicos, destruições, escravizações e explorações pela cristandade desumanizou a essência da pessoa de Jesus de Nazaré. Os espanhóis e portugueses utilizaram a fé cristã dentro deste método que conhecemos como cristandade oficializando a conquista e a colonização para justificar de que o indígena não era pessoa e podia ser explorada, escravizada e até abatida se não respeitasse e cumprisse as suas leis. Isto tudo justificado pelo mundo cristão da hierarquia. Na cristandade, quem não aceitasse a fé como única, esta pessoa era perseguida, presa, escravizada, torturada, vendida e morta. Mesmo a partir do não humano eurocêntrico da cristandade, o indígena e depois do escravo africano sofrendo com as imposições culturais, em muitos lugares mantiveram vivas as suas culturas.

Neste contexto de modernidade surgiu a consciência da justificação de si mesmo, tendo o restabelecimento da liberdade cristã. Dussel criticou esta ideia de justificação e liberdade porque estava fechada no mundo germano europeu. Quer dizer para Hegel, que a Europa cristã moderna não tem nada à aprender dos outros povos, mundos e culturas. Tem um princípio em si mesma e é de plena realização e universalização de seus conhecimentos, pensamento e ciência:

Porque a história é a configuração do Espírito em forma de acontecimento, o povo que recebe um tal elemento como princípio natural... é o povo dominante nessa época da história mundial... Contra o direito absoluto que ele tem por ser o portador atual do grau de desenvolvimento do Espírito mundial, e espírito dos outros povos não tem direito algum (HEGEL apud DUSSEI, 1993, p. 22).

Na concepção de Hegel, a Alemanha e a Inglaterra possuem um poder absoluto porque portam o Espírito do desenvolvimento. Todo outro-povo não tem direito. Esta é uma definição que melhor explicitou o eurocentrismo e a própria sacralização do poder imperial do Norte sobre a periferia do Sul.

A Espanha e a América Latina são deixadas de fora da modernidade. O ano de 1492 foi constitutivo para a Espanha e Portugal. É o encontro com o outro, com o diferente. É a outra cara, a do asteca, do inca, do maia e os demais povos da América Latina que se encontram na alteridade essencial da modernidade que o eurocentrismo não o reconheceu e o utilizou barbaramente o encobrimento. O ego ou a subjetividade europeia se tornou o protótipo do senhor do mundo conduzido pela vontade de poder. A vontade de poder criou uma razão dominadora, violenta, destruidora. Criou-se o racionalismo universalista e irracional. Dussel, não ocultou a razão e a racionalidade, mas a irracionalidade que causou violência e inventou o mito da modernidade. A irracionalidade foi uma das críticas que Dussel fez à modernidade. Na concepção de Dussel, a colonização eurocêntrica impôs e impõe a ideia de irracionalidade aos conquistados das suas colônias.

1.2 A questão da conquista e da colonização do mundo da vida

O eurocentrismo inventou um aparato teórico para a conquista e na primeira conferência Dussel escreveu como que o poder teorizado foi imposto e justificado. A conquista, agora não será mais entendida pela relação estética ou quase-científica entre pessoa-natureza como no descobrimento de novos mundos. Nesse momento a figura passou a ser prática, relação de pessoa-pessoa, política, militar e nem de investigação para reconhecimento de mapas, de climas, topografias, flora e fauna, mas de dominação das pessoas, dos povos, dos índios. A teoria foi substituída pela práxis da dominação e tudo passou a se movimentar e conceber pela política eurocêntrica.

1.2.1 Uma fenomenologia do ego conquiro (eu conquisto)

O primeiro passo foi reconhecer os territórios geograficamente e depois passou-se a controlar os corpos, as pessoas. Naquela época se dizia: é necessário pacificá-las. O conquistador será o primeiro homem moderno prático, a impôr a sua individualidade violenta as outras pessoas, o outro. O primeiro que pode receber o nome de conquistador é Fernando Cortês. Ele foi posto por Dussel como exemplo do tipo moderno de subjetividade.

Fernando Cortês, teve uma breve passagem por Salamanca onde estudaria Letras, mas cansou de estudar e a falta de dinheiro o fez escolher partir para as Índias. Em Santo Domingo assumiu o posto de encomendeiro, explorando os indígenas nas suas granjarias. Juntamente com Diego Velázquez conquistaram Cuba. Conseguiu uma grande extração de ouro com os seus índios onde foi nomeado capitão, conquistando as terras de Yucatan que descobriram em 1517. Os indígenas caribenhos viviam nus, pois não conheciam o manuseio de tecido. Os espanhóis, somente depois de vinte e cinco anos que estavam neste continente que tiveram contatos com as culturas urbanas dos astecas e maias. Antes, os europeus só encontraram culturas aldeãs que viviam da coleta e da pesca.

A conquista foi uma prática militar violenta que incluiu dialeticamente o outro como o si mesmo. O outro, que diferente, rejeitado enquanto outro e sujeitado a perder o si mesmo, foi subsumido. Ele foi alienado e obrigado a se incorporar na totalidade colonizadora fazendo do outro, uma coisa de seu bel-prazer.

Sendo coisa, o outro foi tratado como instrumento de opressão, assalariado ou escravizado. Por estes meios, o ego moderno foi se constituindo pela subjetividade do conquistador, acumulando riquezas, mesquinhez, falsificação de poder e de direito à maneira da Cristandade do imperador romano, Constantino:

A bandeira ou estandarte que Cortês levou nesta expedição era de tafetá negro com cruz vermelha, com algumas chamas azuis e brancas e uma letra em volta que dizia: 'sigamos a cruz e com este sinal venceremos' (MOGROVEJO, apud Dussel, 1993, p. 44).

No dia 18 de fevereiro de 1519, quando deixaram Cuba e navegando pelas costas orientais do império asteca, ficaram sabendo deste povo e seu imperador Motecuhzuma. Este será o primeiro contato entre o imperador dos astecas e o grupo de Cortês. Pela primeira vez, Cortês senti-se um ser divino pelos astecas. Na tradição

asteca, revelava para eles a vinda do divino pelo mar e com as mesmas características físicas que os estranhos recém chegos, os espanhóis. Cortês recebeu saudações de Deus e Senhor, depois prostraram por terra e a beijaram. E o acolheram dizendo: “Deus nosso Senhor nosso, sejais bem-vindo que grandes tempos há que vos esperamos nós vossos servos e vassalos” (TORQUEMADA apud DUSSEL, p. 45).

A relação estabelecida foi de dominação. O que chegou, o europeu, se viu absoluto e que pode dominar, o outro, o índio. É o divino que vinha, veio para conquistar, dominar e matar. A primeira relação foi de violência. A experiência moderna surgiu da superioridade quase divina do europeu ao outro, visto como primitivo, rústico e inferior. Conduzido pelo ego europeu, violento militar, que cobiça riqueza, poder e glória. Os embaixadores do imperador mostraram aos estrangeiros as pedras de ouro, preciosas e outras riqueza:

Todos os que viram o presente ficaram suspensos e admirados de tão grande riqueza, e ainda mais desejosos de ir adiante atrás de outro maior do que ele ou semelhante. Pois o ouro tem isto: aviva o coração e anima a alma (TORQUEMADA, apud DUSSEL, 1993, p. 47).

Cortês, com o maquiavelismo colaborou com alguns, causou divisões a outros, e ia derrotando pelas batalhas violentas. Seus soldados mostravam prática adquirida nos séculos de luta contra os muçulmanos. O uso desproporcional de armas de fogo, canhões de pólvora, cães treinados para matar, os cavalos tidos por deuses desconhecidos. A ação feita por Cortês e seu grupo aproveitaram da honestidade que os astecas tinham e o valor que davam a palavra. Os astecas acreditam na palavra de Cortês, que são enganados. Por esta mentira, impuseram sobre os astecas a sua violência e conquista.

Para os astecas, não se podia olhar Montezuma no rosto. Por isso, o encontro do conquistador com o imperador asteca foi um momento central. O imperador foi ao encontro com Cortês contra a sua vontade. Foi obrigado a receber na entrada da cidade. Montezuma ficou frente a frente de um conquistador. Todos olharam para a terra diante do imperador. Cortês, o eu-conquistador foi o primeiro a olhá-lo de frente. A maior das violências não foi olhar para o outro, mas sim, sujeitá-lo à sua violência e opressão.

No dia 13 de agosto de 1521, Cortês e seus soldados voltaram a entrar na cidade de Tenustitlan, no México. Utilizou da violência para destruí-la e tomá-la. O eu-

conquistador acreditou que pode, sendo superior e que o outro perdeu o valor e ele pode eliminá-lo.

Cortês se faz senhor sobre outro senhor. Ele foi o conquistador que num momento decisivo constituiu como subjetividade e vontade de poder. Somente o rei Carlos V esteve acima de Cortês. A crítica de Las Casas atingiu o poderiu de Cortês que disfarçado de cristão, banalizou milhares de etnias em nome das riquezas que continham nas suas terras:

A causa (Final) por que os cristãos mataram e destruíram tantas e tais e tão infinito número de almas foi somente por terem como seu fim último o ouro e se encher de riqueza em pouquíssimos dias e subir a estados muito altos e sem proporção a suas pessoas. (A causa foi) pela insaciável cobiça e ambição que tiveram. Devo suplicar a Sua Majestade com insistência importuna, que não conceda nem permita aquela que os tiramos inventaram, prosseguiram e cometeram, e que chamam conquista (Bartolomé de las Casas, *Brevísima relación de la Destrucción de las Indias, Introducción*), (LAS CASAS, apud Dussel, 1993, p. 42).

Na concepção europeia, o poder do rei estava no divino e o conquistador participava deste ideal e prática. O eu-senhor anulava o outro na sua dignidade, o índio como si mesmo. Foi a destruição do outro enquanto outro. Se justificou a violência e opressão. O conquistador agiu pelo apoio dos reis e do cristianismo, mesmo que membros cristãos fossem contra a escravidão e a eliminação do outro. Um dos mais conhecidos foi o Frei Bartolomé de Las Casas. Segundo Dussel, Las Casas foi um defensor dos indígenas, de seus costumes e porta – voz junto ao rei da Espanha.

1.2.2 A colonização do mundo da vida

A colonização do mundo da vida da América Latina não foi uma metáfora. Ela é uma palavra que tem sentido histórico, concreto, real, creador e prático. Esta figura foi adquirida em 1492. Sob seu domínio estava o aspecto econômico-político:

A América Latina foi a primeira colônia da Europa moderna, sem metáforas, já que historicamente foi a primeira periferia antes da África e da Ásia. A colonização da vida cotidiana do índio, do escravo africano pouco depois, foi o primeiro processo europeu de modernização, de civilização, de subsumir (ou alienar) o Outro como si mesmo; mas agora não mais como objeto de uma práxis guerreira, violência pura, como no caso de Cortês contra os exércitos astecas ou

de Pizarro contra os incas, e sim de uma práxis erótica, pedagógica, cultural, política, econômica, quer dizer, do domínio dos corpos pelo machismo sexual, da cultura, de tipos de trabalhos, de instituições criadas por uma nova burocracia política, etc, dominação do outro. É o começo da domesticação, estruturação, colonização do modo como aquelas pessoas viviam e reproduziam sua vida humana. Sobre o efeito daquela colonização do mundo da vida se construirá a América Latina posterior: uma raça mestiça, uma cultura sincrética, híbrida, um Estado colonial, uma economia capitalista dependente e periférica desde seu início, desde a origem da modernidade. O mundo da vida cotidiana conquistadora-europeia colonizadora o mundo da vida do índio, da Índia, da América (DUSSEL, 1993, p. 51).

Cortês recebeu presentes dos caciques maias antes de chegar ao México, em Tabasco (Yucatan), março de 1519. Junto com os luxuosos presentes entregaram vinte mulheres entre elas, Mariana, Malinche. Ela foi o símbolo da mulher americana, Índia e culta. Ela conheceu a língua Maia e Asteca e teve um filho com o seu amo Cortês.

Segundo o que escreveu Dussel no livro 1492, os caciques entregaram índias donzelas e moças e junto com elas, outra Índia para o seu serviço. Todas elas eram filhas de caciques. E se dirigindo à Cortês, disse que ele entregava sua filha para ele e as demais foram entregues aos capitães.

Dussel questionou a postura do conquistador. Foi uma ação de ego violento, guerreiro moderno e ego fálico, machista e prepotente na arrogância eurocêntrica. A injustiça que ganhou cada vez mais espaço se abriu para o aumento da desumanidade. A violência erótica mostrou a colonização do mundo da vida indígena.

Utilizaram a força e a violência e se apossaram das mulheres casadas, das mocinhas e das meninas de dez e quinze anos contra a vontade dos pais e mães. Estas mulheres foram levadas para as casas dos conquistadores. Segundo Dussel, desta relação de troca de seres humanos como coisa, objeto que a pessoa humana foi coisificada e banalizada. A coisificação do outro pelo encobrimento. O encobrimento foi a conquista que com sua tirania colonizou e impôs o seu mundo no mundo do outro. No encobrimento do outro se anulou a liberdade e a dignidade do sujeito, pois foi transformado como coisa. Este outro foi transformado numa coisa com um valor mercadológico. Sem valor humano fundamentado na dignidade e na liberdade este outro tornou-se violentamente desumanizado. Não foi visto e reconhecido na sua existência humana e então, foi subsumido num submundo do mundo do conquistador eurocêntrico. Ele foi um mundo que somente o conquistado viveu-viverá, sofreu-sofrerá e morreu-morrerá. O conquistador somente entrou neste

mundo que ele criou para o conquistado para submetê-lo à escravidão e exploração. Parafraseando com a luta de realidades opostas, tudo isto representa e expressa as Casas Grandes e a Senzalas de ontem e de hoje. Há uma injustiça que denuncia a disparidade da humanidade, mas que foi e é encoberto pelo direito vital e constitucional do povo.

A colonização, neste contexto, também dominou o corpo da mulher índia. Ela foi transformada pelo conquistador num objeto de seus desejos de exploração e a mulher passou a ser vista sob uma perspectiva simplesmente erótica e doméstica. Ela foi domesticada para realizar as satisfações do conquistador. Ela perdeu a sua dignidade e liberdade de seu corpo e agora a sua atividade está no servir e suprir as necessidades do colonizador. A tirania passou a ser o encobrimento e quem encobre e se desumaniza pelos seus atos desumanos.

O corpo do homem, explorado pelo trabalho escravo foi parte de uma economia e de um capitalismo mercantil exploratório e injusto. O corpo do índio foi imolado e transformado numa mercadoria, ouro e prata. Valor morto da objetivação do trabalho vivo do indígena. Dussel, percebeu e questionou a contradição da colonização moderna. Na Europa, os elementos valiosos foram ouro e prata, dinheiro do capital, na América que foram a morte e desolação. Esta situação de desumanidade e maltrato encontrou uma reação de denúncia e discordância pela colonização moderna que encontrou no escrito de Dom Domingo de Santo Tomás, em Chuquisaca, atual Bolívia uma crítica contundente:

Faz quatro anos que, para se acabar de perder esta terra, descobriu-se uma boca do inferno pela qual entra cada ano grande quantidade de gente, que a cobiça dos espanhóis sacrifica a seu deus, e é uma mina de prata que se chama Potosí (SANTO TOMÁS apud DUSSEI, 1993, p. 53).

Dussel utilizou uma metáfora para refletir a realidade da mina. Chamou a boca da mina de boca de Moloc, uma divindade cananeia que recebia sacrifícios humanos. O funcionamento da mina também seguiu o seu curso sendo abastecida pelas vítimas humanas, os indígenas obrigados à trabalhar nelas sem o direito de recusar o trabalho escravo. O colonizador criou um deus-capital visível e próprio da Civilização Ocidental Cristã, o ouro, a prata e o capital concreto. Na reflexão Dusseliana, a economia foi transformada em sacrifício humano pela colonização. Criou-se o culto ao dinheiro (ouro e prata) como um fetiche que nas religiões antigas foi visto como objeto sagrado.

Não se valorizou o descanso sabático, mas o trabalho até a morte. O trabalho muitas vezes feito até a exaustão, morte súbita pelo cansaço, esgotamento das energias vitais.

O eu colonizo o outro, foi o domínio alienante dos conquistados e que chegam aos dias atuais naqueles e naquelas que são vistos como fracos que são os casos do índio, do negro, da mulher, da criança, do pobre, do homoafetivo, ao homem vencido pela política, pelo idoso, pelo jovem, pela economia capitalista mercantil que continua no eu conquistado moderno e que atualmente suga a vitalidade da vida da ecologia, da vida humana. A vontade de conquista continua a barbarizar o planeta inibindo de qualquer reação que provoca libertação e por isso, a explora. É o processo, progresso, desenvolvimento fechado num sistema ambíguo da civilização que é a modernização. Em nome da modernidade, da conquista e destruição as ações são irracionais e a racionalidade, que antes era tão valorizada, expressa, agora se encobre pelas violências mais diversas chegando a sacrificar do outro pelo capitalismo, o lucro. O relato mítico citado acima por Dussel, entrelaça com o que veremos agora.

1.3 Crítica do Mito da Modernidade

A centralidade do texto está na afirmação: “Colonização é boa para todos” (Sepúlveda apud DUSSEL, 1993). Também é útil e bom para o dominado, conquistado e vencido”. Dussel viu nesta colocação o mito da Modernidade. A cultura europeia foi definida como superior, mais desenvolvida. No outro lado estava a cultura determinada como inferior e se justificou, então, como rude, bárbara, e sempre sujeito de uma imaturidade culpável. A dominação foi imposta sobre o outro como emancipação. Ele foi bom para o bárbaro que utilizou uma civilização desenvolvimentista e moderna válido somente para as suas categorias eurocêntricas de modernidade. Foi nisto que se fundamentou o mito da Modernidade, transformou a vítima inocente (índio) como culpável de sua própria situação e tornando-o no sujeito moderno do falso inocente (europeu) pela atitude sacrificial do indígena. O custo da modernização está no sofrimento do conquistado que fora sacrificado:

A primeira razão é que, sendo por natureza servos os homens bárbaros, incultos e inumanos, se negam a admitir o império dos que são mais prudentes, poderosos e perfeitos do que eles; império que lhes traria grandíssimas utilidades, sendo além disso coisa justa por direito natural, que a matéria obedeça à forma, o corpo à alma, o

apetite à razão, os brutos ao homem, a mulher ao marido, o imperfeito ao perfeito, o pior ao melhor, para o bem de todos (SEPÚLVEDA apud DUSSEL, 1993, p. 75).

Segundo Dussel, as ideias de Sepúlveda se fundamentaram naquilo que Aristóteles pensava. No que Agostinho também defendeu e Tomás de Aquino refletiu sobre a mulher como submissa ao homem. No helenismo, por enfatizar somente pensadores gregos para refletir, pensar, ensinar e organizar um país com a forma de política grega e do eurocentrismo, se tornou fundamento para a filosofia e se originou-se no pensamento da Europa.

Sua tradição ganhou conteúdo desde a Idade Média com ideia fixa, rígida, abusiva, violenta, bárbara e inflexível diante das outras visões e compreensões do mundo e da vida. Para eles o justo, o direito natural e a verdade estão com o conquistador. É o que disse Parmênides no ser e não-ser. O ser é o grego e não-ser é o que não estava fora da política grega. No Brasil, o pensador Zimmermann (1986), fez um paralelo no seu livro enfatizando a América Latina como o não-ser, o não reconhecido como humano. A maneira de ver o mundo e a modernidade ainda são de quem exercem o domínio, que é a visão do invasor.

O dualismo ontológico tirou a originalidade, a maneira de se reunir pelo social e organizar-se pelo político. Na crença de Sepúlveda, a sua ideia excludente não refletiu a violência que isso causa entre os povos. A violência foi o abismo entre o dominador versus dominado que Sepúlveda justificou e normalizou. No dualismo, há uma disparidade de valores. No dualismo, não há dignidade, liberdade e personalidade, mas desigualdade humana, social, política, jurídica, ética, cultural, religiosa, ecológica, econômica e moderna. O mito moderno foi inventado no momento em que os europeus começaram com as suas viagens marítimas e ao conhecerem outros povos impuseram pela conquista e colonização o seu modelo de organizar as sociedades autóctones. Nesta prática, mantiveram-se numa sociedade de desiguais ainda na atualidade. Esta estrutura se manteve na sociedade greco-romana que esquematizou a conquista e a colonização. Uns estão ou permanecem sempre superiores dos demais fundamentando-se em suas falácias. Mandam, governam, impõem, estabelecem e denominam mais x menos; humano x desumano; homem x mulher; divino x ser humano; moral x amoral; ética x antiético; europeu x outro; civilizado x bárbaro. Estas questões fizeram e fazem parte do mito da modernidade.

Dussel apresentou três posições que aconteceram no percurso da história para mostrar como que o outro deve ser incluído na comunidade de comunicação e a civilização, quer dizer, toda questão de justificação ou de violência, a conquista civilizadora no século XVI foi questionada: 1). A modernidade como emancipação (Ginés de Sepúlveda); 2). A Modernidade como utopia (Gerônimo de Mendieta) e 3). A crítica do mito da Modernidade, ainda do ponto de vista europeu (Bartolomé de las Casas).

1.3.1 A modernidade como emancipação (Ginés de Sepúlveda)

O argumento de Ginés de Sepúlveda foi de um pensador moderno e de um grande humanista espanhol. A sua reflexão está enraizada na ideia eurocêntrica. A sua visão não foi inclusiva e mesmo sendo humanista não trata o outro, o índio humano. Ele foi um dos defensores da utilização da guerra justa para conquistar e impôr aos conquistados na nova civilização, segundo ele, a europeia. Ele disse que o modo de vida urbano e as construções arquitetônicas, causaram surpresas nos conquistadores, mesmo a dos astecas e dos incas, não foi razão de dizer que são povos civilizados. A compreensão de Sepúlveda foi esta:

Veja, porém, quanto se enganam e quanto discordo de semelhante opinião, vendo ao contrário nestas mesmas instituições uma prova da rudeza, barbárie e inata servidão destes homens. Porque o fato de ter casas e algum modo racional e alguma espécie de comércio é coisa que a própria necessidade natural induz, e serve somente para provar que não são ursos, nem macacos e que não carecem totalmente de razão (SEPÚLVEDA apud DUSSEL, 1993, p. 76).

O questionamento que Dussel fez a partir do conceito de Modernidade foi que a política não transformou-se numa república onde pudesse estabelecer que ninguém perdesse a sua individualidade, nem casa, nem campo que possa produzir ou deixar a seus herdeiros. Na reflexão e pensamento político de Dussel, tomamos conhecimento de que a república foi saqueada pelo Estado imperial ou monárquico. As terras pertenciam aos senhores que sob um nome impróprio o chamavam de donos, inventado pelas leis para saciar as suas vontades e caprichos de soberanos, enquanto isso, o povo perdeu a liberdade, a humanidade e a dignidade ao serem submetidos à escravidão. Eles fizeram tudo isso pelas armas que os oprimem e ação voluntária, espontânea contra os conquistados. Estes são os sinais dos sistemas

servis e dos abatidos pelos bárbaros, incultos e inumanos, assim os conquistados eram tratados pelos espanhóis. Esta foi uma visão que Dussel trouxe para a reflexão apresentando a concepção que os eurocêntricos tinham dos índios, dos habitantes da América Latina desde a compreensão de Sepúlveda.

Com estas palavras, Sepúlveda justificou a conquista e a colonização. Nela, ele descreveu os fundamentos da barbárie. A ideia eurocêntrica da conquista na realidade, foi uma ação de emancipação. Este ato permite ao bárbaro sair da imaturidade e de sua barbárie.

Dussel, na sua reflexão passou do conceito de modernidade para o mito da modernidade. Mito que deu sentido a emancipação da razão moderna da civilização europeia. O seu sentido de modernidade a partir de instrumentos, tecnologias, estruturas sociais, práticas políticas, economia subdesenvolvida e a prática da subjetividade dos povos conquistados. A modernidade escondeu, encobriu o outro pela dominação e violência porque destruiu suas expressões culturais. A causa do sofrimento produzido no outro foi justificável pela ideia de que estava salvando o índio de sua inocência e por serem vítimas de suas bárbaras culturas. O eurocentrismo justificou e encobriu a sua barbarização ao outro na sua totalidade.

No mito da modernidade, Dussel apresentou cinco pontos do argumento de Sepúlveda que se fundamentou nas premissas, conclusões e corolários:

1. A cultura europeia é a mais desenvolvida. É uma civilização superior as demais culturas. A premissa está no eurocentrismo.

2. As culturas saem da sua barbárie e subdesenvolvimento pelo processo civilizador, a conclusão é o progresso, o desenvolvimento e um bem para elas mesmas. É um processo que leva a emancipação e modernização.

3. O primeiro corolário, a dominação da Europa sobre as outras culturas como ação pedagógica. É uma violência necessária (guerra justa) justificada pela ação civilizatória e modernizadora. Neste progresso também se justifica os possíveis sofrimentos e padecimentos que poderão aparecer aos membros destas culturas, pois são os custos necessários para o processo de civilização e o pagamento da imaturidade culpável.

4. No segundo corolário, o conquistador, o europeu é inocente e tem o mérito porque exerce uma ação pedagógica e violência necessária.

5. No terceiro corolário, as vítimas que foram conquistadas são culpadas de sua própria conquista, da violência que sofrem e de sua vitimação. Ela poderia ter

saído de sua barbárie de maneira voluntária, sem a obrigação e a força dos conquistadores. São ainda tratados de duplamente culpados e irracionais quando se rebelam contra ação emancipadora-conquistadora.

Dussel disse que a realização do conceito de Modernidade exigiu uma superação que o chamou de projeto de Transmodernidade que foi a inclusão da alteridade ocultada. Devolveu a dignidade e identidade das outras culturas, do Outro que havia sido encoberto. Para isso será preciso superar a premissa maior, o eurocentrismo. O mito da modernidade, segundo Dussel, deve ser desconstruído para ser superado.

O mito da Modernidade foi uma enorme inversão. Transformou a vítima culpada e o culpado passou a ser inocente. O raciocínio de Sepúlveda considerado humanista e moderno, caiu no irracionalismo, como a modernidade que justificou a violência no lugar da argumentação da inclusão do outro na comunidade da comunicação. Tudo isso estava fundamentado num texto bíblico do Novo Testamento (Lc 14,15-24), que foi a parábola do senhor, que convidou muitos e finalmente obrigou os pobres a entrarem no banquete preparado. Sepúlveda recordou a interpretação de Santo Agostinho à esta parábola:

E, para confirmar este parecer, Santo Agostinho acrescenta: Isto Cristo mostrou com bastante evidência naquela parábola do baquete: os convidados não quiseram vir e o pai de família disse ao servo: vai depressa percorrer as praças e as ruas da cidade e introduz os pobres. Ainda há lugar. E disse o Senhor ao servo: sai pelos caminhos e pelos campos e obriga as pessoas a entrar até que se encha minha casa. Repara como dos primeiros que deviam vir se diz: introduze-os e dos últimos se diz obriga-os, significa assim os dois períodos da Igreja. 'Sepúlveda acrescenta: Sustento que estes bárbaros, portanto, violadores da natureza (quer dizer, culpado), blasfemos e idólatras, não só podem ser convidados, mas também compelidos para que, recebendo o império dos cristãos, ouçam os apóstolos que lhes anunciam o Evangelho (SEPÚLVEDA apud DUSSEL, 1993, p. 79).

Ginés de Sepúlveda utilizou o texto dando um sentido de acordo o seu interesse. Para ele, o uso da violência e da guerra eram de pacificação segundo a convenção eurocêntrica. O processo de inclusão e participação na comunidade da comunicação foi e é violento.

1.3.2 A Modernidade como utopia

Nesta questão se situou uma segunda posição da Modernidade. Foi o pensamento de um missionário franciscano, Gerônimo de Mendieta. Ele fez parte da primeira hora no México e do grupo dos primeiros franciscanos que chegaram ao México em 1524. Eles eram espirituais, joaquinistas e milenaristas. Ele escreveu a obra História Eclesiástica Indiana, fazendo uma analogia com os astecas que viveram o seu tempo de paganismo e de idolatria como os hebreus no Egito, na escravidão do demônio. Ele comparou Fernando Cortês com Moisés que libertou da servidão. Foi por esta razão que os franciscanos ficaram contra Bartolomeu de Las Casas. Então, eles aprovaram que se os indígenas não aceitassem a evangelização, poderiam utilizar a guerra justa. Mendieta usou o mesmo texto bíblico (Lc 14,15-24) que Sepúlveda utilizou para justificar a conquista e a violência.

Mendieta acreditava que havia inaugurado o tempo do fim do mundo, porque à todos os povos havia sido anunciado o evangelho. A Europa tinha traído Jesus Cristo com seus pecados, enquanto os índios, com sua simplicidade e pobreza, pareciam não ter sido tocados pelo pecado original, onde poderia se fundar uma igreja ideal, como nos primeiros tempos, antes de Constantino e como Francisco de Assis sonhara.

As antigas tradições astecas que não se opunham ao cristianismo eram conservadas pelos franciscanos. Os franciscanos falavam as línguas autóctones e conservavam seus costumes. O projeto modernizador partia da exterioridade para organizar a comunidade cristã do Estado espanhol. O projeto franciscano foi no continente, desde São Francisco até o Paraguai. Tinha como essência do projeto modernizado o utópico. Quer dizer, partindo da alteridade do índio, se introduziu o cristianismo, a tecnologia europeia e os modos de polícia (política) urbana.

A contradição interna estava no paternalismo dos franciscanos que era criticado pelos colonos europeus. Segundo Gerônimo de Mendieta, desde 1564, o fracasso do projeto foi porque os colonos espanhóis assumiram o comando das comunidades indígenas. Foi o reino da prata, Cativeiro da Babilônia com o rei Felipe II. A utopia modernizadora foi destruída e imposta ao repartimiento, que foi outro tipo de exploração econômica do indígena, na agrícola e na mineira. Mendieta viu tudo isso como prejudicial como a escravidão do Egito para o indígena.

1.3.3 A crítica do mito da Modernidade, ainda do ponto de vista europeu (Bartolomé de las Casas)

A crítica de Bartolomé de Las Casas superou o sentido da Modernidade como emancipação descobrindo a falsidade do julgamento, que considera o índio sujeito imaturo e culpável, justificando a agressão. Sua oposição a modernidade, assumiu uma outra visão do sentido de emancipador moderno descobrindo a irracionalidade encoberta no mito da culpabilidade do Outro. Las Casas se opôs, anulando a validade do argumento que legitimou a violência, a guerra justa que obrigou o outro a fazer parte dum sistema de opressão, exploração e o excluiu da comunidade de comunicação. Sepúlveda omitiu que a guerra fora irracional e servira como justificativa e argumento de convencimento. Para Las Casas, que defendeu desde o início que fosse racional o diálogo com o Outro este ausente neste encontro de povos e o eurocêntrico, bárbaro, não exitou em violentar o encontrado, o índio.

Las Casas (1567) teve uma compreensão diferente, uma visão de emancipação, não de bestialidade e de barbárie dos indígenas que os demais tiveram. Buscou racionalizar e sensibilizar e não justificar com a irracionalidade e causar violência. Mas o homem eurocêntrico, impôs uma dominação que fora de eliminação aos indígenas. Las Casas comparou a situação atual de servidão, aquilo que havia entre os indígenas que era o paraíso perdido de liberdade e dignidade,

Para Bartolomeu, deve-se procurar “modernizar” o índio sem destruir sua alteridade: assumir a Modernidade sem legitimar seu mito. Modernidade não confrontada com a pré-modernidade ou a antimodernidade, mas como modernização a partir da Alteridade e não a partir de si mesmo do sistema (DUSSEL, 1993, p. 83).

O único modo do argumento racional para convencer o gentio sobre a verdadeira religião, estava na coerência comum a todos os humanos. Foi o princípio universal a partir da autonomia da razão La Casiana.

Dussel mostrou a opinião de Las Casas a favor que a fé cristã, que ela fosse empregada de maneira ordenada sem a obrigação dos pregadores imposta para se crer, mas que houvesse convencimento pelo argumento.

Neste caso, Bartolomeu enfrentou, em sua própria origem, o Mito da Modernidade. A Modernidade como mito, justificou a violência civilizadora do século

XVI e a razão de pregar o cristianismo foi para propagar a totalidade duma religião dominante impositiva e inquisitiva.

Dussel apresentou os males da guerra que Las Casas enfatizou:

Violência e as graves perturbações; escândalos, as mortes e as carnificinas; os estragos, as rapinas e os despojos, privar os pais de seus filhos e os filhos de seus pais; os cativeiros, o fato de tirar dos reis e senhores naturais seus estados e domínios; a devastação e a desolação das cidades, vilas e povoados inumeráveis. E todos estes males enchem os reinos, as regiões e as aldeias de copioso pranto, de gemidos, de tristes lamentos e de toda espécie de ltuosas calamidades (LAS CASAS apud DUSSEL, 1993, p. 84).

Bartolomeu de Las Casas antecipou ao mito da Modernidade quando mostrou que foi o seu projeto, intenção da modernidade utilizar e justificar a violência invertendo uma ação de colonização transformando o indígena em culpado e o vitimador, em inocente.

O sociólogo peruano Aníbal Quijano refletiu criticamente esta perspectiva de modernidade e de racionalidade imaginadas como experiências e produtos exclusivamente europeus. São as divisões dualistas que elencamos pela visão de Dussel que é libertadora, mas Quijano, também conheceu o imaginário eurocêntrico e como que o mito da modernidade passou a ser uma política de conquista em todos os lugares que o homem europeu chegou e impôs a sua racionalidade irracional.

Nessa visão, Quijano sinalizou o ponto de vista, a partir das relações intersubjetivas e culturais entre a Europa, ou, melhor, a Europa Ocidental, e o restante do mundo. Segundo Quijano foram codificadas num jogo inteiro de novas categorias e continuarão dentro da perspectiva do dualismo. O mundo separado pelo viés europeu que supervalorizou a si mesmo e diminuiu o outro que o classificou como inferior, submisso as suas ordens, ao seu conhecimento e as suas leis. Este outro foi jogado à margem da modernidade, da sociedade e dos direitos. Criou um mundo periférico onde a injustiça e a desumanidade foram a prática do extremismo eurocêntrico. Na perspectiva de Quijano, vemos nesta divisão mítica da modernidade como ideal de superioridade que o próprio Dussel havia refletido, questionou e questiona.

Na perspectiva que Quijano apresentou do eurocentrismo que foi uma alternativa para uma visão colonialista persistindo até mesmo na contemporaneidade e que condiz com a ideia de Dussel na filosofia latino-americana. Estas categorias

classificaram e desclassificaram quem o homem eurocêntrico quisesse. Foi pela luta e pelo embate no debate que Las Casas teve com Sepúlveda em pleno século XVI que ele defendeu a humanidade e o direito do indígena. Neste entrelaçamento, o eurocentrismo precisou prevalecer sobre o outro conquistado injustamente. O missionário Mendieta que estava situado neste jogo de interesses, seja pelo ouro ou evangelização, não deixou de ser eurocêntrico e de impôr este ideal sobre o outro.

Tanto Dussel quanto Quijano criticaram este dualismo imposto pela conquista eurocêntrica. O planeta foi dividido, assim como a cultura, a imaginação, o conhecimento, a ciência, os continentes, as pessoas, o antigo, o moderno, etc. Leiamos a citação de Dussel:

Oriente-Occidente, primitivo-civilizado, mágico/mítico científico, irracional-racional, tradicional-moderno. Em suma, Europa e não-Europa. Mesmo assim, a única categoria com a devida honra de ser reconhecida como o Outro da Europa ou Ocidente, foi Oriente. Não os índios da América, tampouco os negros da África. Estes eram simplesmente primitivos. Sob essa codificação das relações entre europeu/não-europeu, raça é, sem dúvida, a categoria básica. Essa perspectiva binária, dualista, de conhecimento, peculiar ao eurocentrismo, impôs-se como mundialmente hegemônica no mesmo fluxo da expansão do domínio colonial da Europa sobre o mundo. Não seria possível explicar de outro modo, satisfatoriamente em todo caso, a elaboração do eurocentrismo como perspectiva hegemônica de conhecimento, da versão eurocêntrica da modernidade e seus dois principais mitos fundacionais: um, a ideia-imagem da história da civilização humana como uma trajetória que parte de um estado de natureza e culmina na Europa. E dois, outorgar sentido às diferenças entre Europa e não-Europa como diferenças de natureza (racial) e não de história do poder. Ambos os mitos podem ser reconhecidos, inequivocamente, no fundamento do evolucionismo e do dualismo, dois dos elementos nucleares do eurocentrismo (LANDER apud DUSSEL, 2005, p. 111).

Bartolomeu conseguiu a elevação de sua consciência. Ficou no lado do outro, dos oprimidos. Ele questionou as premissas da Modernidade e a violência civilizatória. Na sua opinião, se a Europa cristã foi moderna, então deveria levar em conta a cultura do outro, respeitando a alteridade. A razão crítica que Bartolomeu de Las Casas fez, o cínico Felipe II, o enterrou, não deu continuidade. A modernidade que veio depois, atingiu sua crítica na ilustração no século XVIII, no iluminismo, mas ficou nos limites das fronteiras europeias, prisioneira numa prática irracional e violenta incapaz de questionar-se e criticar-se internamente na sua práxis política. Os pensadores iluministas, neste caso, o idealizador Kant, não preocupou-se em criticar e com isso compactuou com a diminuição da pessoa humana indígena e africana. Kant, em pleno

século XXI, ocupou um alto degrau na filosofia e na ética, mas poucos o questionaram na sua escrita e posição racista e agressiva aos africanos. Ele foi um homem do iluminismo, do racionalismo e da ética em escrever nada que pudesse expressar o seu desacordo à conquista, a colonização, a escravidão e a exploração do outro, o africano.

1.4 Uma visão não-eurocêntrica da história: a Ameríndia

A partir daqui, fez-se uma transformação. Entrou-se no espaço antropológico e histórico da pessoa humana e habita a América Latina. Muda-se a pele, e novos olhos. Não são mais a pele e os olhos do ego conquiro que chegaram no ego cogito, a vontade de poder. Não são mais mãos que impunham as armas de ferro e os olhos que veem as caravelas. Esta transformação vem constituída de resistência.

A analogia que Dussel fez da mudança de pele como as cobras, é intencional, é pedagógica e é filosófica. Ele comparou a metáfora semítica da serpente traiçoeira que tentou Adão na Mesopotâmia com a serpente da oposição ao conquistador e a colonização. Dussel também se utilizou do aspecto teológico eurocêntrico para explicar o que significa a colonização ao conquistador que seguiu o cristianismo. Neste contexto a serpente foi manipulada pela força eurocêntrica. Esta é Outra ideia e visão para a compreensão de um mundo diferente. Não é a serpente europeizada. Esta é a serpente emplumada da Divina Dualidade (Quetzalcoatl²), que passou pela mudança para poder crescer e continuar a viver. É a interpelação dusseliana, mudemos de pele para assumir a identidade Latino-americana. A mudança de pele é a transformação da mentalidade para uma outra ação, atitude, prática:

Adotemos a pele do índio, do africano escravo, do mestiço humilhado, do camponês empobrecido, do operário explorado, dos milhões de marginalizados amontoados pelas cidades latino-americanas contemporâneas. Façamos nossos os olhos do povo oprimido, desde os de baixo. Reconstruamos, então as figuras de seu processo (DUSSEL, 1993, p. 90).

² Quetzal é um pássaro de maravilhosa beleza da América Central; suas penas eram sinal de divindade. Coatl é a dualidade, os dois princípios do Universo. Quetzal-Coatl, na realidade representado como serpente pelos astecas, era a suprema divindade, o princípio dual do universo, como veremos.

Dussel fez uma reflexão construtiva da identidade das diversas etnias daqueles que estavam na América Latina e aqueles que chegaram depois, a partir de 1500. Esta miscigenação originou-se num povo múltiplo, que acolheu sua subjetividade, cultura, expressão e corporeidade sem as máscaras que escondem o seu ser. É este outro invisível encoberto pela máscara branca do homem branco. A máscara branca que Frantz Fanon refletiu, criticando o eurocentrismo com o seu método abusivo de embranquecimento pelo olhar da psiquiatria e da filosofia e salientou o quanto que a conquista pela colonização foi violenta. Fanon chamou a atenção do povo para não se iludir e numa crítica construtiva possa descolonizar-se da maneira de ver-se, no ser e no existir. Que possa des-europeizar-se como práxis de libertação tirando a máscara que o impuseram para esconder de quem verdadeiramente é. A máscara que o impediu de ser e de viver livre sem o eurocentrismo é tirada pela descolonização libertadora.

Esta crítica reflexiva e criativa de Dussel foi um projeto de des-truição de uma história contada e escrita a partir do conquistado e colonizador. Nesta história, impôs para todos os povos Latino-americanos uma única cor de pele, a branca, uma única história e filosofia, a eurocêntrica. Os Livros Didáticos de filosofia, do PNLD, não citaram um só argumento possibilitando aos alunos uma reflexão ampla da história e da filosofia latino-americana. Nem se ouve falar, cogitar e propor uma outra ideia e visão das cores corporais dos corpos das pessoas que habitam a América Latina. O eurocentrismo impôs a máscara, a maquiagem ou até mesmo uma plástica facial branca criada pela ciência moderna eurocêntrica. A ausência de questionamentos sobre o embranquecimento na América Latina repercutem nos seus países colonizados atualmente. No caso da Argentina e do Uruguai, duas nações Latino-americanas com o índice de negros baixos e juntamente com a região Sul do Brasil. O professor e o aluno são subsumidos ao uso das máscaras brancas sem questionar-se porque as utilizam na ausência de reflexão crítica destrutiva de um sistema racista. Dussel foi e é radical na sua crítica. Ele elaborou uma teoria e prática destrutiva do que foi imposto pela colonização para construir um pensamento latino-americano de superação do eurocentrismo. Dussel percebeu esta realidade a partir do outro, o não argentino branco. Ele saiu de seu país para encontrar outros povos e começou a cambiar a sua mentalidade e prática filosófica. Dussel saiu de seu país e continente, passou, estabeleceu, pesquisou, estudou, desaprendeu, aprendeu, criticou, questionou, protestou, reaprendeu e escreveu a Filosofia da Libertação da América

Latina. A sua teoria é Ameríndia e sua prática, de descolonização, libertação e reconstrução de sua história e filosofia. Agora, veremos a história pela perspectiva latino-americana que Hegel não abordou.

1.4.1 Do Oeste para o Leste: a Ameríndia na História Mundial

Dussel apresentou as ideias que afirmaram que a América Latina fez parte da história mundial. A questão recorreu a arqueologia na reconstrução histórica como proposta da história construída pela história eurocêntrica.

A história mundial dos povos e etnias indígenas não entraram no descobrimento da América Latina. O seu lugar na história deveu-se ao seu ser racional e historicamente encontrado. Dussel retornou à história até o período da revolução neolítica, quando se criou a agricultura e organizou a cidade. Este momento foi localizado e estudado no tempo e no espaço, e com esta perspectiva teremos outra visão daquela que fora proposta por Hegel. Esta revolução situou-se no Oeste, na Mesopotâmia, depois no Egito sem contatos com o Leste. No Leste estão a Ásia, China e o Oceano Pacífico, na época do mesoamericano que alcança os maias, astecas e nos Andes do Sul, os incas. Para Dussel, esta proposta foi de inclusão da América Latina na História mundial, juntamente com a África Buntu e a Ásia. Foi uma ousadia de Dussel que serviu de reconstituição da história da América Latina e a África que Hegel ocultou na sua história mundial.

A região mesopotâmica abarcou a suméria, acádica, babilônica, etc e neste lugar, surgiu um núcleo de alta cultura neolítica. No IV milênio a. C. já existiam várias cidades. As mais conhecidas são Ur, Eridu, Erec, Larsa, etc. Mais ou menos à 4000 a. C. este lugar do planeta terra, semi-árido, que nas margens do mar Mediterrâneo já estava quase todo povoado pelas comunidades.

Nesta cultura que nasceu Sumer e seu magnífico, esplêndido templo num jardim e na forma de pirâmide com escadas. O Ziggurat de Ur foi construído em honra de Nanar, a Lua. Nela está uma semelhança grande com a “Calzada de los Muertos de Teotihuacan em México”. Em Nippur, honrava Enlil de onde se deu um centro ao universo Céu-Terra-Hades e a ligação era a montanha mítica. Esta visão mitológico-ritual supunha um altíssimo grau de racionalização e Dussel que também utilizou nas suas reflexões filosóficas esta compreensão de mundo e de pessoa humana. Esta visão semítica e não se encontra nos Livros Didáticos. Foi o encobrimento do outro e

de toda a sua história que continua quando se utiliza no ensino e na reflexão somente as ideias gregas e europeias. O ensino de filosofia, somente pela visão eurocêntrica, encobriu as outras maneiras de se conceber o mundo ou o mundo da vida existencial que são todas as coisas que as pessoas humanas necessitam para viver e conviver.

Os semitas são um povo que nasceu desta rama Suméria. Os mitos se compõem na criticidade da racionalidade onde se originou a linguagem humana com seu discurso simbólico. Suas representações e expressões contribuíram no desenvolvimento da razão, racionalização e vivência de um povo, incluindo o Semita.

Da Mesopotâmia ao Império inca, teremos o mundo racional do mito nas civilizações urbanas. Um dos relatos que mesclaram o mito e o racional foi o Código de Hamurabi (1728 – 1686), que expressou o princípio ético de universalidade racional em que Dussel escreveu no livro 1492 o encobrimento do outro (1993, p. 93): *“Aqueles a quem governei em paz, eu os defendi com sabedoria, de modo que o forte não oprimisse o fraco e se fizesse justiça ao órfão e à viúva”*.

O Egito nasceu nas margens do rio Nilo onde surgiu no centro da cultura bantu, de onde nasceram os mitos de origem. No final do IV milênio a. C., o Reino do Sul, região bantu, africano, negro, venceu ao Servidor de Hórus do Norte. A prática ética destacou uma cultura que impressiona mesmo na atualidade, mas que se encontra encoberta. Dussel citou o Livro dos Mortos (1993, p.93) *“Dei o pão ao faminto, água ao que tinha sede, roupa ao nu e uma barca ao náufrago; aos deuses, oferendas e libações... Espíritos divinos, livrai-me, protegei-me, não me acuseis perante a grande divindade Osíris!”*

Dussel, seguindo o pensamento mesopotâmico semítica falou da carne, que não é o corpo e nem a alma, que morre e ressuscita. Esta é uma linguagem que elevou a racionalização mítica, mostrou que esta carne foi constituída de um valor absoluto. Foi neste viés ético que se deu o pão, água, roupa e a barca. A barca, segundo Dussel pode servir de casa para se proteger do calor e clima do Egito, mas também é utilizável para o trabalho e o transporte.

Na região Leste, próximo ao vale do Indo, nasceram culturas com muralhas que são de 2500 a. C. junto as cidades de Amri, Canhu-Daro, Jhangar, Jhunkar e Nal eram constituídas de ruas com oito metros de largura. Provavelmente o sânscrito foi a língua utilizada pelo comercial. É o período do Rig-Veda, e a substituição da experiência primitiva pela superposição das classes dominantes, originando as classes. É no tempo de Buda que ele apareceu como crítica a religião de castas e iniciará com as

primeiras comunidades de monges. No tempo eixo, Confúcio expressou a sua sabedoria. E o Tao te King de Lao Tse, levou a pessoa humana a uma compreensão de si mesmo, a calma, o princípio da paz de si mesmo, as penas e os temores que não se preocupam com o gozo da longa vida com coisas fúteis ou inúteis.

Dussel, ao refletir o Tao, disse:

O Tao é o absoluto. Uma moral da ordem do Tao, a Totalidade, imperará por séculos. Os chineses, com sua navegação experimentada, certamente chegaram até as costas orientais da África, mas parece que também às costas ocidentais da América. Não será a antiga Catigara do Mapa de Martellus de 1487, que navegantes árabes e chineses tinham comunicado aos portugueses, a cidade Chan Chan pré-inca da costa do Peru? De qualquer maneira, a história do neolítico nos levou, em sua rota de direção ao Oriente, até às costas do Oceano Pacífico. Mas nosso caminho não terminou... apenas o começamos” (DUSSEL, 1993, p. 94).

1.4.2 O Oceano Pacífico e o Cemanáhuac, Abia Yala, Tahuantisuyo

Desta reflexão, Dussel propôs uma nova visão da História Mundial, que se valorizou as outras Histórias como as contadas na América Latina e África pela Tradição Oral e na Ásia. Estas histórias não são imaturas e ausentes de sentido e racionalidade, mas são reflexões que contribuíram no desenvolvimento da Humanidade. Neste pensamento crítico do eurocentrismo, vamos incluindo os povos ameríndios ao Oriente do Pacífico. Os povos do Extremo-Oriente do Oriente eram asiáticos por suas etnias, línguas e culturas terem se originado em uma mesma raiz genealógica. O próprio Colombo morreu acreditando que estava na Ásia e somente Américo Vespúcio deu conta de que era um Novo Mundo.

Até o momento o ensino de História e de Filosofia nos Colégios e Universidades não tomaram consciência cotidiana deste ensinamento que estão encobertos. A Ameríndia e o Extremo-Oriente da Ásia ainda estão fora da realidade.

A afirmação de que os europeus são os promotores do descobrimento da América, excluem os Ameríndios da História Mundial. Dussel fez um deslocamento conceitual que foi local. Ele disse que o lugar foi o outro e o descobrimento passou a ser interpretado não somente como encobrimento, mas invasão genocida.

São muitas as regiões de contato de culturas que formaram os pilares de visões que se entrelaçaram como a Mesopotâmia, Vale do Indo, Vale do Rio Amarelo, Meso-

américa e a zona Inca. Neste contexto se localiza o Mediterrâneo Oriental. Nas relações entre as culturas o continente euroasiático serviu-se de caminho para migração da Ásia central. Neste cenário está a Mongólia, cujo povo domesticavam o cavalo, no IV milénio a. C. tendo no meio o deserto Gobi, depois passou pelo Turquestão Oriental ou chinês, ligando com o Ocidental russo, e, no Sul, pelo Irã e, no Oeste, pelas estepes aproximou-se com o Mar Negro à Europa. Nesta grande região cruzaram as caravanas pelo caminho da seda, tornando a chave de toda história do continente euroasiático até o século XVI.

Nestas áreas apareceram as invasões de cavaleiros com armas de ferro, desde os hititas ou hicsos, os aqueus ou dórios até os jônios, e depois os persas e os germanos. E foi neste momento que os turcos dominaram estas regiões onde tinham estado presentes desde 760 a. C. em que os europeus chegaram somente no final do século XV d. C. pelo Atlântico e entraram em contato com o Oceano Índico separados pelo cerco muçulmano:

Muitos milênios antes, numa época interglacial, uns 50.000 anos a. C., segundo as últimas medições, caminhando através do estreito de Behring, pelo vale de Anadir e o rio Yukon, passaram numerosas migrações asiáticas, descobrindo estas terras, e começando assim nossa proto-história. Fugiram da Ásia pressionados pela expansão demográfica do Gobi ou Sibéria. Os que vieram por último, que ficaram entre os dois continentes, são os esquimós, de raças australóides, tasmanóide, melonesóide, proto-indonésio, pronto-indonésio, mongoloide e malaio-polinésios. O ameríndio, então, é asiático e habitante originário das costas ocidentais do Pacífico (DUSSEL, 1993, p. 96).

Esta visão foi para situar a América Latina na História Mundial.

Adentrando mais nestas culturas citadas acima, veremos as semelhanças entre os polinésios e os ameríndios. Dussel fez os paralelos dos objetos que estes povos utilizavam na agricultura mostrando a taccla ou pá peruana idêntica nos detalhes mais peculiares à taccla da Nova Zelândia. Na região sul do Chile bebe a Kava, que foi uma bebida nacional da polinésia, até o nome foi o mesmo e o modo de fazer, mascando as raízes para fermentar são semelhantes. O ato de mostrar a língua que foi uma atitude sagrada trouxe o mesmo sentido religioso por todo o Pacífico, na Índia, nas estátuas ciclópeas da Ilha de Páscoa e no povo asteca, com a divindade Huitzilopochtli que na sua imagem está mostrando a língua. Atualmente esta imagem está no Museu de Antropologia do México.

Dussel ao mostrar uma nova visão da história apresentou uma outra perspectiva histórica filosófica. Todas estas questões nos permitem afirmar que o centro da cultura da proto-história ameríndia foi o Pacífico. Para Dussel, o homem americano procedeu na Ásia e foi quem descobriu este lugar. Aos poucos foram se originando nos povos autóctones como Cemanáhuac dos astecas, o Abia Yala dos kunas do Panamá, o Tahuantisuyo dos incas e mostrou que este continente já estava humanizado quando Colombo chegou.

1.4.3 O tekoha ou mundo de um povo autóctone americano

Os povos ameríndios, segundo Dussel foram descendo desde Ásia num tempo de 50 mil anos, passaram pelo Alaska, os Vales, Grandes Lagos, pelo Mississípi-Missúri, a Flórida, o Caribe, as Ilhas Antilhas, o Orinoco, o Amazonas e o Rio da Prata. Dussel sintetizou dizendo de Chicago à Buenos Aires. Os povos vão habitando os lugares depois de cruzarem pelas montanhas rochosas para Sierra Madre Oriental ou Ocidental no México como caminho que colaborou com a concentração demográfica, na direção aos Andes colombianos, peruanos e até Terra de Fogo.

As culturas que foram disseminando nestas novas regiões por raças, línguas religiões se assemelham com as Asiáticas. Neste quesito, Dussel discorreu a partir do reconhecimento de uma grande divindade urânica mítica, dual. A esta divindade se chamou de Grande Mãe ou Grande Pai, os Irmãos ou Irmãs gêmeas, os princípios da dualidade. Há uma aproximação parental imensa em todo o continente. Todas estas questões, como diz Dussel, são sugestões para inserir os povos ameríndios na História Mundial:

Houve três graus, em nossa interpretação, de desenvolvimento cultural dos povos americanos na proto-história do continente. Num primeiro grau, no caso dos clãs e tribos de pescadores, caçadores e coletores nômades do Sul e do Norte. Num segundo grau, os plantadores com aldeias de clãs, tribos e confederação de tribos (pré-urbanos), duas culturas das Cordilheiras ao Sul e Sudeste do império inca, até os amazônicos (tupis-guaranis e aruaques), caribes, e as culturas do Sudeste, das pradarias e do Sudoeste do atual Estados Unidos. Num terceiro grau a 'América Nuclear' ou urbana, desde Meso-América (dos maias e astecas do México e Guatemala) até os Chibchas da Colômbia e a área do império inca do Equador ao Chile e Argentina. Imenso mundo cultural que ocupava todo o continente, que havia descoberto rios, montanhas, vales, pradarias; que lhes pusera nomes que os tinha incorporado em seu mundo da vida

(Lebenswelt) com um sentido humano pleno. Isto não era um vazio incivilizado e bárbaro: era um pleno de humanização, história, sentido (DUSSEL, 1993, p. 100).

O olhar de Dussel aos povos e suas culturas que habitaram as selvas do Amazonas até Paraguai são os Tupis-Guaranis. Os europeus os viam como desprovidos de desenvolvimento e que pareciam a bárbaros, num sentido mais primitivo, de acordo aquilo que o José de Acosta disse sobre o Outro, o índio, enfatizou Dussel. Este outro foi totalmente encoberto pela invenção do descobrimento a partir de 1492 que foi diacrônico e metafórico.

O mundo destes povos não se diferiu do desenvolvimento humano, muito moderno se entrar na experiência cultural, assim como expressou o grande canto Ayvu Rapyta como o núcleo ou centro que gerou o seu mundo, seu mundo de vida (Lebenswelt) o seguinte:

O verdadeiro Pai Ramandu, o Primeiro,
de uma parte de seu ser-de-céu,
da sabedoria contida em seu ser-de-céu
com seu saber que vai se abrindo-em-flor,
fez com que fossem geradas chamas e tênue neblina.
Tendo se incorporado e erguido como homem,
da sabedoria contida em seu ser-de-céu,
com seu saber que se abre-em-flor
conheceu para si mesmo a fundamental palavra futura...
e fez com que fizesse parte de seu próprio ser-de-céu...
Isto fez Namandu, o pai verdadeiro, o primeiro (DUSSEL, 1993, p.101).

O povo guarani fez de sua existência um culto místico, racional e da palavra: palavra como divindade, palavra como núcleo inicial da pessoa, como porção divina por participação; palavra-alma como a essência do ser humano; palavra que se descobriu no sonho, que se interpretou no canto ritual que se festeja. A vida de um guarani começava ou começou quando lhe foi imposto um nome, na origem da vida onde na realidade a biografia se desenvolveu na palavra: foi o que manteve em pé, o fluir do dizer. Esta crença firme de que a existência humana se fundamenta e fica em pé a partir da palavra eterna do Pai Nhamandu, que se expressa quando se nasce (quando se abre-em-flor, quando é criado), e que guia o modo de ser de cada guarani: o teko (o bem viver).

A morada na terra que o guarani preparou conhecido como o lugar que se abriu na selva e para fazer a sua aldeia, praticar ou cultivar a agricultura e viver

humanamente. Foi neste lugar que desenvolveu a sua palavra fundamental que misteriosa e oculta desde a origem no Primeiro Pai que se abre-em-flor, criador.

A palavra foi sempre comunitária e econômica, num sistema de total reciprocidade que se expressava nas festividades de onde emergiu e transmitia a palavra encarnada nas suas festas:

A festa guarani não é só uma cerimônia, é também a metáfora concreta de uma economia de reciprocidade vivida... O intercâmbio de bens, sejam de consumo e de uso, é regido por princípios de distribuição igualitária, segundo os quais a obrigação de dar se supõe a obrigação de receber, e receber se torna, por sua vez, obrigação de dar. Por isso o intercâmbio é de fato um diálogo social, mediante o qual o que mais circula é o prestígio de quem sabe dar e a alegria de quem sabe receber, segundo o modelo dos Primeiros Pais e Primeiras Mães que já na origem convidavam e eram convidados (DUSSEL, 1993, p. 102).

Foi na festa, o lugar que palavra era inspirada nos sonhos, com relatos longos e míticos. O improvisado e a dança faziam parte do ritual que acontecia na comunidade com ritmo e música de grande beleza durante vários dias e com ligação a reciprocidade econômica: quem participou do banquete se obrigou a convidar e participar de sua produção.

Os guaranis não eram povos sedentários, mas de migração, de movimento pela selva. Eles se estabeleciam pouco tempo em cada lugar abrindo as suas aldeias. Estavam sempre buscando uma nova produção agrícola. Toda existência de celebração da palavra estava em chegar à terra sem mal.

A expressão guarani, Yvy marane'y foi traduzida para terra sem mal. Esse nome era dado a terra ou solo intacto, mato que ainda não tinha tirado troco e manuseado. É uma terra onde não há inimigos para expulsar, e nem precisará trabalhar para comer; é uma terra de reciprocidade perfeita onde se canta, dança, vive e profere a palavra fundamental eternamente.

A história do guarani é a história de sua palavra. Por isso que o guarani diz que a palavra é a alma e a alma é a palavra (palavra-alma e alma-palavra). A palavra Ihe é acrescentada pelo nome, a palavra que se escuta, a palavra que ele dirá, cantará, rezará, a palavra que em sua morte ainda é a palavra que foi: ayvukue.

Dussel concluiu a reflexão da sexta conferência interpelando este giro global da história e da filosofia. Este giro, conhecido na América Latina por giro decolonial e que podemos dizer ou chamar de giro descolonizador descobre uma outra visão de

mundo e de existir. A interpelação final de Dussel foi a estranheza que seria se fosse dizer todas estas questões ao colonizador do Rio da Prata e aos generosos jesuítas, que aqueles indígenas, bárbaros, eram grandes cultores, da palavra eterna, sagrada histórica, no meio das selvas tropicais. Para dialogar com eles faltou conhecer melhor o seu mundo, a partir de sua tekoha tão bela, tão profunda, tão racional, tão ecológica, tão desenvolvida e tão humana.

Historicamente, infelizmente, tudo ficou encoberto desde os tempos do dito descobrimento da América Latina pelos europeus. Aquele mitco 1492 foi sendo diacronicamente projetado sobre todo o continente com um manto de esquecimento, de barbarização, de modernização e de desumanização. Cabe, a nós latino-americanos conhecer melhor a obra 1492, o encobrimento do outro. Desvendar o eurocentrismo que muitas vezes nos impediu e impede de visualizar a nossa própria história, de ter outra visão do mundo da vida e da nossa maneira de conceber nossa cosmologia. E Dussel citou uma variedade de exemplos de outros povos que nem sabíamos da existência pelo desconhecimento porque os materiais didáticos continuam com o encobrimento. O povo guarani foi para indicar a questão discutida, assim, como a filosofia dos Nahuatl³, do México. Enfim, a reflexão dusseliana na filosofia latina americana foi e é uma maneira de viver com uma visão que seja nossa, sem que o eurocentrismo determine as suas teorias e assumir a libertação de pensar e de refletir. A teoria da práxis de Dussel, que é a filosofia da libertação da América Latina, contribuiu com o latino-americano neste processo de libertação no pensar possibilitando a criticidade e uma reflexão condizente. A filosofia da libertação deu voz a palavra dos povos latinos-americanos que viviam encobertos pelo eurocentrismo colonizador. No segundo capítulo, ao analisarmos os três Livros Didáticos faremos as contribuições críticas, que nos ajudarão a conhecer como que a filosofia continua a filosofar pela visão eurocêntrica colonialista e como podemos ser sujeitos protagonistas de libertação.

³ Filosofia Nahuatl, do antropólogo mexicano Miguel León-Portilla. O seu livro *La Filosofía Náhuatl*. Náhuatl é uma língua do México Central que pertence à família linguística asteca-taoana.

CAPÍTULO II - REPENSAR O ENSINO DE FILOSOFIA PROPOSTO NOS LIVROS DIDÁTICOS

Os Livros Didáticos de filosofia continuam no processo de encobrimento do outro e na universalização do ensino filosófico eurocêntrico. A filosofia latino-americana apresentou uma outra reflexão para a tradição da filosofia ensinada, pois repensou o que o colonizador e a colonização impôs como pensamento único. Ela questionou a colonialidade que deu continuidade da conquista e da universalização do pensamento filosófico Cartesiano, vertical. Descartes, partiu do pensamento eurocêntrico que foi o *'penso, logo existo'*. O pensamento Cartesiano está nos Livros Didáticos como o divisor de dois períodos: o medieval e o moderno. Na crítica que Dussel fez ao cogito, conhecemos como que a colonização atual, colonialidade que preserva o encobrimento das outras visões da modernidade por meio de um ensinamento que veio do conquireiro. Não dialogou com as culturas filosóficas dos povos da América Latina, da África e da Ásia. Foi o monólogo eurocêntrico que se impôs e eliminou as outras expressões de ver, de ser, de pensar, de conviver e de praticar na comunidade. Enquanto no eurocentrismo a razão e a racionalidade se concentraram no cérebro e a cognição localizando-se na memória. Para o indígena e o africano todo conhecimento foi encarnado e incorporado e o pensamento faz parte da autonomia do corpo e se expressando pelo corpo inteiro, se corporificando e se refletindo na corporeidade e na carnalidade.

O objetivo do segundo capítulo está na demonstração do que foi analisado, estudado, refletido, pensado e escrito a partir dos três Livros Didáticos escolhidos comparando-os entre si da ausência de outras visões filosóficas que se repetem neles.

Neste caso, a Filosofia Latino-americana encontra-se ausente na bibliografia e no pensamento reflexivo que existem na América Latina. Os alunos, continuam sem outra visão de modernidade, de filosofia, de existência, de mundo, de pessoa humana, de fenomenologia e de pensamento. Neste caso, o eurocentrismo foi predominante e determinante na construção de uma falsa reflexão fundada no mito da modernidade e na falácia desenvolvimentista que não condiz com a realidade latino-americana. Os povos da América Latina, que são as múltiplas etnias e realidades na qual cada uma vive e se representa, temos que conhecer suas histórias, seus mitos, suas sociedades, suas filosofias, suas reflexões e pensamentos. Não dá mais para fundamentarmos nossa existência e o nosso pensamento pela visão do colonizador.

Seguir a visão do colonizador no lugar da sua é se autocolonizar e encobrir todo o seu mundo da vida. A filosofia da libertação é para desvendar, descobrir, descolonizar e humanizar construindo as sociedades a partir dos conhecimentos das próprias etnias e livres.

2.1 O primeiro Livro Didático

Iniciação à Filosofia da filósofa Marilena Chaui, de 2010 foi o primeiro material didático a ser analisado nesta pesquisa. A parte do livro escolhida está na Unidade XII – A Política, no Capítulo 32, páginas 321 – 335, com a temática A Vida Política (Chaui, p. 321, 2010).

Quando se afirma que os gregos e romanos inventaram a política, não se quer dizer que, antes deles, não existiam o poder e a autoridade, mas que inventaram o poder e a autoridade políticos propriamente ditos, ou seja, que desfizeram as características que havia anteriormente, de poder despótico ou patriarcal exercido pelo chefe de família sobre um conjunto de famílias a ele ligadas por laços de dependência econômica e militar, por alianças matrimoniais, numa relação pessoal em que o chefe garantia proteção e os súditos ofereciam lealdade e obediência (CHAUI, 2010, p. 321).

Segundo Chaui ao afirmar que os gregos e romanos inventaram a política, não quer dizer que, antes deles não existiam o poder e a autoridade. Nós, neste trabalho dissertativo, questionamos a origem do poder, da autoridade e da política enquanto lugar geográfico, epistemológico e de elaboração conceitual filosófico. A Antropologia cultural, social e filosófica pode contribuir na compreensão das etnias encobertas. Dussel, escreveu várias obras que contribuíram na ampliação de como que outros povos se organizaram politicamente as suas sociedades, povos muito antes dos gregos e dos romanos. Segundo Dussel, na política da libertação e história mundial e crítica, na economia política e nas teses sobre política encontramos as teorias necessários para desde nossa realidade latino-americana pensarmos e refletirmos a situação em que vivemos a partir das transformações desde dentro e não da totalidade eurocêntrica.

Existem três aspectos comuns para a invenção da política. O primeiro é a forma da propriedade da terra; o segundo, o fenômeno da urbanização e o terceiro, o modo de divisão territorial das cidades. Faltou desenvolver um argumento em que a cultura é relevante e como influência na criação da política, do poder e da autoridade. Muitos

países, do Hemisfério do Norte divinizaram seus governantes e governos para submeter o povo a sua absoluta pessoa, lei, posse e decisão.

A propriedade da terra não pertencia a aldeia e nem ao rei, e sim as famílias independentes e um era o chefe, dominador e dominante. Aumentava também o contingente de escravos pelas guerras e formava um grande número de camponeses pobres que iam para as aldeias transformando-as em centros urbanos e no mesmo tempo começavam as disputas pelo direito ao poder com as famílias agrárias.

Na urbanização surgiram várias redes de comunicações econômicas e sociais que geravam os confrontos entre os proprietários versus artesãos e comerciantes. Mas havia ainda uma massa da população assalariada chamada de pobres.

Os primeiros chefes políticos eram conhecidos como legisladores, e criaram a divisão do território das cidades para diminuir o poder das famílias agrárias, dos artesãos e comerciantes ricos.

Em Atenas a *polis* foi dividida em unidades políticas chamadas *demos*; e em Roma, *Tribus*. Aos que nasciam numa *Demos* ou *Tribos*, não se levava em consideração a sua condição econômica, por isso tinha assegurado o direito de participar direta e indiretamente das decisões da cidade. Em Atenas, todos do *Demos* tinham o direito diretamente do poder e o regime era a democracia. Dussel questionou a explicação em que citou o termo *Demos* na Grécia. Ele defendeu que este termo surgiu no Egito, África. O termo foi inclusivo e significou povo, assembleia. Os gregos a importaram e instituíram na política como meio de dizer que o povo participava nas decisões. Seguindo o pensamento dusseliano, temos que saber que na *Polis* grega, *Demos*, não é o todo da população ou todo o povo. A mulher, a criança, o escravo e os estrangeiros não faziam e nem ocupavam nenhum cargo político. Então, não há democracia ou a ideia que os gregos tinham era distorcida. Isso, também colaborou na nossa visão pelo que vemos na atualidade na América Latina. Foi importante nos perguntar e questionar qual a participação da mulher e do estrangeiro na política e na sociedade? E se foi um sistema democrático, democracia, então porque ainda há tantos escravos ou pessoas que estão em trabalhos similares? Estas questões estão ausentes em nosso Livro Didático. Não há referência, confronto de ideias, pensamentos, propostas, etc.

Em Roma, os pobres formavam os pobres que atuavam indiretamente do poder porque tinham o direito de eleger o representante. Para defender e garantir os interesses dos plebeus, o tribuno da plebe o representava. O regime político romano

era a oligarquia. O problema maior aqui, foi que não se problematizou a participação do Tribuno na política e na sociedade Romana. As decisões eram dos oligarcas. O Tribuno não era ouvido e o povo permaneceu escravizado e sem nenhum direito de escolha. Se fosse contra, era morto.

2.1.1 Os gregos e os romanos inventaram o poder político rompendo com o poder despótico

O poder político separou a autoridade pessoal do público; separou a autoridade militar do civil. Em alguns casos, Esparta e Roma, fazia do poder político um poder militar. As ações eram discutidas e aprovadas pela autoridade política que para Esparta, estavam nas Assembleias e em Roma, no Senado. A separação da autoridade mágico-religiosa do poder laico, e se elimina a divinização dos governantes. Há um equívoco, pois o governante foi configurado com outra roupagem e representação divinas. O poder absoluto sobre a vida das pessoas ou do povo foi uma autoridade divina.

A criação da ideia e da prática da lei como parte da vontade coletiva e pública, definindo os direitos e deveres aos cidadãos, para que não fosse confundida à vontade pessoal do governante. Criou-se a instituição do erário público para que os bens e recursos pertencessem à sociedade e por elas administradas por meio de taxas, impostos e tributos. Nas sociedades citadas no Livro Didático, Chaui periodizou desde a Idade Antiga, passou pela Idade Média, inciou a Idade Moderna, chegando na Contemporaneidade sem acenar que a maioria do povo era oprimido, escravizado e explorado pela política do um (rei, imperador) ou alguns (oligarquia, aristocracia) ou de muitos e sem político (democracia). A força do poder e da política ainda estão sob o comando e dominação da classe dominante. Suas práticas são apolíticas, insensíveis, acríticas de imposição, posse, ameaça e divinização do poder e do governante. A superstição que muitas vezes se encontram no meio do povo e das elites, geralmente são utilizadas pelas autoridades que o usam e o abusam. Esta questão esteve em 1500 e se repete na atualidade. Na atual conjuntura política da América Latina a Constituição Federal dos Países perdeu o valor para o livro sagrado do colonizador, a Bíblia e pela utilização dela, se manipulou e interpretou para defender os direitos dos dominantes do poder e da política tanto no Brasil quanto nos

Estados Unidos. Vemos, então, que na conjuntura contemporânea países classificados eurocentricamente utilizam-se das mesmas superstições para manter e exercer o poder político.

Na criação do espaço político, a Assembleia grega e o Senado romano, discutiram a posse dos direitos iguais de cidadania, suas opiniões, seus interesses, deliberando em conjunto pelo voto e até revocar a decisão que já fora tomada. Segundo Chauí, esse era o coração da invenção da política. No poder despótico as decisões e as deliberações eram feitas à portas fechadas. Na política, a sociedade é informada e a exigência é que se conheça a deliberação e faça parte das decisões.

2.1.2 O significado da invenção da política

Para responder às diferentes formas assumidas pelas lutas de classe, a política é inventada de um modo que, a cada solução encontrada, um novo conflito ou uma nova luta podem surgir, exigindo novas soluções. Em lugar de reprimir os conflitos pelo uso da força e da violência das armas, a política aparece como trabalho legítimo dos conflitos, de tal modo que o fracasso nesse trabalho é a causa do uso da força e da violência (CHAUI, 2010, p. 323).

A política de Atenas se constituiu na democracia e a Esparta e a República romana, nas Oligarquias. Mas há uma ideia em comum, fundante em que contribuíram na prática política na cultura ocidental. Historiadores gregos e romanos, criticaram a queda da Grécia e Roma dizendo que a corrupção foi a causa da decadência política sob o domínio de Alexandre Magno e dos Césares. Para estes pensadores, o desaparecimento da Polis e da Res pública é o retorno do despotismo e o término da vida da política. Não podemos esquecer que a morte de Sócrates foi um assassinato político. O complô partiu de lideranças de um sistema que se definia democrático. Foi uma democracia que não aceitou e eliminou quem pensava e fazia diferente. Foi uma democracia de iguais, sem as diferenças não há sociedade democrática.

No âmbito da organização política a economia era agrária e escravocrata. Os escravos eram excluídos dos direitos políticos e da política. A sociedade era patriarcal e as mulheres eram excluídas da cidadania e da vida pública. Os estrangeiros e os miseráveis também eram excluídos.

Somente os homens adultos e livres recebiam a cidadania. As diferenças das classes sociais nunca eram superadas e mesmo que os pobres tinham direitos políticos. A maioria dos cargos se conseguiam pela riqueza e algumas atividades

somente os ricos podiam realizar. O apontamento da criação da sociedade foi mostrar as classes sociais, as injustiças e como que a política apareceu como uma invenção para solucionar e dar resposta a uma sociedade com seus conflitos e contradições. Sem ocultá-los (encobri-los) para sacralizar o poder e o governante fechando-se no tempo, impossibilitando as mudanças pela força do eurocentrismo. O poder e o autoritarismo se perpetuaram desde o início da Modernidade e foi o papel do filósofo e da filósofa latino-americanos pelo lugar de fala que ocupam na escola, sociedade, levantar o que acoberta, desvendando todo o processo de encobertamento dos direitos do povo em todas as instâncias.

O filósofo, com a filosofia política e social e na utilização da dialética e analética como métodos humanistas, podem contribuir com os questionamentos e a criticidade a partir de perguntas simples possibilitando a compreensão dos que ouvem. Numa única questão ou mais, podemos elaborar aulas para um semestre. A ousadia do filósofo e do filosofar nos debates, nas discussões e nas provocações ao utilizar a dúvida, o questionamento, a crítica, a repergunta, a historicidade, a hermenêutica, o conhecimento desconhecido, etc, animam e podem assumir um protagonismo de quem ouve e participa dos pensamentos apresentados e refletidos. As discussões filosóficas são necessárias dentro e forada escola. Professores e alunos podem preparar as aulas tendo como objetivo uma pesquisa de busca fazendo as perguntas: de onde vem o poder e a política; quais povos; de quem são; para quem são; para quê são; quando são predominantes? Podemos nos perguntar fazendo o que o termo período nos provoca no processo de avanço de descoberta desde a antiguidade à contemporaneidade. Levando sempre encontra antiguidade e contemporaneidade sugerida pela pergunta, questionamento e a dúvida filosóficas: de quem, para quem e por que pensarmos além da filosofia do colonizador e da colonização?

2.1.3 A sociedade contra o Estado

A tradição europeia impôs nas sociedades da América Latina uma ideia de que elas eram atrasadas, primitivas e inferiores. Essa visão surgiu com a civilização no processo de colonização a partir do século XVI. Para os conquistadores os nativos americanos eram inferiores e eles superiores. Os conquistadores viam os índios sem leis, rei, fé, escrita, moeda, comércio, história e desprovidos dos traços que o europeu tinha como civilizado e de humanidade.

Os conquistadores europeus interpretaram os povos das Américas pelos seus padrões e não conseguiram compreendê-los e inventaram a inferioridade considerando-os selvagens e bárbaros, com isso, se permitiu a escravização, a evangelização e o extermínio:

A visão europeia era e é etnocêntrica, ou seja, considera padrões, valores e práticas dos brancos adultos proprietários como se fossem os únicos válidos, superiores a todos os outros e devendo servir de modelo padrão para toda a sociedade, porque seriam definidores da civilização. Essa visão passou a ser compartilhada pelos descendentes dos colonizadores, isto é, pelos brancos das três Américas, e se mantém até os dias de hoje (CHAUI, 2010, p. 234).

Neste parágrafo, retirado do Livro Didático de Marilena Chaui temos este escrito acentuando o etnocentrismo onde os brancos são os colonizadores, mas isso não ajudou a dar um passo na superação do eurocentrismo. O etnocentrismo foi quando uma etnia centraliza o seu poder impondo a sua cultura nas outras etnias conquistadas e por ela colonizadas. O objetivo de nossa reflexão foi apresentar um pensamento com pensadores da América Latina e da África, pois se nós não fizermos estes elos de discussão e se simplesmente utilizamos pensadores europeus preconceituosos, estamos sendo eurocêntricos e mantendo a colonização.

2.1.4 Finalidade da vida política

Os gregos viram a finalidade da vida política na justiça na comunidade. A primeira noção de justiça teve elaboração mítica trazida pela deusa Thémis. A ideia de justiça se referiu a uma ordem divina e natural para regular o julgamento e punições das ações as coisas e aos seres humanos. A justiça foi a lei e a ordem do mundo grego.

Os sofistas, Platão, Aristóteles, ética e política estão no mundo helênico. Basear-se na Ética da libertação para o conceito de helenocentrismo na permanência da visão da política, da ética e do poder é um rompimento do que se ensina em filosofia:

La mujer, dice Platón, sólo se justificaba para tener hijos, y el hijo ¿qué es?: es "lo Mismo" que los padres. Esta mismidad permite la subsistencia de la especie. Voy a explicar cómo este concepto de que el hijo es igual que los padres, es el fundamento de la "pedagogía de la dominación". Si el hijo es "Otro" que el padre, éste le debe tener

respeto. Pero si el hijo es "lo Mismo" que el padre, entonces le va a enseñar lo que él ya es: el hijo va a repetir el ideario de su padre: dominación pedagógica. Pero es, además, dominación de la mujer. La cuestión es muy grave, porque la liberación (DUSSEL, 1973, p. 93).

Nesta parte do Livro Didático, Chaui utilizou os Romanos atribuindo ao aspecto lendário dos reis patriarcas, semi-humanos, semidivinos, tornando-se uma república aristocrática. No parágrafo que tiramos do livro do Convite à Filosofia, percebemos que tanto na Grécia quanto nos países europeus da modernidade girava ao redor do patriarcado. O governo da nação, o império, o principado, o senado, o divino, o papado, o episcopado, o padroado, o general, o maestro, e a família eram exercidos pelos homens. Platão, não viu na democracia a solução para uma sociedade justa. Os pensamentos que restringem o poder político no homem livre, na concepção grega, deixa de ser democrático. Aristóteles, segundo Dussel, ao explicar que o predomínio do homem sobre a mulher foi legal, mas na nossa compreensão da filosofia da libertação todo sistema político regido somente pelo masculino, não foi e nem é uma democracia:

De tal manera que, en la jerarquía de las autoridades, para Aristóteles, el varón es el único y plenamente hombre. Luego, hay dos modos de ser hombre dependiente: la mujer que no puede gobernarse, y la gobierna entonces el varón; y el hijo, que es potencialmente libre, pero no del todo, de modo que todavía está bajo su gobierno (DUSSEL, 1973, p. 93).

Para Aristóteles que pensou que a democracia propicia a corrupção, foi preciso outra forma de governo, então, não foi a melhor maneira governar uma sociedade. O pensamento aristotélico parte de sua visão de que acentua o papel do homem na sociedade grega. Foi o homem quem exerceu o governo em todas as instâncias sociais e culturais na concepção de Aristóteles. Uma mulher, foi para Sócrates, sua educadora como no caso de Diotima e Aspásia, que influenciaram na educação de Platão. O machismo ainda foi muito saliente na cultura e as sociedades de Aristóteles. Somente estudando, lendo, pesquisando, pensando e delineando novas alternativas que podemos superar o patriarcado grego e eurocêntrico.

2.1.5 O poder teológico-político: o cristianismo

A herança hebraica e romana na sua organização de poder, na política e organização social estão presentes nas nações colonizadas pelos colonizadores

europeus na América Latina. Conhecer o regime teocrático, alguns líderes religiosos hebreus na tradição judaica religiosa e política contribuem para entendermos o cristianismo imperial. Compreender a participação do cristianismo, a instituição eclesiástica, os escritos sagrados, teológicos e a estrutura da hierarquia é recolher os elementos necessários na elaboração duma crítica histórica. Conhecer a origem da instituição Igreja e a prática na modernidade inventada miticamente pelo eurocentrismo é recompor um quebra cabeça. Estas questões estão dentro de um longo contexto do Império Romano onde os seus imperadores, com seu poder divinizado, sua lei e controle não foram abordados e questionados.

Na questão religiosa, Chaui utilizou um cristianismo eurocêntrico. Já que temos no nosso Livro Didático um longo tempo ou período que foi a Idade Média e os filósofos que atuaram como teólogos, não apareceram suficientemente. Ouve uma restrição de outras citações.

Ela, Chaui usou o nome de hebreus como Povo de Deus e a Lei com Noé e Moisés. A Lei que ficou reconhecida foi a de Moisés. Abraão e Noé, adentram em outros aspectos. Foi relevante para a filosofia e aos estudantes que estes nomes estão imbuídos de metáfora e lendas. Assim, encontramos no mundo grego, nos livros de Hesíodo ao escrever a obra Teogonia e Cosmogonia também as lendas, mitos e metáforas. Não podemos deixar de recordar as obras Ilíada e Odisseia do escritor grego Homero. Estas obras gregas marcaram e marcam o ensino de filosofia. Chaui, citou Abraão e a Nova Lei através do Messias Jesus. Nestas questões, os professores, professoras, alunos e alunas poderiam delinear melhor estes fatos. É o papel do filósofo e da filosofia levantar as dúvidas, questionamentos, interrogações, críticas e reperguntar para um pensamento, uma reflexão e discussão com mais dialética, argumentação, reflexão. Se quisermos filosofar com estas questões temos que mergulhar filosoficamente na história das mesmas conhecendo a sua antropologia, sociologia, psicologia e filosofia. Uma discussão sobre a religião na sala de aula não quer dizer proselitismo, mas pode ser desalienação, desalienante. Por mais que a filosofia na atualidade tem outras questões para discutir, pensar e filosofar a religião não está fora da cultura, história e realidade humana. O ópio já foi adulterado e se transformou em outro alucinógeno que dopam muitas pessoas que perdem a sensibilidade, a racionalidade, a criticidade e a praticidade social.

Nós podemos até justificar que na época que os livros citados acima foram escritos era assim. O que se escrevia, lia e compreendia estavam no consenso da

comunidade. Não se interpretava como fazemos ao estudarmos os textos antigos no nosso tempo. O que temos nos Livros Didáticos sobre os Hebreus e o Cristo são histórias escritas, lidas e interpretadas na íntegra a partir de dogmas eurocêntricos. Chauí utilizou um cristianismo eurocêntrico, ausentou-se da cultura do povo Hebreu.

Se reproduziu um pensamento acrítico do Imperador, das Instituições vigentes e das classes dominantes. O professor de filosofia faz uma apresentação literalmente de todos os livros, materiais, artigos, revistas, jornais ou até, se for possível, trazer para a aula uma pessoa que vive e ensina na sua comunidade a Tradição Oral e abrir a possibilidade que os alunos conheçam outras religiões. O que temos nos Livros Didáticos foi restrito ao cristianismo e muitas vezes justificou com esta ideia a conquista, a colonização, o machismo, o preconceito e o racismo.

Para a filosofia da Palestina antiga, a teologia surge das metáforas experimentadas na miscigenação de várias culturas dos acádios, sumérios, babilônicos e cananeus até se organizar numa etnia que recebeu o nome de Semita. A filosofia grega também surgiu de metáforas e lendas e nem por isso são deixados encobertos nas escolas e universidades. O próprio filósofo Platão escreveu na sua obra *A República* duas metáforas. Uma foi a alegoria da Caverna e a outra, o mito de Er.

Não localizou no contexto Abraão, Noé e Moisés nos mundos do Egito Antigo, na Mesopotâmica e da Babilônia. E o mais incrível, é que na teologia e muitos teólogos e teólogas a utilizam que os personagens citados acima são entendidos mais pelo aspecto metafórico e pedagógico do que reais. Os Hebreus foram um povo em confinação, são escravos conhecidos como os Hapirus. A partir destes três mundos e dos Hebreus temos outras alternativas para pensarmos, refletirmos e discutirmos o poder, a política, a lei, a justiça, o direito, a ética, a pessoa humana, a escravidão, etc, etc. É que nós sofremos os efeitos da colonização que nos fez e faz pensar e ver o mundo somente pela ideia e visão do colonizador eurocêntrico. Faltou pensar o sentido das palavras Povo de Deus e as Leis e o que isso tem a dizer no contexto em que os textos foram escritos. Não há um questionamento se estes personagens são lendários, metafóricos e pedagógicos. Se eles representam um personagem ou um povo que luta pela libertação buscando libertar-se do que o encobre, oprime, explora e elimina, nós enquanto filósofos não podemos omitir e simplesmente sentirmos provocados a conhecermos esta história para nos libertarmos de nosso conquistador e a nossa colonização.

A etnia Semita surgiu de Nóe. O Semita vem de sem filho de Noé. Ele estava num contexto muito maior do que a Palestina. Encontra-se numa região árida dos Cananeus, Canaã, onde várias pequenas etnias ou povos que lutaram pela vida possuindo um espaço de terra para poder viver. Esta região foi posta de uma maneira apertada e encoberta por ser periferia do mundo antigo e da atualidade. Muitas potências usufruíram deste lugar e etnias como caminho e escravos. Há séculos que estas etnias sofriam pela opressão social histórica e são ainda coagidas em sua cultura por não aceitarem a democracia e o cristianismo como meios de viverem eurocêntrica e euro-norte-americanamente. Toda esta carga de opressão os oprime desde tempos remotos ao poder político e belíco potencializados nos países da Europa e dos Estados Unidos. Poucos, talvez são os professores que buscam estender, conhecer, compreender e entender a epistemologia do povo Semita ou dos povos que os compõem. Dentro deste espectro sombrio que o povo enfrentou e enfrenta de novo, experimentando a colonização pelo imperador Pompeu, no ano 63 a. C. transformando a Palestina em colônia. Não foi diferente com aquilo que os palestinos lutam hoje por um espaço para poder viver.

Parar para perguntar, pensar, refletir e discutir até incluir nos Livros Didáticos como que o Ocidente inventou o Orientalismo ou seja, há um Oriente que não foi aceito porque foi encoberto pelas potências que exploram a região pelo petróleo. Uma boa ideia, talvez, seria ler e pensar o *livro Orientalismo – O Oriente como invenção do Ocidente do pensador palestino Edward Said, 1990*.

Se abriu um parêntesis aqui para pensar a filosofia da América Latina como um grito contra a colonização e um processo de descolonização do eurocentrismo. E fazer a pergunta filosófica do jeito que a cultura semítica fez. Por quê a Palestina não pode ser vista com outros olhos e pensamentos? Por que se explorou, espremeu no mapa, foi encoberta pelas grandes das potências antigas e na modernidade as nações que se acham donas do mundo pela geopolítica continuam no processo de exploração?

Voltando ao personagem, Jesus de Nazaré. Nós teimamos a interpretar o personagem Jesus de Nazaré pela visão dogmática eurocêntrica que manipulou e manipula desde os dogmas de divinização do Cristo, salvador e imperador. Estes são títulos eurocêntricos e não palestinos. Jesus foi um personagem que podemos ver na filosofia da periferia como alguém preocupado e engajado no meio de seu povo. Podemos filosoficamente trabalhar com um Jesus do diálogo e não com o Cristo

colonizador, opressor, imperador. Não como deus, mas como ser humano, filósofo ou um sábio, desejante e sedento por liberdade e libertação de seu povo.

Utilizar o filósofo para Jesus de Nazaré foi pela maneira como ele organizou o seu pensamento, reflexão, argumentação e prática junto ao povo. O seu lugar de fala no mundo judeu vinculado aos romanos foi marcante. O questionamento de Jesus abarcou as diversas barbáries que os líderes religiosos, políticos, jurídicos e intelectuais praticavam contra o povo palestino. As pessoas o entendiam e o seguiam líder.

Na época de Jesus e no período do primeiro século, os ensinamentos de Jesus mostraram um outro mundo. A moralidade farisaica deixou de controlar o povo pelo fato de ouvirem a reflexão do libertador Jesus. Um dos problemas que carece, talvez de problematização é que quase toda a filosofia cristã nos Livros Didáticos não pensa para além da Idade Média e da cristologia eurocêntrica. Jesus não apareceu mais como humano e foi desumanamente encoberto pelos dogmas romanos.

O pensamento de Jesus, sua responsabilidade social e sua ação não são demonstradas pelo aspecto libertário segundo os Livros Didáticos. Todas as citações que temos nos Livros Didáticas encobriram a pessoa de Jesus e ficaram restritas numa representação medieval. As imagens e figuras de Jesus foram apresentadas pelas pinturas dum homem europeu, branco, loiro e de olhos azuis. Um imperador, conquistador e colonizador (evangelizador).

O termo Ekklesia, foi reduzido na Igreja como instituição que Jesus criou, mas ele, mesmo, viveu toda a vida na condição de judeu. A finalidade do ensinamento de Jesus de Nazaré esteve na organização da comunidade e a importância da vida comunitária para viver a cooperação e transformar as injustiças sociais praticadas pelos seus líderes internos e externos. A comunidade enquanto grupo de pessoas que lutaram por um espaço para viverem dignamente. Uma comunidade que vivia a humanidade como a de seu tempo acolhendo os marginalizados, assistindo-os, cuidando-os, tratando-os e libertando-os de qualquer moralismo religioso e civil.

Se Jesus opõe-se a esta maneira de pensar da classe dominante dos fariseus, doutores da lei, sumos sacerdotes e saduceus (herodianos) no campo religioso e Herodes e Pôncio Pilatos no político, então, já que entramos no assunto ou questão do cristianismo como fez os Livros Didáticos temos que repensar os aspectos filosóficos a partir do que está apresentado. Se não, quem escreveu o Livro Didático não superará o pensamento anacrônico e eurocêntrico. Mas esta visão equivocada

da pessoa de Jesus de Nazaré mostrou o quanto o eurocentrismo colonizador está vigente. Pois demonstrou um desconhecimento do povo Semita do qual descende Jesus de Nazaré e que insistem em elevar esta pessoa ao estado de Deus ou Divino, mas temos neste caso que conhecer e compreender que quando se utiliza o título Cristo é o nome romanizado de Jesus.

Há dificuldades latentes para serem resolvidas que são básicas. Exemplo: Quem definiu os títulos dados à Jesus são os dois concílios que marcaram a cristologia que são Niceia no ano 325 e Constantinópla no ano 381. Estes concílios definiram Jesus em divino. Não foram os seus seguidores conhecidos como apóstolos ou discípulos, mas o imperador Romano Constantino impostos pelos seus próprios interesses políticos e não religiosos. Foi neste contexto conciliar que Jesus deixou de ser visto humanamente ao receber o título de Cristo. Agora é divino. O resultado foi bárbaro, trágico. Jesus foi assassinado pela política de políticos corruptos, violentos e romanos, agora nas mãos do Imperador e seus interesses foi coroado pelo título do Cristo e imperador. O Jesus antes perseguido e assassinado foi manipulado na sua identidade e imagem e passou a perseguir e a assassinar aqueles e aquelas que se opunham as suas ordens, leis. Não podemos deixar de conhecer que esta força do Cristo Imperador veio com os conquistadores e foi o método de colonização na América Latina. A barbárie contra os indígenas por seguirem outras visões religiosas e culturas foram práticas de extermínio. Na atualidade não é diferente. Esta violência continua contra os africanos e pelas justificativas dos cristãos e colonizadores eurocêntricas infundáveis. Fizeram com os índios e os africanos o que haviam feito com a pessoa de Jesus, o torturaram e o assassinaram.

2.1.6 O poder da Igreja Católica, os dogmas e a política

O poder eclesiástico e as teorias teológico-políticas nos ajudaram a compreender o poderio da Igreja a partir do poder sagrado do papa e de seus escritos Documentos, Exortações e Encíclicas papais. Uma sugestão está em conhecer que houve uma Encíclica que permitiu a escravidão com os povos africanos e outra que proibiu. O Papa Nicolau V, no ano de 1454, pela Encíclica Bula Dum Diversas, autorizou ao Rei de Portugal Afonso a escravidão dos povos das nações africanas. O Papa Paulo III, pela Bula Sublimes Deus, 1537 que condenou a escravidão. O problema foi que a escravidão continuou por não sair do papel. A fonte deste

pensamento político para justificar a escravidão do homem negro africano está na concepção Bíblica fora de contexto e pela hermenêutica distorcida e determinista. As Sagradas Escrituras que defendiam o poder não natural, mas vindo de Deus viu no rei um personagem divino. Neste tempo surgiu a dupla investidura do papa e o imperador e o imperador e o papa. Império e Religião andam juntos. O Imperador e o Papa estão um no lado do outro na conquista para justificar a barbárie, mas cada um deseja o poder para ele sem pensar na vida do conquistado escravizados. Os escravos e os servos são mão de obra barata, explorável e descartável pelo Império e a Igreja. A crítica de Dussel, no seu pensamento latino-americano mostrou como que a dialética pode defender propondo o poder político ao conquistador e a analética, um meio que liberta o conquistado da colonização:

El método dialéctico u ontológico llega hasta el horizonte del mundo, la com-prensión del ser, el pensar esencial heideggeriano, o la Identidad del concepto en y para-sí como Idea absoluta en Hegel: "el pensar que piensa el pensamiento". La ontología de la Identidad o de la Totalidad piensa o incluye al Otro (o lo declara intrascendente para el pensar filosófico mismo). Nos proponemos mostrar cómo más allá del pensar dialéctico ontológico y la Identidad divina del fin de la historia y el Saber hegeliano (imposible y supremamente veleidoso: ya que intenta lo imposible) se encuentra todavía un momento antropológico que permite afirmar un nuevo ámbito para el pensar filosófico, meta-físico, ético o alterativo. Entre el pensar de a Totalidad, heideggeriana o hegeliana (uno desde la finitud y el otro desde el Absoluto) y la revelación positiva de Dios (que sería el ámbito de la palabra teológica). Se debe describir el estatuto de la revelación del Otro, antropológico en primer lugar, y las condiciones metódicas que hacen posible su interpretación. La filosofía no sería ya una ontología de la Identidad o la Totalidad, no se negaría como una mera teología kierkegardiana, sino que sería una analética pedagógica de la liberación, una ética primeramente antropológica o una meta-física histórica (DUSSEL, 1973, p. 108).

Estas questões precisam ser melhor elaboradas, conhecidas, aprofundadas e escritas para trazermos a pesquisa do helenocentrismo e do eurocentrismo fundamentos do eclesiocentrismo⁴ como meio de superarmos os conceitos com o que significa no campo da filosofia.

O pensamento de Jesus de Nazaré foi filosófico, duma práxis desconcertante interna e externamente na Palestina de sua época. Nós, pelo eurocentrismo do cristianismo colonizador nos detemos no que foi imposto na catequese do catecismo

⁴ Eclesiocentrismo é um conceito teológico e eclesial da Igreja Católica para se referir de seu papel e influência na sociedade, política, moral e cultura.

e magistério da Instituição da Igreja Romana. Isso tudo acarretou no conhecimento que a maioria das pessoas cristãs ou não o conhecem pelo título de Cristo. Nesta questão não estamos enfaizando o Cristo como defesa do cristianismo, da divindade, mas sim, mostrando que existem equívocos ao falar deste personagem. Os equívocos são de literaturas que se fizeram e se fazem do personagem. As leituras geralmente estão no contexto da Idade Média. Para conhecer e compreender a existência de Jesus foi preciso pesquisar o seu contexto do I século da Era Cristã. A convivência com o seu povo e a sua história muitas vezes encobertas por hermenêuticas, interpretações do mundo em que viveu ahistóricas e acríicas.

Para ilustrar nossa compreensão, foi uma necessidade dos latino-americanos conhecermos que a Filosofia da Libertação surgiu da realidade social e humana do povo injustiçado pela colonização e exploraçãp. Não podemos continuar com o encobrimento desde personagem, pois este foi o papel da pesquisa encontramos em Jesus de Nazaré um filósofo sábio no primeiro século da Era Cristã, na Palestina. Não encontramos outros filósofos que questionaram o poderio Romano, sua a violência, a sua imposição dos palestinos ao sistema de escravidão e de sua exploração a nível de anular o povo Palestino. Jesus assumiu a sua responsabilidade social frente ao poderio Império Romano e foi assassinado. Foi crucificado pelos romanos e a cruz era a pena capital dos revolucionários.

Enquanto filósofos e filósofas da América Latino temos que buscar outros períodos da história, outros povos, outros colonizadores, outras explorações, outros contextos de conquistas, outras sociedades, outras visões de mundo da vida encobertos para descolonizar.

Jesus de Nazaré não aceitou que a Palestina fosse colônia e monopólio do Império Romano. Ele foi um Semita que não sintetizou a pessoa humana nas concepções dualistas gregas e eurocêntricas. A pessoa humana no mundo Semita não foi ou é dividida em valores e em duas partes. Os Semitas não veem a alma e corpo duelando. Para o Semita, a pessoa humana é alma, espírito e corpo como unidade e não dualidade. A esta ideia se confeccionou a palavra carne. A vida é carne e que se constitui e restitui pelas necessidades. O dualismo entre corpo e alma foi uma ideia platônica do mundo grego e eclesial, pela teoria eclesiástica de Tomás de Aquino. Esta ideia ainda se faz presente na teologia oficial da Igreja Católica Romana. Igrejas Protestantes, Evangélicas e Pentecostais coadunam com esta mesma ideia ou compreensão da pessoa humana. Ou seja, o helenismo fundamentou o

eurocentrismo e os dois juntos elaboraram uma grande parte da teoria da Igreja Católica Romana.

A crítica de Jesus de Nazaré foi um questionamento à Lei, ao Livro Sagrado, ao Divino, ao Humano, à Cultura, à Política, à Economia, à Ética, ao Moralismo, à Justiça, as Elites, ao Rei, ao Imperador, etc. Jesus criticou tudo aquilo que foi imposto na Palestina pela colonização Romana. Os seus argumentos críticos ao Sinédrio, Sinagoga, Templo e Palácio são desconcertantes, descolonizadores, libertadores. Por isso quem estuda, questiona e escreve a partir dos escritos, sejam eles, bíblicos ou elaborações teológicas e defendem o papel social de Jesus, podem chama-lo de Nazareno. Ele foi alguém que estabeleceu um diálogo com o povo e a sua interlocução se fez na alteridade, ética, liberdade, analética e no altruísmo. Ele foi o grito de resistência e de denuncia do eurocentrismo na Palestina. Uma coisa que condiz com a pessoa e a personalidade de Jesus de Nazaré foi a sua coragem ousada. Ele não se deixou-se aliar, alinhar e alienar, pois a sua causa foi libertar o seu povo da exploração das lideranças judaicas corrompidas e do Império Romano. Jesus não se enquadrou no ensinamento da Sinagoga, na justiça do Sinédrio e o moralismo do Templo. O filósofo latino-americano precisaria conhecer melhor a pessoa de Jesus para além das estruturas e destas Instituições que o limitam a alguém submisso. Num olhar crítico aos dogmas medievais eurocêntricos descobrimos o Jesus filósofo libertador e transformador da realidade injusta e que foi e é a proposta da filosofia da libertação da América Latina.

Jesus de Nazaré foi e é uma pessoa enigmática. Os relatos ou citações que encontramos no Livros Didáticos geralmente partem duma leitura religiosa tradicional. Não há alternativa à mais daquela que se criou entorno deste personagem, senão a de um ser divino, senhor, messias, curador e salvador. Com esses títulos, o diminuem na categoria humana pelas titulações messiânicas que foram divinizadas, dogmatizadas pelas Instituição Igreja Romana. Mas a pessoa de Jesus de Nazaré, não se escondeu atrás do medo e nem ocultou a sua revolta da realidade dura de seu povo em que estava inserido. O Jesus de Nazaré dos Livros Didáticos ou das reflexões universitárias, de mestres e doutores muitas vezes são incabíveis por contribuírem no encobrimento desta pessoa que precisa ser descoberta como um personagem questionador do sistema desumano e num sujeito libertador. Se a nossa visão da pessoa de Jesus for aquela elaborada na Idade Média, então nós filósofoa e filósoas

da América Latina estaremos mantendo o povo latino-americano no ópio, inerte de luta e de construção duma sociedade humana, liberta, fraterna e digna.

2.1.7 Jesus de Nazaré, um filósofo da Palestina

O Nazareno, filósofo, não aceitou, por isso, criticou, questionou, denunciou e apresentou sua proposta libertadora. Foi mais fácil ver Jesus, pelo prisma do Cristo, evangelizador, curador e vitimando nas teologias sacrificiais eurocêntricas que Dussel questionou ao escrever na Filosofia Latino-americana. Esta cristandade, justificou a conquista, a colonização e a escravidão ficando no lado do colonizador e de suas barbáries. A ousadia de Jesus de Nazaré, rompeu as perspectivas messiânicas, pois ele assumiu a sua responsabilidade social até as últimas consequências sobre si mesmo pelo conhecimento que ele tinha da história semítica, seu povo e história de opressão. Ele também sentiu medo, angústia, mas o seu ser foi humanizado. Em alguns aspectos, o próprio filósofo Sócrates também foi divinizado. Ele passou por um julgamento e condenação a morte, sendo assassinado ao tomar uma taça de cicuta. A divinização em torno desta figura esteve na maneira como que ele lidou com a finitude da vida. A ausência de medo, perturbação, fobia, agonia e angústia não foram acentuados ao escreverem a vida de Sócrates por não ter sofrido estes sentimentos. Ele não temeu e nem angustiou na finitude da vida com a morte. Ela não causou preocupação e a aceitou o seu fim. Se nós analisarmos a pessoa de Sócrates filosoficamente, ele pode ser elevado ao status de divino. Na atualidade, Sócrates é lembrado pela coragem que teve. Ele se mostrou imune as sensações humanas.

O Nazareno ensinou a filosofia da alteridade, da dialética, da analética, do poder compartilhado e da liberdade com menos evangelização e mais humanização. Se ele disse ao cego, ver; o doente, ser curado; o paralisado, andar; o escravo, livre; o faminto, alimentar; o injustiçado, justiça; etc. Estas questões humanas, compõem a realidade da Palestina e o projeto de Jesus de Nazaré. Na atualidade, podemos nos perguntar como que num continente igual o da América Latina encontramos tantas pessoas na pobreza, outras nas misérias, abandonadas e excluídas por falta de políticas públicas e encobertas a um mundo criado e deixado pela colonização.

Jesus de Nazaré assumiu este papel político e ético no compromisso à comunidade. Criou uma ideia e prática de comunidade humana, participativa,

interativa, integradora, inclusiva e libertadora. Nela todos são incluídos, não há mais excluído, porque a Lei do Puro e Impuro do Levítico foi superada pela sensibilidade e humanidade das pessoas da comunidade. Isso no I século da Era Cristã. Este Jesus nem sempre foi ou é querido e querido pelo capitalismo, neoliberalismo, economia e mercado de muitas Igrejas da Modernidade que vendem o sagrado e enganando as pessoas. Se deseja um Cristo fetichizado, que faça o milagre da multiplicação dos pães e não a partilha humana pelo espírito de fraternidade e de justiça de Jesus de Nazaré.

2.1.8 Jesus de Nazaré critica as lideranças elitistas e defende as minorias

Jesus de Nazaré, foi contra, questionou e criticou o machismo, o racismo, a xenofobia, a misoginia e tudo o que diminuiu a humanidade e a dignidade humana (provavelmente o homoafetivo seria aceito por Jesus e na comunidade, o problema, aqui, está nas autoridades Judaicas que condenavam a homofobia naquele contexto e o assassinavam). Numa citação bíblica fundamentalista e sem o aspecto teológico (Lv 18, 22) muitas vidas foram eliminadas.

A crítica de Jesus, o Nazareno, atingiu o Imperador César Augusto, o Governador Pôncio Pilatos, o Rei Herodes Antipas, os Líderes Religiosos, os Fariseus, os Doutores da Lei, os Sumos Sacerdotes Anás e Caifás e outros e foi firme, consistente filosoficamente. Estas autoridades colonizaram e exploraram a Palestina e a elite, conservavam a ideia Romana para permanecer no cargo e serem beneficiadas.

Jesus e a sua filosofia interrogaram e duvidaram com as perguntas às autoridades políticas, a religião, a área jurídica que criavam cada vez mais vítimas da injustiça social e a opressão histórico. Por isso que as autoridades irão manipular as leis civis e religiosas para manipular e convencerem parte do povo justificando a prisão, o julgamento, a tortura, a condenação e a morte de Jesus. O desfecho desta mentira termina no assassinato de Jesus de Nazaré, crucificado. A morte na cruz era um método dos Romanos e não dos Judeus, por mais que eles tenham participado da manipulação, do julgamento e da condenação.

Se os Livros Didáticos trazem para pensar os aspectos culturais, políticos, éticos, econômicos, divino e não precisariam de medo para estender o pensamento no campo da Filosofia das Religiões. Entrelaçar com a crítica de Dussel as religiões

opressoras incluindo o cristianismo eurocêntrico que escravizou e explorou as pessoas. Esta foi uma ideia para pensar e não aceitar que se transforme no ópio que imobiliza o povo na prática libertadora.

O Livro Didático abordou somente o nome das Etnias Astecas, Maias e Incas, mas não se filosofou com o que estes povos sofreram pela colonização. Exemplo real. As questões de barbáries como a conquista, a colonização, a escravidão, a exploração, os extermínios dos povos indígenas, as destruições das aldeias e suas epistemologias e a cristandade da América Latina ficaram encobertas no Livro Didático. Toda esta situação cultural, política, econômica e religiosa contribuíram para a condição que os Latino-americanos foram deixados até a atualidade.

Os que governaram e governam os países da América Latina muitas vezes mantêm uma escravidão e exploração aceita e uma grande porcentagem da população não percebe o sistema eurocêntrico na globalização, que cria exclusões e excluídos. Não temos no momento um Livro Didático que tenha buscado esta descoberta. Pois a injustiça histórica – social geradora de pobreza e miséria não desapareceu. A corrupção, a desonestidade e a ausência de ética na América Latina, nos países eurocêntricos e euro-nortecentrismo várias vezes aparecem distorcidas. Há uma dificuldade de perceber por falta de um conhecimento teórico maior dos países colonizadores eurocêntricos, de política, de economia e de dependência.

O Livro Didático citou os filósofos modernos que não escreveram uma linha e não disseram nenhuma palavra sobre a colonização, escravidão e exploração que os seus países fizeram e na atualidade outros estão fazendo.

A escravidão e a exploração humanas são na contemporaneidade mordomias das elites dos países Europeus e os Estados Unidos que vivem do sangue sugado dos povos das nações exploradas.

A globalização nem sempre é questionada e nem concebida como escravidão e exploração contemporânea. São poucos os pensadores e pensadoras do eurocentrismo e dos próprios países explorados que denunciam a partir de pesquisas e atividades nas escolas e universidades, associações de bairro, clubes, etc. Enfim, em todos os lugares habitados e com pessoas que querem conhecer a realidade de ontem e hoje todo pensamento e reflexão da mesma tem por dever mostra ou revelar outra visão e a partir desta perspectiva transformá-la. Este é o processo de descobrimento realizável por todos nós latinos-americanos.

Veremos agora a perspectiva e análise do segundo livro didático com o objetivo de perceber, libertar do encobrimento e desenvolver uma ideia que assuma a práxis.

2.2 O segundo Livro Didático

Filosofando - Introdução à Filosofia de Maria Lúcia de Arruda e Maria Helena Pires Martins, 2013, páginas 250 à 260.

A Unidade 5 deste Livro Didático fez uma reflexão a partir da Filosofia Política e no Capítulo 20, A Autonomia da Política foi o nosso material de estudo e pesquisa com o objetivo de apresentar o eurocentrismo. A ideia *norteadora* está estabelecida nos pensadores europeus como fundamento do Ensino de Filosofia no Ensino Médio. A fundamentação da reflexão parte dos pensadores, pensamentos e teorias políticas da visão europeia. Nela, nós encontramos a formação do Estado Moderno e a sua organização.

A mudança da Idade Média para a Idade Moderna teve como registro os séculos XIV e XV, não transformou o homem em humanista, humano. O sistema político e econômico configurou-se na conquista, colonização, barbárie, violência, escravidão, exploração e eliminação da outra pessoa. O pensador Dussel foi um dos poucos filósofos que preocupou-se em desvendar as questões que foram encobertas pelo Estado Moderno ou Novo. Uma questão que o Livro Didático não abordou e com isso não questionou as quantidades de desumanidades no contexto da América Latina desde a colonização à colonialidade atual. Questionar, duvidar, perguntar e criticar os abusos realizados no passado e no presente são processos de des-encobertamento. Esta postura e papel também é da filosofia. Dussel problematizou a reflexão de O Príncipe e seu autor Maquiavel:

Como presupuesto y com o finalidadde. El Príncipe (ya que el príncipe carismático al final debería fundar un Estado con estructuras que puedan mantenerse, Maquiavelo describe en los Discursos sobre la primera década de Tito Livio (con lecturas, entonces, anteriores al 1513, pero trabajando en esta obra intensamente en los Orti Orcellari, desde 1516 a 1517) lo que más le interesa: el horizonte «institucional» del Estado posible, ya que «los florentinos nunca han gozado de instituciones políticas capaces de estabilizar la ciudad». Para aconsejar cómo debieran ser las instituciones de Florencia, Maquiavelo recurre al estudio de la organización política romana clásica para aprender a partir de esa experiencia (DUSSEL, 2013, p. 181).

Há uma minoria de filósofos e filósofas Humanistas que resistiram e resistem estes modelos políticos que foram inventados para justificar as omissões, as barbáries estabelecidas desde o apoio ou aprovação da Europa. Os povos sofreram as absurdas práticas de violências que atingiram as etnias conquistadas e eliminadas na América Latina pelo eurocentrismo.

O primeiro filósofo a influenciar a argumentação da política foi o Nicolau Maquiavel. O relevante é termos um olhar horizontal e perceber se a filosofia política de Maquiavel contribuiu com uma releitura e interpretação fora da Itália do século XVI e XXI. Nesse sentido, a visão dele é limitada pela geografia e não há uma crítica que chegue as colônias de países europeus, um exemplo, América Latina.

2.2.1 Nicolau Maquiavel (1469-1527)

Num contexto de Itália dividida e um ambiente de hostilidades o filósofo Maquiavel e a sua crítica da política ao poder na sua famosa obra *O Príncipe* não envolveu o povo que vivia como massa e reduzidos a condição de servos. Muitos leitores fizeram interpretações equivocadas deste escrito. Maquiavel permaneceu na estrutura do Estado e da política, mas não inseriu a sua crítica no meio do povo para lutar e resistir as tiranias e corrupções do governo. Leiamos a citação e percebamos em que lugar Maquiavel se encontra na sua reflexão:

Afirmar que Maquiavel foi um republicano talvez cause estranheza. A leitura apressada de sua obra *O Príncipe* desencadeou o mito do maquiavelismo. Atribuía-se a Maquiavel a defesa do mais completo imoralismo político. Chamamos pejorativamente de maquiavélica a pessoa sem escrúpulos, traiçoeira, astuciosa, que, para atingir os seus fins, usa de mentira e de má-fé e nos engana com tanta sutileza que não percebemos a manipulação de que somos vítimas. Como expressão dessa conduta, costuma-se inadequadamente atribuir a Maquiavel a famosa máxima: “Os fins justificam os meios” (ARANHA e MARTINS, 2013, p. 251).

As autoras do Livro Didático fizeram duas citações para enfatizar a participação de Maquiavel na política e partiram dos livros que ele escreveu, *O Príncipe* e *Comentários sobre a primeira década de Tito Lívio*. Na obra *O Príncipe*, Maquiavel pareceu como assessor do príncipe e passa as coordenadas do que ele precisa fazer para permanecer-se no poder sem ser destituído. O poder foi usado de acordo a

necessidade de permanência no governo. Se for necessário, para permanecer no poder e garantir o governo, use a força e equilibre a segurança e o bem-estar.

Maquiavel, no príncipe não oficializou a força, mas a escreveu para que seja interpretada ao contrário. Se utilizou de um argumento como se fosse orientação para o príncipe, que estava no governo, invertendo o sentido da linguagem ao revelar o que o poder e a política faziam na preservação do status.

No livro Comentários sobre a primeira década de Tito Lívio:

Percebe-se facilmente de onde nasce o amor à liberdade dos povos; a experiência nos mostra que as cidades crescem em poder e riqueza enquanto são livres. É maravilhoso, por exemplo, como cresceu a grandeza de Atenas durante os cem anos que se sucederam à ditadura de Pisístrato. Contudo, mais admirável ainda é a grandeza alcançada pela república romana depois que foi libertada dos seus reis. Compreende-se a razão disto: não é o interesse particular dos Estados, mas o interesse coletivo. E é evidente que o interesse comum só é respeitado nas repúblicas: tudo o que pode trazer vantagem geral é nelas conseguida sem obstáculos. Se uma certa medida prejudica um ou outro indivíduo, são tantos os que ela favorece, que se chega sempre a fazê-la prevalecer, a despeito das resistências, devido ao pequeno número de pessoas prejudicadas (MAQUIAVEL, 1994, p. 197-18).

O trecho abordou o valor da liberdade, a maravilha do crescimento de Atenas, mas no final, é mais admirável a grandeza da república romana depois de libertar-se dos seus reis. Segundo Maquiavel, a grandeza do Estado não consiste no interesse particular, mas no interesse coletivo. Para ele, o interesse comum somente é respeitado nas repúblicas. O problema e a problematização é compreendermos o que é o coletivo e o bem comum para Maquiavel. Outra vez o povo está fora desta política.

Maquiavel enfatizou dois conceitos no livro O Príncipe, um foi a Virtú. Ele fez distinção de sentido buscando na expressão italiana o significado e não nos preceitos que a moral cristã viu na representação da bondade e justiça, que para Dussel é a alteridade e o altruísmo. Maquiavel buscou no sentido latino de Virtù que é força, valor, qualidade de lutador e guerreiro viril. Os príncipes que tem virtù governam fazendo grandes obras e realizam mudanças na história. A conquista e a colonização podem ser esta grande obra no eurocentrismo a questão é que na dominação:

En esta perspectiva, Maquiavelo se revela un político emancipador, aunque sus consejos tienen como horizonte la problemática de una

Italia renacentista, todavía no moderna, no abierta a la complejidad del «sistema-mundo» que se inauguraba por el descubrimiento de las islas del mar Océano, gracias a la osadía del genovés Cristóbal Colón (DUSSEL, 2013, p. 176).

Mesmo que o texto de Maquiavel viesse ampliar sua crítica ao poder da política do Estado e do Cristianismo por meio da Igreja e com seus príncipes, mas não deixou de pensar somente o mundo eurocêntrico. No contexto dele, fixado na conjuntura da Itália dos reis e papas dogmáticos e bárbaros. A maior questão é como podemos repensar e buscar enxergar os conceitos Virtú e fortuna na realidade da América Latina. Outra visão aos mesmos conceitos. Foi uma crítica reflexiva que podemos partir dum paralelo com o prejuízo Kantiano ao utilizar as duas palavras preguiça e covardia na ilustração. A Preguiça e a covardia são preconceitos eurocêntricos Kantianos que reproduzem o eurocêntrismo, que discriminam as Etnias fora da Europa e enfatizam as virtudes virtú e fortuna de Maquiavel, que são as vontades do homem europeu movido pela ganância. O preconceito está na ideia de Maquiavel ao explicar o sentido de virtú, pois se ela é viril, defende o machismo e o patriarcalismo do poder e da política. Isso é próprio do androcentrismo da Idade Média que se expandiu pelo antropocentrismo a partir do eurocentrismo.

Para Maquiavel, a virtú, é uma virtude que vem desde os Romanos. Faz uma mistura com a qualidade de lutador e guerreiros viris. Estes aspectos são dos colonizadores e utilizados na conquista e colonização. Dussel disse que desde o início do encontro entre os espanhóis e indígenas, os recém que chegaram, não tiveram uma ação de alteridade, mas de violência. Por este viés temos que levantar questionamentos da virtude virtú.

No Livro Didático, discorreu a ideia de Maquiavel que deu a virtú o sentido da força, qualidade de lutador e guerreiro viril que caracterizaram a barbárie da conquista. Uma invasão pela ação política e religiosa que violaram a vida e o mundo da vida dos indígenas.

O texto do Livro Didático poderia explorar mais a complexidade da moral cristã que é milenar sem cair no moralismo institucional da Igreja Católica Romana a partir do império eurocêntrico ou de outras Igrejas. Dussel abordou em vários livros que podemos conhece-los e que nos ajudam a compreender desde uma antropologia semítica de que os cristãos e as cristãs do primeiro século da Era Cristã, estão preocupados com a justiça social. Os cristãos e cristãs do século IV, foram muito diferentes dos que se organizaram nas comunidades primitivas. Lembremos que a

Igreja-Imperial-Institucional inflamou um moralismo mortal e as lideranças da Igreja Romana e os cristãos, foram transmutados em intolerantes, violentos, perseguidores, geradores de guerras, cruzadas, inquisições e as mortes desnudou a animalidade de seus líderes. As comunidades do primeiro século foram encobertas e destruídas na sua prática pela Igreja Institucional romana medieval.

A moral cristã começou a ser distorcida no elo Imperador e Papa, Império e Instituição Igreja Católica. Maquiavel inferiorizou como fraqueza os aspectos da compaixão e benevolência por tornar as pessoas submissas ao poder. Maquiavel antecipou o que Nietzsche também pensou no século XIX. Para entendermos, a compaixão e a benevolência podem ser vistas como virtudes cultivadas pelos cristãos e cristãs do primeiro século sem serem predominantes. Pela compaixão e benevolência, o cristão do primeiro século via, acolhia, hospedava, alimentava e libertava o outro analeticamente. Dussel pensou, escreveu, refletiu, questionou e escreveu como que o conquistado, o escravizado, o explorado e o eliminado são cristãos, mas os que inventaram este sistema desumano também. A compaixão e a benevolência não são preceitos somente dos cristãos ou de outras denominações religiosas. Elas são expressões da sensibilidade humana transformadas em solidariedade e libertação. Somente em casos muito específicos a pessoa humana não consegue expressar estas sensibilidades. Aí seria preciso outras áreas para explicar que podem ser as antropológicas, pedagógicas e psíquicas.

A moral cristã foi elevada a preceitos moralistas no Império Romano e com a instituição da Igreja Católica. Jesus de Nazaré não criou lei, religião e igreja institucional, mas comunidade de pessoas que se fundamentava na fraternidade, solidariedade e partilha. Ele somente superou a moral da época e buscou mostrar para o povo que era manipulado pelas lideranças e denunciou as líderes que utilizavam da moral moralista como meio de alienar e aprisionar as pessoas. A preocupação e práticas de Jesus de Nazaré, segundo Dussel, são encontradas na mesopotâmia, nos Sumérios, nos Babilônicos e nos Egípcios antigos.

Foi pela virtude da compaixão e benevolência que nasceram a alteridade e o altruísmo de um grupo que depois serão chamados de Nazarenos e Cristãos. O grupo transformou-se em comunidade e viviam da doação e partilha. Doação e partilha são bons sinais para uma sociedade que se diz moderna, capitalista, mercadológica e descartável em muitas coisas. A alteridade e o altruísmo são elementos constitutivos e que configuram a formação dos antigos Hebreus, escravos e que se formaram os

Semitas. Este foi um contexto judaico, que o Livro Didático também não abordou e que os pensadores judeus do século XX, Martin Buber e Emanuel Lévinas pensaram, a alteridade. Os dois pensadores nos provocaram a pensar fora da caixa, do eurocentrismo e olharmos com outra visão. Nossa mente colonizada e modernizada tem medo de sentir, sensibilizar, amar, ser compassivo e benevolente. Estas questões podem alcançar espaço na filosofia do encontro, da relação, do diálogo, da alteridade e da inter-relação.

O próprio Paulo Freire que contribuiu com o pensamento dusseliano da Filosofia da Libertação da América Latina, não escondeu o seu ser humano amoroso e bondoso na ideia, na escrita, na crítica e na prática. A sua pedagogia foi a práxis do amar. Se sensibilizar, se emocionar, se solidarizar e fraternizar estão encarnados no mundo da vida dos Semitas, indígenas e Africanos, então os latino-americanos superam a irracionalidade dos conquistadores. O eurocentrismo, anula e encobre estes sentidos humanos e se concentra somente na razão que Dussel criticou nesta postura racional que irracionaliza o seu ser.

A fé cristã não foi uma ideia abstrata e platônica. A fé cristã do primeiro ao quarto séculos foi uma esperança encarnada e de libertação. Mas ter compaixão do outro e tratá-lo com benevolência é fraqueza segundo Maquiavel e o eurocentrismo.

A Fortuna, é o segundo conceito. Este foi colocado no comum por ser acúmulo de bens e de riquezas. Maquiavel buscou da mitologia romana a deusa Fortuna. Ela representou a abundância e aquela que gira a Roda da Fortuna ou da Sorte. Ela possui um sentido mais instintivo como ocasião, acaso, sorte. Por isso que para agir bem, o príncipe não pode deixar escapar a ocasião oportuna:

En efecto, la diosa romana y su ambigua significación de fortuna a partir de la interpretación cristiana se transformaron de destino en providencia» divina (de ahí la acertada formulación de Popock: fortuna - fe - providencia. Pero la secularización renacentista de un Maquiavelo le quita a la interpretación religiosa su sentido de providencia (DUSSEL, 2013, p. 176).

A Fortuna serve somente se estiver com a virtù, senão passa a ser oportunismo. Neste aspecto Maquiavel distinguiu o príncipe de virtù, que é forçado de utilizar a violência pela necessidade e visando o bem comum, e o tirano, que age por vontade própria. O Livro Didático não levantou nenhuma crítica reflexiva questionando o contexto da Itália do XVI. Parece contraditório dizer que o príncipe usou da violência. É preciso lê-lo por outra visão e perceber que O Príncipe não visou o coletivo. Neste

período, o príncipe estava preocupado com o que ele ganharia e não há bem comum. Tudo se limitava ao seu poder, governo, autoridade, leis e até mesmo os bens. A partir do momento que o rei submete alguém aos seus serviços na condição de servo, a pessoa perdeu a sua humanidade, dignidade e liberdade. Esta pessoa, nesta condição não pertence mais a si mesma ou a uma comunidade, pois o rei e o reino o tem como propriedade e a utilizam como instrumento. A isto, Maquiavel não questionou e nem escreveu no príncipe.

2.2.2 Ética e política

A ética e a política sempre estiveram nas mãos dos grupos dominantes da oligarquia e a aristocracia. Elas agiram pelos seus interesses e não pelo bem comum. O próprio Maquiavel esteve no lado das elites, da oligarquia, da família Médici. Foi embaixador na França, Chanceler em Florença e na diplomacia no Vaticano. Mas seria relevante aprofundar sobre esta questão de bem comum. O que é o bem comum para Maquiavel:

Sob essa perspectiva, a nova moral estava centrada nos critérios da avaliação do que é útil à comunidade: se o que define a moral política é o bem da comunidade, constitui dever do príncipe manter-se no poder a qualquer custo. Por isso, às vezes pode ser legítimo o recurso ao mal: o emprego da força coercitiva do Estado, a guerra, a prática da espionagem, o método da violência, etc (ARANHA e MARTINS, 2013, p. 253).

O Estado Moderno contemporâneo continuou em muitos casos com o método coercitivo. A liberdade foi um sonho, uma vontade e um querer do povo que o constituiu. A questão foi que a força e o controle ainda estão no monopólio dos governantes. O Livro Didático não fez nenhuma referência a autores e autoras de outros países, neste texto, a Itália. A realidade onde a escola está localizada geográfica, social, política, econômica, ética e culturalmente não conseguem sair do século XVI e inserir-se no século XXI. O que Maquiavel enfatizou no parágrafo citado acima, repetem-se na atualidade. Não há uma referência de questionamento e uma crítica construtiva da ética e política da América Latina e Brasil. Dussel escreveu vários livros sugerindo estudos bem elaborados sobre a política, a ética e a economia que visam o bem comum. A educação para a crítica foi encoberta e com isso o encobrimento não foi superado. O código moral foi prevalecente na sociedade de

controle disciplinar que mantém a burguesia, a nobreza e a elite no poder. O povo, quando unido pela luta democrática busca os seus direitos. Os traços dos conquistadores e da colonização estão vigentes e regentes daqueles que estão no poder. Este poder precisa ser repensado. O povo precisa se envolver e resolver os seus problemas políticos que os governos não conseguem. A constituição federal, que apresenta a liberdade como direito, não pode perder a sua referência que é a dignidade de seu povo. O poder político, ético e econômico do Estado Moderno deve ser superado. O uso da força do Estado como inibição de greves e protestos não podem existir. Na democracia, as manifestações são sempre um direito justo para as reivindicações, transparências, combate a corrupção e transformação social.

2.2.3 A autonomia da política

Maquiavel buscou uma nova maneira de fazer política para se distanciar da política normativa dos gregos. Era uma ideia que valorizava o governante virtuoso e a uma moral individual. A proposta de Maquiavel de dar autonomia à política deixando-a secular e tirando da tutela da moral e religiosa da política. Assim, os valores não são dados antes, mas dependem da realização dos interesses coletivos. Por mais que caberia ao governante inventar o caminho. O problema que precisamos problematizar e questionar é que a elite seria o governo. O coletivo precisa duma visão além do eurocentrismo aristocrático. Os questionamentos sobre o coletivo e quem fará parte do governo, o povo precisa pensar junto com a escola, universidade, se não o poder do Estado se tornará uma força perpétua das elites.

A ideia, proposta pelo Maquiavel, visando o coletivo foi válida, mas não mudaria nada, talvez, pois deixar o governo e a política nas mãos das famílias de aristocratas e de oligarquias. Nesta decisão, não há transformação, pois permanece na mesma realidade. Sem possibilidades de mudança na maneira de ver e interpretar a justiça, a política, a ética e a economia não provocará transformação. Na época, os ricos eram os que governavam. Historicamente até na atualidade do século XXI, o pobre continua pobre e oprimido porque os ricos, a elite que configuram a aristocracia e a oligarquia inventam os seus projetos políticos sem a participação do povo. O próprio Dussel fez este questionamento e a sua crítica nos mostra a real presença do governo e atuação do poder Legislativo. As leis, normas, projetos, MP, constituição e etc estão vazias da presença do povo. O povo tem que se conscientizar pela visão latino-americana e

superar o desejo de ser ou copiar a identidade do eurocêntrico e euro-nortecêntrico. A sociedade ainda seria escravocrata e servil se a política, a ética e a economia buscassem nos colonizadores o modelo para a construção do mundo da vida. Entre o governado e o governante há uma distância imensa que persiste ainda na atualidade. Há uma necessidade de investimento numa outra visão onde o povo latino-americano possa agir e intervir pela democracia participativa e se assume o processo de transformação social.

No Estado Moderno, a participação do povo foi e é parcial. Ele não participa nas decisões do governo. Desde seu início o governo esteve nas mãos de representantes da elite da sociedade (governo). Com isso, muitas vezes houve inversão no poder democrático mostrando a contradição da democracia. A contradição é quando o poder deixa a postura da democracia e os representantes usam a força ilegalmente ao seu favor sobre os representados. Com isso, o povo não é atendido nas suas necessidades políticas básicas e vitais para viver.

Neste contexto de representantes e representados, nasceram os conflitos nada democráticos. Logo que os representantes são escolhidos, são inseridos institucionalmente na hierarquia de poder. Surgem os confrontos e antagonismos que buscam desfazer as utopias de paz. O papel da filosofia e do filósofo da libertação é libertar-se da colonização e da exploração e construir uma sociedade mais humana, mais justa.

No século XVI, a Inglaterra, a Espanha e a França seguiram com suas monarquias que defendiam o direito como divino e instituído aos reis. Somente a partir do século XVII, começou a parecer as oposições. Ele pode até corromper-se com desvios de verbas, propinas e agressões aos que o elegeram e permanecendo no mandato. Há uma legalidade constitucional em consonância à frase do rei Luís XIV, que dizia: o Estado sou eu. Se o Estado é o governo dos representantes, e não o povo, então a política não visa o coletivo e a democracia é uma farsa. As leis legalizam as atrocidades cometidas pelas autoridades do governo e pela falta de políticas públicas o povo é condicionado a situações muitas e muitas vezes a miséria.

2.2.4 Estado Moderno e Soberania

Alguns países da Europa como Inglaterra, Espanha e França, desde o século XVI, se organizaram pelas monarquias nacionais e se fundamentaram no direito divino

dos reis. Esta invenção foi inquestionável pelo povo da época e na contemporaneidade há um grupo de pessoas que elevam seus líderes do governo ao status de divino.

Neste tempo de mudança, surgiu uma necessidade de transferir o poder e a política para o aspecto natural da vida e do ser humano. Neste momento se elaboraram as teorias contratualistas. Faltou diálogo que troxesse e de maneira ampla e que chegasse ao povo, povo. Ou seja, o contrato social socializa todas as pessoas da sociedade como se faz na reflexão da filosofia da libertação da América Latina que é incluir o povo e lutar pela diluição das classes sociais que criam as injustiças e os injustiçados.

Os três pensadores contratualistas conhecidos são Thomas Hobbes, John Locke e Jean-Jacques Rousseau. Escreveram uma teoria que derivou do jusnaturalismo, visto como o Contrato Social. No estado de natureza, o indivíduo era dono de si mesmo e de seus poderes. Foi no autopoder que havia na vida natural do indivíduo que os contratualistas se perguntaram o motivo principal das pessoas se submeterem e tornarem o poder do Estado legítimo:

Buscavam, desse modo, explicar a origem do Estado: Qual é a base legal do Estado que lhe confere legitimidade? Para esses filósofos, a legitimidade do poder se fundamentava na representatividade e no consenso (ARANHA e MARTINS, 2013, p. 254).

O objetivo da análise foi pensar e fazer as reflexões a partir da crítica dusseliana aos escritos de pensadores eurocêntricos que os Livros Didáticos trazem para a sala de aula. É uma exigência do filósofo latino-americano apresentar outras visões da modernidade e pensar para descolonizar não somente as ideias, mas a mente que as geram e geralmente repetem o encobrimento sem perceber que o estudo não traz a sua história e a do seu povo, mas a do colonizador e continua a colonizar.

2.2.5 Thomas Hobbes e o poder absoluto do Estado

Thomas Hobbes (1588 – 1679), nasceu na Inglaterra era de família pobre e com a nobreza de sua época da qual recebeu apoio para estudar. Teve contato com os pensadores Descartes, Francis Bacon e Galileu Galilei. Estudou o problema do conhecimento e que era um dos temas refletidos no século XVII numa tendência

empirista. Mas as pensadoras deste Livro Didático se dedicaram com o pensamento político, que estão expressos nas obras *De Cive* e *Leviatã*.

Na teoria Hobbesiana encontrou-se o que Hobbes entendeu por estado de natureza e como que nele o ser humano teve direito a tudo. É importante, e que o livro não se aprofundou sobre que era a pessoa humana para Hobbes. Maria Lúcia e Maria Helena citaram um parágrafo do livro *Leviatã*:

O direito de natureza, a que os autores geralmente chamam de *jus naturale*, é a liberdade que cada homem possui de usar seu próprio poder, da maneira que quiser, para a preservação de sua própria natureza, ou seja, de sua vida; e, conseqüentemente, de fazer tudo aquilo que seu próprio julgamento e razão lhe indiquem como meios adequadas a esse fim (HOBBS, 1974, p. 82).

Nesta condição de natureza, segundo Hobbes, nascem o medo, a insegurança a angústia. E estes interesses egoístas foi o que fez do homem lobo do próprio homem. As disputas e as guerras de todos contra todos e os graves prejuízos que causaram e a buscaram pelo conforto dos indivíduos é que prevaleceu. Na atualidade, que é o lobo do homem se utilizarmos esta analogia.

Desta realidade surgiu a transferência mútua de direitos e que Hobbes o chama de Contrato. O ser humano fundou um estado social para viver, um Estado Civil para controlar e disciplinar pela autoridade. Na atualidade, os soberanos que governam as instituições como política, jurídica, religiosa, econômica, ética e ecológica abrem mão de seus direitos em nome de sua soberania? Mesmo que Hobbes esteja num contexto de modernidade e de racionalização da política e da vida onde a sociedade dá um salto do sistema de Teocracia, o Estado Moderno, não deixou de utilizar o mito simbólico como representação e repressão pelo poder do Estado, que é o *Leviatã*.

Foi nesta nova estrutura de Estado que Hobbes elevou o poder do soberano como dever absoluto, total e ilimitado. O soberano, possuirá todo poder de decisão entre o bem e o mal; o justo e o injusto. Então, este poder é teocrático. Pois se o poder é democrático e humana, ninguém estará acima da lei. Ainda hoje países democráticos sofrem com este abuso de poder a proteger até mesmo quando um representante do governo do Estado é corrupto. Ninguém discordou de tal poder e abuso do soberano e autoridade que recebeu juntamente do povo. Este poder foi justificado pelo ilimitado, ou seja, o governante nunca abusa de poder quando o seu poder de autoridade é ilimitado, total. Quem o questiona é eliminado. Na França, em

1701, o rei Luís XIV, foi um monarca absoluto e disse: *'O Estado sou eu'*. A reflexão de Dussel defende que o poder pertence ao povo e não à uma autoridade somente:

Lo que es más interesante, la sede del poder no es el individuo directamente, ni la comunidad sin conciencia de ser tal, sino cuando la multitud humana por una voluntad especial o consenso común se reúne en un cuerpo político. Es decir, el actor comunitario es cuerpo político autónomo por un acto reflejo y segundo de querer instituir dicho cuerpo. Se opone por tanto en muchos aspectos a Hobbes (DUSSEL, 2013, p. 254).

Na democracia, o poder esteve no povo e não numa pessoa somente ou em um grupo que o governa. Neste modo em que o Estado se organizou ou se estruturou foi num projeto de governo autoritário. Os poderes dos representantes esteve acima dos representados e muitas vezes o poder do governo atua contra os que exigem e lutam pela transparência e honestidade dos que representam. Os representados, geralmente como submissão ao governo recebem violência e punição quando reagem por não estarem satisfeitos.

Dussel partiu do próprio título do que a política visa a libertação das pessoas ao escrever sobre a política da libertação. É o que compreendemos no seu pensamento quando disse que a sede do poder não está no indivíduo e nem na comunidade, mas na multidão humana. Ela constitui o corpo político e descentralizou o poder do rei e do Estado como absolutos. Hobbes, absolutiza o rei e o Estado nas leis e decisões. Dussel, criticou, questionou e viu uma comunidade e política para além do rei e o Estado como o governo do todo e de todos.

Se o Estado é o Rei e o Rei é o Estado e o poder que dele emana é ilimitado, então temos um abuso. Se o rei é o Estado, o povo não é nada, e é este o questionamento e crítica de Dussel na filosofia latino-americana. Quando o poder é contido numa única pessoa e ausente de convívio com as outras pessoas, então esta autoridade pratica os excessos e se impõe o autoritarismo do Estado de Exceção. No pensamento político dussiliano, o poder é de todos, é a multidão que decide o que fazer e o que evitar. Não precisa de um para mandar, governar e os demais serem governados:

Evidentemente, para conocer una cultura hay que estudiar, primeramente, el "núcleo ético-mítico" o premisa mayor de toda la civilización, donde se contienen los contenidos últimos del grupo. Como puede verse, la antropología filosófica pasa inadvertidamente de la consideración del ser del hombre a la consideración del hombre

como ser cultural, y esto es inevitable, porque el hombre y la cultura tienen el mismo horizonte, no hay uno sin lo otro (DUSSEL, 1973, p. 74).

O Livro Didático não enfatizou qual foi a fonte que Hobbes utilizou para justificar o homem selvagem que vivia sozinho. Não há nenhuma antropologia política de outras etnias ou povos. A pesquisa ficou reduzida aos limites da Inglaterra do século XVII. A filosofia da libertação liberta o olhar para além da pesquisa de um povo e reconhece que cada grupo se organiza e se constitui segundo a sua ética, cultura e política. Dussel questionou Hobbes e disse que o homem sempre viveu na dependência do outro para viver e sobreviver. A alteridade é o fundamento da comunidade. A vida só foi possível em comunidade, que possibilitou a proximidade, a alteridade, a face-a-face e o altruísmo.

No livro, 1492, o encobrimento do outro, foi o início do período da conquista, da colonização e da exploração humana. Dussel, reagiu contra as atrocidades praticadas até hoje. Pelo que Dussel escreveu e questionou percebemos que se desenvolve um aprimoramento daquilo que aprendemos na política, ética e jurídica e que no Livro Didático sobre Hobbes não se aprofundou. Hobbes não fez nenhuma referência a escravidão da América Latina e da África nos seus escritos e o Livro Didático não ousou nesta perspectiva de destruição da mentalidade eurocêntrica. O texto dum livro ou o próprio autor, um artigo ou qualquer outro material, serão lidos, refletidos, ouvidos e pensados juntos com os contextos. Um entendimento do contexto de quando se escreveu o material buscando uma interpretação macro, que é uma leitura nacional e global (mundo) e micro é primordial (local - realidade). Sem as compreensões das realidades do professor, do aluno e da escola que estudam e pensam como que o Estado e o rei tanto nos períodos monárquicos quanto na atualidade, impõem o encobrimento da vida pela colonialidade precisam ser conhecidos, compreendidos e transformados:

Esta relación económica, práctica comunitaria y productiva de los satisfactores necesarios para la vida se establece ya en los clanes, tribus o pequeñas aldeas del Paleolítico. Son sistemas equivalenciales donde los miembros de la comunidad económica se atribuyen los beneficios de la producción y el intercambio en igual distribución y participación. No hay todavía posibilidades mayores de diferencias en la apropiación de los satisfactores, de los bienes, y el sistema funciona con una justicia que quedará posteriormente en la memoria de las culturas como una utopía originaria. Las tribus nómades de las estepas o los desiertos son los pueblos semitas, aún comenzado el

Neolítico y ante las grandes ciudades ya estratificadas económicamente, levantarán la igualdad del sistema equivalencial del desierto, tiempo de la justicia sin pobres ni ricos, como el punto de referencia de las injusticias presentes (DUSSEL, 2013, p. 45).

Os clãs e as tribos uniam-se comunitária e culturalmente inventando os seus jeitos e maneiras de viver e sobreviver. Desde o mais antigo, a arqueologia e a antropologia fizeram, trouxeram referências de grupos longínquos. Na cultura se constituiu tudo o que está inserido na tradição. A cultura, o cultivo e o culto se enlaçaram para subsistir a vida dos indivíduos que convivem na igualdade de condições. Como disse Dussel, não há injustiça nas comunidades que vivem a justiça onde a fraternidade foi a equidade. Todos viveiam do que produziam numa economia da vida e para a vida. Temos que conhecer melhor os nossos povos que constituim a América Latina.

Agora estudaremos outro filósofo, o John Locke e analisaremos pela filosofia latino-americana de Dussel e o olhar Dusseliano da comunidade:

O ser humano é um ser vivente. Todos os seres vivos animais são gregários; o ser humano é originariamente comunitário. É assim que comunidades sempre acossadas em sua vulnerabilidade pela morte, pela extinção, devem continuamente ter como uma tendência o instinto ancestral de querer permanecer na vida. Este querer-viver dos seres humanos em comunidade denomina-se vontade. A vontade-de-vida é a tendência originária de todos os seres humanos – corrigindo a expressão trágica de A. Schopenhauer, a dominante tendência da vontade-de-poder de F. Nietzsche ou de M. Heidegger (DUSSEL, 2007, p. 25).

Ao falar do ser humano como um ser de comunidade, começamos a desenvolver os aspectos políticos, éticos e econômicos de organizações comunitárias e a vivência entre as pessoas que a compõem. Dussel citou nos seus escritos e de maneira essencial na citação que o ser humano é vivente e como que tríade formada pela política, ética e economia fundamentam e sustentam a vida em comunidade.

A filosofia da libertação contribuiu neste alargamento crítico que Hobbes limitou na vida individual do indivíduo. O termo indivíduo quer dizer indivisível, mas se o ser humano é comunitário pelo fato de precisar da comunidade para viver-sobreviver, então ele é divisível. A sua integridade se faz na sobrevivência e não na individualidade. É na comunidade que se encontra a alteridade que produz o altruísmo e a convivência.

2.2.6 John Locke e a teoria política

John Locke (1632 – 1704), nasceu na Inglaterra, era filósofo e médico e a sua origem estava nos burgueses comerciantes. Locke, tem uma tendência empirista. Na teoria política as suas concepções estão no livro *Dois tratados sobre o governo civil*, de onde surgiram os fundamentos do liberalismo promovendo as revoluções liberais que aconteceram na América e na Europa.

O estado de natureza foi como se fosse a superação do Contrato. Locke partiu da mesma concepção de Hobbes. Defendeu que os indivíduos isolados no estado de natureza reúniam-se pelo contrato para constituir uma sociedade civil. Para a teoria contratualista, somente o pacto legaliza o poder do Estado.

A compreensão de Locke ao estado de natureza não esteve na guerra e no egoísmo, mas no direito que favoreceu a elite, pois somente ela poderia ocupar cargos no governo. Para Locke, as paixões e a parcialidade podem desestruturar as relações dos indivíduos. E então, valorizando a segurança e a tranquilidade, todos, por um consenso, instituiu um corpo político. Mas diferente de Hobbes, que descreveu que o poder político do soberano é absoluto, Locke, defenderá que os direitos naturais humanos, estão acima e controlam o Estado. E se precisar, justifica-se o direito à insurreição se o governante trair a confiança que os indivíduos confiaram à ele. Os indivíduos são a elite:

Os príncipes detêm o poder absoluto, ao qual fazem jus por direito divino, pois nunca poderia ser facultado a escravos o direito de estabelecer pactos ou de consentir. Adão era um monarca absoluto, tal como o são todos os príncipes desde então (LOCKE, 1998, p. 207).

Locke mesclou no seu livro *Dois Tratados sobre o governo* as metáforas bíblicas⁵ para justificar a eleição do príncipe e o seu poder absoluto. Na concepção de Dussel ao mundo semítico é preciso fazer as interpretações contextuais e históricas.

⁵ O Livro Didático poderia aumentar a lente de compreensão dos leitores e até contribuiria a superar muitas coisas do machismo e racismo. Muitas pessoas e aqui me refiro, alunos e professores acreditam que Adão é uma pessoa e que a mulher surgiu a partir dele juntamente com a humanidade. Essa ideia justificou a submissão da mulher ao homem e de determinados povos ou pessoas por outro ou outra. Há, ainda, aquelas pessoas que acreditam que Caim é a origem da escravidão e os africanos descendem dele. Neste caso, pode-se utilizar a filosofia latino-americana e o paralelo com a alteridade como meio de crítica, reflexão e superação a escravidão e o que submete a pessoa humana a exploração.

Sem o poder político de um monarca soberano, Locke transferiu ao poder econômico. Distinguiu o público e o privado com leis diferentes. O Estado deve garantir e tutelar o exercício da propriedade privada. Nesse caso, o poder político permaneceu na concepção parlamentar que tirou o arbítrio dos indivíduos. Locke, elevou o poder ao legislativo como supremo na qual todas as instituições se submetem:

Ressalta-se desse modo o elitismo que persistia na raiz do liberalismo, já que a igualdade defendida era de natureza abstrata, geral e puramente formal. Não há possibilidade de igualdade real, quando só os mais ricos gozam de plena cidadania (ARRUDA e MARTINS, 2013, p. 256).

Locke representou o liberal no âmbito econômico e os ideais da burguesia. Mas a concepção de liberdade de Locke não é ampla e apenas a possui quem tem fortuna conseguiu a cidadania plena. Somente os proprietários podiam votar e ser votados. A elite mandante formava a origem do liberalismo, com uma igualdade que não dá direito aos habitantes. Para Locke, somente os ricos usufruem de cidadania e dos benefícios de votar e ser votados. A elite que governará e mandará no povo, com esse tipo de governo, não há liberdade individual. Os ricos formam o parlamento e o poder político e com essa força política o liberalismo só pode ser dos ricos porque as classes menos favorecidas não conseguem espaço social. No aspecto político, não podiam votar e nem votar pela escola pessoal. No econômico, o que restou para eles foi o trabalho servil e escravo. Locke, nesta questão repetiu o ideal aristotélico de político e que somente ela pode ocupar um cargo na polis e votar.

O Livro Didático não se aprofundou como que era o mundo da vida das pessoas da Inglaterra no contexto em que viveu e escreveu o filósofo Locke. O texto disse que ele contribuiu com os fundamentos do liberalismo, mas ausente de sentido crítico reflexivo de quem fazia parte do Estado Absoluto que defendeu. Se as funções políticas eram exercidas pela elite, então precisaria descrever e pensar em que situação o povo vivia ou viveria e de que maneira resolvia as questões de injustiças, a questão dos pobres, dos injustiçados e direitos iguais para todas as pessoas sem exploração e desumanização.

Pareceu contraditória a concepção de Locke ao dizer que os indivíduos estavam isolados no estado de natureza e a união aconteceu pelo contrato social e construiu a sociedade civil. Há um problema que necessita duma crítica reflexiva e um

pensamento apurado da liberdade. Não se disse quem estava apto à colaborar na confecção do contrato social, quem iria construir a sociedade civil e também as pessoas que fariam parte dela. Numa sociedade em que somente um grupo podia votar e ser votado foi e é impossível haver liberdade. Ela estava contida na elite. Dentro desta realidade houve servos ou escravos pelo fato da elite não se ocuparem com trabalhos braçais.

Seguindo a linha de raciocínio de Dussel, a sua crítica nos chamou a atenção:

Esta premisa menor invierte todo lo expresado tan esteticamente con anterioridad. Ahora, al ocupar esas tierras la conquista no usurpa el derecho de nadie, ya que estaban vacías, incultivadas, mal empleadas según el querer providente de Dios. Por supuesto que el criterio de la eficaz ocupación y el técnico empleo de las tierras es el de Locke, el punto erro que ve sin ser visto (el del occidental, el capitalista mercantil, el colonialista, racista, machista, etc). Por cuanto no hay juez humano que pueda juzgar (porque en el estado de guerra se trata de una relación rentre pueblos, quien apela al Cielo deberá estar seguro de que tiene el derecho de su parte, siendo sin embargo e inevitablemente él mismo (J. Locke, el pueblo inglés o europeo) su último juez empírico. Es evidente que los salvajes americanos se defenderán, y con armas (DUSSEL, 2013, p. 273).

A visão e o pensamento de Locke não são contra a conquista, a colonização e a escravidão. Em nenhum momento se criticou a escravidão interna e externa. Justificou com o personagem Adão que acabou contribuindo na escravidão das pessoas humanas negras africanas. A luta pelo poder político esteve nas mãos da monarquia. O governo do Estado Lockeano, foi da elite para a elite no poder e aos privilégios. O direito dos demais não superaram a condição determinista. No liberalismo a ética esteve comprometida e o Estado não teve o poder de equidade. Foi um controle contra o povo que nem teve expressão e reação para se libertar das elites opressoras. Veremos agora, o filósofo Rousseau, o terceiro contratualista e o seu pensamento.

2.2.7 Jean-Jacques Rousseau e a democracia direta

Jean-Jacques Rousseau (1712 – 1778), nasceu na Suíça e viveu na França, seguindo a tendência do século XVII. Utilizou da crítica para contestar o absolutismo, fundamentou a sua teoria no pacto social que legitimava o governo. A diferença do pensamento de Rousseau estava no conceito de democracia direta.

No Livro Didático, Maria Lúcia e Maria Helena escreveram sobre o pensador:

Para Rousseau, no estado de natureza os indivíduos viviam sadios, cuidando de sua própria sobrevivência, até o momento em que surgiu a propriedade e uns passaram a trabalhar para outros, gerando escravidão e miséria (ARANHA e MARTINS, 2013, p. 256).

Rousseau apresentou como era a vida e como vivia o bom selvagem antes que a desigualdade provocasse a corrupção do indivíduo, o levando para a violência. Por isso, esse falso contrato precisou ser superado por outro contrato legítimo. Um contrato onde todo o povo estivesse reunido por meio de uma só vontade. Para que o contrato social fosse legítimo, deveria ser aprovado pelo consenso da unanimidade da comunidade. Todos abdicariam de seu poder e ganhariam pela comunidade unida.

Neste novo pacto, o indivíduo anularia a sua própria liberdade para integrar-se no todo social e ao obedecer a lei, ele obedeceria a si mesmo e assim, tornasseria livre. Nesse caso, Rousseau concebeu no contrato, não uma perda de soberania pelo fato do Estado não estar separado dele mesmo.

A democracia representativa inibe o poder político e participativo do povo. A participação na comunidade na mudança e transformação duma sociedade nas configurações políticas da democracia atual não é um valor constituído. O povo é soberano, ativo e cidadão, mas isto não passa de teoria da constituição. Na prática, a participação é outra. No mesmo tempo, exerce uma soberania passiva que é assumida numa qualidade de súdito. Os cidadãos não fazem parte e não são convidados para participarem na elaboração da lei. O legislativo, pequeno grupo é quem o faz e a grande maioria submetidos nas condições de súditos, na obediência das leis e se não submeterem a elas, serão esmagados pela máquina desgovernada conduzida pelos que escolheram ou votaram.

A vontade de todos não se confunde com a vontade geral e os interesses privados não têm a mesma natureza que a do interesse comum. Nesta questão, encontra-se o cerne do pensamento de Rousseau, que fez a pessoa ser um ser superior, capaz de autonomia e liberdade. No mesmo tempo, é capaz de se submeter a lei, feita acima de si, mas por si mesmo. A liberdade da pessoa se faz na medida em que se dá o consentimento a lei, consentido, válida e necessária. O problema é que a pessoa nem sempre é pessoa. Ou seja, na categoria de povo, muitas vezes citado ou escrito numa condição pejorativa, também em Rousseau, não encontraremos uma crítica contundente a escravidão e a condição de exploração e

subhumanidades que eram impostos, até mesmo nos países que se diziam democráticos.

Rousseau não ampliou o olhar para outras realidades desumanas que estavam acontecendo no mundo. Ele está no século XVIII, e mais de duzentos anos que a América Latina fora invadida, conquistada, colonizada e a escravidão tirava a liberdade, dignidade e vida da pessoa humana, mas ele não fez nenhuma crítica, questionamento, etc. Os africanos que foram levados para a América são submetidos a condições subumanas, não há pacto e nem contrato social. Eles são mão de obra e descartáveis. Não há valor humano. A França, o país em que vive e que Rousseau foi descendente, fazia coisas absurdas com os povos colonizados, mas à uma omissão por não ter feito nenhuma crítica já que era um defensor de democracia e regimes políticos a partir do contrato social.

Ao escrever sobre a origem e os fundamentos da desigualdade humana entre os homens, Rousseau, não criticou a barbárie dos europeus colonizadores. Sua visão esteve restrita no mundo europeu e é quase impossível que ele não tenha recebido ou até lido sobre algo da escravidão da América Latina. Mesmo que Rousseau tenha criticado a modernidade e o eurocentrismo, ausentou-se de questionar e denunciar a escravidão e exploração humana na América Latina e na África. Dussel elaborou uma profunda reflexão do posicionamento de Rousseau no livro política da libertação.

Estas questões complexas não estão no livro didático. Não foi contextualizado e ficou somente no pensamento reflexivo do autor europeu sem uma contribuição para a descolonização. Nos surpreende que com tantos filósofos e filósofas críticos da conquista, da colonização e da escravidão não foram citados. Eles continuam desconhecidos e encobertos na maioria das vezes pelo próprio sistema de educação do Brasil. Neste caso, o próprio Ministério de Educação, o MEC e o PNLD.

O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) conduz a um pensamento de encobrimento porque quem os elaboram continuam no contexto de colonização, colonialidade e não ousam pensar e refletir além do que foi imposto. Em parte, estão alienados aos sistemas do mundo eurocêntrico de educação e por não terem um olhar fora do mundo da modernidade europeia, sinalizam e escrevem na escrita dos Livros Didáticos sem os recortes, os questionamentos, as críticas e dúvidas filosóficas do que estão fazendo. Desta maneira, o ensino de filosofia não consegue sair da totalidade eurocêntrica. Não há uma visão de exterioridade com outras maneiras de

viver e conceber o mundo da vida, desta forma, se perpetuam o conhecimento verticalizado dentro da forma.

Ainda na atualidade se ensina na escola que o Brasil foi descoberto pelos Portugueses. O pensamento crítico nem sempre foi e é aceito. Há uma sensação de que somos obedientes e disciplinados pela disciplina e não impelidos a trabalhar com a matéria para transformá-la de acordo à necessidades. O ensino de filosofia precisa estar no fundamento do pensamento da etnia ou do país, Estado, da cidade, da comunidade de onde os alunos se encontram e vivem.

Na filosofia da libertação, Dussel lançou mão das ferramentas do eurocentrismo e assumiu o pensamento filosófico que pesquisou, investigou, pensou, repensou, questionou, duvidou e escreveu numa teoria que precisa ser descoberta, conhecida. Perceber como que Dussel se fundamentou na teoria da práxis de Freire, pensador brasileiro que ousou no século XX, provocando a ver o mundo latino-americano com seus próprios olhos e ao escrever a partir da praticar duma educação da descolonização educacional. A descolonização da mente foi um passo rumo a libertação. Agora, estudaremos o pensamento de Montesquieu sobre o poder e a política.

2.2.8 Montesquieu e a autonomia dos poderes

Montesquieu (1689 – 1755), nasceu na França e filho duma família nobre. A sua formação foi iluminista e se tornou um crítico severo e irônico da monarquia absoluta e do clero.

Maria Lúcia e Maria Helena escreveram no Livro Didático:

Em O Espírito das leis, sua obra mais importante, trata das instituições e das leis, e busca compreender a diversidade das legislações existentes em diferentes épocas e lugares. Ao analisar as relações que as leis têm com a natureza e o princípio de cada governo, Montesquieu desenvolveu uma teoria do governo que alimenta as ideias do Constitucionalismo, pelo qual a autoridade é distribuída por meios legais, para evitar o arbítrio e a violência (ARANHA e MARTINS, 2013, p. 259).

A teoria de Montesquieu, é hoje, o fundamento do poder democrático separado pelos três poderes: Legislativo, Executivo e Judiciário. Inclui-se aqui a democracia brasileira que está estruturada nos poderes citados. Para Montesquieu, somente o

poder pode impedir o abuso de poder, mantendo os poderes constituídos autônomos e por pessoas diferentes. Se utiliza do próprio poder para controlar o poder.

Segundo o filósofo italiano Giorgio Agamben na sua reflexão ao Estado Moderno contemporâneo, disse que o Estado de Exceção foi criado no bojo da democracia de tal forma, que quando se determinou a exceção, não há mais qualquer forma regulada. Ou seja, se fez um Estado para salvar a democracia chamado “Estado de Exceção que permanece num estado de exceção, violência contínua.

Na proposta de Montesquieu não existia esta separação na divisão dos poderes. A divisão foi atribuída depois. O que ele queria estava na relação de equilíbrio entre os poderes.

O pensamento de Montesquieu foi apropriado para o liberalismo burguês, e as suas concepções estão alinhadas aos ideais da aristocracia liberal. A ambiguidade de seu pensamento estava na crítica ao despotismo e ao mesmo tempo, apoiava uma monarquia moderada, mas se posicionava contra o povo impedindo-o de assumir o poder. A crítica de Dussel a estas formas de governos é que o colonizador implantou um sistema de colonização que destruiu as nações conquistadas. Esta ideia de que o eurocentrismo foi melhor, desmerecendo os povos do Sul foi e é um dos questionamentos da filosofia da libertação latino Americana.

Se fizermos um paralelo entre o liberalismo e a totalidade, o outro deixa de ser alguém de direito e de dignidade. A alteridade foi eliminada pela ideia de que todos são iguais. Isso vale para a globalização. O princípio foi destruir com a singularidade tornando-os menos livres possíveis. Na comunidade, Dussel, pensa a partir do rosto do outro, mas que foi a face do tu de Buber. O igual dusseliano está no direito de viver e conviver comunitariamente. O liberalismo provocou a exploração do outro e o excluiu da comunidade e de seus direitos que garantiam a dignidade.

Nós, latino-americanos podemos questionar o poderio do Estado Moderno pela representação simbólica da figura mítica do Leviatã. Na pintura da figura do Leviatã, há uma expressão de subsunção que Dussel criticou ao escrever a Filosofia da Libertação da América Latina. Não podemos esconder a barbárie do Estado Moderno aos indígenas e depois aos africanos.

O Estado Moderno, foi escravocrata, foi capitalista, foi sanguinário como se acreditavam na brutalidade do Leviatã. O Estado Moderno eurocêntrico foi violento, desumano, explorador de pessoas até o último suspiro. Muitos morreram na colonização e muitos morrem na atualidade pela colonialidade de inanição. Se o índice

de pessoas vivendo na pobreza e miséria aumentam em plena era do capitalismo e da globalização, então é porque o sistema do Estado Moderno está falido e é falacioso. Dussel criticou este sistema na sua obra ética da libertação na Idade da globalização e da exclusão. Este pensamento dusseliano des-cobriu e des-velou o que os colonizadores vigentes da modernidade continuam à fazer. A sua reflexão crítica questionou e mostrou como que o sistema capitalista do Estado Moderno se fundamentou na injustiça social. Toda a teoria e prática revela contradição do sistema, pois a globalização impõem o consumo na maioria da humanidade que ficou e está excluída. Para os países da América Latina, África e as nações pobres da Ásia, o Estado Moderno eurocêntrico foi um monstro Leviatânico que impõe o seu sistema que é o capitalismo em nome do lucro.

O Estado Moderno não foi democrático e nem se organizou no medo. Não se inventou uma nova forma de governo na modernidade por não ter superado a violência e a eleição para o governo somente o da elite.

O pensador Montesquieu, defendeu uma ideia de política, leis e de economia autoritária. A sua visão foi eurocêntrica por não sair da Europa do século XVIII. A sua teoria política e jurídica alimentou uma constituição monárquica que ele foi a favor. No Livro Didático, o constitucionalismo foi para a autoridade ser distribuída pelos meios legais, evitar o arbitrário e a violência. Há nesta frase ou texto que se referiu à Montesquieu uma ausência de crítica reflexiva que possa dialogar com o povo.

A participação direta do povo poderia ser muito mais democracia do que a representatividade atual. De acordo com o pensamento de Dussel, a filosofia da libertação emergiu da realidade de descaso político e econômico do Estado Moderno contra o povo. Dussel sugeriu em várias de suas obras que as reflexões populares têm o poder e a autoridade democrática de pensar, questionar e não aceitar as políticas que são destrutivas da dignidade e da vida humana. Atualmente, em muitos Estados brasileiros, o sistema político continua na ausência da participação democrática e com isso, pareceu e o poder perpetua na monarquia.

Em vários Estados do Brasil, os poderes de autoridades dos aspectos político, econômico, jurídico, ético, cultural, ecológico e religioso estão acorrentados nas famílias ricas. A elite decide, impõem e exclui. Nós poderíamos elencar duas formas gregas como a oligarquia e a aristocracia que instituíam esta outra monarquia que dá continuidade depois da morte do pai ou avô político. O pai político, o filho político, o

neto político, o visneto político e o tataravô político está na realidade da política brasileira.

Como foi criticado, em muitos Estados brasileiros estão sendo governados a décadas ou séculos pelas mesmas famílias. Os governos monárquicos reproduzem em si mesmos duas características nos cargos: o governo vitalício e a hereditariedade do governo. Afinal, quem são os donos dos três poderes? A filosofia da libertação da América Latina pode nos oferecer leituras, críticas, questionamentos e reflexões para esta descolonização interna da política e auxiliar com ações concretas junto ao povo. A filosofia da libertação não é a teorização da realidade, mas a real situação que o povo se encontra e pela prática, participar e transformar o lugar em que vive. Esta é a transformação social.

A Constituição Federal do Brasil de 1988, foi escrita fundamentando-se nos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário sem argumentar e questionar de que a política democrática brasileira não se divide em poderes. Pois, se o sistema democrático divide em três poderes, mas o povo escolheu somente os membros do Executivo e do Legislativo e não participou da organização do Judiciário, sistematicamente não é democracia. É possível sugerir e escrever nos Livros Didáticos algumas provocações filosóficas e apresentar uma alternativa que é um quarto poder, o do Povo, ou autoridade Popular. Se o poder político e as autoridades oficiais dos Estados Modernos prorrogarem seus mandatos e se o poderiu dos mesmos for contra quem os elege, então a barbárie continua na prática política do Estado democrático. Esta organização e configuração dos Estados Modernos são sistemas das democracias eurocêntricas ou euro-nortecêntricas. Utilizam os seus próprios sistemas colonialistas para explorar os povos em plena atualidade.

A crítica que fizemos pela filosofia da libertação foi questionar o pensamento que encobriu a participação social do povo. Isso, pode ser a motivação de um pensamento a partir da realidade da escola e de seus alunos. Se não fizermos este passo, o encobrimento do povo continuará na política, na economia e na cultura em que a elite ocupará sempre o espaço governando e o povo de maneira pejorativa e não conseguindo lugar tanto no contexto de Montesquieu quanto no nosso, na atualidade. A participação do povo pelo voto e a crença de que politicamente atua, ainda não é segura, efetiva. Pois o poder continua nas mãos das elites que projetam em seus projetos a transformação da sociedade promovendo as injustiças sociais.

Na irracionalidade do mito da modernidade, temos a crítica Dussel. Segundo Dussel, quando uma parte seleta da sociedade vota e é votada, a grande maioria, é objetivada como massa e mão de obra barata, escravizada, explorada, coisificada e desumanizada. Ela é excluída da política porque os políticos são omissos e opressores.

Montesquieu não fez nenhuma menção a esta situação de desigualdade entre a elite que governa e o povo numa condição deplorável de desumanidade. Não se referiu aos escravos e a exploração humana? Então, como podemos dizer que este modelo de Montesquieu foi um Estado Moderno. Esta é uma questão filosófica que o pensador estruturado no eurocentrismo encobre, com isso, não fez nenhuma crítica e questionamento. O eurocentrismo desfigura e desumaniza os corpos das vítimas da barbárie que ele criou a partir do capitalismo e do mercado alienados no espírito do liberalismo ou neoliberalismo. A filosofia da libertação defendeu não a parte, mas a participação de todos dentro do ethos da política, da economia, da ética e da cultura. É neste ethos que a ética da libertação é capaz de pensar e repensar o mundo da vida das etnias e dos povos. Entre os povos, o ethos entrelaça nos direitos e na dignidade de existir e de viver de cada pessoa.

Não escreveu o porquê da lei, quem escreveu, para quem e como à aplica. A esperança que transforma e se encarna na corporeidade da carne do corpo, na utopia e na luta que transforma a realidade da sociedade. Sociedade que é o corpo humano digno de liberdade, dignidade e convivialidade, direito da pessoa humana enfatizou o filósofo Leonardo Boff.

O Capítulo 20, do Livro Didático, iniciou com a execução de Robespierre e seus companheiros na Praça da Concórdia, em Paris, no mês de julho de 1794. Na França, o contexto foi de revolução. Os ideais da Revolução Francesa de liberdade, igualdade e fraternidade foram suspensos e a repressão e a violência anularam as liberdades civis e este momento ficou conhecido como o Grande Terror. Trouxe este fato e pensamento para o final com o propósito de mostrar como que deixamos fora os líderes que lutaram e morreram pela libertação do povo brasileiro.

O questionamento da filosofia latino-americana fez pensar o contexto da colonização moderna e o personagem Zumbi dos Palmares antes de Robespierre. Zumbi ficou encoberto pela teoria colonialista e o seu assassinato no dia 20 de novembro de 1695, ainda não produziu uma reflexão política que provocasse uma revolução do pensamento nacional. Ele foi no Brasil e América Latina um líder -

símbolo da resistência e luta pela libertação dos escravos, liberdade e dignidade para os excluídos na sociedade da atualidade.

Zumbi dos Palmares, inserido no mundo imaginário e visto como uma lenda construída historicamente. Não há nenhum problema nisso. A lenda, o mito, a metáfora e a subjetividade fazem neste processo de confecção do texto histórico que compõem a história motivação para a luta contra as injustiças sociais e raciais.

No pensamento de Dussel, o mito, a lenda e a metáfora não são encobertas. Também estas representações são expressões do pensamento racional mexendo com a sensibilidade. Se o racional, excluir o corporal, o sentimental ou o espiritual, o que importa é somente a teoria e não sentido libertador do pensar na práxis. Na leitura que fazemos de Zumbi dos Palmares podemos encontrar fatos, lendas, acréscimos ou ilustrativos. Dizer que Zumbi é uma lenda inventada, pode ser uma continuação do eurocentrismo de encobrimento do outro e não assumir que a descolonização é luta e justificar a colonização. Na filosofia da libertação, Dussel criticou a racionalidade da modernidade por se fundamentar muitas vezes na irracionalidade da conquista e da violência que praticou contra o outro, indígena e depois com o africano. Ao africano impôs uma condição de escravo e não de pessoa, o não-ser. Esta postura de desprezo a lenda e ao mito elimina a epistemologia da cultura indígena, da cultura africana e cultura semítica por eliminar a história destes povos. Os conquistadores em nome da colonização destruirão os conhecimentos e os saberes dos colonizados por isso que numa das obras de Dussel, ele escreveu e a intitulou: *'Para uma de-struição da história da ética'*. Dussel viu no mito a força da reação, do racional, da emoção e do espiritual do pensamento que liberta o povo da opressão e desumanização. Destruir a ética colonialista é uma reflexão que rompe com o sistema do colonizar e elabora uma prática ética a partir de seu Ethos – Etnia – Ético.

No Brasil, o dia 20 de novembro de 2003, foi instituído uma data comemorativa, mas pouco reflexiva de quem foi Zumbi e qual a causa de sua luta. Temos que pensar e julgar se a data é comemorativa e festiva, pois o líder Zumbi foi assassinado neste dia. É um dia de reflexão, questionamentos, estudos, debates, planejamentos que precisam transcender no ano todo e não restringirmos somente numa data.

Na atualidade, a maioria das cidades do Brasil não dão um significado e sentido relevante à esta data. É uma data que a Filosofia da Libertação, a História da Libertação, a Sociologia da Libertação, a Antropologia da Libertação e a Pedagogia da Libertação não ocupam nenhuma página ou texto nos Livros Didáticos. Esta data

passou a ser um feriado a mais, dia de descanso, de praia, lazer, etc. Está ausente duma preparação ampla da história, da cultura e da filosofia com debates e reflexões críticos dos prejuízos e preconceitos da modernidade e da contemporaneidade. Estender estes estudos não somente para o dia 20 de novembro, mas que possa ser o mês inteiro e durante a semana da consciência negra, realizar teatros, filmes, documentários, livros, revistas, artigos, exposições, debates, reflexões e desenvolver um projeto para trabalhar na escola nos outros meses. O projeto precisa ser interdisciplinar. O empenho dos professores, professoras, alunos, alunas, os funcionários e funcionárias da escola que nem sempre são vistos na educação e acabam encobertos pelo sistema eurocêntrico. Esta atividade em conjunto é relevante para que realmente tenhamos consciência mútua, comunitária. O racismo, geralmente se fundamenta no preconceito reproduzido pelos prejuízos. O pré-conceito, que na filosofia da libertação é um pré-juízo é um juízo acrítico, sem pesquisa, sem reflexão, sem debate, sem pensamento, sem julgamento (discernimento, noção) e que nos mergulha cada vez mais na ignorância e nos torna em desumanos.

Na ausência dos Livros Didáticos, o professor pode buscar em materiais paradidáticos juntamente com os alunos da escola. Os alunos e os professores podem pesquisar textos, revistas, jornais, livros, documentários e filmes que possibilitem múltiplos olhares sobre o racismo e o preconceito que contribuam na superação dos mesmos. É propício para fazer uma autocrítica do que ensinamos, pensamos, enfatizamos e evidenciamos nesta data da consciência negra, que nestes 500 anos, as Instituições, num número expressivo, ainda não se conscientizaram do repensar a história e a colonização. Se quisermos que o Brasil e a América Latina se descolonizem e se libertem será preciso libertar-se de suas estruturas que a aliam e amiam. Sem que a sua história e os seus líderes estejam em evidências não há transformação cultural e do povo.

A data é comemorada no Brasil como o Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra. É uma data que foi instituída oficialmente em âmbito nacional a partir de 2003. A proposta foi nacional, mas a maioria das cidades não aderiram a este dia.

Muitas cidades do Sul do Brasil, constituídas de descendentes de europeus e que se dizem na atualidade ser europeu e não percebem que continuam no encobrimento do outro-eu e do outro-outro principalmente ao índio e ao negro. Um número expressivo defende que é um europeu ao dizer de sua descendência: sou

italiano; sou alemão; sou polonês, etc. A não aceitação da sua identidade latino-americana nem sempre condiz com os conhecimentos históricos, éticos, políticos e econômicos dos países que vieram os seus ancestrais. Esta maneira de pensar é a desmostração de uma mente colonizada e eurocêntrica.

A data Consciência Negra, deixa de ser nacional quando a maioria das cidades não a aderirem e a utilizarem como um dia de pensamento, reflexão e organização projetos praticáveis na sociedade para minuir o preconceito e racismo a nível nacional.

Várias cidades da região Sul alegaram e alegam que há poucos negros, a data, então, não é lembrada, mas esta é uma ideia eurocêntrica de embranquecimento de uma região que mantém na atualidade os traços do eurocentrismo. Não assumir esta data como responsabilidade com o país é um descompromisso com a causa e a luta de uma nação justa e livre de preconceitos. Fechar-se nesta mentalidade abre-se as disputas raciais e de superioridades falaciosas.

A luta pela descolonização é despertar a consciência duma nação e noção que estão na inercia e que a colonização ainda é aceita. A ideia de superioridade do colonizador eurocêntrico está alojada na memória cultural do colonizado que não se liberta desta concepção. Sem desenvolver uma ética do ethos e devolver a alteridade ao outro será impossível superarmos os prejuízos e preconceitos. Se não reconhecer na face do outro a expressão da igualdade e da dignidade não atingiremos a liberdade. Vale lembrar a máxima dos Semitas que Dussel se aprofunda e humaniza: *'justiça e paz se abraçarão'*. Uma mente ausente, fora da dimensão da razão e da sensibilidade daquilo que fizeram com os colonizados é defender o colonizador e a colonização sem questionar a barbárie que foi. Sem este processo de libertação, a mente colonizada continuará viva, vigente e reproduzindo a violência do conquistador e da colonização a partir do prejuízo, do preconceito e do racismo.

O Continente latino-americano foi sendo constituído pelos africanos e na atualidade, o seu povo afrodescendente vive encoberto pelo racismo e preconceito. A superação do racismo e da injustiça que o desumanizam são causas que nos unem nesta luta libertadora. Uma educação humanizadora que nos liberta da ignorância por falta de dúvidas e que possa romper as muralhas construídas pelas metáforas eurocêntricas. Esta invenção precisa ser superada se quisermos criar uma comunidade-sociedade em que negros, indígenas e brancos defendam a liberdade, a convivalidade, a vida e a dignidade de todos.

A data nos permite este pensamento crítico e esta reflexão de libertação, de mudança de concepção de mundo imposto pela conquista e colonização. A descolonização da mente permite libertar-nos de nossos prejuízos e constituirmos uma mentalidade livre e libertária. Agora, estudaremos o terceiro Livro Didático do filósofo Sílvio Gallo.

2.3 O terceiro Livro Didático

Filosofia: Experiência do Pensamento, de Sílvio Gallo 2016. Na Unidade 4, a temática é: Como nos relacionamos? E no Capítulo 1, páginas 199 a 206 e a questão Poder e Política.

O Poder e a Política formam a nossa questão maior para a nossa pesquisa e reflexão. Sílvio Gallo, no Livro Didático, na Unidade 4, iniciou dizendo a partir do subtítulo: Colocando o problema.

O contexto foi a primeira década do terceiro milênio, mais precisamente no ano de 2001, onde os Estados Unidos sofreram um atentado por um grupo de fundamentalistas Islâmicos. O alvo foram as Torres Gêmeas do World Trade Center e o Pentágono, órgão das Forças Armadas Norte-americanas. Este ataque matou quase três mil pessoas.

O governo Norte-americano decretou “Guerra ao Terror”, uma suposta medida para combater o terrorismo. O primeiro país invadido pelos Estados Unidos foi o Afeganistão, em 2001, e em 2003 invadiu Iraque que era governado por Saddam Hussein (1937 – 2006), o país suspeito de produzir armas químicas e financiar ações terroristas. Esse discurso político Norte-americano teve como pauta, defender a Democracia e a tomada de decisão como um valor universal e afirmando que todos os países deveriam buscar um governo democrático. Claro, os Estados Unidos era o modelo para as democracias. Faltou no livro um pensamento mais aprofundado e alargado mostrando que a democracia norte-americana é uma deturpação de qualquer sistema democrático. Há várias décadas impõem as suas normas morais, éticas, vontades bélicas e econômicas investindo contra os países menores e saquendo principalmente o petróleo na região do Oriente Médio. O erro-nortecentrismo utilizam de mentiras, fake News, manipulações e economia para amedrontarem, atacarem, destruir e matarem as lideranças de países que não

aceitam as suas determinações ou condições na democracia. Este também é o papel do filósofo questionar e criticar esta ação bárbara com os alunos.

Os Estados Unidos permaneceram oito anos nesta guerra contra o Iraque. Neste período, morreram mais de quatro mil militares das forças de coalizão e entre 134 e 400 mil civis iraquianos. Nenhuma arma química foi localizada, mas não se questionou o poder destrutivo daquelas armas que foram utilizadas pelos norte-americanos. No Livro Didático as imagens dos edifícios em chama pareceu que queria mostrar um lado da violência. Os que praticaram o atentado, receberam o nome de terroristas e suas práticas de terrorismo, mas a barbárie norte-americana não foram questionadas, criticadas, problematizadas e refletidas. A ideia de pensar que a corrupção e a violência continuam nos países do terceiro mundo e os do primeiro mundo são os que fazem as intervenções éticas e políticas, são mentirosas, falaciosas.

A política e o poder dos países ricos que exploram os pobres se fecham e impedem a relevância do diálogo e a política justa para ambos. Os EUA não propõem uma política e economia que valorize a vida de todos as pessoas mesmo não sendo norte-americanas.

A força bélica dos EUA visa a geopolítica e geoeconomia. Impõe o seu poder nos países menores geográfica e economicamente. A analética de Dussel pode contribuir e constituir os meios para questionar a paz norte-americana que manipula pela demagogia própria dos impérios dominantes. A sua política e economia dos EUA se fundamentam na ausência de solidariedade, humanidade e repetem aquilo que os colonizadores fizeram no seu bárbaro poder e sem racionalidade na modernidade.

A filosofia da libertação da América Latina desde a alteridade permitiu ver no outro, o humano e pode-se gestar uma política diferente onde não aja vencedor e vencidos. Nós, latino-americanos não podemos mais nos submeter aos trabalhos escravos na Europa e nos EUA com a sensação de que foi melhor ou porque o salário é maior. Nós lutamos para nos libertar deste sistema de senhor e servo que muitas vezes estão vigentes nestes países.

A vida em comunidade e a relação com os semelhantes na administração da sociedade, os gregos chamaram de política. Muitas pessoas pensaram que política é algo longe de si mesmo, e que só diz respeito aqueles que ocupam uma função instituída na cidade, Estado e país. É comum acreditar que o cidadão precisa se preocupar somente com o voto na época das eleições. O voto, na atualidade distancia

o eleitor da participação política. Este distanciamento se faz presente no sistema democrático pelo fato que ao eleger o político, o votante passou a ser representada. Em pouco tempo, nem lembra mais em quem votou e quais foram as motivações do voto. Muitas vezes as suas decisões serão ignoradas e que votou, geralmente lamentará, justificará e a vitimizará frente ao desmando e desgoverno do seu candidato - representante. Agora, o eleitor perdeu o poder, pois quem vota, transferiu o seu poder de decisões políticas pelo voto para eleito das três instâncias: municipal, estadual e federal. Se fizermos uma análise apurada, crítica e de ampliação social, veríamos que o valor do poder democrático ao passar para o seu representante o seu poder é fraudulento. A pessoa do eleitor foi transformada pelo voto em apenas espectador e não protagonista da mudança social na democracia. Há uma falta de consciência política da vida e na vida em sociedade. Como diria Freire, no mundo instituído por vários aspectos, as necessidades são transferidas ao político e a Instituição Estado que determina a condição dos cidadãos que se ausentam muitas vezes de seus direitos. Não tem direitos porque muitas vezes não teve uma educação ética, política e econômica que o libertasse do sistema porque o seu próprio representante o aprisionou. Se o eleitor e o eleito (candidato) não mantiverem um diálogo constante depois das eleições, as leis e os projetos serão incompatíveis para a vida do povo que somente vota, mas continua vivendo na indignidade porque a política não o defenderá mais e nem se ocupará com as suas necessidades vitais. Votar é protestar, mudar, transformar e dignificar.

2.3.1 A Filosofia na História – Poder e Autoridade

Segundo Gallo, para compreender a convivência e as relações entre os seres humanos, a base de qualquer noção de política, um conceito-chave é o poder. E se faz a pergunta: o que é o poder?

Uma definição do poder foi a imposição da sua vontade ao outro. Tem poder aquele que, por alguma razão, foi mais forte e pode mandar, dar ordens, decidir. Os que não tem poder obedecem, submetendo-se à vontade de outros e submetendo-se ao autoritarismo de quem controla tudo. Esta é uma concepção eurocêntrica de poder e na filosofia da libertação, a visão é outra. Primeiro que o poder liberta, pois isso não acontecer é autoritarismo e opressão.

No Livro Didático, Gallo apresentou a noção de poder e como que ela implicou a noção de autoridade. No poder estão as ordens obedecidas. Tal capacidade não significou apenas subjugar e neutralizar as vontades alheias. De maneira geral, o poder agiu administrando e organizando as vontades coletivas e particulares. O resultado representa a vontade de poder democrático que todos respeitam porque concordam.

A catalisação foi a principal forma de utilizar o poder para administrar as vontades particulares dos indivíduos. O poder não foi responsável pela reação em si, mas facilitou e dificultou, apressou ou retardou o ritmo dos acontecimentos que privilegiam determinadas ocorrências e evitar outras. Este é um mecanismo que o poder utilizou para administrar as vontades dum grupo social, organizando-as pela vontade do governante, o Estado.

Nesta apresentação sobre o poder e a autoridade, Gallo, sugeriu a ilustração do livro *A revolução dos bichos* de George Orwell (1903-1950), que depois foi transformado pela cinematografia num filme de ficção. A sinopse do filme narrou os animais duma fazenda que se organizaram para se libertar do domínio do fazendeiro, mas a ganância (vontade exacerbada) pelo poder, acabou gerando disputa e a escolha de um novo dominador. A nova liderança eleita, gerenciou a fazenda nos mesmos modos do sistema combatido. Sem consenso, a opressão não terminou e os que votaram, não se libertaram das práticas tirânicas, pois ela pode estar em qualquer um. Mudou-se o líder, mas não o fazendeiro autoritário e tirano da liderança que manipulava as vontades alheias e que continuava no poder. No bom senso do governante da fazenda, faltou o senso de democracia ou de coletividade. Muitas vezes, o senso é individual, pessoal, mas para o governo, o senso precisa ser consenso. É o senso da pessoa diluído e transformado no consenso das pessoas da comunidade e sociedade que acontece a libertação e transformação social.

2.3.2 Macrofísica do poder: a teoria da soma zero

No Livro Didático, Gallo falou da macrofísica do poder e comentou a noção de poder na teoria política clássica e quais são os lugares determinados que ele ocupou na sociedade. Foi como se o poder encontrasse lugares específicos.

A referência feita a uma monarquia absolutista, foi para representar o único governante no governo como o poder do seu próprio corpo. Numa democracia, o

regime está na multiplicidade e na rotatividade dos que governam e lideram num lugar, que é o poder das instituições. Nesta questão, os governantes são temporários, mas as instituições, como espaço e lugar do poder, são permanentes.

A teoria política clássica foi um comentário de Gallo que buscou nela para explicar o equilíbrio da organização social na teoria da soma zero. Segundo o que encontramos na soma zero, foi que o poder do governante foi igual à dos governados. De acordo a ela, se alguém detém o poder, há pessoas desprovidas do mesmo. Por isso, se o governante tiver mais ou menos poder que os governados, o poder estará em desequilíbrio e a organização social não se sustentará.

Os pensadores e escritores clássicos da teoria política que foram citados pelo Gallo como Platão e Aristóteles não criticaram e nem questionaram a sociedade e a política escravocrata da Grécia. Os pensadores do renascentismo e da modernidade Maquiavel, La Boétie e Foucault não criticaram a sociedade de escravocratas, não denunciaram a barbárie da servidão na Europa e a escravidão das nações conquistadas. Não reagiram contra a conquista, a colonização e a barbárie aos povos de outras culturas massacrados e impostos numa categoria de inferiores, subumanos. Eles podem contribuir, desde que abramos uma discussão possível para entendermos, o que podemos utilizar de suas teorias. O aspecto antropológico, epistemológico, histórico, sociológico, cultural, arqueológico e filosófico de um povo não se substitui pelo conhecimento do outro, mas soma. Buscar nestas fontes o conhecimento de como que o poder e a autoridade surgiram nestes povos e na constituição étnica propõem uma outra visão para a descolonização.

Não podemos esquecer que Dussel, é latino-americano e escreveu obras enfatizando o poder na política para o serviço. Ele disse que a política foi um poder serviçal. O Livro Didático não fez nenhuma referência à este pensador argentino. Nosso irmão de continente. Quando adentramos na filosofia da libertação nos deparamos com as veias da América Latina sangrando e os únicos que podem estancar este sangue são os seus habitantes descolonizados.

Eduardo Galeano foi alguém que contribui na compreensão de como que a América Latina foi e é um continente que continua à ser explorado. Parafraseando com Dussel, o sangue é a alma do Semita, povo explorado também na periferia do mundo, mundo inventado ou criado pelo mito da modernidade para justificar e praticar a colonização, escravidão e a exploração dos conquistadores eurocêntricos.

2.3.3 Microfísica do poder: transmissão em rede

Michel Foucault (1926-1984), elaborou um conceito de poder que diferenciou da soma zero. Foucault olhava as micro relações sociais e afirmou que o poder não é um bem que se possui, se acumula e se troca. O poder permeia em tudo. Ele está em todos os lugares formando uma rede que abrange toda a sociedade. É a essa análise que Foucault chamou de microfísica do poder. Nesse caso, a atenção se voltou nas pequenas relações, não aos grandes movimentos políticos.

Para Foucault, o poder não foi concebido apenas como repressão, submissão da vontade dos governados à dos governantes. O poder não pode ser resumido à interdição, à proibição e à lei. Não se esgota o poder na fórmula '*você não deve*', como se a pessoa que buscasse o poder e a pessoa que deve acatá-la não o tivesse.

Deve-se levar em conta, que o poder foi visto como fonte de produção social. A esse poder, Foucault denominou de tecnologia do poder. Construiu-se toda uma maquinaria por onde o poder se exerceu, interditando certas ações e produzindo outras.

Foucault rompeu com a concepção clássica do poder e não acreditou que ele estivesse materializado nos lugares específicos. Para ele, o poder estava diluído no tecido social e é onipresente. Ele se apresentou como uma imensa rede, que abarcou tudo e todos.

O poder não está somente nas relações políticas. O poder está entre pais e filhos, namorados, amigos e nas relações de trabalho. Foi desta microfísica que se construíram os aparelhos do poder político nas macros relações sociais. Para Foucault, essa multiplicidade de jogos de força e de lutas se estabeleceram entre os indivíduos nas diversas situações, desde as relações interpessoais aos sistemas administradores do Estado.

Foucault resumiu a teoria do poder em cinco pontos:

1. O poder se exerce: Ele não é algo que se conquista, que se possui, que se perca, mas é algo que todos os indivíduos exercem e sofrem. O poder só existe se é exercido.
2. As relações de poder são imanentes: O poder é interno a todo e qualquer tipo de relação social: ele emana dela e é seu efeito imediato.

3. O poder vem de baixo: Ele vem das pequenas situações. São correlações da força microscópicas que sustentam os macros poderes que enxergamos de forma mais imediata.
4. As relações de poder são intencionais: O poder é estratégico, é guiado por metas e objetivos, obedecendo a uma lógica e a uma racionalidade interna.
5. Se há poder, há resistência: A resistência não vem de fora, não é exterior ao poder, mas é uma condição de existência do jogo do poder.

Ao analisar as sociedades ocidentais desde a Idade Moderna, Foucault apresentou três tecnologias de poder distintas, e as principais formas de organização política: o poder de soberania, foi quem embasou os regimes monárquicos; o poder disciplinar, o centro são as instituições, que garantiu a emergência da consolidação do regime capitalista; e o biopoder e racismo, reflexão que Foucault abordou no seu livro *Em defesa da sociedade*. Estas realidades muitas vezes são encobertas e estão nas estruturas dos Estados contemporâneos.

Esta violência muitas vezes praticada ou ocultada pelo Estado não foi e não é somente uma análise de Dussel, mas uma crítica filosófica em que questiona o eurocentrismo do Estado e o fez um filósofo, intelectual e professor comprometido pelo processo de descolonização. Nos seus escritos, Dussel não esconde-se na omissão. Dussel pela filosofia da libertação da América Latina des-cobriu o que estava en-coberto nas teorias eurocêntricas estudadas pelos colonizados ausentes de criticidade, historicidade e hermenêutica. Na citação de Carbonari, vemos o filósofo Dussel comprometido com a transformação social latino-americana governada pelo sistema de um Estado colonizador e violento que buscou meios não somente de eliminar os seus escritos, mas sua própria pessoa. Sim, um filósofo e intelectual pode fazer a diferença é o que Carbonari falou ao citar a participação de Dussel ao envolver-se na sociedade para a transformação da realidade:

Dussel é um pensador que viveu e vive o drama contemporâneo: a violência avassaladora do logos ontologizante que causou a morte de muitos inocentes - a racionalidade ontologizante e egológica que trouxe em seu bojo o advento do genocídio dos povos autóctones, gerando a perseguição e a dizimação de milhões de índios/as, mulheres, negros/as na América Latina, principalmente. A marca desse aniquilamento foi trazida pela catástrofe da colonização portuguesa e espanhola. O próprio Dussel passou pessoalmente por esta experiência nefasta, ao sofrer um atentado à bomba, na Argentina, em consequência de seus posicionamentos ético-políticos na defesa das vítimas da América Latina. Este acontecimento fez com

que Dussel migrasse forçadamente para o México, onde vive até hoje. Assim, podemos dizer que Dussel é um pensador sobrevivente (CARBONARI, 2015, p.14).

O livro escrito por vários pensadores em homenagem pelos 80 anos de Enrique Dussel, nos ajudam a conhecer, a pensar e a desenvolver uma prática filosófica de nossa realidade que em muitos setores e aspectos estão para serem descobertos. A colonização e toda a sua catástrofe estão escondidos. É relevante que os filósofos e filósofas da América Latina tragam para a sala de aula e faça da escola um lugar do pensar para o atuar, uma práxis libertadora. O que geralmente não se faz porque não se pensa a realidade dos alunos ou dos professores e da comunidade escolar.

Os Livros Didáticos não mostraram as perseguições, as violências e as vítimas que o pensamento moderno irracional eurocêntrico causou. Não citaram os povos autóctones como livres e as suas maneiras de viver. Também não apresentaram pensadores contemporâneos como Dussel e parece que saber do filósofo perseguido pelas denúncias que faz pelas suas críticas é perigo, subversivo. Por exercer o seu papel de filósofo, questionando a realidade e as injustiças ao ser humano o pensador também pode ser encoberto pela estrutura educacional de ensino.

2.3.4 O pensamento político grego

Ainda hoje, os conceitos gregos da Antiguidade são utilizados no pensamento político:

A Grécia se organizou na política, estruturando em cidades independentes e a invenção da democracia como forma de governo envolveram problemas e geraram ideias perpassando pelos séculos:

Entre as muitas contribuições dos filósofos gregos que permanecem atuais, destacam-se as ideias de Platão (427 – 347 a. C.) e Aristóteles (384 – 322 a. C.). Ambos viveram em Atenas numa época em que ela era governada por um regime democrático e fizeram críticas a ele. Uma característica do pensamento político da Grécia antiga era tematizar como a política deveria ser. Várias questões pensadas por eles foram incorporadas nas teorias políticas modernas que embasam o regime democrático na atualidade (GALLO, 2016, p. 195).

2.3.5 Platão: o governo dos filósofos

Platão foi de família aristocrática. Na sua concepção de governo, somente os cidadãos preparados podem governar a cidade. Na democracia ateniense, foi o contrário. Não precisaria de capacitação e preparo especial para exercer um cargo político na cidade de Atenas.

Nos escritos de Platão, refletiu qual a melhor forma de governar e como identificar o mais apto para o cargo. Na ideia platônica, o político, precisava de conhecimento necessário para exercer o governo bom e justo; Leis que discutiam as ações dos cidadãos e constituições de leis que regulavam o bem de todos.

Na obra, A República, Platão afirmou que uma cidade perfeita é aquela governada pelos sábios, praticantes da filosofia e que possuíam um caráter racional. Faltou o conceito Areté, pois era nela, como dimensão que, assumida como valor se estende a tudo o que se fizer, não é um conteúdo, é um modo de praxia que confere o sentido ético. Os com caráter irascível, são os destinados a segurança da polis e ao exército, pois estes agem com bravura. E os de caráter concupiscível são as ligações à uma satisfação dos desejos e apetites do corpo. Estes são os responsáveis pela produção de bens necessários para a sobrevivência de todos. São os ambiciosos.

2.3.6 Aristóteles: o bem comum

Aristóteles foi o preceptor de Alexandre Magno, que depois se tornou imperador da Macedônia e também não considerava a democracia a melhor forma de promover o bem comum. Aristóteles não criticou com tanta intensidade quanto a crítica de Platão.

Aristóteles analisou várias cidades de sua época e buscou na classificação as boas formas de governar, mostrando que elas poderiam ser formas corrompidas de governo. Para ele, o governo não é bom por ser constituído de uma ou várias pessoas, e nem a formação e a capacidade daqueles que exercem o poder. O bom governo visa sempre o bem comum, o interesse comum. O mau governo é aquele que o interesse de quem governa se sobrepõe ao interesse do coletivo.

Aristóteles definiu três formas de governos e as suas formas degenerativas:

A primeira forma é a monarquia: este governo é duma pessoa só. Dentro dela há possibilidade de degeneração levando-a a tirania. Este é o governo de uma pessoa

só e visa somente os próprios interesses e quem está no governo governa com o poder vitalício e hereditário.

A segunda forma é a aristocracia: é um pequeno grupo que forma o governo para defender os interesses de todos. Também este governo pode degenerar, e surge a oligarquia, que é um governo de um pequeno grupo e voltado somente para os seus interesses.

A terceira forma é a democracia: um grande grupo forma o governo que tem como objetivo, o bem comum. A possibilidade degenerativa existe e forma a demagogia, e este é um governo de proveito próprio, buscando manipular os demais.

Ainda que uma cidade se origine de uma reunião natural de famílias, não podemos ver essas comunidades humanas como uma simples continuidade. Aristóteles definiu a existência de duas esferas, a privada (relativa à família e à casa de cada um) e a pública (relativa à comunidade política, à cidade). Se a economia é a ciência da gestão da casa (privada), a política é a ciência da gestão da cidade (pública) (GALLO, 2016, p. 197).

Nesta descrição que Gallo escreveu da visão de Aristóteles sobre a família e a cidade, o machismo foi explícito. Na concepção de Aristóteles, a esfera privada, o pai exerce quatro poderes diferentes: o econômico: que é a capacidade de organizar e gerir a sua casa; o paternal: poder sobre os filhos; poder marital: domínio à mulher; e o despótico: o de escravizar e a obediência do escravo.

Seria oportuno voltarmos os nossos olhos à América Latina. Enxergar nos quatro poderes que tanto os gregos quanto os colonizadores eram simpatizantes e praticantes desta mesma ideia. A ideia machista, andropocentrismo, que defendia a autoridade do homem, masculino e os demais, estavam submissos à ele. Esta sujeição a uma condição de pessoas obedientes abriu o espaço para antropocentrismo. Nele o homem autocentralizou-se no centro da dominação do planeta e submeteu todos os seres existentes como propriedade. O seu poder foi transformado em poderiu que justificou a escravidão, exploração e eliminação do outro que pode ser pessoa, vegetal e animal.

Dussel fez uma crítica contundente a estrutura da sociedade eurocêntrica que se fundamentava no helenocentrismo. O pensamento dusseliano não se limita somente a Grécia Antiga ou aos colonizadores há 500 anos atrás. Ele o faz na atualidade mostrando como que a colonialidade precisa ser descolonizada. Para explicar e dar qualidade ao seu pensamento buscou-se em quatro conceitos

desvendar os poderes citados acima. Nestes conceitos, Dussel fundamentou que o sentido dos conceitos erótica, pedagógica, política e arqueológica é a alteridade. A alteridade viu e vê o outro. Não pode haver relação de poder sem a alteridade. O poder sem alteridade desfaz a humanidade do outro e se justificou a escravidão e a exploração. Na ausência da alteridade, surgiu a violência, a barbárie, a banalidade, o autoritarismo e a opressão. A sociedade pode utilizar estes quatro conceitos para repensar a estrutura do poder social dos países da América Latina. É na filosofia da libertação da América Latina que encontraremos este pensamento reflexivo, crítico, libertador e construtivo.

O filósofo brasileiro, Roque Zimmermann, ao pesquisar na sua tese o pensamento dusseliano disse na sua obra *América Latina, o não-ser* – uma abordagem filosófica a partir de Enrique Dussel (1962-1976), que os poderes de controles estão presentes na atualidade nas relações de poder. Os conceitos podem ser categorias filosóficas que pela analética se faz alteridade.

Zimmermann, descreveu as categorias, dizendo:

Na erótica, somente o varão, por ser princípio ativo, é; a mulher, não é. É só o varão livre na polis; na pedagógica, na totalidade fechada, a criança encontra um mundo já pronto, acabado. É o mundo dos pais, da família, da classe social na qual nasceu, da comunidade, da nação e do continente; na política, desde os gregos até hoje nos ensinaram e nós continuamos a ensinar que a política é a ciência e a arte da administração da cidade, da coisa pública, do Estado. Fala-se constantemente do bem comum, que de comum não tem a partilha do bolo entre os ocupantes do topo da pirâmide. A própria democracia grega não passava disso; na arqueológica, é a necessidade de uma verdadeira libertação nacional dos diversos povos desta América Latina. A opressão apresenta-se também como uma verdadeira opressão nacional. A afirmação de cada nação como sujeito livre, autodeterminado é pré-requisito para uma participação consciente na superação dos nacionalismo, fascismos e totalitarismos vigentes (ZIMMERMANN, 1986, p. 185-189).

Na compreensão aristotélica, o bem comum não visou ou não atendeu toda a comunidade. As mulheres, escravos e estrangeiros não usufruíram dos mesmos direitos na sociedade grega. Nós, na América Latina, temos uma tradição que está viva e podemos conhecer depois de séculos de eurocentrismo. Retornar a este conhecimento é a maneira de compreender o ser humano não como um animal político e social como dizia Aristóteles. É preciso pensar o pensamento de Dussel, que enfatiza a vida de grupo no poder político, no poder ético, no poder jurídico, no poder econômico, no poder cultural, no poder religioso, no poder linguístico e no poder

ecológico na organização humana da sociedade. A própria política ganhou uma abrangência que seguiu e segue as necessidades humanas. Na filosofia da libertação, a proposta é pensar a realidade e qual o papel da política neste meio em contribuir, então com o bem comum, suprir com o que o povo precisa para viver. Que no ocidente recebeu o nome de bem-comum e entre os povos andino, el bien vivir, o bem-viver.

Qualquer tipo de totalitarismo não condiz com o bem comum e é impossível viver bem ou bem viver na opressão. Dussel, ao escrever que a ética somente podia ser ética quando liberta é um movimento para a descolonização. É relevante buscar um aprofundamento da ética pelo simples fato dela não fundamentar no ethos da etnia. Esta é uma questão que não está no Livro Didático. Fazer este apanhado é para descobrirmos como que a ética da libertação rompeu com o eurocentrismo do encobrimento presente e dominante pelo eurocentrismo. Não nos damos contas dos autores latino-americanos pelo hábito de repetirmos pensadores somente do mundo eurocêntrico. A colonização não é sinônimo de modernidade e superioridade. Ela é a força do autoritarismo da conquista que temos que desfazer descolonizando a partir de nossos estudos, pensamentos, reflexões críticas e escritos. Apontar para a América Latina livre e não opressora e superar os preconceitos é trazer ao ensino de filosofia outras visões da modernidade.

2.3.7 As transformações no pensamento político

As formas políticas do Império e o poder do Governo estão centralizados neste período da Idade Média nos poderes vigentes que são o temporal e o espiritual. No Livro Didático, Gallo citou a obra “A Cidade de Deus” do filósofo Agostinho (354-430). O desdobramento da obra está entre a cidade dos homens e o que a regem e na cidade de Deus e nas qualidades do divino numa concepção cristã do cristianismo eurocêntrico. Temos que fazer esta retomada antropológica do cristianismo para entendê-lo a ruptura que houve na prática da fé cristã antes e depois com o Império Romano.

Não podemos esquecer que o Império Romano conquistou a Palestina no ano 63 a.C. com o imperador Pompeu e Jesus de Nazaré foi assassinado pelo Império Romano, mais ou menos no ano 30 ou 31 d.C. quando o Romano Pilatos, era governador da Judeia e a sede em Jerusalém. Tibério César era o imperador nesta época. É relevante percebermos como que os eurocêntricos falam ou explicam sobre

Jesus. A humanidade de Jesus é subsumida na divindade. Ele também é encoberto. Enfatizar esta questão é possibilita conhecer o título Cristo e que na atualidade continua encobertando a pessoa humana de Jesus. O assassinato de Jesus de Nazaré foi pela sua luta de libertação da Palestina explorada de seu tempo.

Como pensou Dussel, o ser humano nasce, vive, convive e morre em comunidade, então, isso não foi diferente com os demais seres humanos. É válido, também, dizer, que a comunidade de pessoas que o seguiam era de homens e mulheres. Hoje, por mais que muitos utilizem Jesus para a manipulação e faturamento econômico, não podemos cair no mesmo equívoco. Se lermos a vida de Jesus pelo ângulo da antropologia, da história, da sociologia, da filosofia Semítica, teologia da libertação e não pela ótica do cristianismo eurocêntrico, então faremos uma leitura para além da verbalização dogmática do Nazareno. Como foi dito em outro momento desta dissertação, o papel de Jesus na primeira metade do primeiro século da Era Cristã foi relevante para abalar as estruturas criadas pelas lideranças religiosas e políticas.

No ano de 2020, o Carnaval do Brasil foi o palco ou um cenário em que a Escola da Mangueira mostrou como que a palavra para o filósofo é parte constitutiva de seu pensamento quando absorvido e exposto com responsabilidade social. A representação de Jesus de Nazaré na Mulher, no negro, no marginalizado, no preso, no excluído, no faminto, no doente, no assassinado, no homoafetivo, no LGBT, no travesti e etc são críticas contra o sistema vigente moralista, eurocêntrico e desumano que busca encobrir as minoriais. É este Jesus que a filosofia da libertação refletiu, pensou e falou. É o filósofo, o sábio e a pessoa que não se omitiu, mas reagiu ao se opôr à tudo aquilo que marginalizava, excluía e eliminava os pobres causa das injustiças dos governos.

Os pensadores gregos, como Platão, as mulheres ganharam espaço. Diotima de Mantinea foi uma sacerdotisa e filósofa grega antiga que viveu por volta de 440 a.C. e que teve um papel importante no Banquete de Platão. Nele apareceu como mentora de Sócrates nas questões de Amor (em grego, Eros). No diálogo, suas ideias deram origem do conceito de escada do amor, parte do amor platônico. No livro Filósofas: a presença das mulheres na filosofia de Juliana Pacheco, encontramos várias pensadoras que foram encobertas pelo machismo androcêntrico que inferiorizaram as mulheres. Nesta obra, Pacheco escreveu sobre Diotima e a sua influência no Banquete de Platão e como que Sócrates foi por ela influenciado.

Esta constatação na elaboração do texto nos ajuda a utilizar pequenas apresentações de personagens que foram encobertos pelo eurocentrismo e que temos des – cobrir.

Voltemos para Maquiavel. Na saída da época medieval, o breve renascentismo encontra-se com a reflexão política de Nicolau Maquiavel, servindo de dobradiça entre dois períodos, a Idade Média e a Idade Moderna. Este foi um contexto europeu, ou seja, há um eurocentrismo que ganhou expansão na modernidade mítica europeia. Ele não questionou o renascentismo que foi um repensar por meio da cultura grega.

O livro O Príncipe foi uma teoria clássica e apresentou a arte de governar e até o momento serve-se de fundamento aos que estudam política no ocidente. Maquiavel está imbuído do espírito renascentista, mas sem perder o seu diálogo com o passado e o seu elo de ligação será o autor da Antiguidade que foi sua inspiração, o Tito Lívio. Os dois conceitos Virtù e Fortuna que Maquiavel abordou na sua obra O Príncipe estão no Livro Didático de Gallo e discorrem pelo viés da política, mas não se ocuparam com a ética, a política e a economia que envolvem os povos pelo bem de todos. Ele ainda está fechado na política elitista e sua teoria que não desceu a realidade do povo, explorado. Não fez uma crítica social de transformação e o povo está encoberto pela estrutura servil, numa cultura que não viu os trabalhadores permanecendo encobertos.

2.3.8 Um discurso contra a opressão

O filósofo Étienne de La Boétie foi outra voz renascentista. Ele contribuiu com a construção do pensamento político moderno. O seu livro Discurso da Servidão Voluntária, escrito no século XVI, foi um ensaio contra a tirania e em favor da liberdade. Nesta obra, La Boétie afirmou o que compreendia sobre a existência da servidão involuntária que para ele, são os indivíduos subjugados pela violência, escravidão e guerra. Segundo ele, não entendia como uma multidão podia submeter-se espontaneamente a um soberano, pois nem a covardia podia explicar isso. La Boétie, via na servidão voluntária um vício indomável.

O aprofundamento do pensamento de La Boétie buscou o que ele pensava sobre os costumes, a covardia, o temor, a amizade, o Estado, as relações de poder e a tirania seguindo o que Gallo escreveu no Livro Didático.

O pensamento de La Boétie pode ser invertido para entendermos melhor a sua teoria crítica conhecendo assim a cultura, a tirania, o Estado, as relações que foram utilizadas como métodos dos conquistadores e conquistar o outro, desconhecido e pela violência, transformá-lo num escravo. Não podemos esquecer que na barbárie do conquistador nem sempre era possível reagir e lutar pela liberdade. Mas temos um caso que foi citado acima, no Brasil, o Zumbi dos Palmares foi e é a voz da libertação, já no ano de 1695:

A astúcia de La Boétie foi perceber que a chave dessa servidão está justamente nas relações de poder que se estabelecem pelo tecido social, e não como uma imposição do tirano a uma população submissa (GALLO, 2016, p. 2000).

Esta citação pode gerar um pessimismo e inocentar o tirano e a sua violência, barbárie e saque da vida e da posse do outro. Pensemos na tirania do tirano conquistador e colonizador que explorou e tecendo um tecido social sendo dono do outro. A violência criada neste tecido vem no tirano e não no explorado. Ter um cuidado para não culpabilizar a vítima e supervalorizar o agressor. No livro 1492, Dussel criticou o eurocentrismo que inventou um sistema de escravidão, onde escravizou e fez da vítima culpada pela sua banalidade.

Kant, na ilustração ou iluminismo, utilizou o conceito covardia juntando com a preguiça. O problema maior é a ausência do conhecimento do que causou e do que foi a colonização e a escravidão, senão a brutalidade do aparato do Estado Moderno criado pelo conquistador. Não pode ser aceito como natural a colonização, a escravidão e exploração os povos como os indígenas e os negros africanos.

Os textos dos pensadores La Boétie e de Kant, partiram duma explicação da sociedade não filosófica da antropologia. Ao abordarem a preguiça e a covardia, se ausentaram do contexto, da história, da etnia, cultura, da linguagem e da filosofia. Não se preocuparam com o sentido que os povos tinham destes dois conceitos. Existem duas possibilidades de que aquilo que estamos explicando ou já explicamos estejam equivocados: 1. Afinal, nós conhecemos a antropologia e a história do povo em que falamos da preguiça e a covardia? 2. No idioma do povo explicado, quais são os sentidos das palavras citadas? Em cada etnia ou povo as palavras são diferentes e muitas nem existem no dicionário e na prática. Os conceitos abordados são eurocêntricos e que discriminam o outro pela sua cultura e maneira de existir. Estes prejuízos e preconceitos são quase que naturalizados no Sul do Brasil.

A filosofia da libertação da América Latina ao fazer a sua crítica a este sistema desumano, buscou descolonizar esta educação que está impregnada na mente e na cultura de muitas pessoas latino-americanas escolarizadas ou não. Mas na leitura que fizermos dos textos o relevante é compreendermos o contexto e o sentido dos dois conceitos para o povo que o escreveu. La Boétie escreveu o seu livro em meados do ano de 1500. É claro que La Boétie preocupou-se em entender o que estava por de trás desta servidão:

Aquele que vos domina tanto só tem dois olhos, só tem duas mãos, só tem um corpo, e não tem outra coisa que o que tem o menor homem do grande e infinito número de vossas cidades, senão a vantagem que lhe dais para destruir-vos. De onde tirou tantos olhos com os quais vos espia, se não os colocais a serviço dele? Como tem tantas mãos para golpear-vos, se não a toma de vós? Os pés com que espezinha vossas cidades, de onde lhe vem, senão dos vossos? Como ele tem algum poder sobre vós, senão vós? Como ousaria atacar-vos se não estivesse conivente convosco? Que poderia fazer-vos, se não fôsseis receptadores do ladrão que vos pilha, cúmplices do assassino que vos mata, e traidores de vós mesmo? (LA BOÉTIE, 1982, p. 14).

Étienne de La Boétie afirmou dando vida no Discurso e evidenciou e denunciou a exploração humana tornando uma voz que ecoou pela liberdade e pela igualdade de todos os homens na dimensão política. Evidenciou, pela primeira vez na história, a força da opinião pública. A opinião, podemos vê-la como um princípio do direito de expressar pela política a sua vontade e necessidade. Na opinião pública está a reação e participação do povo. La Boétie, universalizou o direito humano de ser livre e a totalidade não foi mais o totalitarismo, mas o todo da sua cultura.

2.3.9 Sugestão de outros sujeitos, outras visões e outros protagonismos nos nossos Livros Didáticos

A Filosofia da Libertação é outra visão ou outra maneira de pensar, existir e responsabilizar a partir do compromisso filosófico de um filósofo desde o continente que ele represente. Esta visão proposta pela Filosofia Latino-americana de Dussel foi discutir a colonização e a realidade dos colonizados. Repensar os desdobramentos da modernidade e da barbaridade aos povos conquistados não podem se ausentar nos Livros Didáticos de filosofia.

Abrindo-se para este pensamento e discussão latino-americanos, criamos resistência no combate ao racismo filosófico e epistemológico. A filosofia da libertação é a partir duma releitura crítica dos escritos, dos conhecimentos, dos equívocos, das falácias desenvolvimentistas, do mito da modernidade e dos ensinamentos eurocêntricos. Esta é uma possibilidade de superação da colonização e da colonialidade que estão enraizadas na história Latino-americana nos Livros Didáticos.

Mostrar pelo aspecto filosófico da América Latina que a humanidade é diferente em suas geografias, etnias e epistemologias. Revelar aos povos que a modernidade foi uma falácia para unificar o ocidente pelo eurocentrismo e pode controlá-lo pelo método de conquista e de colonização. Os sistemas políticos das etnias, dos grupos, dos clãs, das tribos, das polis e das nações foram subsumidos pelo Estado Novo ou Moderno eurocêntrico.

Os Livros Didáticos não expressaram nenhum pensamento ou crítica a este sistema de imposição de uma cultura as demais que são barbaramente conquistadas e eliminadas. Esta é uma crítica construtiva que fazemos deste encobrimento que perdura nos escritos e discussões de professores latino-americanos.

A filosofia da libertação não rejeita a filosofia europeia e a grega, a sua crítica é contra a unicidade da filosofia helênica e eurocêntrica que colonizou na modernidade e na contemporaneidade pelo conhecimento, ciência e tecnologia. A filosofia da libertação é contra a centralização dos pensamentos e sistemas de concepções de mundo da vida. Ela dialoga, aprende e ensina quando o pensador europeu pensa horizontalmente e não na imposição vertical. Ela tem um olhar global e um respeito ímpar de cada pensar. As muitas filosofias podem construir pontes e não muros separatistas, prepotentes. A filosofia é crítica por natureza e se ela aceitar o pensamento eurocêntrico, centralizando-o numa única visão, contribuirá com a ideia totalitária do conhecimento. A visão da Filosofia da Libertação é um ver pelo exterior, de fora do que coloniza o pensar e o sujeito pensante.

CAPÍTULO III - FILOSOFIA LATINO-AMERICANA: MÉTODO ANALÉTICO NA PRÁTICA DO ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO A PARTIR DE OUTRAS VISÕES FILOSÓFICAS

No terceiro capítulo conheceremos e estenderemos o pensamento da Filosofia da Libertação da América Latina de Enrique Dussel na prática. A sua aplicabilidade dialogou com a analética estabelecendo pela alteridade com o outro uma responsabilidade que transforma a realidade. Este diálogo analético se desenvolveu com pensadores e escritos do Hemisfério Sul e com os do Hemisfério Norte, Dussel dialogou mesmo com pensadores eurocêntricos Hegel, Habermas, Nietzsche e outros, geralmente questionados pela posição sem relevância vistas como acrílicos e apáticos a colonização.

A escolha destes autores e autoras foram realizadas pela necessidade que temos de encontrá-los nos Livros Didáticos e de pensarmos a partir de outras visões sobre a modernidade.

Todos os pensadores citados contribuíram na elaboração das aulas com outras visões, teorias e práticas no Ensino de Filosofia no Ensino Médio, pois, a utilização de temáticas, questões, questionamentos, críticas e dúvidas não abordadas nos Livros Didáticos são trazidas para a discussão, reflexão, criticidade e pensamento que mobilizam o aluno na sala de aula e na realidade da comunidade escolar.

Na Filosofia Latino-americana, encontramos uma proposta de superação do colonialismo daquela visão imposta e mantida pelo eurocentrismo. Os temas encobertos que descobertos são pensados a partir da realidade da pessoa colonizada, oprimida e prisioneira do sistema colonialista pela filosofia da libertação. A filosofia da libertação da América Latina atuou e atua no local de fala do aluno e da escola, provocando uma reflexão crítica da realidade e por meio dum pensamento libetador anima-o pela perspectiva de descolonização o estudante a transformação social da comunidade. É um pensamento-reflexivo-crítico-prático da realidade que circunda o professor, o aluno, a escola, a comunidade escolar e o ensino de filosofia.

Os objetivos destas dez aulas se multiplicam, estão para além delas mesmas pelo conhecimento da sua história, da filosofia, da conquista, da colonização, da invenção do mito da modernidade e como podemos pensar uma outra sociedade

possível. As dez aulas na dissertação são para nos mostrar que temos outras maneiras para trabalhar filosofia na sala de aula. Deste número de aulas temos um planejamento para as atividades anuais.

3.1 1ª Aula: Filosofia da Libertação da América Latina: o descobrimento do encobrimento do outro (Analético - Alteridade)

Tema:

Filosofia da Libertação: o Descobrimento do Outro na Analética Alteridade

Objetivo Geral:

Filosofia da Libertação da América Latina pensada a partir do Outro colonizado pelo filósofo Enrique Dussel é uma outra visão da Modernidade ausente no Livro Didático.

Objetivos Específicos:

- a) A Filosofia da Libertação da América Latina: uma crítica destrutiva e reconstrutiva;
- b) O pensamento filosófico do descobrimento da alteridade do outro;
- c) O Método Analético, uma prática ética da libertação.

Justificativa

A crítica filosófica de Dussel a partir da realidade ética da libertação do sistema vigente da América Latina desde o encobrimento das vítimas à sua libertação, descolonização nos provoca a repensar:

La razón calculadora tiene al fin como único criterio la sobrevivencia y decadencia del sistema imperante, y en su nombre inmola la naturaleza y la humanidad de manera suicida. La visión es cuasi-trágica, pero de no enfrentar la crisis con este realismo en apariencia pesimista, se puede caer en el optimismo cómplice del pretender realizar la Modernidad sin haberla antes criticado, o sólo negarla desde un irracionalismo que no despierta en las víctimas ninguna esperanza, ni ninguna posibilidad racional de justificar su propia praxis de liberación (DUSSEL, 1998, p. 339).

O objetivo da primeira aula está em apresentar a Filosofia da Libertação da América Latina: o descobrimento do encobrimento do outro (Alteridade - Analética). A

Filosofia da Libertação de Enrique Dussel é o fundamento do filosofar latino-americano. O texto de Enrique Dussel propõe uma discussão filosófica para além da sala de aula. A discussão dusseliana inicia a sua reflexão desde 1492, período que começou a conquista e a colonização e os conceitos de encobrimento na modernidade são impostos nos conquistados.

Os pensadores eurocêntricos que foram perpassando nos cinco séculos com suas teorias até a atualidade em nenhum momento questionaram o que Espanha e Portugal descobriram. Ninguém perguntou como poderia descobrir se o lugar já estava habitado. Neste livro que está em espanhol encontramos muitos pensadores que foram encobertos pela colonização. Agora estudaremos, pensaremos e refletiremos estes autores com seus escritos e de qual país escreveram os seus pensamentos. Eles não se encontram nos Livros Didáticos, mas muitos pensadores latino-americanos estão nesta obra: *El pensamiento filosófico latinoamericano, del Caribe y "latino" (1300-2000): historia, corrientes, temas y filósofos*/editado por Enrique Dussel, Eduardo Mendieta, Carmen Bohórquez.

A filosofia latino-americana releu a história desvendando o que a encobertou. É um filosofar das culturas, materiais, textos, livros, pensadores e pensadoras do continente latino-americano. Foi assumindo a visão latino-americana como resistência à imposição eurocêntrica, que nos fez ver somente pela perspectiva totalitária e agora libertária.

A Filosofia Latino-americana é proposta de reflexão filosófica desde uma práxis que a constituiu na sua epistemologia de história e filosofia cuidando para não se equivocar ao falar do logos, do ser e da verdade. Há uma ausência da sensibilidade, sentido e significado das coisas. Estas três categorias anteriores ocupam a universalidade conceitual e totalitária pelo eurocentrismo, mas para o indígena e o africano a história está na pessoa e não na teoria escrita. A história é memória e memória é história e história e memória constituem a tradição oral que é a própria pessoa humana. A história, a memória e a pessoa humana formam-se num amalgama:

Una historia del hombre como logos; es decir, una historia de la manifestación y des-cubrimiento de lo que sea el hombre, el ser, el mundo. Una historia de la verdad del ser, del ser y su en-cubrimiento (la mentira o el olvido). Es una historia de la ontología fundamental, una historia de la introducción al pensar filosófico. Qué sentido tiene esta historia para nosotros, hoy, en América Latina? No se trata solo

de una historia informativa de sistemas, útil para cultura general?
(DUSSEL, 2012, p. 137).

A história é analética⁶ e o reconhecimento na alteridade é o descobrimento do sujeito encoberto pelo eurocentrismo. Somente este Face-a-Face filosófico latino-americano é possível provocar a libertação de maneira integral. Na analética-alteridade-dialética o projeto de libertação filosófica da Filosofia da Latino-americana surgiu como proposta de transformação da realidade. Esta é uma libertação que não liberta somente o corpo escravizado, mas a pessoa humana na sua integridade com a alma e o espírito que expressam pela carne na vida. Ou seja, na carne que se mistura no sentido e no pensamento elaborando uma reflexão de liberdade criadora na práxis.

Filosofia Latino-americana e Europeia

A filosofia latino-americana não excluiu o conhecimento e a compreensão da filosofia europeia, pois sabe que ela também é importante como outra visão de mundo. O problema é quando se torna eixo e alienação para a reflexão. No pensamento Dusseliano, a ausência de crítica e causou o encobrimento e a dependência do outro. O pensamento reflexivo-crítico para Dussel, é de libertação do eurocentrismo.

Na América Latina, os pensadores e pensadoras contemporâneos que aderiram o questionamento do pensamento eurocêntrico, apresentaram as Epistemologias do Sul. Escreveram artigos, livros, dão conferências e defendem, ensinam a descolonização do pensamento e do saber eurocêntrico.

Na Filosofia da Libertação, a Ética da Libertação, que para Dussel, contribuiu na fundamentação da Filosofia Latino-americana originou uma outra pedagógica como crítica ao Ethos. A pedagógica como questionamento, repensamento da educação e ensino da filosofia.

A filosofia e a ética da libertação transformam-se em meio, intermediação e discussão do outro. Um alguém que precisa ser reconhecido pelo seu ser e dignidade.

⁶ Analética: Para o filósofo Enrique Dussel, o Método Analético, está além do Dialético. Vem de um nível mais alto (Ana), que o do mero método Dialético. O Método Dialético é o caminho que a totalidade realiza em si mesma: dos entes ao fundamento e do fundamento aos entes. Trata-se agora de um método que parte do outro enquanto livre, como além do sistema da totalidade; que parte, então, de sua palavra, atua, trabalha, serve, cria.

É uma ética da libertação para além do eurocentrismo. Uma ética da realidade do ethos latino-americano descolonizada.

Buscar no método Analético dusseliano o quanto a dialética pode inverter a teoria para a prática. A práxis é a analética que assume o outro, a vida do outro e as necessidades do outro. Dussel num de seus livros escreveu que a analética superou a dialética hegeliana. Esta superação não desmerece a dialética, mas contribuiu no diálogo. Pensar o quanto a aula pode ir a campo junto com os alunos. Ao sair da sala e olhar o horizonte que se releva - desvela e juntos podemos descobrir ao abrir-se uma outra visão, diferente. É envolver-se socialmente com o povo, na realidade.

A filosofia da libertação nos ajudará a ler e a interpretar o que se passa nas Ágoras e suas circunstâncias. O princípio da filosofia é ver diferente, mas a domesticação dos Livros Didáticos nos faz ver todos iguais, mas somos diferentes. O papel da filosofia da libertação ao pensar a realidade e criticá-la é conhecer a indiferença seja pessoal ou social para superá-la.

A aula de filosofia pode ser na Praça da Prefeitura e o conteúdo pode ser a realidade da política, da ética, da economia, da ecologia, da justiça, da violência, do respeito, etc. Elaborar perguntas que possam desenvolver alteridade com as pessoas da prefeitura, que são o prefeito, o vereador, os secretários e demais pessoas que trabalham neste lugar.

O papel do professor, do aluno, da educação, da escola e da universidade assumem um protagonismo que questiona e participa nas atividades da sociedade. Fora da escola acontece o face-a-face, a alteridade, a dialética e a analética. Estes conceitos são redimensionados pela prática ou práxis quando a teoria cumpriu o seu papel de libertação de nossa ignorância.

A analética e a alteridade: sentido da face do outro que é visto

Dussel buscou estes conceitos no hebraico para falar da face (Panin) e do grego, pessoa (Prosopon⁷) pensar sobre a alteridade e na analética assumir uma responsabilidade de transformação social, humana.

⁷ O Sentido etimológico dado pelo Manifesto, feito ainda durante a guerra e chamado como Manifesto chamado "O Personalismo" do Emmanuel Mounier. De que, segundo este autor, o sentido mais radical de Prosopon – é "aquele que se contrapõe". Neste sentido, contempla a ideia de que uma pessoa não é nenhuma outra mais ou idêntica ou também universal: ela é

Dussel releu e reescreveu o pensamento de Lévinas no contexto da América Latina e nós, continuaremos neste olhar humanista a partir deste outro muitas vezes encoberto. É este outro que está na escola, na sala de aula, na educação, na formação humana, na cultura e na sociedade que precisa ser visto.

Uma reflexão que adentrou no ethos da pessoa do aluno, o Outro com face, rosto, sentido e história a sala de aula passa a ser um lugar de encontro de faces, rostos, histórias, filosofias, aprendizagens, ensinamentos e reflexões num contexto social de interfaces. O conceito enquanto conceito ficou somente palavra, mas recebeu um valor na pessoa humana na alteridade, na analética e na dialética transformando a realidade de injustiças.

Não se chega a alteridade sem a analética que é a face a face, rosto a rosto. É o que interliga na teia social e na ética do ethos pensada pela práxis da educação que perpassa por muitos lugares como a escola, a comunidade, a praça e a sociedade.

Portanto, quando um rosto em frente do rosto do outro não for alteridade, analética e dialética, a prática filosófica ficou ausente de práxis. O rosto indica o que apareceu do outro, de sua corporalidade, de sua realidade humana. A filosofia da libertação buscou na tradição hebraica, o Basar, sua reflexão filosófica humana. Esta ideia refere-se no todo da pessoa humana sem distinção de corpo ou alma. É o que nasceu, é o que tem fome, é o que luta para não morrer, é o que sobrevive e é o que se liberta.

Neste sentido, o sentir a dor, a fome, o frio ou o gozo empiricamente ferem a existência e a subjetividade humana quando a causa for a justiça social. Estes sinais são as linguagens da carne expressando a sua necessidade e luta pela vida, sobrevivência.

A sensibilidade para com o outro, trata-se da fome, sede, falta de habitação, doença, lugar na comunidade, sociedade e planeta. Estas causas atingem as sensibilidades existenciais do humano num corpo encarnado. Todas as causas que Dussel expõem são as produzidas pelo sistema de dominação e colonização. Não são as necessidades da natureza humana pela sua fragilidade.

Neste contexto social, o mundo da vida humana pela Filosofia da Libertação e da ética da libertação, contribuem com a práxis transformadora despertando o aluno

única – sentido também radicalmente compartilhado por Merleau-Ponty. A universalidade vem de sua condição de criatura junto a todas as demais, que não se repetem, nem se copiam.

para um olhar comprometido e responsável pela mudança na educação social. Seu pensar não se restringe ao racionalismo, iluminismo e cientificismo eurocêntrico colonizador do pensamento e do ser (corpo). É uma outra visão do mundo e da vida pela perspectiva latino-americana.

Metodologia

Possibilitar o desenvolvimento de uma aula que proponha um outro pensamento filosófico. A filosofia latino-americana traz como objetivo e uma reflexão que questiona o eurocentrismo buscando pela analética e a alteridade não aceitar a colonização.

Avaliação

A contribuição da pesquisa crítica é conhecer e compreender o que foi a colonização e como o eurocentrismo continua no encobrimento da filosofia latino-americana.

O eurocentrismo não pode ser o fundamento universal da filosofia e Dussel apresentou questionamentos, críticas, leituras e reflexões que sugerem uma visão filosófica Latino-americana no ensino.

Bibliografia:

DUSSEL, Enrique. *Filosofia da Libertação da América Latina*. Ed. Loyola. Piracicaba, SP. México, 1977.

DUSSEL, Enrique. *Filosofía de la Cultura y Transmodernidad. Liberación Obras-Seletas II*, 1ª edición. Editorial Docendia, Buenos Aires, Argentina, 2012.

DUSSEL, Enrique. *Ética de la Liberación: la Edad de la Globalización y de la Exclusión*. Editorial Trotta. Colecion Estructuras y Procesos – Serie Filosofía. 2ª Edición, 1998.

DUSSEL, Enrique, MENDIETA, Eduardo, BOHÓRQUEZ, Carmen. *El pensamiento filosófico latinoamericano, del Caribe y latino (1300-2000): historia, corrientes, temas y filósofos / editado por Enrique Dussel, Eduardo Mendieta, Carmen Bohórquez*. México: Siglo XXI: Centro de Cooperación Regional para la Educación de Adultos en América Latina y el Caribe, 2009.

3.2 2ª Aula: Filosofia da Libertação e a crítica ao pensamento dos filósofos eurocêtricos

Tema

Filosofia da Libertação da América Latina e a crítica ao eurocentrismo

Objetivo Geral

Filosofia Latino-americana e descentralização da filosofia colonial

Objetivo Específicos

- a) Filosofia da Libertação como pensamento da periferia e descontinuidade da colonização;
- b) O pensamento moderno e a ausência da realidade da colonização;
- c) Crítica a ideia de superioridade europeia e o epistemicídio na colonialidade.

Justificativa

A justificativa para nós latino-americano não é uma imploração ao colonizador contemporâneo nos ver e nos reconhecer que também pensamos. É estabelecer um diálogo de igualdade na diferença de culturas e apresentar-se sem recuar e sentir-se inferiorizado. A crítica de Dussel ao colonizador da atualidade não é mais ao europeu eurocêntrico que dita as ordens para as colônias, mas um questionamento ao ensino colonizado que forma num colonizador.

A filosofia da libertação da América Latina propõe-nos uma visão desde a periferia para descentralizar o pensamento centralizado e dominador. Sem uma visão crítica da centralização do pensamento estaremos sempre a repetir a colonização e aceitando nossa condição de colonizado e de povo inferior. A descolonização do conhecimento eurocêntrico é o princípio de transformação da realidade.

Nós não encontramos nos Livros Didáticos das Escolas Públicas críticas e questionamentos ao pensamento eurocêntrico. Os pensamentos filosóficos geralmente partem do período medieval e da modernidade. A modernidade ainda mostra o iluminismo e o racionalismo como os grandes feitos do pensamento. Um único Livro Didático que abordou uma unidade denominando-a: Para além do Eurocentrismo, mas não refletiu a filosofia latino-americana. Enfatizou a filosofia

oriental, filosofias africanas e afrodescendentes e filosofias feministas e a filosofia na América Latina ainda continuam intocáveis.

A questão é que há uma filosofia do encobrimento do outro pelo ensino verticalizado que segue o ideário do desenho do Mapa-múndi. O mapa foi centralizado no continente europeu e ele foi localizado acima dos demais continentes. O pensamento de Dussel criticou e questionou o sistema geopolítico educacional do ocidente em que os seus habitantes seguem um padrão ou modelo que repete sem questionar-se o quanto eurocêntrico e colonizador hoje:

Os filósofos modernos europeus pensam a realidade que lhes se apresenta: a partir do centro interpretam a periferia. Mas os filósofos coloniais da periferia repetem uma visão que lhes é estranha, que não lhe é própria: veem-se a partir do centro como não-ser, nada, e ensinam a seus discípulos, que ainda não são algo, (visto que são analfabetos dos alfabetos que se lhes quer impor), que na verdade nada são; que são como nadas ambulantes da história. Quando terminaram os seus estudos (como alunos que ainda eram algo, porque eram incultos da filosofia europeia), terminam como os seus mestres coloniais por desaparecer do mapa (geopoliticamente não existem, e muito menos filosoficamente). Esta triste ideologia com o nome de filosofia é a que ainda se ensinava na maioria dos centros filosóficos da periferia pela maioria dos professores (DUSSEL, 1977, p. 19).

Na América Latina, a filosofia da libertação pode ser trabalhada e dialogada com todas as filosofias latino-americanas. Atualmente todos os países da América Latina desenvolveram os seus pensamentos de descolonização. Estas filosofias, com outras visões ou perspectivas de mundo da vida defendem e seguem um pensamento de libertação que causou um rompimento de colonização do eurocêntrico. Dussel fez uma crítica construtiva e um questionamento filosófico que sinalizou a questão antropológica e filosoficamente do ser humano encoberto pelo colonizador. Um pensamento descolonizado que saiba questionar e mostrar outras visões de mundo será uma ameaça para o poder de quem se vê superior.

Os Filósofos eurocêntricos refletiram de forma universal singularizando as questões conceituais discutidas como etnia, raça, corpo, carne, alma, espírito, inteligência, trabalho, direito, dignidade, justiça, natureza, mundo, etc. Os equívocos estão na universalização do conhecimento e da compreensão sem uma busca mais rigorosa e profunda do que estavam dizendo e escrevendo. Deste modo foram sendo elaboradas as teorias totalitárias e impostas nos povos conquistados. Nesta imposição surgiu a teoria da dependência dos colonizados.

Nós abordamos no primeiro capítulo alguns destes pensadores europeus. Estes filósofos são iluministas e racionalistas. O filósofo Kant, escreveu sobre a ética e o filosofar utilizando sua reflexão que os negros deviam ser espantados à pauladas; Hegel, fez uma reflexão da história mundial e desprezou o valor da história da África e da América Latina porque as contam pela tradição oral. Marx, escreveu sobre a exploração dos trabalhadores operários do século XIX e não fez nenhuma menção expressiva em defesa dos indígenas e dos africanos escravizados. Ele não criticou o sistema escravocrata da América Latina e da África. Não podemos nos olvidar que os povos que habitavam na Eurora e os da América Latina e África são diferentes. Nas pesquisas encontramos vários pensamentos aprofundados dos sistemas de aldeias dos indígenas e das tribos africanas escritos pelos pensadores latino-americanos.

Os livros de Marx são relevantes para analisar a pessoa humana e o trabalho a partir da Revolução Industrial. Os seus escritos estão num contexto eurocêntrico e das fábricas contribuindo conosco na interpretação das sociedades que foram colonizadas, mas não conseguem explicar a maneira que os outros povos fora da Europa vivem e convivem. Exemplo, a teoria econômica de Marx não condiz com a realidade que os indígenas e os africanos se organizam na natureza e interrelacionam com a ecologia. Ou seja, o mundo da vida de um indígena e um africano se faz e realiza na natureza que para o europeu deve ser dominada e transformada em nome da economia-moeda-dinheiro.

Os Corpos que foram utilizados como coisa e instrumentos para a boa vida do homem branco europeu moderno, ficaram ausentes nas críticas mais contundentes de Foucault. Nos questionamentos e críticas ao mostrarmos para a sociedade moderna que a normatização e a normalização controlam a pessoa humana conquistada e que Foucault trouxe esta questão no conteúdo de reflexão, mas não fez nenhum alerta as conquistas, colonização, escravidão e exploração dos povos da América Latina e da África. As suas críticas não alcançaram os países europeus colonizadores em defesa dos indígenas e africanos.

Lembremos que Foucault é francês e no biopoder e na biopolítica não foram questionados e criticados as barbáries da França contra países da África e da América Central. Algo encoberto que não teve aprofundamento e a conquista, a colonização e as atrocidades que o governo francês praticou ao Haiti ficou submerso nas ausências das críticas de Foucault.

A ideia de Hume contraria seu próprio entendimento à pessoa humana e mantém sua ideia racista e escreveu dizendo que os negros são ausentes de alguns sentidos:

Um lapão ou um negro, por exemplo, não tem nenhuma noção do sabor do vinho. Apesar de haver poucos ou nenhum caso semelhante a deficiência no espírito, em que uma pessoa nunca sentiu ou que é completamente incapaz de um sentimento ou paixão próprios de sua espécie, constatamos, todavia, que a mesma observação ocorre em menor grau (HUME, 1999, p. 37).

Para a Filosofia da Libertação, a visão do mundo da vida não se determina num fundamento estrutural de pensamento e nesse caso, eurocêntrico. Hume, demonstrou o seu erro crasso. Não trouxe os questionamentos filosóficos e antropológicos perguntando se o vinho era uma bebida típica do Lapão e se o pensamento passava pelo Espírito na cultura europeia. O conhecimento e os saberes eurocêtricos pertencem aos povos europeus e não a um outro, nesse caso o Lapão.

A filosofia da libertação adentrou em outras possibilidades de reflexão que foi o descobrir a relevância do pensamento étnico indígena e da etnia com sua realidade para pensar a superação da descolonização. O pensamento é integral. O corpo pensa e o pensar é uma linguagem e expressão da carne e pela carnalidade se expressa, reflete e comunica. A filosofia latino-americana dialoga com as outras visões e compreensões de mundo, aprende do outro e partilha o seu ensinar e não impõe o seu conhecimento e nem permite a superposição. Ela rejeita tudo o que a impede de ser livre e de lutar pela libertação do conhecer e sua dignidade.

A Filosofia Latina Americana não despreza o pensamento filosófico grego e o europeu, mas recupera a sua reflexão cosmológica do mundo da vida para não perder a sua própria fonte, origem. Se nós latino-americanos não recuperarmos os conhecimentos e sabedorias, que foram, em partes, destruídos e outros encobertos pelo epistemicídio⁸, iremos nos deixar conduzir pelo que Dussel criticou e chamou a atenção, que é o eterno-presente, imposto pelo eurocentrismo.

⁸ O epistemicídio é, em essência, a destruição de conhecimentos, de saberes, e de culturas não assimiladas pela cultura branca/ocidental. A filósofa brasileira Aparecida Sueli Carneiro diz: "É importante lembrar que o conceito de epistemicídio, utilizado aqui, não é por nós extraído do aparato teórico de Michel Foucault. Fomos buscá-lo no pensamento de Boaventura Sousa Santos (1997), para quem o epistemicídio se constituiu e se constitui num dos instrumentos mais eficazes e duradouros da dominação étnica/racial. É pela negação que empreende a legitimidade das formas de conhecimento, do conhecimento produzido pelos

Colonialismo e epistemicídio

O colonialismo na América Latina tem como consequência o epistemicídio. O sistema de colonização foi o extermínio de muitos conhecimentos e saberes dos povos colonizados. Outros foram encobertos e no lugar deste, impôs o conhecimento do colonizador. No fundo, o colonizador dominou o colonizado em todos os aspectos. O conhecimento pode ser um meio de alienar e aprisionar o outro e inferiorizá-lo.

Na tradição étnica, encontramos todos os conhecimentos e saberes de um povo. Na tradição estão todos os registros de um povo. Não há povo sem tradição. Ela é a vida do povo. Seja ela tradição oral ou escrita, o lugar que se guarda, cuida e transmite as gerações vindouras desde os ancestrais. Na transmissão a Tradição se renasce e se faz sempre presente. Pelo espírito da ancestralidade a tradição se regigora e corporeidade-comunidade.

O sociólogo português Boaventura de Sousa Santos elaborou um material chamando-o de Epistemologias do Sul. Nesta obra encontramos escritos de Aníbal Quijano e Enrique Dussel que pensam e refletem criticando o que fizeram com as epistemologias latino-americanas.

A filosofia Náhuatl é uma epistemologia da América Latina, no México que mostrou o pensamento deste povo:

La Filosofía no es sino el conctato de explicar los sumos problemas de la existencia y la comprensión de ella. Todo hombre de necesidad filosofa, sin necesidad de ajustarse a los moldes de Platón y Aristóteles, ni de Buda o Vivekananda. Tantas cabezas, otras tantas sentencias. Y cada cultura tiene su modo particular, propio e comunicable de ver el mundo, de verse a sí mismo y de ver lo o que trasciende al mundo y a sí mismo (PORTILLA, 2006, p. X).

Dussel, Portilla e outros pensadores reacendem uma reflexão libertadora e desvenda o que encoberta e se redescobre no pensar repensando o porquê da colonização. Para o colonizado que segue a colonialidade, talvez não perceba que continua à ser explorado, mas àquele que é crítico ao sistema e se descolonizou é uma afronta e protagonista do processo de descolonização.

Segundo Boaventura Sousa Santos, pensar a violência inerente ao processo colonial é desvendar dois elementos fundamentais que contribuem com o

grupos dominados e, conseqüentemente, de seus membros enquanto sujeitos de conhecimento”.

encobrimento dos povos e suas epistemologias do Hemisfério Sul. Os dois elementos são: o genocídio e o epistemicídio:

O genocídio que pontuou tantas vezes a expansão européia foi também um epistemicídio: eliminaram-se povos estranhos porque tinham formas de conhecimento estranho e eliminaram-se formas de conhecimento estranho porque eram sustentadas por práticas sociais e povos estranhos. Mas o epistemicídio foi muito mais vasto que o genocídio porque ocorreu sempre que se pretendeu subalternizar, subordinar, marginalizar, ou ilegalizar práticas e grupos sociais que podiam ameaçar a expansão capitalista ou, durante boa parte do nosso século, a expansão comunista (neste domínio tão moderno quanto a capitalista); e também porque ocorreu tanto no espaço periférico, extra-europeu e extra-norte-americano do sistema mundial, como no espaço central europeu e norte-americano, contra os trabalhadores, os índios, os negros, as mulheres e as minorias em geral (étnicas, religiosas, sexuais). (SANTOS, 1995, p. 328).

É impossível fazer diferente se a colonização não for vista, repensada e questionada pelo colonizado que esta estrutura foi imposta nele e que não aceita mais. Essa é uma tarefa que exige engajamento e pode-se buscar na Filosofia da Libertação a colaboração.

Pensar com os alunos uma elaboração dum pensamento reflexivo crítico e libertador. Na liberdade, buscar outra maneira de se organizar e de viver. A organização é de acordo a sua história. Seu mundo da vida assumido com responsabilidade e compromisso comunitário onde todos se sintam sujeitos na construção duma comunidade-sociedade justa.

Metodologia

A aula é um momento de rever e revoltar como fez o pensamento de Dussel. É um momento que tanto o professor quanto o aluno pensam, refletem, criticam e começam a perceber que estão repetindo um conhecimento alheio a sua realidade.

O início de uma visão da periferia ao centro e não do centro do pensamento a periferia descobre que seu conhecimento foi imposto e que você vive na periferia sendo cada vez mais colonizado. E que agora é preciso repensar para descolonizar deste sistema que impregnou todos os aspectos do seu ser e de sua comunidade. Perceber, conhecer, sentir e pensar que vive, convive e age fora de sua cultura e sim, está repetindo outra que à explora e à impede são os sinais de libertação.

O que temos muitas vezes não é nosso pensamento, mas pertence ao colonizador. Temos que romper com o sistema de ensino que coloniza e transforma o

colonizado em colonizador no seu próprio país que o conquistador conquistou, roubou, violentou, fez barbáries e destruiu.

Avaliação

A avaliação pode colaborar nesta busca pela cultura latino-americana que Dussel propõe a partir da Filosofia da Libertação da América Latina. A filosofia da libertação mexe com nossa acomodação intelectual. Nos fez reaprender pelo repensar do que pensamos e fazemos. É uma provocação ao professor e aluno a fazerem uma outra leitura da filosofia e da realidade possível. A mudança pode ser a partir de sua realidade e de sua visão de mundo ao fazer um paralelo com o que já viu, ouviu, leu, aprendeu, estudou, pensou, pensa e pesquisa. Ao questionar o eurocentrismo verá que é um eurocêntrico e pode começar a se descolonizar libertando deste sistema que o escraviza.

Bibliografia

DUSSEL, Enrique. Filosofia da Libertação da América Latina. Ed. Loyola. Piracicaba, SP. México, 1977.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. A Razão na história: uma introdução geral à filosofia da história / Georg Wilhelm Friedrich Hegel; introdução de Robert S. Hartman; Tradução de Beatriz Sidou. 2ª. ed. São Paulo: Centauro, 2001.

SANTOS, Boaventura Sousa, MENESES, Maria Paula. Epistemologia dos Sul. Edições Almedina, SA, Coimbra, 2009.

3.3 3ª Aula: Filosofia da Libertação e Africana: o Pensamento, a Reflexão, os Escritos e o Ensino para além o eurocentrismo segundo Dussel e Omoregbe

Tema

A filosofia latino-americana de Dussel e a africana de Omoregbe: visões que questionam o eurocentrismo

Objetivo Geral

Conhecer, compreender e pensar a partir de outras visões filosóficas da modernidade para o descolonizar da filosofia

Objetivo Específicos

- a) A América Latina e a África no processo de desconstrução do sistema filosófico colonizador moderno;
- b) A Filosofia Latino-americana: descobrimento dos livros e da realidade dos colonizados;
- c) Dussel e Omoregbe pensadores que pensam o pensado para pensar o encoberto pela irracionalidade da modernidade.

Justificativa

A filosofia latino-americana e a filosofia africana foram extinguidas do ensino dos povos originários de seus territórios nos Livros Didáticos. Estes povos, com a conquista e a colonização foram obrigados a falar a língua do colonizador. Organizar suas sociedades pelo sistema político do colonizador. Trabalhar, consumir e viver pela economia do colonizador. Os seus direitos diluídos pela justiça dos tribunais dos colonizadores. Os seus cultos substituídos pela religião do colonizador, etc.

A conquista não conquistou porque os seus argumentos convenceram, mas por um ato bárbaro de imposição que destruiu o conhecimento e a sabedoria dos povos. O homem do ocidente eurocêntrico, pensou que ele era o único que pensava e pudesse questionar o mundo. Mesmo que os séculos passaram, surgiram os pensadores da resistência e com insistência estão mostrando outro jeito de ver, sentir e pensar.

Leiamos o que o filósofo africano Omoregbe nos disse:

Não existe uma parte do mundo onde as pessoas nunca tenham refletido acerca de questões básicas da condição humana ou sobre o universo físico. Não é apenas no mundo ocidental que as pessoas refletem sobre questões fundamentais acerca da existência e do universo. Em qualquer civilização existiam aqueles que estavam tomados pelo 'espanto' e maravilhados com a complexidade do ser humano no universo físico. Não é necessário empregar os princípios aristotélicos ou husserlianos na atividade reflexiva para que ela possa ser considerada filosófica. Ela não precisa seguir os mesmos parâmetros dos pensadores ocidentais (OMOREGBE, 1998, p. 04).

A África tem um papel importante na formação cultural da América Latina. Os africanos que vieram pelo tráfico de escravos trouxeram consigo, no mais profundo

de seus conhecimentos, da memória, de suas histórias, de suas culturas, de seus mitos, de suas lendas, de suas religiões, de suas sabedorias, de seus conhecimentos, de suas técnicas, de suas maneiras de se organizar, de suas celebrações, de suas expressões e de suas visões de mundo. É um equívoco imenso idealizar uma compreensão de mundo e impor em todos os outros povos como foi feito pelo eurocentrismo encobrendo a cultura indígena e a africana. O iluminismo, o racionalismo e o cientificismo por mais que foram importantes para a Europa, deixou a desejar para os indígenas e os africanos.

As reflexões indígenas e africanas utilizam de outros mecanismos para pensar e expressar seus pensamentos. Na Europa, a modernidade centraliza-se no pensamento racional que a partir da colonização entrará em choque com os povos colonizados. A reflexão e a palavra estão escritas na dimensão corporal, se encarnam e se expressam na corporeidade que recebem sentido na tradição oral. O céu, a natureza, a vida e a comunidade são constituídos numa literatura corporal, comunitária. Tudo está escrito e distribuído pelo corpo e não num cantinho do cérebro, na memória. Não é melhor e nem pior que a compreensão europeia, é diferente. É outra maneira de ver a realidade e de interpretá-la. É outro povo, outro conhecimento, outros saberes, outras vivências, outras experiências e outras práticas.

Construir um pensamento consciente e crítico do iluminismo e do racionalismo eurocêntricos, que por meio de Hegel deixou a América Latina fora da história e alegou que a tradição oral, não era válida, porque não havia escrita, e buscou um fundamento no seu próprio conhecimento de história e filosofia. Hegel, defensor do eurocentrismo não viu o mundo por outra visão, senão pela perspectiva histórica eurocêntrica.

A colonização não ocupou espaço na história hegeliana. Ao sairmos da colonialidade possibilita-se a libertação que Dussel apresenta na Filosofia Latino-americana. É repensar a estrutura rígida dos povos da América Latina colonizados. É recuperar a sua autonomia e a sua libertação. Os países latino-americanos ainda continuam dependentes dos países eurocêntricos geralmente.

Filosofia Latino-americana: descobrimento dos livros e da realidade

Na Filosofia da Libertação, os livros e a realidade do povo se misturam na práxis. Agora nasceu uma releitura a partir do oprimido, que o próprio pensador Freire, disse no livro leitura do mundo e leitura da palavra. Para Paulo Freire a alfabetização

é promover ao aluno a leitura do mundo e da palavra. Mostrar, revelar e pensar com o aluno a importância da leitura do mundo e da palavra na educação. Nestas leituras, despertar o valor da cultura popular e aprofundar como que estes conhecimentos chegaram até a comunidade e como que na prática contribuiu no processo de descolonização e da libertação. As propostas filosóficas e pedagógicas de Paulo Freire buscam sempre pela compreensão do método indicando o democrático e crítico da leitura do mundo e da palavra. A crítica de Freire não deslocou o aluno do contexto que estava inserido. Preocupou com uma educação onde o aluno aprenda ao realizar uma leitura do mundo e leitura da palavra sem ser manipulado, enganado e explorado pelo sistema muitas vezes somente leituressa. A escolarização sem questionamento e reflexão do seu contexto não gera libertação e transformação. Preocupou-se em trabalhar com textos, temas, palavras e letras a partir da realidade do aluno. Deste modo, o método criado por ele, é fundamentado em uma concepção humanizadora, libertadora e transformadora. Esta prática foi desenvolvida nos Círculos de Cultura através da conscientização e o diálogo para que a teoria e a prática interajam juntas na formação humana, na política e na transformação social.

Na reflexão de Omoregbe buscou-se uma teoria e uma prática que se mesclam e se diferenciam daquela do colonizador. Os problemas sociais da realidade são problematizados pela pedagogia e filosofia latino-americanas, ou seja, pelos oprimidos. Omoregbe questiona a postura dos filósofos que veem e fazem referências aos filósofos gregos, principalmente Sócrates, Platão e Aristóteles, mas não tem sensibilidade crítica ao conhecer e citar os pensadores e a filosofia de sua etnia ou povo.

Doravante, falaremos a respeito de como os Livros Didáticos escolhidos, ainda se mantém presos a um ideário que é prisioneiro de um pensamento eurocentrado. Não há uma citação ou referência de um pensador e pensamento de filósofos e de filosofia latino-americanas e africanos (as). Nesta perspectiva, justifica-se o encobrimento e a continuação do pensamento eurocêntrico.

Segundo Dussel, estes povos foram subsumidos dentro da cultura do colonizador. Esta pode ser uma contribuição para entendermos o que foi o epistemicídio.

O pensamento de Dussel, ampliou a reflexão filosófica e dialogou com os pensadores latino-americanos que não estão nos nossos Livros Didáticos. O desconhecimento de nossas tradições e teorias colaboraram com o mito da

modernidade que o filósofo Enrique Dussel refletiu, questionou e escreveu na sua obra, 1492 o encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade. Neste livro Dussel criticou a falácia desenvolvimentista que mantém o eurocentrismo. Dussel, ao repensar a história da América Latina produziu um pensamento de libertação da história. A Filosofia da Libertação preocupou-se com a compreensão da realidade questionando as teorias que justificam a colonização, a inferioridade dos habitantes e a sua latinidade.

A reflexão de Dussel também fez uma releitura a partir de um olhar que contribuiu na maneira de visualizar o mundo do colonizador e do colonizado. O conhecimento latino-americano e o africano foram silenciados, encobertos e eliminados para a imposição do eurocentrismo. Mas a filosofia da libertação saiu do centro e descobriu que o pensamento da pessoa humana se constitui na diversidade de povos e não de um povo único que quer dominar os demais pelo pensar, organizar, trabalhar, celebrar, culturalar, etc.

Metodologia

A filosofia latino-americana e a africana transitam na história humana mesmo que o eurocentrismo tenha encoberto as outras filosofias de povos que estão encobertos pelos conquistadores ainda hoje. Desenvolver um pensamento que dialogue e questione o que foi estabelecido é o início da descolonização.

Uma leitura de textos de Dussel e Omoregbe que questionam e sugerem outros pensamentos, reflexões e práticas que descentralizem o pensar eurocêntrico, pois geralmente eles são buscados fora da realidade latino-americana.

Avaliação

Responder uma avaliação é muito mais cômodo do que elaborar uma outra maneira de avaliar. Avaliar, geralmente serve de medida fixa, estática e sem plasticidade.

É possível preparar uma avaliação onde o aluno seja personagem principal e sujeito duma expressão em que ele possa produzir um pensamento descolonizador e que o integre na sua prática e mudança de realidade.

Bibliografia

OMOREGBE, J. I. La Filosofia africana: ayer y hoy. Barcelona: Edicions Bellaterra, 2002.

FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. Alfabetização: Leitura do mundo, leitura da palavra. Tradução de: OLIVEIRA, Lólio Lourenço de. 6ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

3.4 4ª Aula: A filosofia de Frantz Fanon aos condenados da terra e o pensamento filosófico crítico no contexto de exploração humana na atualidade

Tema

O pensamento de Frantz Fanon abre à uma reflexão crítica dos condenados da terra

Objetivo geral

A crítica filosófica aos que condenam e geram condenados e explorados

Objetivo específicos

- a) Na atualidade a exploração humana ainda é uma prática dos conquistadores;
- b) O colono e o colonizado como luta dos condenados na terra;
- c) O condenado como protagonista da descolonização eurocêntrica que o condena.

Justificativa

Os eurocêntricos buscaram no maniqueísmo para desumaniza o colonizado. A animalização, estava na linguagem do colono, ao falar do colonizado. Utilizou uma linguagem zoológica fazendo alusão aos movimentos répteis dos seus movimentos:

O mundo colonizado é um mundo cindido em dois. A linha divisória, a fronteira, é indicada pelos quartéis e delegacias de polícia. Nas colônias o interlocutor legal e institucional do colonizado, o porta-voz do colono e do regime de opressão é o gendarme (policial) ou o soldado. Nas sociedades de tipo capitalista, o ensino religioso ou leigo,

a formação de reflexos morais transmissíveis de pai a filho, a honestidade exemplar de operários condecorados ao cabo de cinquenta anos de bons e leais serviços, o amor estimulado da harmonia e da prudência, formas estéticas do respeito pela ordem estabelecida, criam em torno do explorado uma atmosfera de submissão e inibição que torna consideravelmente mais leve a tarefa das forças da ordem. Nos países capitalistas, entre explorado e o poder interpõe-se uma multidão de professores de moral, de conselheiros, de "desorientadores". Nas regiões coloniais, ao contrário, gendarme e o soldado, por sua presença imediata, por suas intervenções diretas e frequentes, mantêm contato com o colonizado e o aconselham, a coronhadas ou com explosões de napalm, a não se mexer. Vê-se que intermediário do poder utiliza uma linguagem de pura violência. O intermediário não torna mais leve a opressão, não dissimula a dominação. Exibe-as, manifesta-as com a boa consciência das forças da ordem. O intermediário leva a violência à casa e ao cérebro do colonizado (FANON, 1979 p. 28).

No livro os condenados da terra, Fanon pensou as sequelas das perseguições, prisões, torturas, escravidões, racismos e o tráfico dos africanos ao serem tirados de suas famílias, etnias, terra e tradição cultural. Ele, sendo filósofo e psiquiatra olhou o africano colonizado com outro olhar. Na sua obra, Fanon se aprofundou nas 'patologias' que a escravidão causava nos africanos. Na atualidade o olhar de Fanon coopera pela sensibilidade e conscientização de como que o preconceito e o racismo continuam na sociedade provocando sofrimentos psíquicos.

O olhar de Fanon foi pelo viés da alteridade, do encontro com o outro e que transformou a visão humana da humanidade pelo africano. A superação do preconceito e do racismo se acentuam na colonização e se tornam uma prática na conquista pelo conquistador. A prática colonizadora do colonizador justificou e inferiorizou o outro indígena e o africano. Ação política sem política porque este não é a missão da política. Toda política que inferioriza o outro para justificar a sua submissão a escravidão e a exploração não é política. Esta questão converge ao olhar ou visão do eurocentrismo que vê o africano a não pessoa, uma mercadoria usável no trabalho escravo e transformado num capital de consumo descartável.

Fanon criticou o poder instituído pelo próprio colonizador que criou o eurocentrismo e idealizou o fetichismo. Fetichismo, que para Dussel foi uma elevação de algo como objeto sagrado de poder e de representação divina. Um conceito que também pode ser elevado a uma categoria divina de poder, de justificação e dominação do outro. Neste fato temos o processo de conquista, de colonização, de escravidão e de violência praticadas pelos conquistadores aos negros africanos. Os conceitos se transformaram em chaves para a fundamentação da dominação e

colonização. Um deles foi o conceito de superioridade. Nele se inventou uma ideia de que o europeu foi superior e nisso justificou e justifica o domínio, a imposição e a barbárie aos africanos pelos brancos eurocêntricos.

Esta ideia conceitual de superioridade colaborou na alienação do conquistado. O poder político e religioso que fizeram do conquistador um ser divino ou um ser ungido, o conceituaram e com isso o conquistador recebeu um poder absoluto. Suas leis foram aplicadas a todos, sem aplicar-se a si mesmos, pois o senhor inventava leis e as aplicavam segundo o que o conquistador decretava como crimes e penalidades aos colonizados. O senhor esteve sempre acima da lei justificando a sua agressão e violência aos colonizados. As leis e as violências eram inquestionáveis pela sociedade. Os conquistados encobertos buscavam na organização interna a transformação numa força e resistência libertadora.

A autoridade do conquistador era elevada ao absoluto, por isso a superioridade do europeu rebaixou a vida do dominado e de sua cultura como inferiores. A lei e a vontade do conquistador predominavam e eram realizadas. Foi neste contexto que o conquistador, pela sua tirania escravizadora, torturava, explorava, coisificava e matava o conquistado. O humano foi e é desumanizado pelo conquistador da conquista e na atualidade, os que seguem a máxima inventada por eles. Nas suas máximas estão as legalizações protegidas por suas próprias leis que justificam as suas violências contra o povo e os insentam nas práticas de suas barbáries. Esta máxima foi inventada no Estado Moderno e tão vigente na contemporaneidade: *'deixai viver ou deixai morrer; fazei viver ou fazei morrer'*. Esta foi uma crítica que Michel Foucault fez ao biopoder e a biopolítica como práticas de controle e de dominação do Estado. É só analisarmos as nossas Constituições Federais que regem os países pelo critério crítico reflexivo tomaremos conhecimento e consciência do predomina nela.

Na modernidade, os países que se dizem de primeiro mundo ainda impõem a sua superioridade as nações do terceiro mundo. Estas ideias podem ser questionadas, críticas e rejeitadas pela filosofia da libertação da América Latina. E a aula de filosofia também é para isto. Perguntar, duvidar e dialogar com as expressões primeiro e terceiro mundo não estão vazias de racionalidade, sensibilidade, humanidade e se para nós latino-americanos há sentidos estas nomenclaturas. São expressões eurocêntricas que justificam na atualidade a falácia da superioridade. É falacioso e Dussel alertou ao escrever questionando e criticando o mito da modernidade. O capitalismo eurocêntrico ou norte-americanocentrismo conduz as

peças dos países do terceiro mundo as vagas de trabalhos e muitos destes estão necessitados e acabam manipulados e escravizados. A falta de criticidade do que se vê, se escuta (ouve) e se expressa (fala) são muitas vezes as ordens e normas dos que governam os regimes atuais. Uma questão para refletirmos é como que a cultura da atualidade consome muitas pessoas sem questionamentos, ausência de crítica e transformando-as numa maneira de colonizadas.

Estas questões são reflexivas e nos trazem um compromisso de repensarmos o pensamento Cartesiano, Kantiano e Hegeliano muitas vezes fora da realidade e de contextos pelos próprios escritores. Os pensamentos destes pensadores colaboraram e colaboram com a nossa maneira de pensar também, desde que a dialética seja uma reflexão que se fundamente na analética. Analética como possibilidade de abarcar o outro em todos os sentidos da vida num processo de libertação, descolonização.

Na analética, Dussel refletiu pela Filosofia da Libertação pensar a partir da leitura dos condenados da terra de Fanon. Esta foi uma visão Latino-americana do colonizado que buscou e busca possibilidades de descolonização.

Metodologia

Se há condenados, quem condena? Quem são os condenados? Por que condena? Por que a sociedade atual aceita tal realidade? Esta indiferença também causa a colonização, pois cria ser humano domesticado, acostumando, habituando e que termina aceitando a condenação como natural. Estes questionamentos são para filosofar a realidade humana que se impõe na atualidade acrítica. A filosofia de Fanon sensibiliza e conscientiza a fazermos uma releitura da colonização de ontem e a de hoje propondo uma nova postura transformadora que não haja colonizadores e colonizados.

Avaliação

O Latino-americano não é suscetível ou predisposto à exploração pelos países que escravizam os corpos com subempregos. Desenvolver questões e questionamentos que possam realizar ou fazer perguntas que nos levem a reperguntar a realidade em que vivemos. Refletir, perguntar, questionar, criticar e desenvolver outros projetos para a comunidade é uma necessidade urgente. Conhecer melhor o que é o eurocentrismo a partir da reflexão dos condenados da

terra na compreensão do Fanon, nos possibilita a enxergar por outra perspectiva e promover uma mudança de ação ética, política e econômica.

Bibliografia

DUSSEL, Enrique. Etica de la Liberación en la Edad de la Globalización y de la Exclusión. Editorial Trotta. Colección Estructuras y Procesos – Serie Filosofía. 2ª Edición, 1998.

FANON, Frantz. Os Condenados da Terra. 2º ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1979.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Ed. Paz e Terra S/A, 46ª Edição, São Paulo, SP, 2005.

FOULCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramalhe. Petrópolis, Vozes, 1987.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.

3.5 5ª Aula: O pensamento crítico reflexivo e construtivo de um ensino libertador de Paulo Freire que se fundamente na Práxis

Tema

Uma Pedagogia crítica da realidade da América Latina e que descondicione a condição de oprimido de seus povos

Objetivo Geral

A pedagogia do oprimido fundamentou o pensamento da filosofia latino-americana como como podemos utilizá-la nas nossas reflexões libertadoras

Objetivos específicos

- a) A pedagogia do oprimido como crítica feita a partir da realidade da vítima da colonização;

- b) O oprimido pelo sistema de exploração e a libertação pelo pensamento crítico da filosofia da América Latina com uma práxis que liberta;
- c) Freire e Dussel pensadores que pensaram e agiram na transformação da comunidade por meio da práxis da libertação.

Justificativa

A problematização da educação brasileira e latino-americana precisa ser feita pelo que se ensina na escola e na universidade. Não há filosofia crítica sem uma pedagogia da libertação. Se o aspecto pedagógico não for libertador, a educação e o ensino não sairão do modelo bancário que Freire tanto criticou. Vejamos no parágrafo de Freire o que ele pensou da consciência:

A educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres vazios a quem o mundo 'encha' de conteúdos; não pode basear-se numa consciência especializada, mecanicistamente compartimentada, mas nos homens (pessoa humana) como corpos conscientes e na consciência como consciência intencionalizada ao mundo. Não pode ser a do depósito de conteúdos, mas a da problematização dos homens em suas relações com o mundo (FREIRE, 2005, p. 77).

O homem eurocêntrico inventou a teoria antropocêntrica onde se autocolocava no topo da moralidade, no ápice da ética, da modernidade, da civilidade e da cristandade impondo a sua visão de mundo a todos os povos conquistados. O conhecimento eurocêntrico foi uma espécie de teoria de tudo que o pensamento e escrito de Freire criticou e apresentou outra maneira de pensar e ensinar. Para Paulo Freire, o ensino nunca esteve fora da realidade da pessoa e ela é o sujeito do pensamento, da crítica, da educação e da ação.

Os povos conquistados foram desnudados de seus saberes e substituídos pelo conhecimento Europeu. Cabe à nós, latino-americanos, questionar estas teorias, reperguntar, refletir para não perdurar o desconhecimento daquilo que pode ser conhecido, des-coberto.

Na modernidade, a educação supervaloriza geralmente o cientista da Europa ou dos EUA, oficializando o Hemisfério Norte como desenvolvedores de conhecimentos científicos. Esta visão foi assumida, defendida e ensinada como teoria universal, mas sem um questionamento filosófico pode a dogmatizar e encobrir os conhecimentos dos outros povos do Ocidente, Oriente, Oriente Médio, etc. Foi o

objetivo e a intenção da pesquisa recordar e pensar outras visões sobre a modernidade. Esta unicidade científica tornou-se a partir da colonização o fundamento do pensamento e do saber universal. O questionamento crítico do filósofo a partir duma filosofia humanizada sente, percebe e encarna-se na realidade descobrindo que há uma pluralidade de compreensões do mundo da vida e não somente a eurocêntrica ou euro-nortecêntrica. As obras eurocêntricas são sacralizadoras, as dúvidas e questionamentos desapareceram pela ausência de criticidade. O eurocentrismo foi transformado num viés único. Ele anulou as outras visões na educação continuando com o encobrimento colonizador.

Segundo Paulo Freire, o conhecimento, pode ser um rolo compressor. Ele, se não for refletido e perguntado num sentido de dúvida, contribuindo com o desenvolvimento da crítica, possibilitando uma visão antiquada, pois somente visualiza-se atrás do escrito, não adentra no pré-texto. O contexto não é analisado para conhecer e compreender profundamente o texto desde a cultura latino-americana ou de outra que ele pertença.

Freire, na sua pedagogia do oprimido animou o potencial do professor e do aluno e os transformou em sujeitos e protagonistas de um saber e conhecer que estavam encobertos pelo eurocentrismo. Nesta pedagogia, o diálogo rompeu o monólogo eurocêntrico. O dialogar, apresentou as propostas ao ouvir as outras ideias e reflexões da vida e foi mostrando que nenhuma se sobreponha a outra. Quando um conhecimento se sobrepõe ao outro, não ouve diálogo, ouve imposição e nela aconteceu novamente a colonização e o epistemicídio. O diálogo trouxe em si mesmo um fundamento, o do aprender e o ensinar e o ensinar e o aprender uns com os outros, mas no caso do colonizado, desaprender o que o colonizador o ensinou e e reaprender o que é da sua cultura.

Uma das obras marcantes de Freire é a “Pedagogia do Oprimido”. Nesta pedagogia, Freire ampliou a extensão de um conceito, a liberdade. A liberdade está na fala, na comunicação, no explicar, no relacionar, no agir, no reagir, no afetar, no refletir e no repensar em cada coisa lida, dita e partilhada. Ele mostrou a força, a potência, a fragilidade e a debilidade tanto para o opressor quanto do oprimido. Freire, utilizou a palavra pedagogicamente para o oprimido conhecer e compreender o processo de libertação.

Freire começou a sua pedagogia pelo conhecimento do contexto em que o oprimido encontra-se, que muitas vezes tem sua causa no texto eurocêntrico. No texto

eurocêntrico se justifica o contexto de opressão do oprimido. O opressor inventa o sistema e o contexto sistematizados pelo texto do eurocentrismo. Os textos do opressor, justificam a opressão pela literatura política, econômica, jurídica, cultural e religiosa. No parágrafo que leremos, Dussel alinha o seu pensamento crítico ao sistema de exploração que Freire questionou e denunciou:

Con esto Freire llama la atención a la psico-pedagogía del desarrollo, que a mejor educa la performance teórica de un niño ... para convertirlo en miembro disciplinado de un sistema que oprime. Sin conciencia ético-crítica no hay educación auténtica. Y por ella el educador debe insistir, junto al educando, que la estructura social es obra de los seres humanos y que, por esto, su transformación será igualmente obra de los seres humanos. El sujeto histórico de la transformación. Freire repite frecuentemente que el sujeto de la educación es el mismo oprimido, cuando por la conciencia crítica se vuelve reflexivamente sobre sí mismo y descubriéndose oprimido en el sistema emerge como sujeto histórico, que es el sujeto pedagógico por excelencia: La concientización es inserción crítica en la historia. Implica que los hombres asuman el rol de sujetos hacedores del mundo, rehacedores del mundo; pide que los hombres creen su existencia con el material que la vida les ofrece (DUSSEL, 1998, p. 436).

O opressor conhece e sabe utilizar os argumentos dos aspectos citados para oprimir e limitar a liberdade do oprimido nas circunstâncias que ele inventou para controlar. O controle do oprimido é a sistematização da educação que o escraviza, o explora, o desanima e o elimina se precisar.

O processo de libertação de Freire e Dussel se iniciaram a partir que o oprimido tomou consciência que ele é vítima do mito da modernidade. No mito da modernidade, estão as metáforas que determinaram a condição de vida do oprimido. O opressor-colonizador, pela sua prepotência, encobriu o outro e o transformou em escravo, um ser explorável, um não-ser. Esta foi uma prática eurocêntrica, imposta na América Latina e na África para justificar e legalizar as barbáries e as desumanidades em nome da conquista, colonização, exploração e saque de tudo o que conseguiram manipular e sequestrar.

A Filosofia da Libertação fundamentou a sua estrutura teórica a partir da Pedagogia da Libertação ao olhar e interagir com e na realidade humana para desenvolver um pensamento crítico e transformador. Na sua prática estão os questionamentos que foram encobertos pelos conhecimentos científicos dos colonizadores. Na colonização se impôs métodos de eliminação da história, da memória, dos conhecimentos e da historicidade dos povos. Buscou-se, na filosofia da

libertação na atualidade, inserir um pensamento crítico-libertador da totalidade em que todos os povos conquistados foram submetidos na ciência verticalizada por um conhecimento único, dogmatizado como verdade universal em que todos os povos do Ocidentes são impelidos a seguir. Esta visão única de modernidade e de ciência continuam a colonizar, a inferiorizar, a conquistar, a submeter a exploração e na desumanização do outro ao sistema eurocêntrico. A ciência também pode dogmatizar o seu conhecimento que se elevou ou eleva à uma verdade verticalizada, universalizada e inquestionada. Este é o papel do filósofo e também do filósofo da filosofia da libertação criticar e questionar se na verdade científica não há inverdade ou se na humanidade existe somente esta expressão de verdade.

As outras visões de mundo não são aceitas pelo pensamento filosófico eurocêntrico e científico. Freire e Dussel apresentaram a exterioridade, que é o sair e o recuperar, na medida do possível, os conhecimentos que foram encobertos e restaurar as teorias, as visões e as compreensões para o nosso próprio sistema ou mundo da vida.

Escola como lugar de pensamento, partilha, convivência e liberdade

A escola pode e deve ser justa na vida da pessoa humana num processo de desalienação do pensamento eurocêntrico, desvencilhar dos prejuízos e preconceitos introjetados. O imaginário que foi inventado pelas visões do eurocentrismo, inferiorizaram os povos latino-americanos e os transformaram em submissos enquanto os europeus se elevaram como superiores. Na atualidade, muitos da elite os admiram e os tem como referência.

O culto ao colonizador, ao bandeirante, ao europeu perpassa os séculos e se perpetuam na história encobrendo os habitantes. Uma crítica realizada para repensar as injustiças é necessária quando habitamos um continente que repete a colonização pela cultura colonizada. Nem sempre, nas aulas os textos filosóficos nos alertam e nos chamam atenção como várias cidades do Brasil mantêm nas suas praças estátuas de bandeirantes. Geralmente, estas estátuas ocupam páginas dos Livros Didáticos como sujeitos e protagonistas no desbravamento do país. As suas estátuas estão fixas nas rotatórias das avenidas, nas praças e sepultados nas catedrais.

No estado do Mato Grosso, cometeram barbáries destruindo e eliminando os índios Paiaguá (Atenção: Em todas as etnias, para fazer concordância na língua

portuguesa ÍndioS PaiaguáS...na verdade todas as etnias possuem nomes no singular. Os Xavante, Os Bakairi, Os Bororo... pois a etnia não se compreende senão como plural. O nome já diz na palavra o sentido plural, que não se refere nunca a UM, mas sempre a uma etnia única com este nome, sem "S". Mesmo quando se diz: Os Paresi ou Pareci – é o correto linguisticamente. Curioso também a observação antiga na antropologia que na etnografia, ele dizia: 'Um índio sozinho não é um índio... Ele está desolado e sem corpo... Ele só se constitui indígena em sua etnia que lhe confere o caráter que possui'...) e depois, para aliviar o peso da consciência deram o nome ao Palácio do Governador. No pensamento de Freire, o opressor está sempre a oprimir desde que o oprimido se encoraje, se levante e se liberte da opressão. Para isso, necessita de uma ética da libertação como nos chama a atenção a crítica de Dussel. O espírito filosófico latino-americano, ao pensar e refletir pela Filosofia da Libertação, quis conhecer e compreender o princípio-arquétipo desta ideia de maneira profunda e saber que foi enganado pela falácia mítica da modernidade. Descobrir e se libertar do homem europeu eurocêntrico que se intitulou superior, e senhor dos demais povos instituídos como inferiores e escravos é uma causa que precisa ser assumida. Estas questões fazem parte do processo da independência intelectual que podem possibilitar os demais ao desconhecimento. Percebamos como que o Dussel citou num parágrafo a concepção preconceituosa de Aristóteles sobre as pessoas:

Para Aristóteles, o grande filósofo da época clássica, de uma formação social escravista autocentrada, o grego é o homem; não o é o bárbaro europeu porque lhe falta habilidade, como também não o é o asiático, porque lhe falta força e caráter; também não são homens os escravos; as mulheres o são às meias e a criança o é em potência. Homem é o varão livre da polis da Hélade. Para Tomás de Aquino, o senhor feudal exerce um *ius dominativum* sobre o servo de seu feudo, da mesma forma o varão sobre a mulher. Para Hegel, o Estado que traz o espírito é o dominador do mundo diante do qual todo o outro Estado não tem nenhum direito. Por isso a Europa se constitui na missionária da civilização no mundo (DUSSEL, 1977, p. 11).

O professor de filosofia no Ensino Médio traz na sala de aula os pensamentos destes pensadores que Dussel citou no desenvolvimento do seu livro Filosofia da Libertação na América Latina. E mais, sem tocar a nossa sensibilidade crítica e a nossa consciência, normalizaremos e normatizaremos a colonização e violência na atualidade. Se não abirmos para uma consciência da realidade teremos dificuldades de pensar e refletir democraticamente:

Falar, por exemplo, em democracia e silenciar o povo é uma farsa. Falar em humanismo e negar os homens é uma mentira (DUSSEL, 2000, p. 94).

A Filosofia Latino-americana propõe um humanismo antropoceno, que não está alinhada com a modernidade eurocêntrica que limitou geograficamente no continente europeu. Tanto o humanismo renascentista do século XIV, quanto o do século XX, não evitaram a desumanização pela exploração e a neocolonização pela globalização.

Os humanos de certa forma não têm acesso na totalidade. E, nossa ciência fragmentada... que perdeu a noção de totalidade e restringiu para poder mexer de forma controladora, com todas as consequências de mexer experimentalmente um fenômeno complexo, que, por ignorância parcelamos pelo desejo de assumir as rédeas do universo, excluindo fenômenos que estão sempre em complexidade e não se separam como falava Merleau-Ponty da pessoa humana que vive intrinsecamente entrelaçada no eu-outro-mundo.

A prática da colonização mudou, mas os colonizadores continuam sendo antropocêntricos e é uma questão para ser discutida. Nestes cinco séculos, a modernidade não conseguiu superar a desumanidade pela barbárie por parte daqueles que se dizem civilizados. Estas práticas se fundamentaram nas teorias políticas, filosóficas, pedagógicas, teológicas, históricas, biológicas e científicas. A vida política pensada desde a escolha dos pensadores dos Livros Didáticos que são eurocêntricos que continuam com o encobrimento do outro. A Filosofia eurocêntrica muitas vezes fixou seus pensamentos e reflexões em ideias e práticas que inferiorizaram e eliminaram o outro. Geralmente as aulas carecem de encarnação da realidade social do aluno, da escola, do professor e da escola escolar. A Filosofia Latino-americana partiu do pensamento e da reflexão que provocaram o professor e o aluno a fazerem uma transformação da realidade. Por isso que o maior fundamento é a realidade em que as pessoas estão vivendo para pensar e agir pela filosofia da libertação:

Parece que é possível filosofar na periferia, em nações subdesenvolvidas e dependentes, em culturas dominadas e coloniais, numa formação social periférica, somente se não imita o discurso da filosofia do centro, se se descobre outro discurso. Tal discurso, para ser outro radicalmente, deve ser outro ponto de partida, deve pensar outros temas, deve chegar a diferentes conclusões e com método diferente. É necessário não só não ocultar, mas partir da dessimetria centro-periferia, dominador-dominado, totalidade-exterioridade, e a

partir daí, repensar o nunca pensado: o próprio processo de libertação das nações dependentes e periféricas (DUSSEL, 1977, p. 176-177).

Dussel na citação acima não tem dúvidas de que nós latino-americanos podemos filosofar. Ele criticou como que a colonização deixou várias dependências nas nações conquistadas e uma delas está muitas vezes no pensamento. Não é que o latino-americano não pensa é que nem sempre tem acesso aos materiais que contribuam na descolonização. Nesta discussão estão os Livros Didáticos que encobrem o pensamento e o pensar da América Latina.

A pedagogia do oprimido e a filosofia da libertação dialogam com a realidade que os latino-americanos vivem. Os dois pensadores criticam e propõem uma transformação por meio de uma libertação comunitária e social daqueles que são explorados pelo sistema opressor. Questionam a educação não somente por ser bancária, mas pelo fato de muitas vezes limitar a visão do aluno somente para a formação profissional. A pessoa é limitada para a condição de trabalho e que o explora e exclui da dignidade. A sua formação muitas vezes se limita a uma preparação técnica e profissional. A pessoa alimenta um ideal empresarial e de governo que querem seus habitantes trabalhando sem se perguntar e questionar as condições que são submetidos.

Educar para a humanidade, liberdade e dignidade é o papel da educação. Quando falta estas ações na educação teremos a desumanidade, a opressão e a indignidade da pessoa humana. Freire e Dussel pensaram a partir o furacão do capitalismo onde quase tudo foi transformado e fabricado para o consumismo desordenado. Eles questionam este sistema de consumismo que explora o ser humano. Por isso que a educação que eles elaboram é para além desta posição. É para a libertação da realidade desumana e da construção duma sociedade humana que Freire pensou:

A realidade social, objetiva, que não existe por acaso, mas como produção da ação dos homens, também não se transforma por acaso. Se os homens são produtores desta realidade e se está na inversão da práxis, se volta sobre eles e os condiciona, transformar a realidade opressora é tarefa histórica, é tarefa dos homens (FREIRE, 2005, p. 41).

Paulo Freire foi e é um pensador que viveu, refletiu e agiu no século XX e Enrique Dussel é um filósofo que começou a sua trajetória filosófica no século XX e atua na teoria prática no século XXI. Sua reflexão faz uma crítica a contradição ou

dilema da perpetuação da produção de vítimas, de pobreza e da desigualdade nas periferias onde a globalização causou a exclusão destas pessoas humanas. Os produtos da globalização geralmente são produzidos nos continentes do Hemisfério Sul e os trabalhadores em muitos destes países trabalham em sistema de escravidão e exploração para o bem-estar dos donos destas empresas multinacionais. Os países que se localizam geograficamente no Hemisfério Sul são a América Latina, a África e a Ásia e os seus povos pobres e miseráveis são buscados pelas nações ricas. Os governos dos países pobres, na maioria das vezes constituídos por famílias oligárquicas aristocráticas. Desta maneira, o governo em vez de combater a injustiça social, a permite para ganhar alguns dólares fruto do sangue de seu próprio povo.

O pensamento crítico mexe com a nossa consciência para rompermos com a colonização que é latente e está nos conhecimentos do colonizador. Temos que descobrir o valor libertador em estudar os pensadores e pensadoras latino-americanos. As suas teorias e suas intervenções práticas sensibilizaramos em nós um espírito que se encarna na realidade para libertarmos-nos do eurocentrismo.

As aulas de filosofia na escola se não provocar o aluno-aluna para um estudo-análise da realidade e dos pensadores que se estudam nos continentes colonizados africanos, asiáticos e países do Oriente Médio não estiverem em paralelo com os textos dos pensadores da América Latina, estaremos nos colonizando.

Nesta análise com os alunos, perceber os pensadores e textos que se fecham no eurocentrismo tendo como fundamento o racismo, a inferioridade do latino-americano e a justificativa da colonização. Com esta amostra, o aluno pode descobrir e revelar desigual, oprimido, explorado e diminuído na sua humanidade. E perceber que a quantidade de pessoas na pobreza e na miséria a causa é a exploração pela colonização que ainda está presente. Para favorecer o debate e a discussão, utilizaremos o pensamento crítico de Freire e de Dussel trazendo para a sala de aula o que oprime e que provoca a libertação, mas o que sai da sala, é um sujeito protagonista.

A libertação da opressão somente pode acontecer quando tomamos consciência de que a realidade em que vivemos ela foi criada e justificada pelo eurocentrismo na colonização e na atualidade continua na colonialidade em que os países colonizados estão submetidos. O povo dos países colonizados ainda são os reféns no poder ético, político e econômico que generaliza a dependência como uma infecção geral que leva a pessoa infectada ao óbito, morte.

O estilo que esta política está organizada nos Estados Modernos é a necropolítica. O lucro é somente para o mercado, bolsa, banco, empresário e o capitalismo como alienação. A economia, pelo dinheiro, ilude muitas pessoas a trabalharem até o esgotamento de seus corpos. O seu ser em nome de um salário-dinheiro é corrompido pelo ter. Numa sociedade do cansaço e da violência pelo trabalho, o ópio monetário perturba a mente de muitas pessoas que são manipuladas a aceitar os acréscimos no salário. O problema, será amanhã. Pois um grupo expressivo destes trabalhadores e trabalhadoras em pouco tempo sofrerão as consequências que o levarão à licença, medicamentos, impossibilidades (palavra pejorativa inválidos), afastamentos (absenteísmo), demissão (sem direitos) e até mortes (descartados). São estes questionamentos que eclode a condição e o determinismo do colonizador e da colonização. Este é o papel do filósofo e da filosofia da libertação ajudar o aluno-aluna a pensar e a julgar a determinação que poderão estrar-ficar.

Dussel apresentou sua reflexão crítica e criativa daquilo que foi a raiz em que a pessoa humana habita e não oculta a história e a reflexão filosófica para entender a relação do capitalismo e o aparecimento das vítimas ainda em pleno Século XXI. Na América Latina, uma grande quantidade de seu povo continua vítima do capitalismo enquanto, o capital e o lucro crescem para os ricos, diminui a pessoa humana tornando-a escrava do sistema capitalista.

O capitalismo inventou as necessidades que geram o consumismo do consumidor que é transformado em escravo do sistema e dele mesmo. São os condenados da terra hoje, escravos de um sistema vicioso que causa injustiças e desumanidade e sacrifício de suas vítimas. O objetivo é apresentar a origem da política, seus pensadores, suas teorias e como na modernidade países constituídos tanto na Europa quanto e nos EUA controlam pela geopolítica. Países da Europa e os Estados Unidos pensam e agem como se fossem os donos do mundo. O controle geopolítico impõe uma colonização pela dependência econômica por gerar dívidas impagáveis aos países que pegaram empréstimos (dinheiro) de Bancos Internacionais como o FMI e outros. A ciência e as tecnologias que inventaram e inventam dilatam o mito de superioridade do eurocentrismo e norte-americanocentrismo e os oprimidos dos países do Hemisfério Sul precisam de uma posicionamento que impeça esta violência.

A falsificação da soberania das classes dominantes na globalização e a colonização ainda alimentam e alienam o sistema educacional. A crítica da Filosofia da Libertação do filósofo latino-americano Enrique Dussel pelo 'giro decolonial' questiona o que aprendeu e conheceu da Filosofia eurocêntrica. A filosofia assumiu o seu papel provocativo e que existem outras visões de mundo para o pensamento e a reflexão filosófica. Esta reflexão feita pelo Dussel, deslocou geográfica, étnica, intelectual e culturalmente o centro que fazia o pensamento girar ao seu redor. O seu foco, desfocou e neste deslocamento filosófico se dilatou a visão que nos fez olhar fora do centro e a começarmos a enxergar a periferia do mundo. Nesta visão própria, sentir o seu chão e repensar a sua realidade e o que foi escrito e ensinado sobre ela.

É neste contato com a realidade que apareceu o não-ser e o não-saber do colonizador. O não-ser e o não-saber são maneiras que o colonizador utilizou para dizer que o índio não era humano e não possuíam um saber. O não saber da história e da filosofia dos povos que são os nossos conterrâneos permanecem no ensino daquilo que é da colonização e perpetua pelo que foi imposto pelo colonizador.

O pensamento de Dussel repensa e busca desalienar o latino-americano em direção da autonomia. O colonizador não consegue sujeitar o autônomo e submete-lo a colonização. A força do pensar, do refletir, do sentir e do agir no processo de transformação social faz ver a realidade diferente.

Neste contexto surgiu a Filosofia da Libertação da América Latina e a sua crítica causou nas classes dominantes um desconforto. O seu questionamento des-cobriu o que a colonização encobriu, a realidade injusta, desumana. A sua crítica deu voz aos que eram sufocados pelo sistema colonizador. A filosofia da libertação na presença do filósofo Dussel, provocou no que se ensinava confusão Filosófica àqueles que não viam nas outras filosofias um jeito diferente de analisar e refletir a modernidade.

Ao ler os escritos de nossos pensadores Freire e Dussel, compreendemos a maneira como nos apresentaram a nossa realidade. Nós, no contexto atual, temos que transformar a realidade social com uma educação que nos leve a um conhecimento libertador. A mudança da realidade condiz com a responsabilidade humana e social. Nós, latino-americanos, ao enfatizar e refletir a barbárie nazista, o vemos como a banalização do mal. Mas também queremos trazer para as aulas as reflexões críticas da filosofia da libertação da América Latina das barbáries praticadas pelos países da Europa na colonização por cinco séculos. Neste longo período, a

violência do homem europeu nos assolou, pois encobriu, ocultou, justificou e eliminou pela brutalidade contra os latino-americanos.

Sustentou uma moral que defendia o europeu como civilizado, homem, politizado e cristão. E viam os seres humanos situados na periferia do sistema-mundo, no Hemisfério Sul como selvagens, bárbaros, afeminados e pagãos. A colonização, a escravidão e a exploração nos países do Hemisfério do Sul, sacrificaram pela injustiça, a fome e a miséria assassinando muitas pessoas. No século XX, os campos de concentrações nazistas e o mais temido, Auschwitz, banalizaram até mesmo o próprio mal. Os indígenas e os africanos foram mortos de muitas maneiras. Os indígenas quase foram instintos.

Os Livros Didáticos de Filosofia não se preocuparam com o eurocentrismo e suas sequelas que chegaram na América Latina desde o século XVI. Muitas vezes animados pelo Espírito filosófico do *'Cogito, ergo sum'* de Descartes. Provavelmente esta frase não diz nada para um indígena, africano e asiático. Este pensamento é imposto colocado na porta da modernidade ocidental e fundamentado na ideia Cartesiana. A ausência de pensadores latino-americanos nos Livros Didáticos é observável pela análise crítica descolonizadora e libertadora.

A partir daquilo que o professor e aluno estiverem pensando, refletindo, sentindo e carnalizando como que produzido pela vida na cultura indígena descobrindo o quanto de conhecimento humano deste continente encoberto podemos então nos libertar. O ver, o pensar, o sentir, o viver, o expressar, o agir, o interagir e o relacionar no mundo da vida é o incrível para ser descoberto. O compreender o jeito do indígena e de sua corporalidade no interagir da comunidade, da natureza e do planeta é uma visão ausente no Livro Didática, mas nós temos que mostrar, estudar e dizer ao mundo da nossa concepção.

Metodologia

As pesquisas que serão realizadas pelos alunos visam comparar o contexto da época da colonização e a situação contemporânea do professor e aluno. Buscar perceber como que os períodos e fatos históricos podem ser cíclicos e determinados pelos regimes políticos e econômicos dominantes do poder sobre o povo. Um poder político estabelecido e fundamentado nos prejuízos, nos preconceitos e moralismos para justificar a única visão e ideia de sociedade. Que não há outra possibilidade de viver sem reproduzir, é falacioso. O que foi imposto em nós a filosofia da libertação

ajudará a repensar e superar. É uma possibilidade crítica e prática de que outra visão de política e de economia existe.

Avaliação

Demonstrar o que se conheceu da América Latina e que foi imposto pela colonização para sugerir uma outra maneira de olhar e compreender o mundo pelo processo de descolonização. Junto com os alunos discutir filosoficamente como que os aspectos da modernidade encobriram o conhecimento de seu povo, seu também e o que muitas vezes se estuda na escola, nada mais é do que aquilo que o conquistador utilizou para controlar os seus ancestrais.

Pesquisar a pedagogia do oprimido e a filosofia da libertação para conhecer a diferença com o pensamento eurocêntrico conquistador e descobrir o quanto a filosofia é encoberta por teorias filosóficas que estão fora da realidade latino-americana é uma necessidade libertadora.

Bibliografia

DUSSEL, Enrique. *Ética de la Liberación en la Edad de la Globalización y de la Exclusión*. Editorial Trotta. Colecion Estructuras y Procesos – Serie Filosofía. 2ª Edición, 1998.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Ed. Paz e Terra S/A, 46ª Edição, São Paulo, SP, 2005.

3.6 6ª Aula: Ausência de outra visão Filosófica na teoria e prática do Ensino de Filosofia nos Livros Didáticos e a Filosofia da Libertação da América Latina

Tema

Ensino de filosofia, Livros Didáticos e Filosofia da Libertação da América Latina

Objetivo Geral

Conhecer que nos Livros Didáticos o eurocentrismo permanece no processo de encobrimento do pensamento latino-americano

Objetivos Específicos

- a) Pensar a partir de outra visão que contribua no processo de descolonização;
- b) Uma filosofia que questione o ensino e elabore um PPP na escola em conjunto com a comunidade escolar;
- c) A teoria e a prática na práxis do pensamento latino-americano na escola.

Justificativa

Ver o mundo a partir da América Latina com sua diversidade de povos, culturas, saberes, conhecimentos, pensadores e pensadoras é a melhor visão que temos para descolonizar. No processo de libertação do povo Latino-americano ainda é uma proposta reflexiva e a Filosofia da Libertação da América Latina aproxima-se da visão de educação muitas vezes pautada nas teorias que parecessem dependências.

As teorias filosóficas dos colonizadores são uma dependência nos Livros Didáticos. Eles trazem a origem da filosofia na Grécia e nenhum faz um único questionamento, uma dúvida ou uma interrogação filosófica de onde estão os outros povos existentes muitos milênios ou séculos antes dos gregos. Os pensadores, pensamentos, ilustrações, épocas, fatos, mapas, invenções, descobertas, escritos e ciências são quase todos eurocêntricos.

Essa dependência muitas vezes também se repete no sentido da formação do educador presente e futuro a partir da consciência daqueles que defenderam a conquista e a colonização ou daqueles que estavam fora da realidade do povo que está refletindo os textos ou obras.

A filosofia latino-americana da realidade do explorado e oprimido do continente, ou seja, se fazem na situação do povo para libertá-lo. As reflexões filosóficas não podem permanecer abstratas e precisam inserir-se nas necessidades humanas existências, sociais políticas da escola e do aluno. A realização da práxis libertadora passa pelo educador estudar, analisar e pensar de maneira crítica os textos do Livro Didático e desenvolver outras perguntas para propor juntamente com os alunos. Buscar outros questionamentos e visões de mundo que não sejam somente os que estão estabelecidos a partir da modernidade que geralmente se utilizavam.

Não há nenhum problema em utilizar textos do Livro Didático pelo educador, a questão, é não fazer a problematização filosófica a partir de um pensamento que nos possibilite dialogar, conversar, questionar, criticar, pensar, sugerir e desenvolver com os alunos uma reflexão participativa. Desenvolver uma visão ampla e crítica para não limitarmos no pensamento do colonizador e superarmos.

O educador e o educando se educam na vida, pela vida, com a vida e nas experiências que elaboram juntos despertando-se um ao outro. Não é um despertar grego e nem eurocêntrico pela teoria Kantiana, mas semítica. O pensador semita e a sabedoria deste povo, sempre reagiu como um pensamento crítico e de resistência contra as potências da época. Os impérios até encobriam, mas a força do povo liberto orientado pela sua sabedoria e coragem venciam os sistemas e eram libertados. O pensamento crítico do povo semita promovia uma práxis libertadora que transformava como protagonista da mudança:

A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer. O saber que a prática docente espontânea ou quase espontânea, desperta, indiscutivelmente produz é um saber ingênuo, um saber de experiência feita, a que falta a rigorosidade metódica que caracteriza a curiosidade epistemológica do sujeito. Este não é o saber que a rigorosidade do pensar certo procura. Por isso, é fundamental que, na prática da formação docente, aprendiz de educador assumam que o indispensável pensar certo não é presente dos deuses em se acha nas guias de professores que iluminados intelectuais escrevem desde o centro do poder, mas, pelo contrário, o pensar certo que supera o ingênuo tem que ser produzido pelo próprio aprendiz em comunhão com o professor formador. É preciso, por outro lado, reinsistir em que a matriz do pensar ingênuo, como a do crítico. É a curiosidade mesma, característica do fenômeno vital (FREIRE, 2016, p. 39).

Na pedagogia da autonomia, os saberes são práticas educativas para Freire. Ele pensou que o educador, o educando e o povo sozinhos não poderiam libertar-se sem consciência de sua realidade e que são explorados porque há um explorador que está no poder da sociedade. A exploração colonizadora está geralmente em todos os aspectos da vida. A exploração perpassa o corpo, a mente, o espírito, o pensamento, a religião, a ética, a política, a economia, a ecologia, o Estado, ou seja, a sua existência como um todo. Repete escritos, frases, ditados, máximas, etc sem repensar e questionar tornando-se propagador da colonialidade na atualidade. Este é um dos trabalhos de descolonização, libertá-lo na sua personalidade integral.

A libertação é realizada pelo diálogo-analético do oprimido que não só reflete, mas pensa e problematiza filosoficamente a sua vida e situação que constrói uma condição desumana. A transformação de sua situação é também uma questão filosófica analética tanto de Freire quanto de Dussel. Pois, eles reformulam as perguntas e as respostas a partir de uma argumentação da realidade sem deixar de

questionar e repensar as causas da injustiça, da desigualdade e das desumanidades propondo uma justiça libertária.

O povo oprimido toma consciência da injustiça que sofre e que precisa lutar pela sua libertação. Sensibilizar para que sensibilizado perceba que a crítica construtiva não é somente um pensamento abstrato, mas possui um fundamento que é a vida e que numa prática consciente e construtiva pudesse transformar a realidade existencial e social. Ele transforma, desde que nos desalienemos da colonização imposta até mesmo no fazer sem pensar porque faço o que faço. O aluno da periferia do mundo eurocêntrico forma o povo e muitas vezes explorado, oprimido. A educação pode estabelecer alguns critérios e um deles é a autocrítica do que se ensina, do que ensinamos e do que aprendemos. A alienação pode estar embutida no ensino, no ensinar e no repetir se não há outra possibilidade e alternativa para pensar o mundo a partir do mundo que vivemos. Se a realidade não pode ser a nossa realidade onde a utopia nos faz superar as distopias da modernidade cada vez mais científica e tecnológicas. Ciências, tecnologia e filosofia que nem sempre contribuem na descolonização, mas transformam a pessoa cada vez mais egoísta e subsumida na escravidão moderna individualista, capitalista e consumista. A ciência e a tecnologia são importantes para a humanidade, desde que a pessoa humana não se torne refém à elas verticalizando os saberes, conhecimentos e práticas como única visão para viver.

As palavras atingem a sua própria carne, realidade e se transformam em processo de libertação da opressão melhorando na escola e na comunidade escolar. Um exemplo concreto é educar-se educando. Utilizar uma educação que desperte no aluno uma visão crítica da realidade e da sociedade em que vive e convive. E que possa dialogar com um empresário ou com um candidato político, sem deixar-se seduzir pelos efeitos da conversa que geralmente seguem sempre o mesmo perfil, conquistar o ouvinte e distraí-lo para não ser criticado ou questionado. No diálogo entre o empresário e o funcionário, o salário deve ser um consenso dos dois.

Desenvolver um conhecimento não só teórico, mas de coragem humanizadora, incisiva numa argumentação dialógica, reflexiva, afetiva e educativa. Num diálogo de crescimento mútuo para o bem de todos. Com estas desenvolturas flexíveis o professor e o aluno podem organizar a comunidade escolar, vendo, ouvindo, percebendo, sentindo a realidade, a necessidade, estudando, pesquisando, analisando, repensando e escrevendo atentamente um projeto. Um projeto que tenha

uma interação necessária entre comunidade escolar, escola, educação, professor, professoras, alunos, alunas, pais, mães e responsáveis na feitura da prática que o PPP (Projeto Político Pedagógico) seja a criação da comunidade escolar e assuma um compromisso pela práxis. Geralmente, o PPP são teorias coloridas com belas palavras e ausentes criticidades, de práticas libertadoras e transformadoras. As correções devidas são construídas de maneira coletiva-comunitária, humana e humanizadora.

Se for preciso, a comunidade escolar deve reformular completamente o projeto para que ele seja a vontade popular e atenda as necessidades da comunidade escolar. É relevante que a educação se fundamente no pedagógico e no político para abordar o que é urgente, contribuindo na construção de uma outra sociedade. Isso exige, segundo Freire e Dussel, destruição, reconstrução, formação, pesquisa, estudo, desconhecimento, conhecimento, empenho, engajamento, responsabilidade, desaprender, reaprender a ética, a política e compromisso-prático pedagógico.

A educação é mais que saber ler, escrever, memorizar, repetir e interpretar texto. Educação é aquilo que provoca o ser humano a transformar a sua realidade injusta para uma comunidade humana e capaz de viver e conviver junto. Se torna ponte e mediação para uma consciência crítica e condutora do intelectual orgânico com o educando-se cotidianamente. Promove a dilatação da visão para a horizontalidade e desvendando os aspectos que organizam uma sociedade ou comunidade. A comunidade escolar, a educação e o aluno também têm a necessidade de um educador crítico, questionador, provocativo, construtivo e transformativo. É Dussel quem reconhece a importância de Freire no pensamento e da elaboração da filosofia da libertação da América Latina dizendo que:

Freire, então reconhece que é a vítima quem toma consciência crítica. O educador lhe possibilita o descobrimento da sua condição de vítima. Isto é a consciência que não chega a vítima de fora, mas surge de dentro da sua própria consciência despertada pelo educador (DUSSEL, 1998, p. 438).

A Filosofia da Libertação da América Latina pela práxis agiu e reage na reconstrução de uma sociedade que se liberta da tirania do conquistador presentes nos vários aspectos que organizam a sociedade. A educação no Brasil não pode ficar limitada nos Livros Didáticos, pois eles também muitas vezes contribuem com o encobrimento de pensamentos e pensadores brasileiros ou latino-americanos. Os

questionamentos filosóficos descentralizados do eurocentrismo superam o opressor introjetado na nossa mente, reflexão e prática.

Tanto Dussel quanto Freire desenvolveram teorias a partir da realidade do povo. Por isso colaboraram com o educando e o povo que pelo analfabetismo por não conhecer as letras e as palavras ou não terem o hábito de leitura, conseqüentemente desconheciam os seus direitos básicos escritos na Constituição Federal. Aprendendo a conhecer e a ler, foram desvelamento a consciência coberta de que eram enganados e explorados. Os dois pensadores mostraram que a liberdade é possível e que ela pode ser um meio para alcançar a dignidade pela alfabetização para além da alfabetização.

Nas ordens do senhor, causa da manipulação e da exploração encontra-se um libertador, na esperança, na confiança e no pensamento crítico de sua condição inventada pela prática eurocêntrica vigente. Este é um papel do filósofo que a partir dum educador descolonizado e engajado na transformação social da realidade em que vive pode fazer a diferença. Não teme de lutar pelos injustiçados e os estes, libertados se engajam na luta educacional pela libertação e constroem uma sociedade diferente, múltipla.

A alteridade e o altruísmo são assumidos pelos que antes eram oprimidos como prática de mudança educacional e veem-se no outro e no outro torna-se a analética. É a superação do não-ser de Parmênides e eurocêntrico, agora o outro é tanto quanto eu sou. Em comunidade e em sociedade somos. Este é um dos primeiros princípios para a libertação, o ver outro enquanto pessoa humana com dignidade.

Não há como transformar a realidade sem este reconhecimento relacional de sentir-se na pele do outro. É este sentimento sensível e racional que capta e sente o sofrimento do outro. A Filosofia latino-americana não é somente uma interpretação, mas analeticamente como ação, práxis de libertação da realidade que são impostos. A citação de Hichert faz uma excelente análise reflexiva da filosofia da libertação e a condição do oprimido na realidade em que vive:

Em Dussel a categoria mais importante da Filosofia da Libertação deve começar com um discurso filosófico a partir da periferia, a partir dos oprimidos. Este seria um novo discurso na história da filosofia mundial. Isso só acontece quando nos voltamos para a realidade, como exterioridade, pelo simples fato de ser uma realidade histórica nova. A Filosofia que dela se desprende, descompromete-se com a transformação da realidade. A lógica da exterioridade ou da alteridade estabelece seu discurso a partir do abismo da liberdade do outro. É histórica e não meramente cósmica ou físico-vigente. O outro é alteridade (HICKERT, 2005, p. 32).

A mundialização da Filosofia conhecida como universalização é uma ideia moderna para globalização de um pensamento unívoco ou único para todos os povos. Este é um pensamento que precisa de uma análise profunda, que recupere a reflexão de cada povo e supere a alienação que gera preconceitos, pensamentos falsos e teorias impostas que temos que repensar.

Metodologia

O Livro Didático pode ser utilizado para conhecer melhor a nossa educação e entender como que a estrutura proposta por eles geralmente mais encobre os conhecimentos latino-americanos do que descoloniza.

Uma metodologia que integre a participação de comunidade escola com toda realidade que envolve a escola propondo o pensamento que gere autonomia e uma filosofia que descolonize e contribua na participação e responsabilidade de todos na transformação social.

Avaliação

Avaliar a partir de pesquisa, estudo e pensamento descolonizadoras que contribuam na formação humana da sociedade. Possibilitar outras experiências de leituras e trazendo para o estudo e ensino a participação da comunidade escolar na organização e elaboração do PPP para um maior envolvimento educacional na transformação da comunidade escolar.

Bibliografia

DUSSEL, Enrique. *Ética de la Liberación en la Edad de la Globalización y de la Exclusión*. Editorial Trotta. Colección Estructuras y Procesos – Serie Filosofía. 2ª Edición, 1998.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. 53ª ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, RJ, 2016.

3.7 7ª Aula: A modernidade eurocêntrica e a visão vertical universal e a outra visão da Filosofia da Libertação da América Latina

Tema

A modernidade eurocêntrica e a imposição da filosofia eurocêntrica colonizadora.

Objetivo Geral

Conhecer os escritos e práticas de outros povos e questionar elaborando outras visões de mundo

Objetivo Específicos

- a) Tecer uma crítica que desvende a visão do eurocentrismo;
- b) Superar pela filosofia latino-americana a visão vertical do encobrimento de outros conhecimentos;
- c) A Filosofia da Libertação da América Latina como crítica à modernidade eurocêntrica e um pensamento libertador a partir de outros saberes e práticas de ensino.

Justificativa

A filosofia eurocêntrica que foi implantada de um jeito bárbaro na América Latina, provocou um encobrimento dos saberes que se ensinavam e seguiam os povos que habitavam este continente. Desde meados de 1500, pensadores reagiram contra ao pensamento eurocêntrico. A postura dos críticos é em defesa dos indígenas, de sua cultura e seus direitos encobertos pelo Estado colonizador. Este posicionamento de resistência é uma prática de estudo e ação do pensador Edgardo Lander:

Se o conceito de modernidade refere-se única ou fundamentalmente às ideias de novidade, do avançado, do racional-científico, laico, secular, que são as ideias e experiências normalmente associadas a esse conceito, não cabe dúvida de que é necessário admitir que é um fenômeno possível em todas as culturas e em todas as épocas históricas. Com todas as suas respectivas particularidades e diferenças, todas as chamadas altas culturas (China, Índia, Egito, Grécia, Maia-Asteca, Tauantinsuio) anteriores ao atual sistema mundo, mostram inequivocamente os sinais dessa modernidade, incluído o racional científico, a secularização do pensamento, etc. Na

verdade, a estas alturas da pesquisa histórica seria quase ridículo atribuir às altas culturas não-europeias uma mentalidade mítico-mágica como traço definidor, por exemplo, em oposição à racionalidade e à ciência como características da Europa, pois além dos possíveis ou melhor conjecturados conteúdos simbólicos, as cidades, os templos e palácios, as pirâmides, ou as cidades monumentais, seja Machu Pichu ou Boro Budur, as irrigações, as grandes vias de transporte, as tecnologias metalíferas, agropecuárias, as matemáticas, os calendários, a escritura, a filosofia, as histórias, as armas e as guerras, mostram o desenvolvimento científico e tecnológico em cada uma de tais altas culturas, desde muito antes da formação da Europa como nova identidade” (LANDER, apud QUIJANO, 2005, p. 113).

A visão que aprendemos desde muito cedo da modernidade é que da Europa se criou uma infinidade de coisas, mas que poucos duvidam e questionam esta maneira de compreender a modernização. É relevante parar e pensar porque a teoria que temos é uma representação literária de mundo imposta eurocentricamente. A modernidade, segundo Dussel, também é um mito. Se tornou um conceito e uma prática agressiva e violenta a partir da colonização. Os colonizadores verticalizaram seus saberes, conhecimentos e técnicas em lugares que realizaram as conquistas. Lembremos que os espanhóis e portugueses chegaram na América Latina ou Central depois de muitos anos que o indígena já havia habitado e se estabelecido neste território:

Em “Introducción a la Filosofía de la Liberación”, Dussel inicia propondo um método de pensar que propõe pensar desde a cotidianidade vigente que significa partir do mundo da vida cotidiana, do mundo concreto, do aqui e do agora (DUSSEL, 1995, p. 86). Ou seja, partimos de onde estamos, do cotidiano que muitas vezes é justificado pela rotina e que raras vezes é problematizado, questionado. Este ponto de partida implica, como veremos, em um processo de construção do sentido do ser que poderemos, talvez, associar com a ideia de cosmovisão ou de visão de mundo. Vivemos em um mundo, em uma cidade, em um bairro, em uma classe social e temos um horizonte de que delimita este nosso mundoparte da cotidianidade em direção à filosofia e não o contrário. “El “discurso” (entiéndase “dis-curso” en el sentido del “curso que atraviesa”) que les propongo no va a partir de la filosofía para interpretar la cotidianidad, sino que va a partir de la cotidianidad en dirección a la filosofía, porque va a ser una introducción al pensar metódico radical (DUSSEL, 1995, p. 85). Esta proposta é muito significativa quando estamos na busca da compreensão do que se constitui o conceito de cosmovisão ou de visão de mundo e se estes conceitos se relacionam de alguma maneira (MUNDURUKU, 2009, p. 180).

Este é um dos papéis da filosofia latino-americana, trazer à escola um pensamento que não se restrinja as tecnologias e ciências eurocêntricas esquecendo

que as sociedades indígenas nas suas aldeias e os africanos nas tribos veem o mundo diferente. Enxergam de uma maneira mais holística. Levantar o questionamento para não fazer da ciência e da tecnologia uma outra colonização.

A colonização atual que é a globalização, alimentada pelo capitalismo, mercado e mercadoria vai transformando todos e tudo. A alienação de uma educação informatizada e menos humanizada pode ser imposta de que se torna mais ágil ou se aprende melhor. Uma educação que visa o arquivamento dos conhecimentos, a escrita, a digitalização e as habilidades cognitivas com o controle de medida de Coeficiente de Inteligência (QI) é uma compreensão eurocêntrica. Na atualidade, a escola não pode ser o termômetro de inteligência, pois a inteligência é multifocal. No processo em que todos nós estamos imbuídos, a inteligência física, a inteligência racional, a inteligência emocional e a inteligência espiritual. A pessoa humana não pode ser restringida na inteligência racional ou intelectual. Por isso, temos que lutar por uma educação para além do racional e do Quociente de Inteligência (QI).

A tradição oral mantém-se firme, sensível, consciente e responsável pela sua memória, tradição e ancestralidade. Estas tradições muitas vezes são desconhecidas e desrespeitadas por nós mesmos porque insistimos hoje em conhecer e repetir a colonização. Nesse caso, o Livro Didático é um exemplo. Na pesquisa que fizemos, analisando e pensando a política, os autores foram buscar pensadores gregos e europeus. Não há nenhum latino-americano, africano, indiano, palestino e de outros povos considerados pelo eurocentrismo de periferia. A filosofia latino-americana inverte a visão utilizando o pensamento horizontal. A visão da filosofia da libertação é horizontal, não reconhece mais o pensamento eurocêntrico como vertical, universal, único e superior. Descubra o que foi encoberto apresentando outras possibilidades para pensar, se organizar e viver.

O eurocentrismo mede os saberes e os conhecimentos dos alunos somente pela via de uma máquina, o computador ou tablete com a máxima de que o mundo está na palma da mão é uma prepotência eurocêntrica. O não vê o mundo virtual, fictício e irreal. A sua tela real, educacional é a realidade da vida, da terra, na natureza, das plantas, dos animais, do céu, das estrelas, dos astros, das divindades e deidades. Por acaso é a educação eurocêntrica e informatizada que ensinará o que é melhor e o que é a pessoa moderna e civilizada? Com certeza, não. Cada povo é responsável pela sua vida, visão de mundo e organização social.

Ninguém consegue mensurar o mundo mentalmente, fisiologicamente, epistemologicamente e isso também é para o cosmo. Ninguém pode impor a sua concepção de cosmo como a sua cosmovisão ou astronomia para todos. A tela do aparelho de investigação não pode impedir a pessoa humana de experimentar e desenvolver uma visão do mundo. A visão e o conhecimento da pessoa humana quando são e estão limitadas à inteligência artificial de um único povo e este, eurocêntrico, fechado na sua crença de superioridade precisam ser questionados e superados.

A filosofia latino-americana é outra alternativa filosófica para pensar e agir. Retorna aos povos andinos da América Latina e aos Ubuntu na África. Os seus conhecimentos e compreensões de mundo transmitidos pelo líder sagaz dos continentes latino-americano e africano e um cientista europeus podem dialogar e aprender juntos. O que não pode é a imposição da concepção de mundo eurocêntrica nos demais povos.

É possível que a nossa inteligência, memória, conhecimento, pensamento, aprendizagem e ensino estejam todas viciadas. Não conseguimos existir sem o computador, notebook e celular. Sem um destes aparelhos sentimos deslocados, sem lugar, espaço e comunicação. Temos, talvez de reinventar a existência e repensar até mesmo a utilização destes meios que são chamados de pedagógicos, mas no fundo, não passam de continuação da colonização. Para a filosofia e o filósofo todos os textos utilizáveis são relevantes. Os estudos filosóficos também precisam ser realizados com os escritos produzidos pela colonização, senão não haverá descolonização. É preciso estudá-los e refleti-los para que nós passamos a partir deste conhecimento lutemos pela libertação e descolonização. O que faremos nestes estudos são os questionamentos no contexto da conquista, da colonização moderna e a realidade atual. Olhar e analisar os textos e obras da modernidade pela crítica do pensamento da filosofia da libertação da América Latina e latino-americana. A opressão que se sobrepôs e se sobrepõem sem os devidos questionamentos filosóficos perpetua a exploração e a colonização.

Uma das contribuições mais importantes das ciências sociais e da filosofia política de Dussel é de estarem sinalizado que a origem dos Estados na Europa e na América Latina a partir da colonização dos séculos XVI, XVII, XVIII, XIX, XX e início do XXI, ainda utiliza uma educação política de manutenção dos países ricos sobre as

nações pobres. Suas riquezas são de origem bárbaras, inclusive atualmente com a colonialidade.

A estrutura dos Estados consolidados no colonialismo europeu no além-mar, persistente na ocultação e no encobrimento desde que se fez o vínculo entre modernidade e colonialismo. O papel das ciências sociais e da filosofia política de Dussel é descobrir e desvelar esta realidade encoberta. As vezes, elas encontram-se na sua limitação conceitual por continuar com a conquista e colonização. A conquista e a colonização hoje, podem nos limitar aos Livros Didáticos que estão impregnados desde a origem por um imaginário eurocêntrico. A aula contribuirá num estudo de pesquisa com os alunos a buscarem nos períodos apresentados um olhar filosófico crítico e numa historicidade mostrar que os conhecimentos dos povos ou etnias latino-americanos foram e estão encobertos pelo colonialismo.

As ciências sociais eurocêtricas mostram uma Europa autossuficiente, formada historicamente por nobres culturas, pessoas de alta qualidade ética, de reputação, grandes conhecimentos da política, pessoas de civilidade à serem seguidas e duma religião redentora dos povos fora do continente europeu.

A racionalização, na compreensão crítica de Dussel, é irracional. A submissão e a exploração de pessoas das nações conquistadas, a um estado de desumanidade e ao defender pela ciência da época e nas teorias como justificativa para escravizá-las. Ao inferiorizar o outro dizendo que é um não ser e retirar a alma para transformá-lo num animal e assim, não o vê na condição de pessoa humana de direito e por meio destas fraudes impôr a barbárie. É na invenção do mito da modernidade que se impôs nas culturas na América Latina, na Ásia e na África a partir de 1492.

Pela visão do eurocentrismo, existe somente um único ponto de vista, mas o pensador brasileiro Leonardo Boff apresentou uma provocação filosófica ao dizer que a pessoa vê o mundo e o pensa pelo seu olhar e compreensão. Pois, segundo Boff, dialetizando, expressa que cada ponto de vista é a vista de um ponto. Ou seja, cada povo e cultura tem seu ponto de vista, sua cosmologia que o conduz a uma experiência étnica. Mas a diversidade irretocável de experiência de cada pessoa, única e singular, inviabiliza qualquer possibilidade, de mesmo sob o risco de vida, as pessoas renunciarem ao fundamento da descoberta de serem ao mesmo tempo universais e singulares, sem que se possa distinguir e separar estas dimensões que geram faces e rostos sempre inimitáveis, e em absoluta comunhão.

Na compreensão eurocêntrica, a conquista, a colonização, a barbárie e o saque das propriedades como a terra e os recursos naturais dos africanos, asiáticos e latino-americanos, não repercutem como destruição e espoliação. Na concepção eurocêntrica, a colonização foi o começo do tortuoso, mas inevitável caminho em direção ao desenvolvimento e à modernização. Esta visão, continua no imaginário colonial e contribui na reprodução tradicional do pensamento em muitas esferas das ciências sociais e da filosofia.

Como escrevemos em outras páginas, a filosofia, a sociologia, a história, pedagogia, etc ou outras áreas de pesquisas, buscam superar o eurocentrismo que continua encobrindo as epistemologias na educação do ocidente. Os questionamentos são para mostrar que temos na nossa realidade histórica a nossa história e filosofia. E que elas permanecem muitas vezes encobertas e cabe aos pensadores descobrir e provocar a libertação da colonização intelectual e mental assumindo o pensamento e a prática latino-americano. Este pensamento tanto pode ser de um pensamento institucionalizado ou de outras instancias. O conhecimento e o pensamento não é de domínio de um só povo, mas de todos.

Metodologia

Desenvolver e realizar as propostas pensadas a partir de como que o eurocentrismo se constituiu como eurocêntrico e conhecer melhor a reflexão crítica da filosofia latino-americana para questionar e mostrar que existem outras visões de mundo da vida.

Adentrar na filosofia do cotidiano e entender a realidade junto com o pensamento da filosofia da libertação da América Latina e aprender pelas outras cosmovisões e maneiras de se organizar a comunidade e a sociedade é liberta-se, é transformar-se pessoal e socialmente.

Avaliação

Apresentar e estudar os materiais que temos disponíveis fazendo um paralelo com os textos que temos nos Livros Didáticos e levantar os questionamentos e elaborar outras propostas desenraizadas do eurocentrismo colonizador.

Bibliografia

DUSSEL, Enrique. Introducción a la Filosofía de la Liberación. Ensayos Preliminares y Bibliografía. 5ª Edición, Editorial Nueva América. Bogotá, Colombia, 1995.

MUNDURUKU, Daniel. O Banquete dos Deuses: conversa sobre a origem da cultura brasileira. 2ª ed. São Paulo: Global, 2009.

3.8 8ª Aula: A ética da alteridade e da libertação no pensamento de Lévinas e Dussel como práticas educacionais

Tema

A face com expressão profunda da pessoa humana e a palavra como linguagem do face a face

Objetivo Geral

A alteridade como princípio educacional e humanizador a partir da realidade escolar

Objetivos Específicos

- a) A ética da alteridade que se faz na ética da alteridade da filosofia latino-americana;
- b) A face do outro: o princípio da humanização além do eurocentrismo;
- c) A alteridade como meio de encontrar-se na palavra no campo educacional que supere a colonização.

Justificativa

Se para a filosofia grega a racionalidade ontológica é o que conta, na filosofia hebraica semítica o que prevalece é a experiência com o ser estrangeiro, o outro, a face do outro. O desconhecido. Dessa experiência com o outro desconhecido, surgiu uma percepção antropológica onde a aproximação do outro é bem-vinda. Antes que eu tome consciência, as expectativas pelo próximo que vem a mim sem que o solicitasse se expressa pela linguagem corporal e pelas palavras. Os gregos, também ofereciam suas habilidades pela dialética. O próprio Dussel, ao falar da filosofia

valorizou todas elas. Enfatizou e pensou a filosofia semítica ao mostrar que temos outras visões que são encobertas e uma delas é a semita. Buscar na antropologia dos povos semitas conhecer como que a filosofia teceu o seu pensamento e reflexão a partir da experiência vivida no deserto e que, em Lévinas, revelou-se na Ética da Alteridade é um estudo a ser revisto:

O infinito é alteridade inassimilável, diferença absoluta com relação a tudo o que se demonstra, se sinaliza, se simboliza, se anuncia e se lembra com relação a tudo a que se apresenta e por aí se contemporiza com o finito e o mesmo. Ele é Ele, Eleidade. Seu passado imemorial não é extrapolação da duração humana, mas da anterioridade original ou ultimidade original (LÉVINAS, 2005, p. 91-92).

O ethos semita fomenta uma antropologia da alteridade. O princípio do encontro com o outro acontece na relação face a face que dá sentido ao humano. O rosto do outro, significa um despertar para além de um conceito, de uma ideia, de um simples pensar no outro. A epifania do outro, na relação ética, tem um significado que ultrapassa o contextual. Estar diante do outro, é simplesmente estar face a face, na nudez do seu rosto.

O próprio Lévinas dizia que a nudez do rosto é um despojamento sem nenhum ornamento cultural. A face humana é a expressão do absoluto, um despreendimento de sua forma eurocêntrica que sai da forma". Trata-se da sabedoria que nasce no seio do ethos semítico:

Os semitas eram povos que estavam em constante deslocamento pelo deserto. Remontando aproximadamente 40 séculos a.C., estão os povos semitas, os beduínos do deserto. Os acádios, cananeus, babilônicos, assírios, arameus, hebreus e, por último, os árabes, são os principais povos que constituem o ethos semita. Não se pode esquecer que, de certa forma, a cultura cristã tem aí suas raízes. Esses povos, de acordo com a pesquisa de Dussel, procedentes do deserto arábico invadem a partir de tal exterioridade as zonas baixas da Mesopotâmia, toda a Meia-Lua (isto é, a área que une esta região com a Síria, nas costas do Mediterrâneo oriental) até o vale do Nilo (DALLA ROSA, 2010, p. 165).

O pensamento de Lévinas está no século XX, que viveu a 1ª e a 2ª Guerras Mundiais, o holocausto e a sua ausência de alteridade o impactaram pela barbárie. Dussel, um pensador e um pensamento que nos projeta além do século XX e nos inseriu no XXI. Nesta inserção do latino-americano na realidade da conquista e da colonização a partir do século XVI não somente para conhecê-la e compreendê-la. A

sua inserção é de sensibilização e conscientização de todas as violências e barbáries praticadas pelos eurocêntricos que chegaram na América Latina.

Os que dão continuidade à colonização pela colonialidade-atualidade continuam com as mesmas formas de escravizar e de explorar da colonização e que são os sistemas do capitalismo e o neoliberalismo. Nestes sistemas, criaram-se as necessidades, os produtos e o consumo como meio de saciá-las. Nesta prática mercadológica se encobriram o humano pela desumanização.

Dussel fez uma crítica desconstrutiva e reconstrutivamente a partir duma responsabilidade ética. Na sua crítica está o sujeito enquanto pessoa vitimada pelo sistema assumindo uma responsabilidade de transformação comunitária. Nesta transformação, gera um sistema onde todos participam eticamente e encontram-se na alteridade da comunidade:

La transformación comienza por el compromiso del observador en la estructura de la acción: el primer momento es el asumir la propia responsabilidad de la crítica. Después vendrán otros momentos, pero son posteriores. En la arquitectónica de la Ética de la Liberación se debe analizar la consecución de la re-sponsabilidad al ir cumpliendo las orientaciones generales y las exigencias transformativas (de toda norma, acción, micro estructura, institución, sistema de eticidad, en abstracto; y de los criterios y principios para la acción, en concreto, empírica y cotidianamente) para que la víctima deje de serlo, de manera monológica y comunitaria. La obligación ética de transformar, la realidad que causa víctimas parte de la perversidad de su mera existencia (es «malo» que haya víctimas), de nuestra re-sponsabilidad (tantas veces señalada) por la realización plena de la vida de dichas víctimas, y del cumplimiento del deber de la crítica (DUSSEL, 1998, p. 377).

Dussel, na América Latina é uma das vozes da filosofia da libertação que leva a crítica e questionamento desde o des-face do outro imposto pelo sistema de escravidão, de subsunção, de exploração e de eliminação tanto o do século XVI quanto do século XXI.

O sistema do capitalismo e o neoliberalismo são dependentes e subsistem para a modernidade eurocêntrica e não contém todo o seu valor à humanidade. Não esquecermos que a humanidade não é somente no Ocidente. O capitalismo e o neoliberalismo desumanizam o outro, ser humano pelos sistemas eurocêntrico e euro-norte-americanocentrista fundamentaram-se no escravismo e na exploração humana empobrecendo-a. A sua concepção vem gerando miséria pelos que dominam o poder político, econômico e ético. Na atualidade é o único sistema e tão totalitário quanto o

dos que impuseram sobre os latino-americanos. A gestação e propaganda da globalização como solução dos problemas existências e dos aspectos seriam resolvidos da vida pessoa humana.

Nesta globalização, o eixo que gira o globo é o poder político e econômico imposto pela colonização do sistema eurocêntrico. É que este globo, utiliza mítico da modernidade numa reação irracional que verticalizou o poder político, econômico e ético universalizando principalmente no Ocidente. A ausência de pluralidade cultural pelo seu encobrimento implantou o sistema de liberdade neoliberal que não valorizou a dignidade humana. A justiça se inverteu em nome do poder econômico e a vida das pessoas foram submetidos pelas injustiças. Pois somente preocupa-se com os ganhos do mercado, das bolsas de valores e bancos que visam o patrimônio da classe aristocrata e oligárquica que dominam e que perduram nos governos e os poderes dos países colonizados.

Os que são donos do mundo inventaram o mito da modernidade e receberam dos setores da política, da economia, da ciência e da tecnologia concentrando-se todos estes poderes nas suas mãos e seus domínios. O mundo do mito da modernidade também desenvolveu e desenvolve teorias falaciosas para justificar as suas barbáries. Esta concepção nos transforma em contempladores de telas de computador, notebook, apped, iPod, etc. Muitas vezes a face do outro é olhada, vista, visualizada a partir da minha imagem virtualizada na tela de um aparelho eletrônico, encobrindo o outro humano enquanto outro humano. Temos que utilizar do diálogo e da alteridade na aproximação com o outro e depois, os meios podem pelos contatos mediáticos diminuir as distâncias. É claro que os meios não podem ser refúgio e isolamento das responsabilidades humanas com o outro.

O perigo é nós entrarmos num processo de mumificação da alma-vida e preocupar-se somente com o registro de um fato ou acontecimento em vez de reagirmos e impedir as atrocidades. As atrocidades que acontecem por falta de diálogos e alteridade mútuos onde os diálogos e aproximações podem nos conduzir a um entendimento e respeito fecundo e humanizado:

Para os semitas, a partir de sua dura vida do deserto que era atravessado por suas caravanas de camelos de oásis em oásis, o ser é o ouvido, o novo, o histórico, o que é procriado a partir da liberdade. A posição primeira é o face-a-face de um beduíno que na imensidade do deserto divisa outro homem; é necessário saber esperar que a distância se faça proximidade para poder perguntar ao recém-

chegado: Quem és? Seu rosto curtido pelo sol, o vento de areia, as noites frias e a vida áspera do pastor nômade, é a epifania não do outro eu, mas do Outro homem sem comum semelhança com todo o vivido pelo até esse instante do face-a-face (DUSSEL, 1977, p. 41).

Na filosofia, o diálogo, as vezes é transformado num monólogo. O ensino surge da proximidade, que desanula a subjetividade do outro, que gera intersubjetividade. A subjetividade e a intersubjetividade se tornam a composição da pessoalidade, coletividade, da comunidade e da sociedade. As pessoas tecem no seio do mundo da vida a coletividade-comunidade. No mundo da vida, para Dussel, todos nós somos comunicação, alteridade, proximidade e comunidade. Esta análise dusseliana supera a falácia do homem individual ou solitário de Hobbes e do bom selvagem de Rousseau.

Metodologia

Na relação ética e educacional, a alteridade está para além da face e a face para além de qualquer palavra e método. A pessoa humana pela sua face é alteridade e estabelece uma pedagogia educacional. A ética da alteridade tem como princípio o outro e fundamento da educação. A essência é a face e na alteridade do face a face educacional libertador, descolonizador.

Avaliação

Movidos pelo face a face o professor e os alunos estabelecem uma alteridade inspirada no pensamento de Lévinas e Dussel. Ao conhecer as suas teorias e como podemos utilizá-las, hoje, na educação como uma filosofia do pensamento para a libertação e desencobrimento do ensino eurocêntrico. A partir desta motivação, fazer uma pesquisa que nos associe com a realidade existencial, educacional e social em que estamos vivendo.

Bibliografia

DUSSEL, Enrique. Filosofia da Libertação da América Latina. Ed. Loyola. Piracicaba, SP. México, 1977.

LÉVINAS, Emmanuel. Entre Nós. Ensaio sobre a alteridade. Trad. Peregrino Stefano Pivatto. Ed. 2ª, ed. Vozes, Rio de Janeiro, RJ, 2005.

3.9 9ª Aula: O Buen Viver e El Bien Vivir como Filosofia Latino-americana e uma outra visão da Modernidade eurocêntrica

Tema

O Buen Vivir é um sistema latino-americano comunitário e a modernidade eurocêntrica formação de cidades

Objetivo Geral

A filosofia latino-americana do buen vivir uma visão que questiona a ideia do dominante do eurocentrismo

Objetivos Específicos

- a) A filosofia latino-americana crítica à modernidade eurocêntrica;
- b) O *buen vivir* é a contraposição da modernidade como única maneira de organizar a sociedade e viver;
- c) Uma visão que não depende da modernidade eurocêntrica para existir e a crítica do *El Bien Vivir* a destruição à ecologia.

Justificativa

Paulo Sues, é um pensador alemão que vive no Brasil à muitos anos, onde trabalhou no CIMI, conhecendo a maneira de viver de tribos indígenas. O seu texto, nos ajuda a entender no parágrafo como que é o bem viver:

Na construção do “bem viver”, dois eixos são sumamente importantes: o “bem viver” para todos, quer dizer, o combate contra uma sociedade de classes e privilégios, e o “bem viver” para sempre, que é o “bem viver” com memória histórica, o bem viver não apenas dos sobreviventes e vencedores, mas o bem viver que dá voz e ouvido aos vencidos, construtores de um mundo sem vencidos e sem vencedores. Sem essa dimensão de resgate histórico e horizonte escatológico é impossível pensar o bem viver para sempre. Portanto, o bem viver tem uma dimensão que perpassa o tempo (diacronia), uma dimensão trans-histórica, e uma dimensão contemporânea e simultânea (sincrônica), que enfoca o aqui e agora do indivíduo e da sociedade (SUES, 2017 p. 1).

O pensamento de Dussel no livro ética da libertação: na idade da globalização e da exclusão contrapõe o que Hobbes escreveu no Leviatã. No Leviatã, a pessoa humana é selvagem, solitária e egoísta. Dussel partiu de outra visão, que é a latino-

americana e a africana onde o ser humano é pessoa humana comunitária e solidária. Hobbes, pensa de acordo ao que vê do eurocentrismo. Talvez o afastamento entre os seres humanos é um modo de desresponsabilizar a responsabilidade que um tem pela vida do outro. Neste escrito de Dussel está o fundamento do bem viver:

El asumir la re-sponsabilidad es posterior, y ya esta signada eticamente: si no asumo la re-sponsabilidad no dejo de ser por ello responsable de la muerte del Otro, que es mi/nuestra víctima, y de la cual victimacion soy/somos causa complices, al menos por ser un ser humano, asignado a la re-sponsabilidad comunitaria de la vulnerabilidad compartida de todos los vivientes. Soy/somos responsable/s por el Otro por el hecho de ser humano, «sensibilidad» abierta al rostro del Otro. Además, no es re-sponsabilidad por la propia vida; ahora es re-sponsabilidad por la vida negada del Otro que funda un enunciado normativo: porque debo producir, reproducir y desarrollar la vida humana en general, hay razon para reproducir la vida negada de la victima de un sistema opresor. Se trata de la negación etica de una negacion empirica. El pasaje por fundamentacion del juicio de hecho «Hay una victima!») al juicio normativo (Debo responsablemente tomarla a cargo y enjuiciar al sistema que la causa!») es ahora justificable. Siendo re-sponsable ante el sistema X por esta victima debo (es una obligacion ética) criticar a dicho sistema porque causa la negatividad de dicha víctima (DUSSEL, 1998, p. 374-375).

Conhecer, compreender e adentrar no mundo da vida dos povos desde outras visões para entender que o pensamento eurocêntrico não é o único e hegemônico. Assim, descobrimos que existem outras maneiras de viver e conviver.

A ancestralidade é uma maneira de ver e existir no mundo. No presente, enquanto tempo, há um preconceito que infiltra nas culturas latino-americanas e africanas para inferiorizá-las. Esta ação, é irracional, e geralmente são feitas pelos que defendem o eurocentrismo e o euro-norteamericanocentrismo. Na América Latina temos outros olhares, outras visões que foram encobertos e que estão sendo descobertos, libertos. Conhecer estes aspectos das comunidades ancestrais e as suas dimensões também um processo de libertação do eurocentrismo:

Todas las culturas tienen una forma de ver, sentir percibir y proyectar el mundo. Al conjunto de estas formas se conoce como Cosmovisión o Visión Cósmica. Los abuelos y abuelas de los pueblos ancestrales hicieron florecer la cultura de la vida inspirados en la expresión del multiverso, donde todo está conectado, interrelacionado, nada está fuera, sino por el contrario "todo es parte de..."; la armonía y equilibrio de uno y del todo es importante para la comunidad. Es así que, en gran parte de los pueblos de la región andina de Colombia, Ecuador, Bolivia, Perú, Chile y Argentina, y en los pueblos ancestrales (primeras Naciones) de Norteamérica pervive la Cosmovisión Ancestral o Visión

Cósmica, que es una forma de comprender, de percibir el mundo y expresarse en las relaciones de vida. Existen muchas naciones y culturas en el Abya Yala, cada una de ellas con sus propias identidades, pero con una esencia común: el paradigma comunitario basado en la vida en armonía y el equilibrio con el entorno. Afirman los sabios de nuestros pueblos ancestrales que recuperar la cosmovisión ancestral es volver a la identidad; un principio fundamental para conocer nuestro origen y nuestro rol complementario en la vida (MAMANI, 2010, p. 24).

Fernando Mamani é professor boliviano, defensor e educador do buen vivir e del vivir bien. Para os povos andinos, o viver bem supera o bem-estar moderno. O buen vivir ou o bom viver se dá ou aconteça na comunidade. Em cada comunidade há uma identidade cultural que se origina numa profunda relação com tudo aquilo que está no ambiente, na convivência com a 'Madre Tierra', que é o lugar que se habita. Nela nasce uma forma de vida, um idioma, as danças, a música, a vestimenta, a política, a cultura, a economia, etc. Também existe a identidade natural, que nasce da complementação com a comunidade da vida, o mundo da vida.

Utilizamos reflexões, pensamentos, expressões, sistemas, ideias e conhecimentos do ocidente na modernidade e ao dizer estado de Bem-Estar, tem-se dificuldades de escrever nos Livros Didáticos, o Buen Vivir, ou El Bien Vivir dos povos andinos. Estas maneiras de viver ainda são vistas com prejuízos, preconceitos e superticiosas. Pensar e falar a partir da ancestralidade pode para muitas pessoas ser uma diminuição ao pensamento eurocêntrico. O penso, logo existo de Descartes não se encaixa neste modelo de vida. O permanece cartesiano está vivo no pensamento e na visão de muitos latino-americanos e no Livro Didático.

A modernidade inventou uma maneira de viver pela ciência que não visa o bom viver. Na modernidade, tudo passa pelo crivo do racional ou razão para ter objetividade, veracidade. Não há abertura ao sentido transcendente da sensibilidade e a subjetividade. A sensibilidade muitas vezes é vista como defeito e o perfeito é encobrir o Bem Viver porque nele está a cultura indígena andina, mas ao ser estudada e pensada, vemos o quanto é profunda.

A escola e a universidade podem contribuir na transformação pela elaboração de conhecimento e entendimento abrangentes como mergulhar na existência humana que ultrapasse a razão. Não fechar a pessoa humana somente na racionalidade, mas buscar nesta memória viva da tradição oral que se encontra na comunidade.

Aquilo que se fez em séculos anteriores, volta-se a fazer nos últimos anos, que são pessoas buscando títulos ou certificados em universidades norte-americanas como na Harvard, EUA e na Europa. E nós não vamos perguntar, questionar e duvidar se o que se estuda neste lugar seria melhor do que nós estudamos? Os filósofos que fazem suas teses nestes lugares estudam com seres de outro mundo? E mesmo se estudassem, o que tem a ver com o nosso mundo da vida? Será que não temos condições de estudar e de conhecer e entender nossa própria realidade por nós mesmos ou precisamos ser um protótipo de mini europeus e de norte-americano na América Latina? O maior problema não é estudar fora da América Latina, é criarmos uma necessidade de teorias sobre temáticas, questões e realidades que podem contribuir com uma outra colonização e enconchimento do latino-americano, voltando para dependência de teorias.

A filosofia da libertação latino-americana surgiu da realidade do povo e o filósofo dela despertou sua sensibilidade crítica e inverteu o pensamento. Esta inversão, podemos chamar de mudança de mentalidade e retorno à ancestralidade e como que ela pode contribuir no bem viver ou bien vivir. Na citação que leremos, Dussel sinalizou que prestemos atenção no que ouvimos e lemos para um pensar crítico. É preciso desfundar e desfundamentalizar o poder do pensamento dominante:

Los poderosos, los dominadores, los opresores son los que controlan, los que usufructúan el bien social vigente; ellos son los que lo fetichizan, los que desean que nunca cambie. Todo pasado fue mejor. Para ellos. No se puede esperar entonces que la historia avance desde y con ellos. Ellos, los ricos tienden a desfundar todo nuevo fundamento (DUSSEL, 2012, p. 139).

A filosofia eurocêntrica moderna é racista, machista, preconceituosa, não respeita as expressões de religiosidades, subjetividades, visões e outras verdades. Ela impediu, excluiu e exterminou as outras visões sobre modernidade e o mundo de outras pessoas. O eurocentrismo fechou-se no seu próprio sistema de pensar. Encerrou-se no seu próprio mundo e conhecimento, com ideia colonialista dominadora e que mantém a sua vontade obsessiva de poder. A continuação deste processo, controla e ameaça eliminar do outro, o diferente.

O outro não pode ser diferente na idade da globalização e não precisa ser repetidor da cultura colonialista. Se os latino-americanos não tiverem uma sensibilidade crítica serão engolidos pelo sistema colonialista da colonialidade atual e perde a sua identidade, pessoalidade, culturalidade e comunidade. Quando perdemos

a nossa identidade cultural, então já fomos encobertos pela cultura dominante e dominadora.

Somos conquistados porque achamos que o que vem do eurocentrismo e euro-norte-centrismo é melhor e me faz sentir assemelhado ao conquistador. No pensamento e perspectiva dusseliana, podemos desencobrir, sair de baixo, ressurgir desde que destruamos a ética que não é a nossa. Saímos do encobrimento do colonizador e assumimos uma crítica ética que nos liberta. Este reunir a comunidade a partir da sua cultura-fonte revigora a comunidade, redescobre a libertação a reconstrução do povo.

A vida no mundo da vida do bem viver (El Bien Vivir), se faz no sistema da vida na comunidade. O bem viver somente é possível se a comunidade assumir esta responsabilidade e compromisso em que todos estejam com as suas necessidades supridas. É impossível uma comunidade-sociedade que não se preocupa com o bem viver de seus membros atingir uma convivência mais humana e fraterna de justiça social.

Nesta perspectiva, Acosta pensou um bem viver que esteja numa oportunidade de imaginar outros mundos além do eurocentrismo da colonização ou que coloniza. Dentro deste pensamento pode-se mostrar alguns questionamentos daquilo que vemos na Tevê, Internet, Revistas, Jornais, Livros e as mensagens que recebe-se nos celulares quando se fala do viver bem. As referências não saem do existencialismo muitas vezes vazios de sentidos. E quando um pensador reflete ou explica sobre questões como vida, felicidade, alegria, sensibilidade, corpo, consumo, etc. Se sintetiza tudo no orgânico e necessidades de ter algo material. Não se encontra uma visão além daquela que se estabeleceu pelo mundo da vida eurocêntrica:

Algun leitor apressado poderia pensar tratar-se de um princípio restrito ao ambiente andino e amazônico, mas não: o Bem Viver é uma filosofia em construção, e universal, que parte da cosmologia e do modo de vida ameríndio, mas que está presente nas mais diversas culturas. Está entre nós, no Brasil, com o Teko Porã dos guaranis. Também está na ética e na filosofia africana do ubuntu – ‘eu sou porque nós somos’. Está no ecossocialismo, em sua busca por ressignificar o socialismo centralista e produtivista do século. Está no fazer solidário do povo, nos mutirões em vilas, favelas ou comunidades rurais e na minga ou mika andina. Está presente na roda de samba, na roda de capoeira, no jongo, nas cirandas e no candomblé. Está na Carta Encíclica ‘Laudato Si’ do Santo Padre Francisco sobre o Cuidado da Casa Comum. Seu significado é viver em aprendizado e convivência (ACOSTA, 2016, p. 14).

As visões de mundo das diversas etnias andinas constituídas na América Latina desde muitos séculos olhavam o indivíduo como um ser planetário, cósmico. Também estes olhares, conhecimentos, compreensões e interpretações precisam aparecer nos estudos nas escolas e universidades. Senão, estaremos colonizando e encobrimos as epistemologias dos povos latino-americanos. É um olhar muito diferente daquele da colonização. É possível que o século XX e o XXI tenha introjetado a única visão dominante nos povos colonizados. Em nome dos conhecimentos científicos nós muitas vezes assumimos um compromisso com a ciência em propagar e defender estas verdades. Predomina uma verdade, a do conquistador e colonizador que coloniza que se institucionaliza nas nossas instituições e pessoas. A Filosofia da Libertação da América Latina apareceu neste contexto. É o contexto da realidade que não é questionada, duvidada e nem desperta interesses em querer estudar e pensar outras visões e maneiras de viver e conviver.

Ao falarmos do mundo da vida e o que a circunda, a inspiração ou estimulante para o pensamento, a reflexão e a explicação é um pensador eurocêntrico. Assim nossos Livros Didáticos nos apresentam. Fazer esta observação ao corte e recorte não de leitura, mas de ruptura de reflexão-crítica e de compromisso ético na prática diária na vida que vai acontecendo no viver o cotidiano.

O bem viver, é quase impossível encontrá-lo no eurocentrismo. Ninguém consegue bem viver ou viver bem na visão eurocêntrica racista, machista, homofóbica, desumana e destrutiva. É o fascínio da cultura conquistadora que nos faz muitas vezes adoradores pelo culto ao conquistador. Tudo isso pode provocar outro olhar, desde que aconteça a descolonização de nossa mente e de nossa visão para pensar e ver que é possível bem viver. O bem viver significou por estar fora do sistema totalitário eurocêntrico que os povos latino-americanos foram subsumidos. O início está na libertação desta dependência que o escraviza e redescobrir a sua cultura sem opressão e desumanização:

O fundamento são as relações de produção autônomas, renováveis e autossuficientes. O Bem Viver também se expressa na articulação política da vida, no fortalecimento de relações comunitárias e solidárias, assembleias circulares, espaços comuns de sociabilização, parques, jardins e hortas urbanas, cooperativas de produção e consumo consciente, comércio justo, trabalho colaborativo e nas mais diversas formas do viver coletivo, com diversidade e respeito ao próximo (ACOSTA, 2016, p. 15-16).

Esta perspectiva de Acosta criou um elo de compromisso ético com o pensamento dusseliano ao pensar e agir na realidade humana que levou a transformação da comunidade ou sociedade quando se muda a mentalidade colonizadora. É um pensamento planetário e de respeito aos povos, etnias nas suas identidades e interações entre coletivas e Inter coletivas não para conquistar e impôr a cultura um no outro, mas para aprender, colaborar, cooperar e viver bem. É a possibilidade na superação dos individualismos, egoísmos e consumismos.

Metodologia

O bem viver é pensar, refletir e viver sem que o sistema eurocêntrico se torne o único jeito de viver e de conviver. Conhecemos e aprendermos desde muito tempo e no início da vida a olharmos o mundo de uma maneira alienada. A alienação de transformar a pessoa num colonizador e impositor do pensamento eurocêntrico.

Avaliação

A pesquisa, a investigação e a escrita de uma filosofia que tenha as suas características indígenas e africanas é horizontalizar um compromisso que a filosofia da libertação da América Latina desenvolveu. Uma filosofia para criticar a modernidade eurocêntrica dominadora e promover o protagonismo filosófico aos alunos na formação diferente daqueles e daquelas que os exploram.

Bibliografia

ACOSTA, Alberto. O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos. Tradução de Tadeu Breda. São Paulo: Autonomia Literária/Elefante, 2016.

DUSSEL, Enrique. Praxis Latinoamericana y Filosofía de la Liberación. Obras Seletivas, XII, 1ª edición, Docencia: Buenos Aires, 2012.

MAMANI, Fernando Huanacuni. Buen Vivir / Vivir Bien. Filosofía, políticas, estrategias y experiencias regionales andinas. Coordinadora Andina de Organizaciones Indígenas – CAOI. Coordinador General: Miguel Palacín Quispe. www.minkandina.org. 3ª ed. Peru, Lima, 2010.

SUES, Paulo. Contribuição para o Seminário “O bem viver dos povos indígenas como crítica sistêmica e alternativa de um mundo pós capitalista” do XIII SIMPÓSIO INTERNACIONAL FILOSÓFICO-TEOLÓGICO (FAJE, Belo Horizonte): “Em busca do bem comum: política e economia nas sociedades contemporâneas”, realizado de 4 a 6 de outubro de 2017.

3.10 10ª Aula: Filosofia Ubuntu, experiência da africanidade e a Filosofia Latino – americana no ensino de filosofia

Tema

A filosofia africana se fundamenta no Ubuntu como descolonização do eurocentrismo que perdura nas lideranças da África

Objetivo Geral

A filosofia Ubuntu e a pessoa humana que se faz e realiza na comunidade

Objetivos Específicos

- a) Uma filosofia africana para descolonizar o ensino e estudar as raízes da África no Brasil;
- b) Filosofia Ubuntu e organização das comunidades a partir da pessoa humana;
- c) Estudo da filosofia latino-americana e a africanidade no pensamento que descoloniza do eurocentrismo.

Justificativa

O pensamento de Dussel nasceu no próximo e oprimido: A proximidade originária é anterior à minha concepção de mundo e torna o Outro, o fundamento do mundo, a única realidade concreta e verdadeira:

El acto liberador, la praxis de liberación ‘no consiste en la facultad de escoger la manera en que fomos utilizar nuestros ingresos’, sino, como pensaba Sandino, es la facultad de escoger la manera como vamos utilizar nuestra vida para dar vida, a los que viven en la muerte. Muertes es no ser libres (porque oprimidos), no poder elegir nada por ser miserables, morir de hambre, de frío, de analfabetismo... La praxis de liberación no se hace en virtud de un derecho dado. La praxis de liberación obra en nombre del derecho a la vida, es un derecho

absoluto: es el derecho que instaura todos los derechos restantes, es el derecho básico por excelencia (DUSSEL, 2012, p. 155).

Na história da filosofia e no ensino de filosofia, a maiêutica de Sócrates se utilizou como um método ideal de diálogo. No aspecto da pedagógica dusseliana, o ensinar dialogando somente fez participar daquilo que já se tem como construção do conhecimento. São poucos os filósofos e pedagogos que percebem que Sócrates, pelas suas perguntas, não está dinamizando e questionando o conhecimento, mas direciona a resposta de seu interlocutor para as verdades gregas. Este direcionamento, faz o discípulo-aluno, crer que estas verdades são divinas, eternas, imutáveis: é a repetição do mesmo.

Estas características estão na filosofia dominadora eurocêntrica e na pedagogia que aliena o aluno ao conhecimento já estabelecido. Esta prática filosófica e pedagógica conduz o aluno as crenças de que as suas ideias é que são as verdadeiras e as outras falsas.

Nos séculos XX e XXI, a ciência assumiu o controle da verdade e impõe que nada é verdade sem a veracidade científica. Um paralelo: 'Na Idade Média, a instituição Igreja Católica dizia: Não há Salvação fora da dela. Na Modernidade, a instituição Científica diz: Não há Verdade fora dela. Assim, voltamos para a Era Medieval onde os dogmas eram elaborados verticalmente e na atualidade, a Ciência é dominadora, também dogmatiza o conhecimento diante de tantas possibilidades de veres diferentes.

Na contemporaneidade, a ideia eurocêntrica e euro-nortecentrista propagam o conhecimento desde a Europa e dos Estados Unidos. A filosofia da libertação da América Latina apresentou outra visão e possibilita ao professor e ao aluno uma ideia e compreensão diferente do mundo da vida e de uma outra visão de cultura. A filosofia da libertação quando estudada junto com a filosofia africana, que são muitas, podemos pensar juntamente com o Ubuntu. Entender como que uma pessoa no Ubuntu é acolhida pela comunidade, é incluída:

NTU, MUNTU, BANTU e UBUNTU são termos que dão significado a este artigo. NTU, o princípio da existência de tudo. Na raiz filosófica africana denominada de Bantu, o termo NTU designa a parte essencial de tudo que existe e tudo que nos é dado a conhecer à existência. O Muntu é a pessoa, constituída pelo corpo, mente, cultura e principalmente, pela palavra. A palavra com um fio condutor da sua própria história, do seu próprio conhecimento da existência. A população, a comunidade é expressa pela palavra Bantu. A

comunidade é histórica, é uma reunião de palavras, como suas existências. No Ubuntu, temos a existência definida pela existência de outras existências. Eu, nós, existimos porque você e os outros existem; tem um sentido colaborativo da existência humana coletiva. As línguas são um espelho das sociedades e dos seus meios de nomear os seus conhecimentos, no sentido material, imaterial, espiritual. A organização das línguas Bantu reflete a organização de uma filosofia do ser humano, da coletividade humana e da relação (JUNIOR, 2010, p. 25).

Quem nos vê de outro país eurocêntrico poderá questionar os conhecimentos e estudos desde este pensamento. Pode se perguntar se existe ou não filosofia, etc. Isso somente demonstrou o quanto estes que utilizam estas perguntas são colonizados, alienados e podem ser alienantes. Alienado e controlado, preso a uma estrutura de pensamento que não se libertou do eurocentrismo e ausente de horizontalidade.

A visão vertical é de dominação e instituiu suas verdades como verdadeiras em detrimento de outras como mentiras, falsas ou inválidas. Exigiu que sigam as verdades estabelecidas de forma universal. Esta dominação ocorreu na modernidade com o pensamento de Hegel, que defendeu que o saber absoluto é um eterno recordar e assim sendo, possibilitar o fim da história, sem possibilidade a nada de novo e o domínio eterno do mesmo.

Nós latino-americanos e afrodescendentes temos que recuperar nossa liberdade no pensar para sair desta dominação ideal e para assumir a filosofia da libertação como outra visão e prática de ensino filosófico. A desalienação e a libertação a partir da descolonização mental de quem pensa latina-americanamente o conhecimento de seu povo, etnia são necessárias:

O sentido de Ubuntu está resumido no tradicional aforismo africano 'umuntu ngumuntu ngabantu' (na versão zulu desse aforismo), que significa: 'Uma pessoa é uma pessoa por meio de outras pessoas', ou 'eu sou porque nós somos'. Ser humano significa ser por meio de outros. Qualquer outra forma de ser seria "desumana" no duplo sentido da palavra, isto é, 'não humano' e 'desrespeitoso ou até cruel para com os outros'. Essa é, grosso modo, a forma como a ética Ubuntu africana descreve e também prescreve o ser humano (IHU On-line, apud LOUW, 2010, p. 5).

Na raiz filosófica africana denominada de Bantu, o termo NTU designa a parte essencial de tudo que existe e tudo que nos é dado a conhecer à existência. O Muntu é a pessoa, constituída pelo corpo, mente, cultura e principalmente, pela palavra. A palavra com um fio condutor da sua própria história, do seu próprio conhecimento da existência. A população e a comunidade se expressam pela palavra Bantu. A

comunidade é histórica, é uma reunião de palavras, como suas existências. Transmite-se pela Tradição Oral toda a história que contém todo o saber e sabedoria do viver e conviver. No Ubuntu, Eu, nós, existimos porque você e os outros existem. Eu nunca existo sozinho. Somente posso existir pelo outro e com o outro, por isso a importância na vida comunitária, coletiva. Na comunidade está o sentido colaborativo e cooperativo da existência humana coletiva. As línguas são um espelho das sociedades e dos seus meios de nomear os seus conhecimentos, no sentido material, imaterial, espiritual. A língua se transforma em corpo e linguagem que se assume no saber e sabedoria transmitida para a comunidade. A língua é corporal quando o corpo todo é linguagem, na corporeidade.

A organização das línguas Bantu refletiu a organização de uma filosofia do ser humano, da coletividade humana e da relação interpessoal, entre os demais seres, com a natureza e o universo. É uma visão de mundo que não se encaixa na ideia de pessoa nem do Hobbes, que diz que a pessoa humana é um ser solitário e nem no esfriamento que se expressa na contemporaneidade no individualismo e ou no paralelismo.

Segundo a tradição africana, em um sentido comum ou comunitário, Ubuntu, significa simplesmente compaixão, calor humano, compreensão, respeito, cuidado, partilha, humanitarismo ou, em uma só palavra, amor. Conceitos esquecidos e encobertos pelos colonizadores e a filosofia eurocêntrica da colonização.

Na pedagogia filosófica Freireana, Freire não omitiu e nem reprimiu estes sentimentos e os utilizou na sua prática educativa de libertação e superação da sociedade opressora e repressora tanto do corpo quanto dos sentimentos. Este é o papel do latino-americano, a latina-americana (o machismo da língua portuguesa), e afrodescendente desfundamentar os fundamentos da colonização de nosso fazer educação, conhecimento, saber, história, filosofia, cultura e pensar.

O conceito e percepto (imagem sensível) dão-se simultaneamente, porque a interpretação é um ato inteligência-sentiente e a percepção um ato de sensibilidade-inteligente. Assim como não pode se dividir o homem em corpo e alma (o homem é uma substantividade indivisível), assim também não se pode dividir o conteúdo eidético do sensível (DUSSEL, 1977, p. 41).

Dussel, nos apresentou uma ideia encarnada do fenômeno da percepção e do percepto a partir de destes dois conceitos para pensarmos e sentirmos ou sentirmos e pensarmos não de maneira dualista e separada, mas unitária.

Metodologia

Estudar os pensamentos latino-americanos e africanos é possibilitar uma reflexão que traz como proposta outra visão que não seja do conquistador e colonizador. É o estudo um método filosófico que pode contribuir na descolonização das mentes a partir das próprias epistemologias e organizações.

Avaliação

A avaliação escapa o saber e o não saber, pois no pensamento latino-americano e africano o importante é o professor e o aluno protagonistas de um pensar libertário e sujeitos de um ensino daqueles que sempre foram as vítimas da colonização.

Bibliografia

DUSSEL, Enrique. *Filosofia da Libertação da América Latina – I Acesso ao ponto de partida da ética*. Co-edição, Ed. Loyola. Piracicaba, São Paulo. Editorial Edicol, S. A. Piracicaba, SP. México, 1977.

DUSSEL, Enrique. *Praxis Latinoamericana y Filosofía de la Liberación. Obras Seletivas*, XII, 1ª edición, Docencia: Buenos Aires, 2012.

IHU On-Line é a revista semanal do Instituto Humanitas Unisinos – IHU – Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. Ano X, 353, ISSN 1981-8769. Diretor da Revista IHU On-Line: Inácio Neutzling (inacio@unisinos.br), São Leopoldo, RS, 06-12-2010.

JUNIOR, Henrique Cunha. *NTU: Introdução ao Pensamento Filosófico BANTU*. *Educação em Debate*- Fortaleza - v. 1, nº 59, ano 32, 2010.

CONCLUSÃO

O raciocínio dialético filosófico da Filosofia da Libertação e o método analético dusselianos percorrem desde a temática da pesquisa até a última linha desta dissertação. Faz uma reflexão crítica da ideia mítica da modernidade eurocêntrica que conquistou, colonizou e impôs a sua cultura num processo violento de encobrimento do outro.

A questão pesquisada, estudada, refletida e escrita teve o livro “1492 o encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade” do filósofo e historiador argentino Enrique Dussel como material teórico. O livro serviu como fundamento e base reflexiva e analítica da dissertação “Outras visões sobre a Modernidade: a crítica de Enrique Dussel e suas implicações para o Ensino de Filosofia”.

O livro 1492 o encobrimento do outro possibilitou uma releitura histórica e filosófica da história e da filosofia que se ensina na filosofia do Ensino Médio. Esta releitura foi realizada por outros olhares e visões da modernidade eurocêntrica.

No primeiro capítulo abordamos uma visão eurocêntrica que é vigente na atualidade e no ensino continua sendo uma ‘colonização cognitiva’. A reflexão filosófica realizada foi a partir das quatro Conferências num conjunto de oito Conferências escritas pelo pensador latino-americano Enrique Dussel. As conferências ganharam uma força de resistência intelectual e prática por não aceitar a celebração dos 500 anos do Descobrimento (Encobrimento da América. As Conferência e as Temáticas são: 1. O Eurocentrismo; 3. Da conquista à colonização do mundo da vida; 5. Crítica do mito da modernidade e a 6. Ameríndia numa visão não-eurocêntrica da história mundial. A crítica de Dussel abordou como que a colonização e a dominação se fundamentaram no mito da modernidade. O mito da estrutura opressora que se desdobrou no mito do eurocentrismo.

No segundo capítulo analisamos os três Livros Didáticos do PNLD escolhidos para demonstrar o eurocentrismo no Ensino Médio. E como os livros continuam nesse processo de encobrimento do outro e quais os impactos da Filosofia Latino-americana no Ensino de Filosofia do Ensino Médio.

O 1º Livro Didático: “Iniciação à Filosofia” de Marilena Chauí, 2010;

O 2º Livro Didático: “Filosofando – Introdução à Filosofia” de Maria Lúcia de Arruda Aranha e Maria Helena Pires Martins, 2013;

O 3º Livro Didático: “Filosofia – Experiência do Pensamento” de Sílvio Gallo, 2016.

O PNLD, Programa Nacional do Livro Didático não deixou de trazer e ensinar na sala de aula a Filosofia totalitária eurocêntrica mesmo na nossa atualidade. A nossa crítica fundamentou-se na Filosofia da Libertação na América Latina mostrando que existem outras visões sobre a modernidade e que são encobertas pelo Programa de Filosofia do Brasil e Latino-americana.

No terceiro capítulo refletimos a práxis filosófica no Ensino de Filosofia no ensino Médio. A prática na sala de aula abordou vários pensadores de outros países. Compreensões e visões de mundo que o eurocentrismo encobriu e não aborda. Materiais dos pensadores Paulo Freire, Frantz Fanon, Enrique Dussel e Joseph Omeregbe contribuíram nessa visão de desencobrimento, discussão, debates, reflexões, questionamentos, dúvidas e pesquisas da modernidade eurocêntrica.

As dez aulas trazem para as reflexões filosóficas outras visões a partir de filosofias que não temos contato nos livros Didáticos. O objetivo desta dissertação é aplicarmos na prática pensadores e pensadoras que foram subsumidos por todos os séculos de colonização pelo eurocentrismo. Atualmente, nós encontramos vários artigos, textos, livros, dissertações, teses, conferências, congressos e seminários que estão ampliando os pensamentos filosóficos que antes eram vistos como periféricos. Pensar, escrever, ensinar e aprender desde a América Latina é lutar contra a submissão servil de que os provos latino-americanos e africanos são e foram submetidos como inferiores pelos colonialismos eurocêntricos. O estudo e a pesquisa que nos conduziu ao mundo que foi encoberto, apresentou que existem outras visões de conhecer e interpretar a modernidade eurocêntrica. Para o pensador Dussel, a modernidade é um mito falacioso para justificar a barbárie da colonização eurocêntrica.

As aplicações das reflexões destes pensadores estudados contribuíram numa reflexão que repensou os fatos-textos dos Livros Didáticos e como que foram escritos e apresentados pela Europa sem dar espaço aos filósofos e pensamentos da América Latina, África e Ásia. Esta dissertação buscou e busca contribuir naquilo que foi pesquisado, refletido e escrito num conhecer, compreender, interpretar, sugerir, estudar, pesquisar, questionar, refletir e pensar o que o eurocentrismo não pensou sobre o outro. A Filosofia da Libertação na América Latina não excluiu o pensamento reflexivo de filósofos europeus. Ela questionou e questiona; quem não aceitou e aceita

é o eurocentrismo, que pensou a partir de sua realidade colonizada apresentando proposta de pensamento autônomo e de libertação para a construção duma sociedade descolonizada. A pesquisa concluiu enquanto texto de dissertação, mas não no sonho, na luta, no engajamento e na elaboração da teoria e prática ou práxis do autor. A vida do latino-americano é uma luta e na labuta se liberta e constrói uma sociedade justa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda e PIRES, Maria Helena. *Filosofando: Introdução à Filosofia* (1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio). 5ª Ed. São Paulo, SP, 2013.

ACOSTA, Alberto. *O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*. Tradução de Tadeu Breda. São Paulo: Autonomia Literária/Elefante, 2016.

AZZI, Riolando. *A teologia católica na formação da sociedade colonial brasileira*. Petrópolis, RJ, ed. Vozes, 2004.

ASSMANN, Hugo e FRANKLEMMENT. FRANZ. *A Idolatria do Mercado Série V: Desafios da vida na sociedade*. Coleção Teologia e Libertação. Ed. Vozes, São Paulo, SP, 1989.

BARCELO, Valdo. *Uma educação nos trópicos: contribuições da antropofagia Cultural Brasileira*. Petrópolis, RJ, Ed. Vozes, 2013.

BOFF, Leonardo. *América Latina: Da conquista à nova evangelização*. São Paulo, SP, ed. Ática S.C., 1992.

BOFF, Leonardo. *Paixão de Cristo Paixão do mundo - os fatos, as interpretações e o significado ontem e hoje*. Ed. Vozes, Petrópolis, RJ, 1977.

BUBER, Martin. *Do Diálogo e Do Dialógico*. Trad. Marta Ekstein de Souza Queiroz e Regina Weinberg. Ed. Perspectiva, São Paulo, 1982.

BUBER, Martin. *Eu e Tu*. Tradução do alemão, introdução e notas por Newton Aquiles Von Zuben. ed. 10ª, São Paulo: Centauro, 2001.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. *A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser*. (Tese de Doutorado de Filosofia) Feusp, São Paulo, SP, 2005.

CHAUÍ, Marilena. *Iniciação à Filosofia*. Ensino Médio. Volume Único. Editora Ática. São Paulo, SP, 2010.

CARBONI, Paulo César; COSTA, José André da; MACHADO, Lucas. Filosofia e libertação: homenagem aos 80 anos de Enrique Dussel / organização Paulo César Carbonari, José André da Costa e Lucas Machado. – Passo Fundo: IFIBE, 2015.

DESCARTES, René. *Discurso do Método*. 1637. (Tradução Maria Ermantina Galvão), 2ª Edição, São Paulo, Ed. Martin Fontes, 1996.

DIEHL, Diego Augusto. A re-invenção dos direitos humanos pelos povos da América Latina: para uma nova história decolonial desde a práxis de libertação dos movimentos sociais. 2015. 393 f. Tese (Doutorado em Direito) – Faculdade de Direito, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

DUSSEL, Enrique. *1492: o encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade*. Conferências de Frankfurt/ Tradução Jaime A. Clasen – Petrópolis, RJ. Ed. Vozes, 1993.

DUSSEL, Enrique. Filosofia da Libertação da América Latina – I Acesso ao ponto de partida da ética. Co-edição, Ed. Loyola. Piracicaba, São Paulo. Editorial Edicol, S. A. Piracicaba, SP. México, 1977.

DUSSEL, Enrique. Filosofía de la Cultura y Transmodernidad. Liberación Obras-Seletas II, 1ª edición. Editorial Docendia, Buenos Aires, Argentina, 2012.

DUSSEL, Enrique. Filosofia da Libertação. Crítica à ideologia da exclusão. São Paulo: Ed. Paulus, 1995.

DUSSEL, Enrique. *América Latina e Libertação*. Buenos Aires: CLACSO, 1973.

DUSSEL, Enrique. Ética de la Liberación en la Edad de la Globalización y de la Exclusión. Editorial Trotta. Colección Estructuras y Procesos – Serie Filosofía. 2ª Edición, 1998.

DUSSEL, Enrique. Introducción a la Filosofía de la Liberación. Ensayos Preliminares y Bibliografía. 5ª Edición, Editorial Nueva América. Bogotá, Colombia, 1995.

DUSSEL, Enrique. Lecciones de Antropología Filosófica – Para una Des-trucción de la historia de la Ética. Obras Selectas II, 1ª Ed. Buenos Aires, Docencia, 2012.

DUSSEL, Enrique. Política de la Liberación I. Historia mundial y crítica -Obras Selectas XXVI- la ed. - Buenos Aires: Docencia, 2013.

DUSSEL, Enrique. América Latina – Dependencia y Liberación. CLACSO, editorial Fernando García Cambeiro, Buenos Aires, Argentina, 1973.

DUSSEL, Enrique. Método para uma Filosofia da Libertação – Superação Analética da Dialética Hegeliana. Ed. Loyola, Tradução Jandir João Zanotelli, São Paulo, SP, 1986.

DUSSEL, Enrique. 16 Tesis de Economía Política, XVIII- la ed. Argentina, Buenos Aires: Docencia. 2013.

DUSSEL, Enrique. 20 Teses de Política. 1ª edição, Buenos Aires, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, CLACSO, São Paulo, Expressão popular, 2007.

DUSSEL, Enrique. Praxis Latinoamericana y Filosofía de la Liberación. Obras Seletivas, XII, 1ª edición, Docencia: Buenos Aires, 2012.

DUSSEL, Enrique. Para uma ética da libertação latino-americana I – Acesso ao ponto de partida da ética. Trad. Luiz João Gaio. Co-edição de editora Loyola, São Paulo, SP e editora UNIMEP, Piracicaba, SP. Editorial Edicol, México, 1977.

DUSSEL, Enrique. Para uma ética da libertação latino-americana III: erótica e pedagógica. São Paulo: Loyola, 1977.

DUSSEL, Enrique. El Humanismo Helénico. Eudeba, <http://biblioteca.clacso.edu.ar>. Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO), Argentina, Buenos Aires, 1975.

DUSSEL, Enrique. El Humanismo Semita. Temas de Eudeba, Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1969.

DUUSSEL, Enrique, MENDIETA, Eduardo, BOHÓRQUEZ. El pensamiento filosófico latinoamericano, del Caribe y latino (1300-2000): historia, corrientes, temas y filósofos / editado por Enrique Dussel, Eduardo Mendieta, Carmen Bohórquez. México: Siglo XXI: Centro de Cooperación Regional para la Educación de Adultos en América Latina y el Caribe, 2009.

DIOP, Cheikh Anta. Origem Africana da Civilização – Mito e Realidade. Trad. Para o Português a partir da tradução inglesa de Mercer Cook. 1ª ed. Frebruary, 1974. Présence Africane, Paris, 1967.

DALLA ROSA, Luís Carlos. Educar para a sabedoria do amor: a epifania do rosto do outro como uma pedagogia do êxodo / Luís Carlos Dalla Rosa; orientador Rudolf Von Sinner. – São Leopoldo, RS: EST/PPG, 2010.

FOULCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramalhe. Petrópolis, Vozes, 1987.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Ed. Paz e Terra S/A, 46ª Edição, São Paulo, SP, 2005.

FREIRE, Freire. Pedagogia da Esperança. Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. 13ª Edição, Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, RJ, 1992.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa. 53ª ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, RJ, 2016.

FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. Alfabetização: Leitura do mundo, leitura da palavra. Tradução de: OLIVEIRA, Lólio Lourenço de. 6ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FANON, Frantz. Os Condenados da Terra. 2º ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1979.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. Ed. 16ª, Rio de Janeiro: Graal. 2001.

GALLO, Sílvio. Filosofia: Experiência do Pensamento. Volume Único. 1ª Ed. Editora Spicione. São Paulo, SP, 2013.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. A Razão na história: uma introdução geral à filosofia da história / Georg Wilhelm Friedrich Hegel; introdução de Robert S. Hartman; Tradução de Beatriz Sidou. 2ª. ed. São Paulo: Centauro, 2001.

HICKERT, Carmen. Enrique Dussel: O Professor à luz do conceito de mestre em uma práxis pedagógica libertadora. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2005.

HOBBS, Thomas. Leviatã. Ed. Martin Claret, São Paulo, 2006.

HUME, David. Investigação acerca do entendimento humano. Col. Pensadores, Trad. Anoar Aiex, Ed. Nova Cultural Ltma. São Paulo, SP, 1999.

IHU On-Line é a revista semanal do Instituto Humanitas Unisinos – IHU – Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. Ano, 340, ISSN 1981-8769. Diretor da Revista IHU On-Line: Inácio Neutzling (inacio@unisinos.br), São Leopoldo, RS, 23-08-2010.

IHU On-Line é a revista semanal do Instituto Humanitas Unisinos – IHU – Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. Ano X, 353, ISSN 1981-8769. Diretor da Revista IHU On-Line: Inácio Neutzling (inacio@unisinos.br), São Leopoldo, RS, 06-12-2010.

JESUS, Rodrigo Marcos de; NEGRI, Edson Clebes; CÂNDIDO, Juarid Rios (Organizadores). Filosofia e consciência negra: desconstruindo o racismo. (Coleção Saberes e Práticas 1), Cuiabá: EdUFMT, 2018.

LANDER, Edgardo. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas. Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, Septiembre, 2005.

LAS CASAS, Bartolomé de. Brevíssima relación de la destrucción de las indias. Colección Textos Clásicos, Edición de Andrés Moreno Mengíbar, 1598.

LA BOËCIE. Étienne de. Discurso da servidão voluntária. 2ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1982.

LÉVINAS, Emmanuel. Entre Nós. Ensaio sobre a alteridade. Trad. Peregrino Stefano Pivatto. Ed. 2ª, ed. Vozes, Rio de Janeiro, RJ, 2005.

LOCKE, John. Dois Tratados sobre o governo. Trad. Julio Fischer, 1ª edição, ed. Martins Fontes, São Paulo, SP, 1998.

LÖWY, Michael. O que é Cristianismo da Libertação: religião e política na América Latina, 2ª ed. – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo: Expressão Popular, 2016.

MAMANI, Huanacuni Fernando. Buen Vivir / Vivir Bien. Filosofía, políticas, estrategias y experiencias regionales andinas. Coordinadora Andina de Organizaciones Indígenas – CAOÍ. Coordinador General: Miguel Palacín Quispe. www.minkandina.org. 3ª ed. Peru, Lima, 2010.

MEMMI, Albert. Retrato do colonizado precedido de retrato de colonizador. Tradução de Marcelo Jacques de Moraes. Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2007.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MAQUIAVEL, Nicolau. O Príncipe. São Paulo, Abril Cultural, 1973 (Coleção Os Pensadores).

MENCHÚ, Rigoberta; BURGOS, Elizabeth Debray. Me llamo Rigoberta Menchú y así me nació la consciência. 20ª edição. Cidade do México: Siglo veintiuno editores, 2007.

MAQUIAVEL, Nicolau. Comentários sobre a primeira década de Tito Lívio. 3ª Ed. Trad. De Sérgio Bath, Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1994.

MURARO, Rose Marie; BOFF, Leonardo. (Org.). Feminino e masculino: uma Nova consciência para o encontro das diferenças. Rio de Janeiro, RJ: ed. Sextante, 2002.

MATOS, Hugo Allan. Uma introdução à Filosofia da Libertação latino-americana de Enrique Dussel. Livro eletrônico gerado a partir do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Metodista de São Paulo, sob a orientação de Daniel Pansarelli. São Paulo, 2008.

MUNDURUKU, Daniel. O Banquete dos Deuses: conversa sobre a origem da cultura brasileira. 2ª ed. São Paulo: Global, 2009.

OMOREGBE, J. I. La Filosofia africana: ayer y hoy. Barcelona: Edicions Bellaterra, 2002.

O'GORMAN, Edmundo. A Invenção da América – Reflexão a respeito da estrutura histórica do Novo Mundo e do sentido do seu devir. Tradução de Ana Maria Martinez Corrêa, Manuel Lelo Belotto – São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1992.

PACHECO, Juliana (Org.). Filósofas: A presença das mulheres na filosofia. Editora Fi, Porto Alegre, RS, 2016.

PORTILLA, Miguel León. La Filosofía Náhuatl: estudiada en sus fuentes es un texto escrito por el doctor honoris causa Miguel León Portilla, 1956, Edición 10ª, impreso y hecho en México, UNAM, México, 2006.

ROMÃO, José Eustáquio. Paulo Freire e Amílcar Cabral. A descolonização das mentes / José Eustáquio Romão, Moacir Gadotti. - São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2012.

SANTOS, Boaventura Sousa, MENESES, Maria Paula. Epistemologia dos Sul. Edições Almedina, SA, Coimbra, 2009.

SANTOS, Luís Carlos Ferreira dos. O poder de matar e a recusa em morrer: filopoética afrodiaspórica como arquipélago de libertação / Luís Carlos Ferreira dos Santos. - 2019.

SAID, Edward W. Orientalismo: o Oriente como invenção do ocidente; tradução Tomás Rosa Bueno. Bueno. Sao Paulo, SP: Companhia das Letras, 1990.

SEGALÉS, Juan José Bautista. ¿Qué significa pensar desde América Latina? Hacia una racionalidad transmoderna y postoccidental. Cuestiones de antagonismo. Serie Poscolonial. Director Ramón Grosfoguel Ediciones Akal, S. A., España, 2014.

SUES, Paulo. Contribuição para o Seminário “O bem viver dos povos indígenas como crítica sistêmica e alternativa de um mundo pós capitalista” do XIII SIMPÓSIO INTERNACIONAL FILOSÓFICO-TEOLÓGICO (FAJE, Belo Horizonte): “Em busca do bem comum: política e economia nas sociedades contemporâneas”, realizado de 4 a 6 de outubro de 2017.

SOARES, Eliana Maria do Sacramento e TEIXEIRA, Lezilda Maria. Práticas educativas e cultura de paz [recurso eletrônico: articulando saberes e fazeres/org. Caxias do Sul, RS: Educus, 2018.

TODOROV, Tzvetan. A Conquista da América – a questão do outro. Tradução Beatriz Perrone Moi, ed. 2ª, ed. Martiz Fontes, São Paulo, 1993.

VASCONCELOS, José Antônio. Reflexões: Filosofia e Cotidiano: Filosofia: Ensino Médio, volume único – 1ª ed. – São Paulo, SP, 2016.

ZIMMERMANN, Roque. *América latina – O Não-Ser: uma abordagem filosófica a partir de Enrique Dussel (1962-1976)*. Ed. Vozes Petrópolis, São Paulo, 1986.

APÊNDICE A - BIOGRAFIA DE ENRIQUE DUSSEL⁹

A biografia foi retirada do livro Uma Introdução à Filosofia da Libertação Latino-Americano de Enrique Dussel (MATOS, p. 15 – 20, 2007).

“Nasceu num povoado chamado La Paz, em Mendoza, na Argentina no dia 24 de dezembro de 1934, numa aldeia muito pobre, camponesa, filho de pai médico (positivista conservador, apesar de filho de alemão socialista) e mãe dona de casa (líder envolvida com causas sociais). Dussel deixa claro que a miséria econômica e abundância agrária no meio em que nascera e crescera e as rugas e sofrimentos de seu povo, contribuíram muito para o desenvolvimento de sua vida. Aqui já é possível perceber sua sensibilidade e envolvimento com a realidade social, de forma que ainda hoje, até em suas mais recentes obras, a gratidão e o não esquecimento de suas origens está presente.

Em 1940, seu pai foi despedido do hospital em que trabalhava e foram para Buenos Aires, morar na cidade grande. Odiaram e estava difícil acostumarem-se, mas Dussel cursou o primário ali. Como decorrência da revolução de 1943, Perón foi elevado ao poder em 1945 e como o pai de Dussel era oposição a ele, voltaram para Mendoza. No centro de Mendoza, teve uma juventude muito fértil, fora andinista (esporte quase como o alpinismo, mas escala os andes ao invés de montanhas), ganhando um grande concurso chamado São Bernardo, que consistia numa prova de 4.800 metros de altura, o que o ajudou em sua incursão pela Europa e Oriente mais tarde; militou na Ação Católica e com 15 anos já demonstrava uma grande preocupação com o próximo no campo social, visitava crianças portadoras de deficiências mentais, lia os livros de São Bernardo, Tereza d'Ávila e João da Cruz. Cursou o colégio numa escola técnica agrícola e assistiu aula na Escola de Belas Artes, ambas na Universidade Nacional do Cuyo.

Ingressou na universidade nacional de Cuyo, militava em grêmios e movimentos políticos. Fundou a Federação Universitária do Oeste (FUO) e foi presidente do Centro de Filosofia e Letras (CEFYL), sendo preso em 1954 por causa de sua oposição a Perón. Cursou filosofia tradicional (5 anos), sobretudo a terceira

⁹ MATOS, H. A. Uma introdução à Filosofia da Libertação latino-americana de Enrique Dussel. Livro eletrônico gerado a partir do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Metodista de São Paulo, sob a orientação de Daniel Pansarelli. São Paulo, 2008 (pg. 23-28).

escolástica. Era-lhes exigido o grego e o latim e indicado o alemão. Leu os clássicos nos textos originais (Platão e Aristóteles em grego, Agostinho e Tomás em latim, Descartes e Leibniz em francês, Scheler e Heidegger em alemão). A ética, sobretudo, lhe fascinava e para ela é que rumavam seus estudos. Sua vida acadêmica era orientada pela militância política, não se preocupando com notas e avaliações, apesar de nunca ter sido reprovado. Licenciou-se aos 23 anos (1957), como ele mesmo diz a mentalidade colonial latino-americana o impelia à experiência europeia, portanto, partiu para a Espanha com uma bolsa de estudos. Foi em um barco, com a passagem mais barata que pudera comprar, estava saindo para uma experiência nova, totalmente incerta e desconhecida. Numa viagem que durou 24 dias, passou por Buenos Aires, Montevideo, Santos, Recife, Dakar, Marrocos, descobrindo um mundo periférico que até então estava fora de sua consciência. Chegou ao porto de Barcelona e pegou o trem para Madri, para o colégio Guadalupe, onde viviam duzentos estudantes de toda a América Latina. Nesta época nasceu em si a consciência do não-europeu, não espanhol e de que era Latino-americano, distinto do europeu. Foi para o oriente. Dormindo no chão, pedindo dinheiro para comer, foi caminhando por várias cidades espanholas, passando pela Itália, Beirute, Damasco (em guerra SírioLibanesa), Ammán (deserto que lhe recordou muito sua infância) e Jerusalém. Depois, enfim, Israel, onde conheceu um sacerdote Francês chamado Paul Gauthier, que lhe possibilitou trabalhar um mês numa cooperativa árabe de carpintaria. Gauthier lhe convidou a voltar quando terminasse seu doutorado.

Em Abril de 1959, de volta à Espanha, termina seu doutorado, na mesma linha escolástica tradicional, contudo, já desejava de retornar a Israel. Na primeira página de sua tese, como homenagem ao povo israelense e saudosos de sua experiência, sempre num viés Latino-americano, citou o trecho bíblico: “Bem-aventurados os pobres...”. Sua tese versa sobre a problemática do bem-comum, defendendo a posição de Jacques Maritain que expunha uma filosofia política propondo a democracia e a primazia da pessoa na sociedade corporativista que estava se estabelecendo. Mas por que citou este trecho bíblico que invoca aos pobres? Gauthier, seu mais novo amigo, era simplesmente obcecado pelo tema e Dussel declaradamente assumiu mais esta responsabilidade categorial em sua filosofia, agora não trataria apenas da América Latina pobre, mas também do pobre na América Latina, tema que já era de seu conhecimento e preocupação teológica. Compromisso este que surgiu não só por aderência teórica, mas prática de sua convivência e

trabalho sofrido junto a Gauthier e aos trabalhadores árabes por dois anos, trabalhando dez horas por dia.

Dussel volta para a Europa e ao passar pela Grécia, a estranhou. Antes, a tão comum Grécia, origem da filosofia, que havia aprendido sua língua, estudado seus clássicos, origem da Europa, linda, tornara-se estranha e sem sentido. Depois de sua profunda experiência existencial em Israel, percebera que para falar dos pobres da América Latina, deveria partir do oriente e não da Grécia. Pois enquanto a filosofia de Jerusalém falava da possibilidade de revolução dos pobres, dignidade do trabalho, Athenas falava da liberdade dos homens livres, da impossibilidade de emancipação dos escravos, etc.

Na França, escreve a obra *O Humanismo Helênico* que visa definir claramente as contradições insuperáveis refletidas na filosofia clássica grega, sobretudo da idéia de polis, que é totalmente contrária às categorias de dualismo ôntico (corpo-alma), categoria de uno do ser e da contemplação, cujos conceitos resultam num escapismo da realidade política e depreciação do corpo. Em 1964 termina de escrever *O Humanismo Semita* que trata das experiências dos povos semitas que partem desde além do ser, do nada como realidade criadora e possibilitam a concepção de ser corporal, sexual, a partir do conceito de basar (hebreu), que significa carne, ou seja, o ser humano em sua integralidade, não aceitando a dualidade corpo-alma, mas possibilitando um respeito ao corpo, ao ser em sua integralidade, onde a ética atinge sua perfeição na entrega política dos profetas para com os pobres, até a morte.

Podemos constatar que Dussel por onde passa faz filosofia, e, sobretudo que o faz a partir de um horizonte Latino-americano. Na França, ainda em 1961, cursa bacharelado em Teologia e escreve *O Dualismo na Antropologia da Cristandade*: desde a origem do cristianismo até antes da conquista da América. Nesta época, trabalhava como bibliotecário universitário na Sorbone; Dussel o leu atentamente Merlau Ponty, que faleceu nesta mesma época assim como a Husserl, em Francês num curso que fazia com Paul Ricoeur. Neste mesmo período, tomou contato com a obra de Leopoldo Zea e além de uma mudança categorial, provocada pela fenomenologia, sua filosofia sofreu uma mudança geográfica, pois Zea propunha que era preciso reescrever a história, incluindo a América Latina nela. Além disso, conheceu sua esposa Johana, casou-se, teve um filho e uma filha, fez um doutorado em História.

De volta a Argentina, em 1969, conquista a cátedra de ética na Universidade Nacional de Cuyo. Dussel diz que suas aulas eram sobre a fenomenologia, sobretudo Heidegger, Merlau-Ponty, Husserl, sobretudo Heidegger que estava em alta na Argentina. Filosoficamente, Dussel ainda não havia despertado para a militância; militava teologicamente, depois da segunda conferência do Conselho Episcopal Latino-americano, que fomentou explicitamente o combate às injustiças e denunciava a violência institucionalizada que se estabelecera na América Latina com a ditadura militar. Neste mesmo ano, tendo sido criticado várias vezes por sua postura filosófica passiva frente à dependência da América Latina dos países eurocêntricos, Dussel se propõe a dedicar-se a uma Filosofia da Libertação, cujo pré-suposto seria acabar com tal dependência no campo filosófico. A obra *Para uma Destruição da História da Ética* foi a resposta a seu curso de filosofia naquele ano. Neste mesmo período, com o fim de melhorar sua dialética, se debruça sobre a filosofia de Hegel e os pós-hegelianos, sobretudo Marx. Sem maiores novidades, por já ser militante, Marx era uma leitura habitual.

Foi nesta época que conheceu a obra *Totalidade e Infinito*, escrita por um judeu, nascido na Lituânia e naturalizado francês, chamado Emmanuel Lévinas. Lévinas viveu cerca de cinco anos num campo de concentração nazista, convivendo com as atrocidades cometidas se pôs a refletir a questão de como é possível que um ser humano seja capaz de matar outro. Desenvolvendo, daí sua filosofia da alteridade. Dussel, a partir da reflexão proposta por E. Lévinas, reconfigurou todo seu pensamento, pois conseguiu, a partir dela, vislumbrar a superação das ontologias de Hegel e Heidegger. É neste momento de sua história que nasce a obra *Para uma ética da Libertação latino-americana*. Transcrição de 6 conferências, nas quais aborda os termos Outro, Mesmo, Exterioridade, Metafísica... os quais também iremos tratar mais adiante. Em 1971, houve o II Congresso de Filosofia na cidade de Córdoba. O problema fundamental discutido era sobre a possibilidade de uma filosofia essencialmente latino-americana.

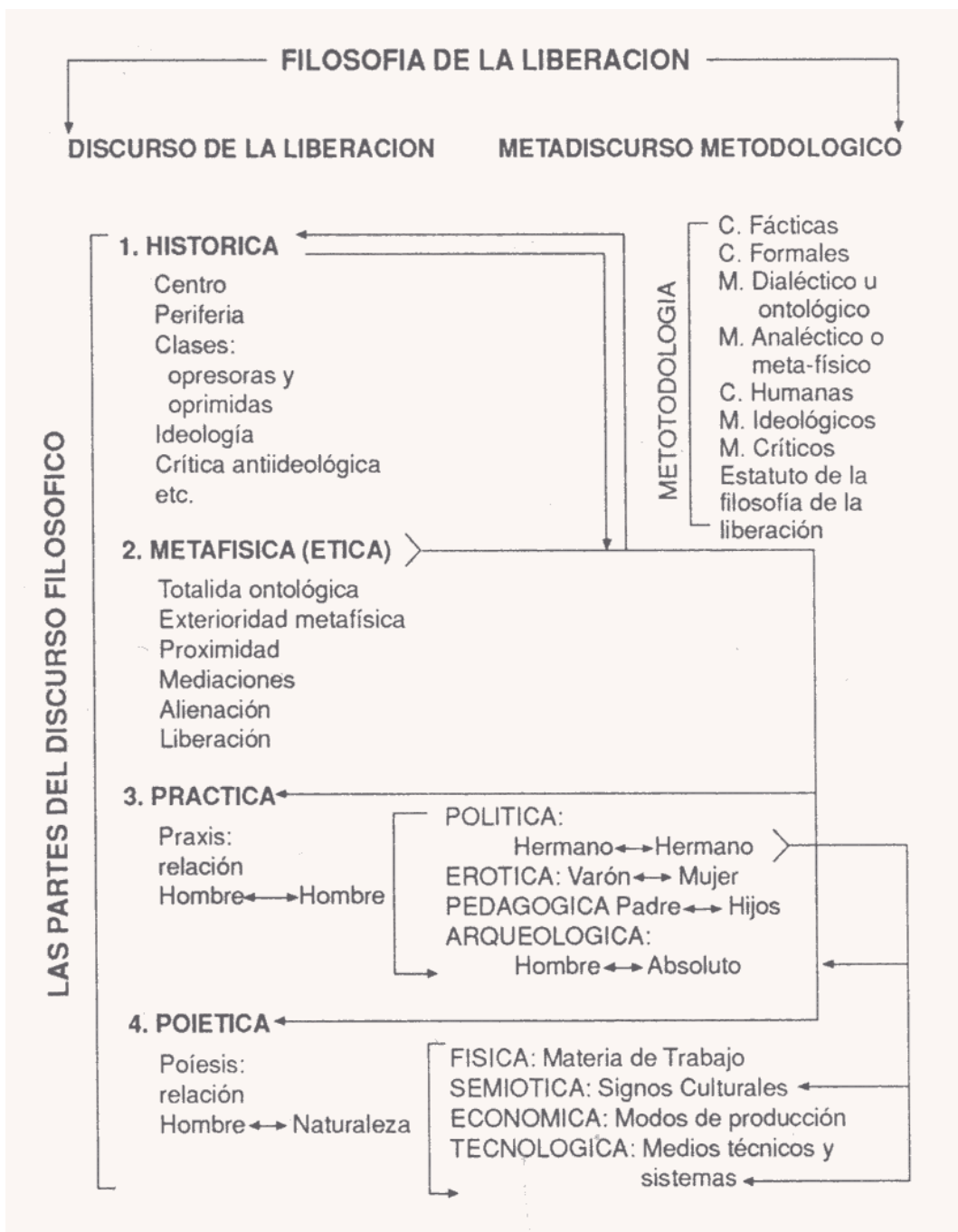
O peronismo volta ao poder argentino, prometendo eleições diretas. Contudo, confirmou-se como um poder populista, despótico. E pior: muitos intelectuais que se diziam de esquerda, o apoiaram e permaneceram ao seu lado, fazendo papel de extrema-direita, oprimindo o povo. Foi neste momento que a filosofia da libertação dusseliana assumiu outra função, além de superar a ontologia hegeliana e heideggeriana que servem como instrumento de dominação, por ocultar e/ou

impossibilita a identificação e afirmação de culturas próprias da América Latina. O novo objetivo é superar este populismo, assim como, identificar, classificar, denunciar... os mecanismos pelos quais somos dominados, explorados, enganados, também no campo político. Contudo, este novo objetivo deve ser perseguido não com o partidarismo, ou seja, criação ou engajamento em partidos e/ou grupos específicos, mas como filósofo(s). Utilizando-se da criticidade permitida pela filosofia de criticar de fora, sendo prática efetiva e militante.

Em 1973 a casa de Dussel é bombardeada pelo peronismo, destruindo grande parte de sua biblioteca pessoal, contudo, sem causar-lhe danos físicos. Em março de 1975, fora expulso da Universidade Nacional de Cuyo. Exilado no México em 1976, consegue entrar como professor na Universidade Autônoma Metropolitana e na Universidade Autônoma do México. E é neste contexto, em 1977, que publicam a transcrição das conferências de Dussel e nasce *Introducción a una Filosofía de la Liberación Latinoamericana*.

Dussel ainda hoje não mede esforços, com 85 anos, não para de produzir e propagar sua Filosofia da Libertação latino-americana. Vejo em sua obra esperanças acima de qualquer pessimismo ou repressão causada pelos mecanismos vigentes e a tenho enquanto embasamento teórico-prático necessário para a fundamentação de culturas, economias, ciências sociais, políticas... autenticamente latino-americanas”.

ANEXO A - FILOSOFIA DA LIBERTAÇÃO



Fonte: Dussel (1995, p. 38)

ANEXO B - BANDEIRA WIPALA

Wipala é o símbolo da Luta, Resistência e Transformação Social



Wiphala

A Bandeira Símbolo da União das Nações Andinas

Abaixo, um breve texto traduzido pela UNILA (Universidade Federal da Integração Latino Americana), extraído do portal Povos Originários, que explica o significado das cores e filosofias da Wiphala.

A origem da *Wiphala* desperta forte controvérsia. Alguns a colocam como um símbolo dos povos mais antigos, como a cultura *Tiwuanaku*, outros indicam origem mais recente. Os primeiros achados arqueológicos sustentam que foram encontrados tecidos, pinturas rupestres e cerâmica com esta base em xadrez. O símbolo também aparece em desenhos e histórias de cronistas antigos.

Foi em 1987, por iniciativa de um grupo de pesquisadores entusiastas do Instituto Nacional de Arqueologia da Bolívia (INAR) que trabalharam recuperando informações existentes sobre os símbolos tradicionais da cultura andina. Eles projetaram um símbolo com 7 colunas e 7 linhas (49 quadrados), formando um emblema quadrado, onde o branco ocupa a diagonal e o centro, e os outros quadros constituem uma combinação de verde, azul, violeta, vermelho, laranja e amarelo.

Wiphala é muito mais do que a bandeira e o emblema da nação andina e aymará, é a representação da filosofia andina, simbolizando a doutrina da Pachakama (início, fim Universal) e da Pachamama (mãe, cosmos), que constituem o espaço, o tempo, a energia e o nosso planeta, de modo que o sentido da Wiphala é ser um todo.

Nota do autor: Atualmente, é símbolo da ressurreição da cultura como um todo, e símbolo da diversidade de culturas, povos, etnias e identidades que convivem no Estado Plurinacional da Bolívia.

Há uma faixa de sete quadrados brancos que simbolizam as Markas (condados) e Suyus (regiões), ou seja, a comunidade e unidade na diversidade geográfica e étnica dos Andes. Também representa o princípio da dualidade e de complementaridade dos opostos, juntando-se, assim, espaços; e por isso a oposição complementar ou força da dualidade, ou seja, a fertilidade, a união dos seres e, portanto, a transformação da natureza e dos seres humanos que implica no caminho vital, na busca que nos move.

Os quatro lados da wiphala comemoram quatro personagens míticos da cultura antiga e os quatro festivais que representam as quatro estações do calendário

aymará. O topo da wiphala é identificado com o sol, com o dia; a parte de baixo com a lua, com a noite.

As cores se originam no arco-íris, tomado como referência pelos antepassados andinos, para mostrar a composição e estrutura dos emblemas e organizar a sociedade comunitária e harmónica dos Andes:

Vermelho: Representa o Planeta Terra (aka-pacha), é a expressão do homem andino, no aspecto intelectual, é a filosofia cósmica no pensamento e conhecimento dos Amawatas.

Laranja: Representa a sociedade e a cultura, é a expressão da cultura, também expressa a preservação e procriação da espécie humana, considerada a mais apreciada riqueza patrimonial da nação, a saúde e medicina, a formação e educação, a prática cultural da juventude dinâmica.

Amarelo: Representa a energia e força (ch'ama-pacha), é a expressão dos princípios morais do homem andino, é a doutrina de Pacha-Kama e Pacha-Mama: a Dualidade (chacha-warmi) são as leis e normas, a prática coletiva da irmandade e solidariedade humana.

Branco: Representa o tempo (jaya-pacha), é a expressão do desenvolver e a transformação permanente do Quallana Marka sobre os andes, e o desenvolver da ciência e a tecnologia, e arte, e trabalho intelectual e manual que gera a reciprocidade e harmonia dentro da estrutura comunitária.

Verde: Representa a economia e produção andina, é o símbolo das riquezas naturais, da superfície e sub-solo, representa terra e território, e assim mesmo a produção agropecuária, a Flora e Fauna, as reservas hidrológicas e minerais.

Azul: Representa o espaço cósmico, o infinito (araxa-pacha), é a expressão dos sistemas estelares do universo e os efeitos naturais que estão sobre a terra, é a astronomia e a física, a organização socioeconômica, política e cultural, é a lei da gravidade, as dimensões e fenômenos naturais.

Violeta: Representa a política e ideologia andina, é a expressão de poder comunitário e harmônico dos andes, o instrumento do Estado, como uma estância superior, que é a estrutura do poder, as organizações, sociais, econômicas e culturais e a administração do povo do país.